

DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *THE NEW YORK TIMES*

cinzas na neve

Quando a voz de uma garota quebra
o silêncio da história



RUTA SEPETYS





*cinzas
na neve*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*cinzas
na neve*

RUTA SEPETYS



Título original: *Between Shades of Gray*
Copyright © 2011 por Ruta Sepetys
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com Philomel Books, uma divisão da Penguin Young Reader's Group, um membro da Penguin Group (USA) Inc.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Hermínia Totti e Tereza da Rocha

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Natalie C. Sousa

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: © Beata Cervin/Flickr/Getty Images (olho);
vladm/Shutterstock (relógio); Johanna Goodyear/Shutterstock (neve)

foto da autora: Magda Starowieyska/Fotorzepa

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S484c

Sepetys, Ruta

Cinzas na neve/ Ruta Sepetys; tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Tradução de: *Between shades of gray*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-933-7 (livro eletrônico)

1. Lituânia - História - Ocupação soviética, 1940-1941 - Ficção. 2. Sibéria (Rússia) - História - Século XX - Ficção. 3. União Soviética - História - 1925-1953 - Ficção. 4. Acampamentos de trabalhadores - Ficção. 5. Sobrevivência - Ficção. 6. Ficção americana. 7. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

11-8127

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

À memória de Jonas Šepetys

Sumário

LADRÕES E PROSTITUTAS

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28

MAPAS E SERPENTES

- 29
- 30
- 31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

GELO E CINZAS

63

64

65

66

67

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[77](#)

[78](#)

[79](#)

[80](#)

[81](#)

[82](#)

[83](#)

[84](#)

[85](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

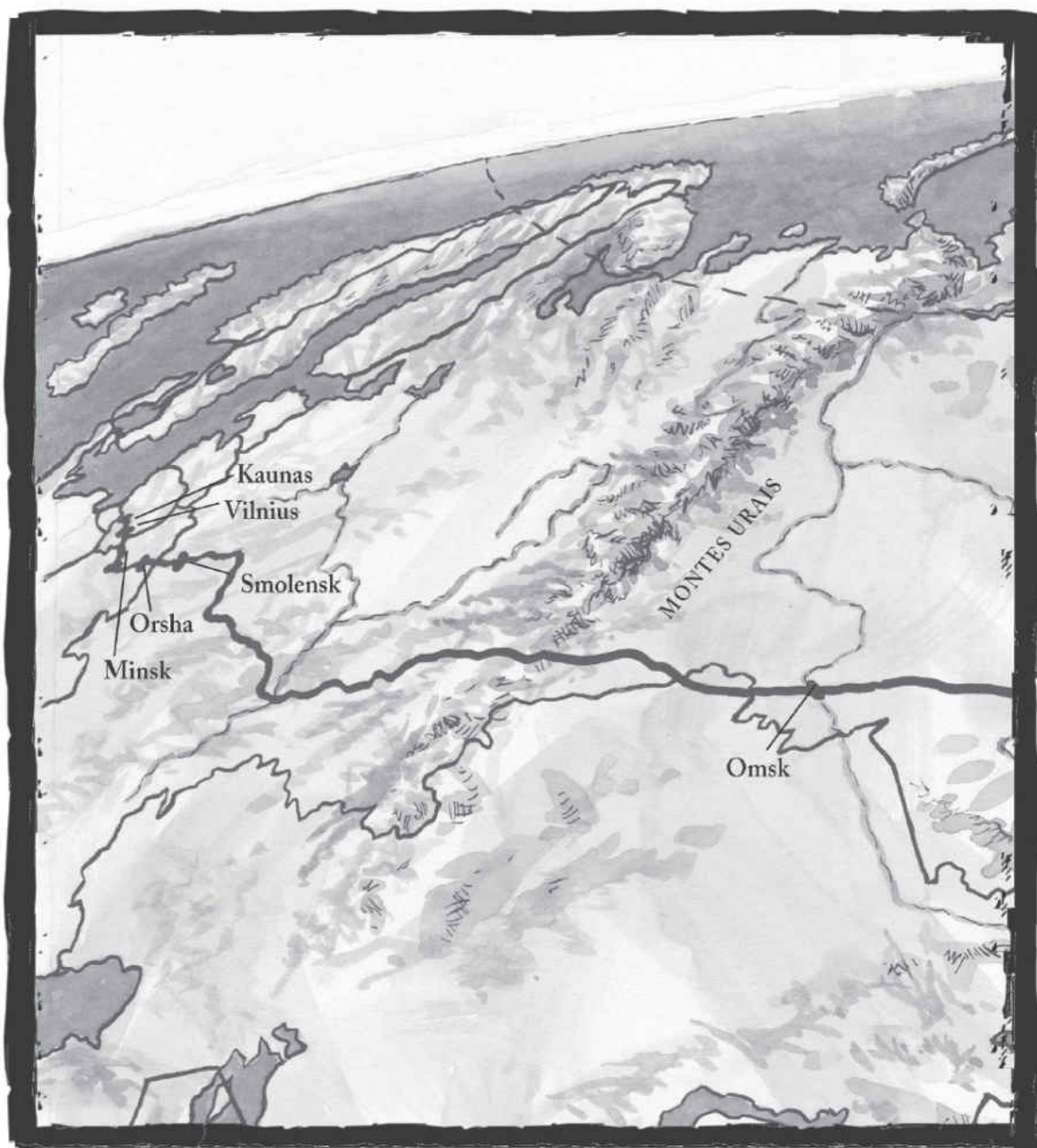
[Informações sobre a Arqueiro](#)



A VIAGEM



Este mapa tem por objetivo dar uma ideia da grande distância percorrida por Lina e sua família, e não reproduzir com exatidão as fronteiras entre os países.



Dia 1 Kaunas, Lituânia

Dia 3 Vilnius, Lituânia

Dia 4 Minsk, Belarus

Dia 5 Orsha, Belarus

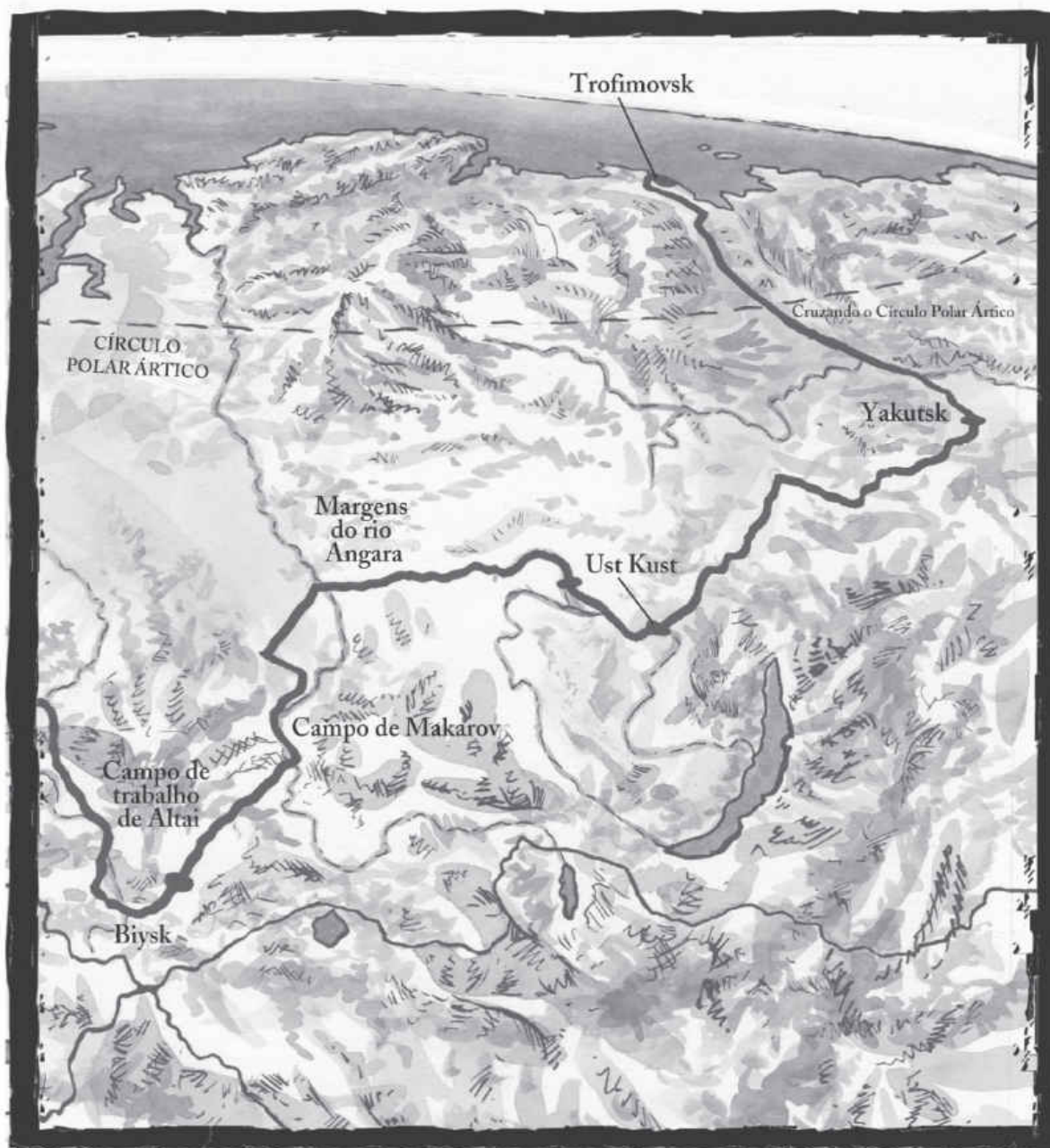
Dia 6 Smolensk, Rússia

Dia 21 Cruzando os montes Urais

Dia 30 Omsk, Sibéria

Dia 42 Campo de trabalho de Altai

UMA LINHA DO TEMPO



Dia 306 Campo de trabalho de Altai

Dia 313 Biysk, Sibéria

Dia 319 Campo de Makarov

Dia 320 Margens do rio Angara

Dia 350 Ust Kust, Sibéria

Dia 380 Yakutsk, Sibéria

Dia 410 Cruzando o Círculo Polar Ártico

Dia 440 Trofimovsk, Polo Norte

Este mapa tem por objetivo dar uma ideia da grande distância percorrida por Lina e sua família, e não reproduzir com exatidão todas as localidades.

LADRÕES E PROSTITUTAS



ELES ME LEVARAM de camisola.

Pensando bem, os sinais estavam lá – fotos de família queimadas na lareira, mamãe costurando as joias e as melhores peças da prataria no forro do casaco tarde da noite, papai que não voltou do trabalho. Meu irmão de 10 anos, Jonas, ficava fazendo perguntas. Eu também fiz algumas, mas talvez tenha me recusado a ver os sinais. Só mais tarde entendi que mamãe e papai estavam planejando nossa fuga. Porém não fugimos.

Fomos capturados.

Era o dia 14 de junho de 1941. Eu tinha vestido a camisola e, sentada à escrivaninha, escrevia uma carta para minha prima Joana. Abri meu novo suporte para papel de carta feito de marfim e um estojo de canetas e lápis, presentes de minha tia pelo meu aniversário de 15 anos.

A brisa noturna soprava pela janela aberta e fazia a cortina dançar de um lado para o outro. Eu podia sentir o cheiro dos lírios-do-vale que mamãe e eu havíamos plantado dois anos antes. *Querida Joana*, escrevi.

Não foi uma batida. Foi um estrondo urgente que me fez pular na cadeira. Punhos esmurravam a porta da frente. Dentro de casa, ninguém se mexia. Fui espiar o corredor. Minha mãe estava em pé, colada à parede onde ficava pendurado nosso mapa da Lituânia. Tinha os olhos fechados e o rosto contorcido por uma angústia que eu nunca vira. Ela estava rezando.

– Mamãe – disse Jonas, espiando com apenas um dos olhos pela fresta da porta de seu quarto –, você não vai abrir? Parece que eles vão derrubar.

Mamãe virou a cabeça e viu Jonas e eu espiando pela porta de nossos quartos. Ela deu um sorriso forçado.

– Sim, meu amor. Vou abrir. Não vou deixar ninguém arrombar nossa porta.

Os saltos de seus sapatos ecoaram pelo piso de madeira do corredor e a barra da saia comprida de tecido fino flutuou em torno de seus tornozelos. Mamãe era uma mulher elegante e bonita – linda, na verdade – e normalmente tinha um sorriso que iluminava tudo à sua volta. Tive a sorte de herdar seus cabelos cor de mel e seus olhos azuis brilhantes. Jonas herdou seu sorriso.

Vozes altas ecoaram no hall de entrada.

– É a NKVD! – sussurrou Jonas, pálido. – Tadas disse que eles levaram seus vizinhos num caminhão. Estão prendendo as pessoas.

– Não. Aqui, não – respondi.

A polícia secreta soviética não tinha o que fazer em nossa casa. Desci o corredor para escutar e fiquei espiando pela quina da parede. Jonas tinha razão. Três agentes da NKVD tinham cercado mamãe. Eles usavam chapéus azuis de borda vermelha, com uma estrela dourada na aba. Um homem alto segurava nossos passaportes.

– Precisamos de mais tempo. Estaremos prontos pela manhã – disse mamãe.

– Vinte minutos... ou não estarão vivos pela manhã – respondeu o agente.

– Fale baixo, por favor. Meus filhos... – sussurrou ela.

– Vinte minutos – gritou o homem.

Ele jogou o cigarro aceso no piso limpo de nossa sala e o esmagou com a ponta da bota.

Estávamos prestes a ter o mesmo destino que aquele cigarro.

NÓS ÍAMOS SER PRESOS? Onde estava papai? Corri para o meu quarto. Um pão recém-saído do forno havia aparecido no peitoril da minha janela, com um grosso maço de rublos enfiado sob uma das bordas. Mamãe apareceu no vão da porta com Jonas atrás dela.

– Mas, mãe, para onde estamos indo? O que nós fizemos? – perguntava ele.

– É tudo um mal-entendido. Lina, você me ouviu? Temos que ser rápidos e pegar tudo o que for útil, não necessariamente o que nos é mais caro. Entendeu? Lina! Nossa prioridade devem ser roupas e sapatos. Ponham tudo o que puderem dentro de uma só mala. – Mamãe olhou para a janela. Puxou rapidamente o pão e o dinheiro para cima da escrivaninha e fechou a cortina. – Prometam que vão ignorar qualquer um que tentar ajudá-los. Vamos resolver tudo sozinhos. Não podemos envolver nossos parentes ou amigos nesta confusão, entenderam? Mesmo se alguém chamar, vocês não devem responder.

– Nós estamos sendo presos? – começou Jonas.

– Prometam!

– Eu prometo – disse meu irmão, baixinho. – Mas onde está papai?

Mamãe parou o que estava fazendo e seus olhos piscaram depressa.

– Ele vai nos encontrar. Temos 20 minutos. Juntem suas coisas. Agora!

Meu quarto começou a rodar. A voz de minha mãe ecoava em minha cabeça. “Agora! Agora!” O que estava acontecendo? O barulho de meu irmão correndo de um lado para outro em seu quarto produziu um estalo em minha consciência. Puxei minha mala com força de dentro do armário e a abri sobre a cama.

Exatamente um ano antes, os soviéticos tinham começado a enviar soldados para dentro das fronteiras de nosso país. Então, em agosto, a Lituânia havia sido oficialmente anexada à União Soviética. Quando reclamei disso à mesa do jantar, papai gritou comigo e me disse para nunca, jamais dizer nada de depreciativo em relação aos soviéticos. Em seguida me mandou para o quarto. Daí em diante, não falei mais nada em voz alta. Mas pensei muito a respeito.

– Sapatos, Jonas, meias sobressalentes, um sobretudo!

Eu ouvia os gritos de minha mãe no corredor. Peguei nossa foto de família na prateleira e pus o porta-retrato dourado no fundo da mala, virado para cima. Aqueles rostos me encaravam: felizes, inocentes. A foto havia sido tirada dois anos antes, na Páscoa. Vovó ainda era viva. Se estivéssemos mesmo indo para a prisão, eu queria levar aquela lembrança. Mas não podíamos estar sendo presos. Não tínhamos feito nada de errado.

Batidas e estalos ecoavam pela casa.

Mamãe entrou correndo no quarto com os braços cheios de coisas.

– Lina, rápido!

Ela abriu meu armário e minhas gavetas e começou a jogar coisas dentro da minha mala freneticamente.

– Mãe, não estou achando meu caderno de desenhos. Onde está? – perguntei, em pânico.

– Não sei. Compraremos um novo. Ponha suas roupas na mala. Depressa!

Jonas entrou correndo no meu quarto. Estava arrumado para a escola, de uniforme e gravata, e segurava sua sacola de livros. Tinha os cabelos louros cuidadosamente repartidos para o lado.

– Estou pronto, mamãe – disse ele com a voz trêmula.

– N-não! – gaguejou minha mãe, ao ver Jonas vestido daquele jeito. Ela sorveu o ar com dificuldade e abaixou a voz. – Não, meu amor, pegue sua mala. Venha comigo. – Ela segurou-o pelo braço e foi correndo até o quarto dele. – Lina, calce as meias e os sapatos. Rápido!

Ela jogou minha capa de chuva para mim e eu a vesti.

Calcei as sandálias e peguei dois livros, minha escova de cabelos e algumas fitas. Onde estava meu caderno de desenhos? Peguei o suporte para papel de carta, o estojo de canetas e lápis e o maço de rublos em cima da escrivaninha e os pus no meio da pilha de coisas que tínhamos jogado dentro da mala. Em seguida, fechei os trincos e saí do quarto correndo. A cortina se agitava, batendo no pão fresco que ficara em cima da escrivaninha.



Vi meu reflexo na vitrine da padaria e parei por um instante. Havia uma mancha de tinta verde no meu queixo. Limpei a tinta e empurrei a porta. Uma sineta tocou acima da minha cabeça. A padaria estava quentinha e cheirava a fermento.

– Lina, que bom ver você! – A mulher correu para me atender. – O que vai querer?

Eu a conhecia?

– Desculpe, eu não...

– Meu marido é professor na universidade. Ele trabalha para o seu pai – disse ela. – Já vi você na cidade com sua família.

Balancei a cabeça.

– Minha mãe pediu que eu comprasse pão – falei.

– Claro – respondeu a mulher, movendo-se depressa atrás do balcão.

Ela embrulhou um pão redondo em papel pardo e o entregou a mim. Quando lhe ofereci o dinheiro, fez que não com a cabeça.

– Por favor – sussurrou a mulher. – Nós nunca poderemos retribuir...

– Não estou entendendo – falei, estendendo para ela a mão com as moedas. A mulher me ignorou.

A sineta tocou. Alguém entrou na loja.

– Mande lembranças aos seus pais – disse ela, indo atender o novo freguês.

Mais tarde nessa noite, perguntei a papai sobre o pão.

– Foi muita gentileza dela, mas não era necessário.

– O que o senhor fez?

– Nada, Lina. Já terminou o dever de casa?

– Mas o senhor deve ter feito alguma coisa para merecer um pão de graça – insisti.

– Eu não mereço nada. É preciso defender o que é certo sem esperar gratidão nem recompensa, Lina. Agora, termine o dever.

A MALA QUE MAMÃE arrumou para Jonas também era grande. Perto dela, meu irmão parecia um anão, pequeno e magro, e tinha que usar as duas mãos para carregá-la, curvando-se para trás para erguê-la do chão. Não reclamou do peso nem pediu ajuda.

O barulho de vidro e porcelana se espatifando ecoava pela casa a intervalos curtos. Encontramos nossa mãe na sala de jantar, jogando no chão suas melhores peças de louça e de cristal. Seu rosto reluzia de suor e seus cachos dourados pendiam na frente dos olhos.

– Não, mamãe! – gritou Jonas, correndo na direção dos cacos que coalhavam o chão.

Eu o puxei para trás antes que ele conseguisse tocar o vidro.

– Mamãe, por que está quebrando essas coisas lindas? – perguntei.

Ela parou e encarou a xícara de porcelana que tinha em mãos.

– Porque eu as amo muito.

Ela jogou a xícara no chão e nem sequer esperou para vê-la se quebrar antes de pegar outra.

Jonas começou a chorar.

– Não chore, meu amor. Nós vamos comprar coisas ainda mais bonitas.

A porta se abriu de repente e três agentes da NKVD entraram em nossa casa armados de fuzis com baionetas.

– O que houve aqui? – perguntou um homem alto, avaliando o estrago.

– Um acidente – respondeu minha mãe, com calma.

– Você destruiu propriedade soviética – gritou ele.

Jonas puxou sua mala para mais perto, com medo de que, a qualquer momento, ela também virasse propriedade soviética.

Mamãe se olhou no espelho do hall para arrumar os cachos soltos e pôr o chapéu. O agente da NKVD bateu no ombro dela com o cano do fuzil, jogando-a de cara no espelho.

– Porcos burgueses, sempre perdendo tempo. Você não vai precisar disso – zombou ele.

Mamãe se equilibrou e se endireitou, alisando a saia e ajeitando o chapéu.

– Desculpe – disse ela com uma voz neutra, antes de tornar a arrumar os cachos e de espetar no chapéu um alfinete de pérola.

Desculpe? Foi isso mesmo que ela disse? Aqueles homens invadiram nossa casa no meio da noite, empurraram minha mãe contra o espelho – e *ela* pediu desculpas? Então mamãe estendeu a mão para pegar o sobretudo cinza e de repente entendi: estava jogando com os agentes soviéticos como se participasse de uma rodada de cartado, sem ter certeza da próxima carta que iria sair. Lembrei-me de sua imagem costurando joias, documentos, prataria e outros objetos de valor no forro daquele sobretudo.

– Preciso ir ao banheiro – falei, tentando fazer com que os agentes parassem de olhar para minha mãe.

– Tem 30 segundos.

Bati a porta e olhei meu rosto no espelho. Não fazia a menor ideia de quão rapidamente ele iria mudar, perder o viço. Se fizesse, teria encarado meu reflexo para gravá-lo na memória. Era a última vez que eu iria me olhar num espelho de verdade por mais de uma década.

OS POSTES TINHAM sido apagados. A rua estava um breu. Os agentes marchavam atrás de nós, obrigando-nos a acompanhar seu ritmo. A Sra. Raskunas espiava por trás da cortina, mas, assim que me viu olhando, desapareceu. Mamãe cutucou meu braço, o que indicava que eu devia manter a cabeça baixa. Jonas estava com dificuldade para carregar a mala, que não parava de bater em suas canelas.

– *Davai!* – ordenou um dos agentes. Depressa, sempre depressa.

Marchamos até a esquina, em direção a um grande objeto escuro. Era um caminhão cercado por mais agentes da NKVD. Quando nos aproximamos da traseira, vi pessoas lá dentro, sentadas sobre suas malas.

– Me ajude a subir antes que eles o façam – sussurrou minha mãe, pois não queria que os agentes tocassem em seu casaco.

Fiz o que ela pediu. Os agentes lançaram Jonas dentro do caminhão. Ele caiu de cara no chão e tacaram a mala em cima dele. Consegui subir sem cair, mas, quando me levantei, uma mulher olhou para mim e tapou a boca com a mão, chocada.

– Lina, querida. Abotoe seu casaco – disse minha mãe.

Olhei para baixo e vi minha camisola florida. Na pressa, preocupada em encontrar meu caderno de desenhos, eu havia me esquecido de trocar de roupa. Uma mulher alta e magra de nariz afilado olhava para Jonas. Era a Srta. Grybas, uma solteirona que era uma das professoras mais rígidas de nossa escola. Reconheci algumas outras pessoas: a bibliotecária, a dona de um hotel que

ficava ali perto e vários homens com os quais já tinha visto papai conversar na rua.

Todos nós estávamos na lista. Eu não sabia que lista era essa, mas estávamos nela. Assim como as outras 15 pessoas sentadas ali. A porta traseira do caminhão se fechou com um baque. Na minha frente, um homem careca deixou escapar um gemido baixo.

– Vamos todos morrer – disse ele devagar. – Com certeza vamos morrer.

– Que bobagem! – exclamou minha mãe depressa.

– Vamos, sim – insistiu ele. – Isto aqui é o fim.

Com um solavanco, o caminhão começou a andar, fazendo as pessoas caírem de onde estavam sentadas. De repente, o careca se levantou, escalou a parede do veículo e pulou para fora. Ele se esborrachou na calçada e deixou escapar um grito de dor que parecia o rugido de um animal capturado em uma armadilha. As pessoas dentro do caminhão gritaram. O veículo freou, cantando pneus, e os agentes desceram. Quando abriram a porta traseira, vi o homem no chão, se contorcendo de dor. Os agentes o ergueram e arremessaram seu corpo encolhido de volta na caçamba. Uma de suas pernas parecia quebrada. Jonas escondeu o rosto na manga do casaco de mamãe. Segurei a mão dele. Meu irmão estava tremendo. Meus olhos embaçaram. Fechei-os com força e então tornei a abri-los. O caminhão deu outro solavanco e seguiu em frente de novo.

– NÃO! – gemeu o homem, segurando a perna.

O caminhão parou em frente ao hospital. Todos pareceram aliviados, acreditando que os agentes iriam cuidar do ferimento do careca. Mas não. Eles estavam esperando. Uma mulher que também constava da lista estava dando à luz um bebê. Assim que o cordão umbilical fosse cortado, os dois seriam jogados dentro do veículo.

PASSARAM-SE QUASE quatro horas. Ficamos sentados na frente do hospital, no escuro, sem poder descer do veículo. Outros caminhões passaram, alguns levavam pessoas cobertas por grandes redes de contenção.

Nas ruas, as atividades do dia começavam.

– Chegamos cedo – disse um dos homens à minha mãe. Ele olhou para o relógio. – São quase três da madrugada.

O careca, deitado de costas, virou o rosto na direção de Jonas.

– Menino, cubra minha boca com as mãos e aperte meu nariz. Não solte.

– Ele não vai fazer nada disso – repreendeu mamãe, puxando Jonas para mais perto de si.

– Mulher idiota. Não percebe que isto aqui é só o começo? Ainda temos uma chance de morrer com dignidade.

– Elena! – sibilou uma voz da rua.

Vi Regina, prima de minha mãe, escondida nas sombras.

– Está sentindo algum alívio assim, deitado no chão? – perguntou mamãe ao careca.

– Elena! – repetiu a voz, um pouco mais alto.

– Mamãe, acho que ela está chamando você – sussurrei, olhando para o agente da NKVD que fumava do outro lado do caminhão.

– Ela não está me chamando... é uma louca – disse mamãe em voz alta. – Vá embora e nos deixe em paz! – gritou.

– Mas, Elena, eu...

Mamãe virou a cabeça e fingiu estar muito entretida numa conversa comigo, ignorando completamente sua prima. Uma pequena trouxa foi jogada na caçamba e caiu perto do careca. Ele estendeu a mão para pegá-la, ávido.

– E o senhor vem me falar em dignidade? – disse minha mãe.

Ela arrancou a trouxa das mãos do homem e a pôs debaixo das pernas. Perguntei-me o que haveria lá dentro. Como ela podia chamar a própria prima de louca? Regina tinha corrido um grande risco para encontrá-la.

– A senhora é a esposa de Kostas Vilkas, o reitor da universidade? – indagou um homem de terno sentado a uma pequena distância de nós.

Mamãe assentiu, apertando as mãos, angustiada.



Fiquei observando minha mãe contorcer as mãos.

Ouvia sussurros na sala de jantar, às vezes mais altos, outras mais baixos. Fazia horas que os homens estavam reunidos.

– Querida, leve o bule de café fresco para eles – pediu mamãe.

Fui até a porta da sala. Uma nuvem de fumaça de cigarro pairava acima da mesa, presa entre as janelas e cortinas fechadas.

– Repatriação, se conseguirem – disse meu pai, calando-se abruptamente ao me ver no limiar da porta.

– Alguém quer mais café? – perguntei, erguendo o bule de prata.

Alguns homens baixaram a cabeça. Um deles tossiu.

– Lina, você já está uma mocinha – comentou um colega que trabalhava com meu pai na universidade. – E fiquei sabendo que é uma artista muito talentosa.

– É mesmo! – disse papai. – Ela tem um estilo único. E é muito inteligente – acrescentou, piscando para mim.

– Então puxou à mãe – brincou um dos homens.

Todos riram.

– Diga-me uma coisa, Lina, o que você acha desta nova Lituânia?

– perguntou o homem que escrevia para o jornal.

– Bem – interrompeu meu pai depressa –, isso não é assunto para uma moça, não é mesmo?

– Vai ser assunto para todos, Kostas, jovens ou velhos – disse o jornalista. – Além do mais – acrescentou, sorrindo –, não vou publicar o que ela disser.

Papai se remexeu na cadeira.

– O que acho da anexação pelos soviéticos? – Fiz uma pausa, evitando encarar meu pai. – Acho Josef Stalin um tirano. Deveríamos expulsar seus soldados da Lituânia. Não acho certo eles chegarem aqui, pegarem o que quiserem e...

– Chega, Lina. Deixe o bule de café e vá ficar com sua mãe na cozinha.

– Mas é verdade! – insisti. – Não está certo.

– Já chega! – disse meu pai.

Voltei à cozinha, mas antes parei rapidamente a fim de entre ouvir o que eles diziam.

– Não a incentive, Vladas. Essa menina é tão decidida que chego a ficar assustado – comentou papai.

– Bem – retrucou o jornalista –, agora já sabemos em que ela puxou ao pai, não é mesmo? Você criou uma verdadeira patriota, Kostas.

Papai ficou calado. A reunião terminou e os homens saíram da casa a intervalos alternados, alguns pela porta da frente, outros pelos fundos.



– Universidade? – repetiu o careca, ainda com o rosto contorcido de dor. – Ah, então ele já foi faz tempo.

Senti uma dor no estômago, como se alguém tivesse me dado um soco. Jonas se virou para mamãe com uma expressão desesperada.

– Eu trabalho no banco e vi seu pai hoje à tarde – disse um homem, sorrindo para Jonas.

Eu sabia que ele estava mentindo. Mamãe agradeceu-lhe com um aceno de cabeça.

– Então você o viu a caminho do túmulo – disse o careca mal-humorado.

Olhei para ele com raiva, perguntando-me a quantidade de cola que seria necessária para fechar sua boca.

– Eu sou filatelista. Um simples colecionador de selos e eles estão me mandando para a morte porque me correspondo com outros filatelistas no exterior. Um acadêmico com certeza deve estar no topo da lista de...

– Cale essa boca! – gritei de repente.

– Lina! – repreendeu-me mamãe. – Peça desculpas já. Esse pobre cavalheiro está sentindo muita dor e não sabe o que está dizendo.

– Sei perfeitamente o que estou dizendo – retrucou o careca, com os olhos fixos em mim.

As portas do hospital se abriram e ouviu-se um grito agudo vindo lá de dentro. Um homem da NKVD apareceu arrastando pelos degraus uma mulher descalça vestida com uma camisola hospitalar suja de sangue.

– Meu bebê! Por favor, não machuquem meu bebê! – gritava ela.

Outro agente vinha atrás, carregando algo enrolado em um pano. Um médico apareceu correndo e segurou-o.

– Por favor, vocês não podem levar o recém-nascido. Ele não vai sobreviver! – berrou o médico. – Eu imploro ao senhor. Por favor!

O agente se virou para o médico e lhe deu um chute no joelho com o salto da bota.

Eles fizeram a mulher subir no caminhão. Mamãe e a Srta. Grybas se ajeitaram a fim de abrir espaço para que ela se deitasse ao lado do careca. O agente estendeu o bebê para minha mãe.

– Lina, por favor – disse mamãe, entregando-me a criança.

Segurei a trouxa de pano e na mesma hora senti o calor de seu corpinho atravessar meu casaco.

– Ah, meu Deus, por favor, meu bebê! – implorou a mulher, erguendo os olhos para mim.

A criança deixou escapar um grito débil e socou o ar com os punhos minúsculos. Ela havia iniciado sua luta pela vida.

O FUNCIONÁRIO DO BANCO entregou seu paletó a mamãe. Ela colocou-o sobre os ombros da mulher e afastou os cabelos de seu rosto.

– Está tudo bem, querida – disse à moça.

– Vitas. Eles levaram embora meu marido, Vitas – disse a mulher num sussurro.

Baixei os olhos para o rostinho rosado no meio da trouxa de pano. Um recém-nascido. O bebê tinha poucos minutos de vida, mas, para os soviéticos, já era um criminoso. Segurei-o com força e dei um beijo em sua testa. Jonas se encostou em mim. Se eles eram capazes de fazer aquilo com um bebê, o que fariam conosco?

– Qual é o seu nome, querida? – perguntou mamãe.

– Ona. – A moça esticou o pescoço. – Onde está meu bebê?

Mamãe pegou a criança do meu colo e repousou a trouxa de pano sobre o peito da mulher.

– Ah, meu bebê. Meu bebezinho querido – disse ela aos prantos enquanto beijava a criança.

O caminhão deu um tranco para a frente. Ona olhou para minha mãe com uma expressão de súplica.

– Minha perna! – gemeu o careca.

– Algum de vocês é médico? – perguntou minha mãe, olhando para as pessoas no caminhão, uma a uma. Todas fizeram que não. Algumas nem sequer levantaram a cabeça.

– Vou tentar fazer uma tala – disse o funcionário do banco. – Alguém tem alguma coisa reta que eu possa usar? Por favor, vamos nos ajudar.

Todos se remexeram, pouco à vontade, pensando nos objetos que tinham nas malas.

– Senhor... – disse Jonas, inclinando-se por trás de mim.

Ele estava estendendo sua régua escolar. A velha senhora que ficara chocada ao ver minha camisola começou a chorar.

– Ótimo, vai servir. Obrigado – falou o homem, pegando a régua.

– Obrigada, meu amor – disse mamãe, sorrindo para Jonas.

– Uma régua? Vai imobilizar minha perna com uma reguinha de nada? Vocês ficaram loucos? – protestou o careca.

– É o melhor que podemos fazer por enquanto – disse o homem do banco. – Alguém tem alguma coisa com que eu possa amarrar a régua?

– Por favor, alguém me dê um tiro! – gritava o careca.

Mamãe tirou o lenço de seda do pescoço e o entregou ao bancário. A bibliotecária também desfez o nó do lenço e a Srta. Grybas vasculhou a bolsa. A frente da camisola hospitalar de Ona começou a se encharcar de sangue.

Fiquei enjoada. Fechei os olhos e tentei pensar em alguma coisa que me acalmasse, qualquer coisa. Pensei no meu caderno de desenhos. Senti as mãos formigarem. Imagens desfilaram na minha mente como quadros de um filme. Nossa casa, mamãe ajeitando a gravata de papai na cozinha, os lírios-do-vale, vovó... O rosto dela me acalmou. Pensei na fotografia que havia posto na mala. Vovó, nos ajude.

Chegamos a uma pequena estação de trem fora da cidade. Havia diversos veículos soviéticos iguais ao nosso, repletos de gente. Passamos por um caminhão do qual um homem e uma mulher se debruçavam. O rosto dela estava todo molhado de lágrimas.

– Paulina! – berrava o homem. – Nossa filha Paulina está com vocês?

Fiz que não com a cabeça quando passamos.

– Por que estamos numa estação fora da cidade e não em Kaunas? – perguntou uma velha senhora.

– Aqui provavelmente é mais fácil organizar as pessoas com suas famílias. Você sabe como a estação principal é movimentada – disse minha mãe.

No entanto, seu tom de voz era incerto. Ela estava tentando convencer a si mesma. Olhei em volta. A estação ficava em uma região deserta cercada por florestas escuras. Imaginei um tapete sendo erguido e uma gigantesca vassoura soviética nos varrendo para debaixo dele.



– *DAVAI!* – GRITOU UM AGENTE da NKVD enquanto abria a porta do caminhão.

A estação de trem fervilhava de veículos, guardas e pessoas carregando malas. O barulho aumentava a cada segundo.

Mamãe se abaixou e pôs as mãos em nossos ombros.

– Fiquem perto de mim. Segurem meu casaco se for preciso. Não podemos nos separar.

Jonas se agarrou ao sobretudo de mamãe.

– *Davai!* – gritou o agente, puxando um dos homens para fora do caminhão e empurrando-o para o chão.

Minha mãe e o funcionário do banco começaram a ajudar os outros. Fiquei segurando o bebê enquanto carregavam Ona para fora.

O careca se contorceu de dor ao ser retirado do veículo.

O bancário se aproximou de um guarda.

– Algumas pessoas aqui precisam de cuidados. Por favor, chamem um médico. – O guarda o ignorou. – Um médico! Uma enfermeira! Precisamos de assistência médica! – gritou o homem para a multidão.

O guarda segurou-o, encostou o cano de um fuzil em suas costas e obrigou-o a se afastar.

– Minha bagagem! – gritou o homem.

A bibliotecária pegou a mala dele, mas, antes que conseguisse alcançá-lo, ele já havia desaparecido no meio da multidão.

Uma lituana se aproximou e disse que era enfermeira. Ela começou a cuidar de Ona e do careca enquanto formávamos um círculo em volta deles. A estação era poeirenta. Os pés descalços de Ona já estavam cobertos de sujeira. Hordas de pessoas passavam por nós, olhando umas para as outras com expressão de desespero. Vi uma menina da minha escola passar junto com a mãe. Ela ergueu o braço para acenar para mim, mas a mãe tapou seus olhos ao se aproximar de nosso grupo.

– *Davai!* – bradou um dos agentes.

– Não podemos deixar essas pessoas aqui – disse mamãe. – Vocês têm que arrumar uma maca.

O agente riu.

– Podem carregá-las se quiserem.

Foi o que fizemos. Dois homens carregaram o careca, que não parava de gemer. Eu levei o bebê e uma das malas, enquanto minha mãe ajudava Ona a andar. Jonas se virou com o resto da bagagem, com a ajuda da Srta. Grybas e da bibliotecária.

Chegamos à plataforma de embarque, que estava um caos. Famílias eram separadas. Crianças gritavam, mães imploravam. Dois guardas levaram um homem embora. A mulher dele não quis soltá-lo e foi arrastada por vários metros antes de ser afastada aos chutes.

A bibliotecária pegou o bebê do meu colo.

– Mãe, papai está aqui? – indagou Jonas sem soltar seu sobretudo.

Eu me fazia a mesma pergunta. Quando e para onde os soviéticos teriam levado meu pai? Teria sido a caminho do trabalho? Ou talvez na banca de jornais, durante seu horário de almoço? Fiquei olhando a multidão na plataforma. Eram pessoas mais velhas. A Lituânia adorava seus idosos e ali estavam eles sendo levados embora como animais.

– *Davai!* – Um agente da NKVD agarrou Jonas pelos ombros e começou a arrastá-lo para longe.

– NÃO! – berrou mamãe.

Eles estavam levando Jonas embora. Meu lindo e adorável irmão, que espantava os insetos para fora de casa em vez de pisar neles, que havia cedido sua pequena régua escolar para imobilizar a perna de um velho ranzinza.

– Mamãe! Lina! – chamou ele, agitando os braços.

– Parem! – gritei e saí correndo atrás deles.

Minha mãe segurou o agente e começou a falar com ele em russo, fluentemente e sem sotaque. Ele parou para ouvi-la. Ela abaixou a voz e falou com calma. Não entendi uma palavra sequer. O homem da NKVD puxou Jonas em sua direção. Segurei o outro braço de meu irmão. Seu corpo começou a vibrar com soluços que sacudiam seus ombros. Uma grande mancha molhada surgiu na frente de sua calça. Ele baixou a cabeça, envergonhado.

Mamãe tirou do bolso um maço de rublos, que mostrou discretamente ao agente. O homem estendeu a mão para pegar o dinheiro e lhe disse algo enquanto fazia um movimento de cabeça. Ela levantou a mão depressa e arrancou o pingente de âmbar que trazia no pescoço, colocando-o em seguida na mão do agente, que ainda não parecia satisfeito. Mamãe continuou a falar com ele em russo e tirou do bolso um relógio de corrente. Eu conhecia aquele relógio. Havia pertencido ao meu avô, cujo nome estava gravado no ouro liso da parte de trás. O agente pegou o relógio, soltou Jonas e começou a gritar com as pessoas à nossa volta.

Vocês algum dia já pensaram em quanto vale a vida de uma pessoa? Naquela manhã, a vida do meu irmão custou um relógio de bolso.

– ESTÁ TUDO BEM, MEU AMOR. Estamos todos bem – disse mamãe, abraçando Jonas e beijando seu rosto e suas lágrimas. – Não é, Lina? Estamos todos bem.

– É – respondi baixinho.

Ainda chorando, Jonas levou as mãos à frente da calça, humilhado por causa da mancha.

– Não se preocupe com isso, meu amor. Vamos arrumar uma muda de roupa para você – disse minha mãe, postando-se na frente dele para esconder o motivo de seu constrangimento. – Lina, empreste o casaco para seu irmão.

Tirei meu casaco e entreguei-o a mamãe.

– Está vendo? Basta usar isso um pouco.

– Mamãe, por que eles queriam me levar embora? – perguntou Jonas.

– Não sei, meu amor. Mas agora estamos juntos.

Juntos. Ali estávamos nós, em meio ao caos da plataforma, eu de camisola florida, meu irmão usando um casaco leve azul-bebê que quase se arrastava no chão. Por mais ridículos que estivéssemos, ninguém nos notou.

– Rápido, Sra. Vilkas! – Era a voz nasalada da Srta. Grybas, nos chamando para perto dela. – Estamos aqui. Venham logo, eles estão separando as pessoas.

Mamãe segurou a mão de Jonas e disse:

– Venham, crianças.

Fomos abrindo caminho na multidão como um barquinho desbravando uma tempestade, sem saber se iria ser tragado pelas ondas ou se conseguiria se manter na superfície. Vagões de madeira vermelha estavam parados na plataforma, estendendo-se em uma fileira comprida até onde a vista alcançava. Eram grosseiros e sujos, do tipo que transportava animais. Vários lituanos se encaminhavam para eles com seus pertences.

Mamãe nos guiava por entre aquele mar de gente, empurrando-nos e puxando-nos pelos ombros. As pessoas seguravam suas malas com tanta força que tinham os nós dos dedos brancos. Algumas estavam de joelhos, aos prantos, amarrando com barbante bolsas rasgadas, enquanto os agentes pisoteavam os objetos que haviam caído de dentro delas. Ricos fazendeiros e suas famílias carregavam baldes cheios de leite e queijos inteiros. Um menininho passou segurando uma linguiça que tinha quase o tamanho dele. Deixou-a cair e a linguiça imediatamente desapareceu sob os pés da multidão. Uma mulher esbarrou no meu braço com um castiçal de prata, enquanto um homem passava correndo segurando um acordeão. Pensei nos lindos cristais e porcelanas espatifados no chão de nossa casa.

– Andem logo! – gritou a Srta. Grybas, gesticulando para nós. – Esta é a família Vilkas – disse ela a um guarda que segurava uma prancheta. – Eles estão neste vagão.

Minha mãe parou à porta do trem e correu os olhos pela multidão. *Por favor*, dizia sua expressão enquanto procurava meu pai.

– Mamãe – sussurrou Jonas –, estes vagões são para porcos e vacas.

– Sim, eu sei. Vai ser uma aventura e tanto, não é?

Ela ajudou Jonas a embarcar e foi então que ouvi os ruídos: um choro de bebê e os gemidos de um homem.

– Não, mãe – falei. – Não quero ficar com essas pessoas.

– Pare com isso, Lina. Elas precisam de nossa ajuda.

– Não há mais ninguém que possa cuidar delas? Nós também precisamos de ajuda.

– Mamãe – disse Jonas, com medo de que o trem partisse sem ela. – Você vai subir, não vai?

– Sim, meu amor, nós estamos subindo. Pode segurar esta bolsa?

– Virando-se para mim, ponderou: – Lina, não temos opção. Por favor, tente não assustar seu irmão.

A Srta. Grybas estendeu a mão para ajudar mamãe a subir. E eu? Eu também estava com medo. Será que isso não tinha importância? *Papai, cadê você?* Varri a plataforma com os olhos. O lugar se tornara um completo pandemônio. Pensei em fugir dali, correr até não poder mais. Correria até a universidade para procurar papai. Correria até nossa casa. Correria e pronto.

– Lina. – Mamãe se postou na minha frente e levantou meu queixo. – Eu sei. Isto tudo é horrível – sussurrou. – Nós temos que ficar juntos. É muito importante. – Ela beijou minha testa e me virou na direção do vagão.

– Para onde estamos indo? – perguntei.

– Ainda não sei.

– Precisamos entrar nesses vagões de animais?

– Sim, mas tenho certeza de que não vai ser por muito tempo – disse mamãe.

MESMO COM A PORTA ABERTA, o vagão era abafado e um cheiro forte de gente aglomerada impregnava o ar. O espaço estava apinhado de pessoas sentadas em cima de seus pertences. Ao fundo, grandes tábuas de madeira com mais ou menos dois metros de comprimento haviam sido instaladas como prateleiras. Ona estava deitada numa dessas tábuas, com o bebê chorando sobre seu peito.

– Ai! – O careca deu um tapa na minha perna. – Cuidado, garota! Você quase pisou em mim.

– Onde estão os homens? – perguntou mamãe à Srta. Grybas.

– Eles os levaram embora.

– Vamos precisar de homens neste vagão para ajudar com os feridos – disse minha mãe.

– Não há homem nenhum. Nós fomos separados em grupos. Eles não param de trazer pessoas e enfiá-las nos vagões. Há alguns idosos, mas eles não têm força para nada – explicou a Srta. Grybas.

Mamãe correu os olhos pelo vagão.

– Vamos pôr os menores na prateleira superior. Lina, transfira Ona para aquela tábua de baixo, assim poderemos acomodar mais crianças.

– Deixe de ser idiota – vociferou o careca. – Se você abrir espaço, eles vão enfiar mais gente aqui dentro.

A bibliotecária, gorducha e mais baixa do que eu, era uma mulher forte e me ajudou a transferir Ona.

– Sou a Sra. Rimas – apresentou-se à mulher convalescente.

Senhora.... Então ela também era casada. Onde estaria seu marido? Talvez estivesse com meu pai. O bebê soltou um grito agudo.

– É menino ou menina? – perguntou a bibliotecária.

– Menina – respondeu Ona com voz fraca. Ela apoiou os pés descalços na tábua de madeira. Estavam cortados e sujos.

– Logo, logo ela vai precisar comer – avisou a Sra. Rimas.

Olhei à minha volta. Tinha a impressão de que minha cabeça estava separada do corpo. Mais pessoas foram empurradas para dentro daquele espaço diminuto, inclusive uma mulher com um menino da minha idade. Levei um puxão.

– Você vai dormir agora? – perguntou uma garotinha com cabelos cor de pérola.

– O quê?

– Você está de camisola. Vai dormir agora? – Ela empurrou uma boneca esfarrapada na minha direção. – Esta é a minha boneca.

Minha camisola. Eu ainda estava com ela. Jonas usava meu casaco azul-bebê. Havia me esquecido completamente disso. Abri caminho em direção a meu irmão e minha mãe.

– Precisamos trocar de roupa – falei.

– Não há espaço para abrir as malas – disse mamãe. – Nem onde se trocar.

– Por favor – pediu Jonas, apertando meu casaco em volta do corpo.

Mamãe tentou ir para um dos cantos do vagão, mas foi inútil. Abaixando-se, ela entreabriu minha mala. Enfiou a mão dentro dela e a vasculhou em busca de alguma coisa. Vi meu suéter cor-de-rosa e uma combinação. Por fim, ela pegou meu vestido de algodão azul-escuro. Então começou a procurar uma calça para Jonas.

– Com licença – pediu ela a uma mulher sentada no canto do vagão. – Podemos trocar de lugar com a senhora para que meus filhos possam mudar de roupa?

– Este lugar é nosso – declarou a mulher. – Não vamos sair daqui. Suas duas filhas ergueram os olhos para nós.

– Entendo que o lugar seja seu. Só queria usá-lo por um instante, para meus filhos terem um pouco de privacidade.

A mulher não disse nada e cruzou os braços na frente do peito.

Mamãe nos empurrou até perto do canto, quase em cima da mulher, que ergueu as mãos e gritou:

– Ei!

– Oh, me desculpe. É só para termos um pouco de privacidade.

Mamãe fez Jonas despir meu casaco e o suspendeu como uma cortina para nos esconder. Troquei de roupa depressa, depois usei a camisola para ajudar a cobrir Jonas.

– Ele fez xixi – disse uma das meninas, apontando para meu irmão, que ficou petrificado.

– Você fez xixi, menina? – falei em voz alta. – Ah, coitadinha.

A temperatura dentro do vagão não parava de subir desde que havíamos entrado. Bem na frente do meu rosto, uma axila emanava um cheiro forte de suor. Abrimos caminho até a porta, torcendo para encontrar um pouco de ar. Empilhamos nossas malas e Jonas se sentou em cima delas, segurando a trouxa de nossa prima Regina. Mamãe ficou na ponta dos pés, tentando encontrar papai na plataforma.

– Tome – disse um homem grisalho, pondo uma maleta no chão.

– Suba nisto.

– Que gentil – disse mamãe, aceitando.

– Quanto tempo faz? – perguntou ele.

– Desde ontem – respondeu ela.

– Em que ele trabalha?

– É o reitor da universidade. Kostas Vilkas.

– Ah, sim. Vilkas. – O homem assentiu. Então olhou para nós. Tinha olhos bondosos. – Que crianças lindas.

– Sim. São iguaizinhas ao pai – disse minha mãe.



Nós nos sentamos todos juntos no sofá de veludo, Jonas no colo de papai. Mamãe usava o vestido de seda verde com a saia rodada. Seus cabelos louros caíam em ondas brilhosas pelas laterais de seu rosto e seus brincos de esmeralda cintilavam. Papai usava um de seus ternos escuros novos. Eu havia escolhido meu vestido creme com a fita de cetim marrom na cintura e, nos cabelos, usava um laço combinando.

– Que família linda – disse o fotógrafo, posicionando a câmera grandalhona. – Kostas, Lina é a sua cara.

– Coitadinha – brincou papai. – Vamos torcer para que seja só uma fase e ela fique parecida com a mãe.

– Só nos resta torcer – brinquei também.

Todos riram. O flash disparou.

CONTEI AS PESSOAS NO VAGÃO – eram 46, todas socadas dentro de uma gaiola sobre rodas, ou talvez fosse um caixão sobre rodas. Com os dedos, desenhei aquela imagem na camada de poeira no chão do vagão, depois limpei o desenho e recomecei. Fiz isso diversas vezes.

Pessoas conversavam sobre nosso possível destino. Algumas diziam que seria o quartel-general da NKVD, outras achavam que seria Moscou. Corri os olhos pelo grupo. O rosto de cada um mostrava seu futuro. Vi coragem, raiva, medo, incompreensão. Em alguns só havia desespero. Esses já tinham desistido da vida. Como seria minha expressão?

Meu irmão espantava moscas do rosto e dos cabelos. Mamãe conversava baixinho com a mulher que tinha um filho da minha idade.

– De onde você é? – perguntou o menino a Jonas.

Ele tinha cabelos castanhos ondulados e olhos azuis. Parecia um dos garotos populares da nossa escola.

– De Kaunas – respondeu Jonas. – E você?

– Šančiai.

Nós nos entreolhamos, calados e constrangidos.

– Onde está seu pai? – perguntou meu irmão, sem pensar.

– No Exército lituano. – O menino fez uma pausa. – Já faz um tempo que ele foi embora.

Sua mãe parecia a esposa de um oficial: elegante e pouco acostumada à sujeira. Antes que eu pudesse mandá-lo parar de

falar, Jonas prosseguiu:

– Papai trabalha na universidade. Eu sou Jonas. Esta é minha irmã, Lina.

O menino acenou para mim com a cabeça.

– Eu me chamo Andrius Arvydas.

Retribuí o aceno e olhei para o outro lado.

– Você acha que eles vão nos deixar sair, nem que seja só por alguns minutos? – perguntou Jonas. – Assim, se papai estiver na estação, vai nos ver. Aqui dentro ele não conseguirá nos encontrar.

– A NKVD não nos deixa fazer nada – disse Andrius. – Eu os vi espancar uma pessoa que tentou fugir.

– Eles nos chamaram de porcos – comentou meu irmão.

– Não dê ouvidos a eles, Jonas. Porcos são eles. Porcos imbecis – falei.

– Shh. Se eu fosse você, não diria isso – alertou-me Andrius.

– Você por acaso é da polícia? – perguntei.

Andrius arqueou as sobrancelhas.

– Não. Só não quero que você se encrenque.

– Não nos arrume problemas, Lina – disse Jonas.

Olhei para mamãe.

– Eu dei a eles tudo o que tinha. Menti. Disse que ele era retardado. Não tive escolha – sussurrou a mãe de Andrius. – Eles teriam nos separado. Agora não tenho nada, nem uma migalha sequer.

– Eu sei – disse mamãe, estendendo a mão para ela. – Fizeram a mesma coisa conosco, e meu filho só tem 10 anos.

A bebê de Ona soltou um gemido. A Sra. Rimas se aproximou de minha mãe e disse:

– Ela está tentando amamentar a filha, mas há alguma coisa errada. A menina não pega o seio como deveria.

As horas passavam como se fossem longos dias. Pessoas choravam de calor e de fome. O careca reclamava da dor na perna,

enquanto outros tentavam organizar o espaço e as malas. Tive que abrir mão do pedaço de chão que usava como tela e passei a fazer desenhos na parede com a unha.

Andrius pulou do vagão para ir ao banheiro, mas um agente da NKVD lhe deu um soco e o jogou de novo para dentro. A cada tiro, a cada grito, nós nos encolhíamos. Ninguém mais se atreveu a descer do vagão.

Alguém descobriu um buraco do tamanho de um prato no canto em que a mulher rabugenta estava sentada com as filhas. Elas estavam escondendo o buraco e o ar fresco que vinha dele. As pessoas avançaram para cima dela, insistindo em que saísse dali. Depois que ela foi arrastada do canto, nós nos revezamos para usar o buraco como latrina. Algumas pessoas simplesmente não conseguiam. Os barulhos e cheiros me deixavam zozos. Um menino pôs a cabeça para fora do vagão e vomitou.

A Sra. Rimas juntou as crianças e começou a contar histórias. As mais novas se aproximaram da bibliotecária. Até mesmo as duas filhas da mulher ranzinza saíram de perto da mãe e, encantadas, foram ouvir as histórias fantásticas que a Sra. Rimas contava. A menina da boneca se encostou nela e começou a chupar o dedo.



Estávamos sentados em círculo no chão da biblioteca. Deitado de costas, um dos meninos mais novos chupava o dedo. A bibliotecária folheava o livro ilustrado e lia com uma voz animada. Eu escutava e ia esboçando os personagens no meu pequeno caderno de desenhos. Fiz o dragão e meu coração começou a bater mais depressa. Ele estava vivo. Senti uma onda de calor vinda de seu bafo de fogo se aproximar de mim e soprar meus cabelos para trás. Então desenhei a princesa correndo, com seus lindos cabelos cor de ouro caindo numa cascata pela encosta da montanha...

– Lina, vamos?

Ergui os olhos. O rosto da bibliotecária pairava acima de mim. Todos os alunos já tinham ido embora.

– Lina, tudo bem? Seu rosto está vermelho. Está se sentindo mal?

Fiz que não com a cabeça e ergui o caderno.

– Oh, Lina, foi você quem desenhou isso? – A bibliotecária logo estendeu a mão para pegar o caderno.

Assenti com um sorriso.

O SOL COMEÇOU A SE PÔR. Mamãe trançou meus cabelos ondulados e suados. Tentei calcular quantas horas já havíamos passado presos dentro daquela caixa e perguntei-me quantas ainda teríamos que enfrentar. As pessoas comiam o que haviam trazido. A maioria partilhava o que tinha com os outros. Alguns não dividiam nada.

– Lina, aquele pão... – começou mamãe.

Fiz que não com a cabeça. Será que o pão continuava lá, em cima da minha escrivaninha?

– Eu não o trouxe – respondi.

– Tudo bem – disse mamãe.

Em seguida, foi levar um pouco de comida para Ona. Tinha os lábios franzidos: estava decepcionada.

Andrius fumava um cigarro, sentado com as pernas dobradas, os joelhos na altura do peito. Ele me encarava.

– Quantos anos você tem? – perguntei.

– Dezessete. – Ele continuou me encarando.

– Há quanto tempo você fuma?

– Você por acaso é da polícia? – perguntou ele e olhou para o outro lado.

A noite caiu. Dentro da nossa caixa de madeira estava escuro. Mamãe disse que deveríamos ficar gratos por eles terem deixado a porta aberta. Eu não estava disposta a agradecer à NKVD por nada. A intervalos de poucos minutos, podiam-se ouvir as botas dos agentes em marcha. Eu não conseguia dormir. Perguntei-me se havia lua no céu e, caso houvesse, como ela estaria. Segundo

papai, os cientistas achavam que, vista da Lua, a Terra era azul. Naquela noite acreditei nisso. Iria desenhar a Terra toda azul, pesada de lágrimas. Onde estaria papai? Fechei os olhos.

Alguma coisa bateu no meu ombro. Abri os olhos. O vagão estava mais claro. Andrius estava em pé ao meu lado, cutucando-me com o pé. Ele levou o dedo aos lábios e inclinou a cabeça para o lado. Olhei para minha mãe. Ela dormia, segurando o sobretudo com força em volta do corpo. Jonas tinha desaparecido. Virei a cabeça depressa, procurando meu irmão. Andrius tornou a me chutar e fez um gesto para que eu o seguisse.

Levantei-me e fui passando entre as trouxas humanas em direção à porta do vagão. Jonas estava ali, agarrado ao batente.

– Andrius disse que uma hora atrás chegou um trem. Alguém falou para ele que estava cheio de homens – sussurrou meu irmão.
– Talvez papai esteja lá.

– Quem lhe disse isso? – perguntei a Andrius.

– Não se preocupe com quem me disse – respondeu ele. – Vamos procurar nossos pais.

Olhei para fora. O sol havia acabado de surgir no horizonte. Se papai estivesse *mesmo* na estação, eu queria encontrá-lo.

– Eu vou. Depois volto para dizer o que descobri – falei. – Onde está o trem que chegou?

– Atrás de nós. Mas você não vai – disse Andrius. – Quem vai sou eu.

– Como é que você vai encontrar meu pai? Você nem o conhece – disparei.

– Você é sempre tão simpática? – perguntou Andrius.

– Talvez vocês possam ir juntos – sugeriu Jonas.

– Eu posso ir sozinha – falei. – Vou encontrar papai e trazê-lo para o nosso vagão.

– Isso é ridículo. Estamos perdendo tempo. Eu não deveria ter acordado você – resmungou Andrius.

Tornei a olhar para fora. O guarda estava a uns 100 metros de distância, de costas para mim. Pendurei-me na beira do vagão e pulei para o chão sem fazer barulho, depois corri para baixo do trem. Andrius chegou lá antes de mim. De repente, ouvimos um ganido e vimos Jonas pulando também. Andrius o agarrou e tentamos nos esconder atrás de uma das rodas enquanto espiávamos. O agente da NKVD parou e se virou.

Tapei a boca de Jonas com a mão. Ficamos agachados junto à roda, com medo de respirar. O agente recomeçou a andar.

Andrius espiou pelo outro lado e acenou para que o seguíssemos. Engatinhei para sair de baixo do vagão. Havia palavras em russo escritas na traseira.

– “Ladrões e prostitutas” – sussurrou Andrius. – É isso que está escrito.

Ladrões e prostitutas. Nossas mães estavam naquele vagão, assim como uma professora, uma bibliotecária, idosos e uma recém-nascida – ladrões e prostitutas. Jonas olhou para as palavras. Segurei sua mão, feliz por ele não saber ler russo. Desejei que ele tivesse ficado lá dentro.

Nos trilhos, atrás de nosso trem, havia outra fila de vagões vermelhos para transporte de animais. No entanto, suas portas estavam fechadas com grandes trincos. Olhamos em volta, depois corremos para baixo do outro trem, esquivando-nos das pilhas de excrementos. Andrius bateu no fundo de um vagão perto de um buraco de latrina. Uma sombra apareceu.

– Qual é o nome do seu pai? – perguntou-me Andrius.

– Kostas Vilkas – respondi depressa.

– Estamos procurando Petras Arvydas e Kostas Vilkas – sussurrou ele.

A cabeça desapareceu. Ouvimos pés se arrastando no piso lá dentro. A cabeça voltou a aparecer.

– Não estão aqui. Tomem cuidado, crianças. Não façam barulho.

Fomos de vagão em vagão, driblando a sujeira e batendo. Sempre que uma cabeça aparecia, eu sentia um frio na barriga. “Por favor, por favor, por favor”, repetia Jonas. Então seguíamos em frente, com avisos para que tomássemos cuidado ou recados para entes queridos. Chegamos ao sétimo vagão. A cabeça do homem apareceu. Lá dentro estava tudo silencioso.

– Por favor, por favor, por favor – repetiu Jonas.

– Jonas?

– Papai! – falamos, tentando não levantar a voz.

Alguém riscou um fósforo em uma tábua de madeira. O rosto de papai surgiu no buraco. Sua pele tinha um tom cinzento e havia um hematoma feio em um dos olhos dele.

– Papai, nós estamos em um vagão ali – começou a dizer Jonas.

– Venha conosco.

– Shh – sussurrou meu pai. – Não posso. Vocês não deveriam estar aqui. Cadê sua mãe?

– No vagão – falei, ao mesmo tempo feliz em vê-lo e horrorizada por causa de seu rosto machucado. – Você está bem?

– Estou. E vocês, estão bem? E sua mãe?

– Estamos todos bem – respondi.

– Mamãe não sabe que estamos aqui – disse Jonas. – Queríamos encontrar você. Papai, eles invadiram nossa casa e...

– Eu sei. Eles vão atrelar nosso trem ao de vocês.

– Para onde estão nos levando? – perguntei.

– Para a Sibéria, eu acho.

Sibéria? Não podia ser. A Sibéria ficava do outro lado do mundo. Não havia nada lá. Ouvi papai dizer algo dentro do vagão. Seu

braço saiu pelo buraco segurando alguma coisa embolada.

– Peguem este paletó e estas meias. Vocês vão precisar.

Outros ruídos vieram lá de dentro. Papai nos passou outro paletó, duas camisas e mais meias. Então nos entregou um grande pedaço de presunto.

– Dividam isso, crianças. Comam.

Hesitei, olhando fixamente para o presunto que meu pai me oferecia pelo mesmo buraco que as pessoas usavam como latrina.

– Ponham na boca agora! – ordenou ele.

Cortei o presunto em quatro partes e dei um pedaço para Jonas e outro para Andrius. Guardei o último no bolso do vestido para mamãe.

– Lina, pegue isto aqui e dê para sua mãe. Diga que ela pode vender se precisar, não tem problema.

Ele pôs a mão para fora, segurando sua aliança de casamento. Fiquei olhando para o anel.

– Lina, você me entendeu? Diga que é para o caso de ela precisar de dinheiro.

Tive vontade de lhe dizer que já havíamos trocado um relógio de bolso por Jonas. Assenti e pus a aliança no polegar, mas não consegui fazer o presunto que tinha na boca passar pelo nó em minha garganta.

– Senhor, Petras Arvydas está nesse vagão? – perguntou Andrius.

– Lamento, garoto, mas não – respondeu papai. – É muito perigoso ficar aqui. Vocês precisam voltar agora.

Fiz que sim com a cabeça.

– Jonas.

– Sim, papai? – respondeu meu irmão, erguendo os olhos para o buraco.

– Foi muita coragem sua ter vindo. Vocês precisam ficar juntos. Sei que você vai tomar conta da sua irmã e da sua mãe enquanto

eu estiver fora.

– Vou, sim, papai, eu juro. Quando vamos ver você de novo?

Meu pai demorou a responder.

– Não sei. Espero que seja em breve.

Apertei o bolo de roupas. Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

– Não chore, Lina. Coragem – disse meu pai. – Você pode me ajudar.

Ergui os olhos para ele.

– Está me entendendo? – Meu pai olhou para Andrius, hesitando antes de falar. – Pode me ajudar a encontrar vocês – sussurrou. – Vou saber que é você... do mesmo modo que você reconhece Munch. Mas é preciso que tome muito cuidado.

– Mas... – comecei, insegura.

– Amo vocês dois. Digam à sua mãe que a amo. Digam a ela para pensar no carvalho. Façam suas preces, meus filhos, e eu as ouvirei. Rezem pela Lituânia. Agora voltem. Rápido!

Senti o peito doer e os olhos arderem. Comecei a andar, mas tropecei.

Andrius me amparou.

– Você está bem? – perguntou ele. Sua expressão era suave, preocupada.

– Estou – respondi, enxugando os olhos depressa e me desvencilhando dele. – Vamos procurar seu pai.

– Não, vocês ouviram o que ele disse. Rápido, voltem correndo. Levem o recado dele à sua mãe.

– E seu pai? – perguntei.

– Vou tentar mais um pouco. Encontrarei vocês no nosso vagão. Vá, Lina. Vocês estão perdendo tempo.

Hesitei.

– Estão com medo de ir sozinhos?

– Não! Eu não estou com medo – repliquei. – Meu pai disse que deveríamos ficar juntos, mas nós vamos sozinhos. – Segurei a mão de meu irmão. – Não precisamos dele, não é?

Jonas avançou cambaleando, olhando para Andrius por cima do ombro.

– PAREM! – ordenou uma voz.

Estávamos muito perto, quase debaixo do nosso vagão. Botas da NKVD marcharam em nossa direção. Escondi o polegar e a aliança de papai dentro do punho fechado.

– *Davai!* – gritou a voz.

Jonas e eu saímos rastejando de baixo do trem.

– Lina! Jonas! – gritou mamãe, esticando-se para fora do vagão.

O agente apontou a arma para ela, mandando que ficasse quieta. Então começou a andar à nossa volta, em círculos cada vez menores.

Senti Jonas chegar mais perto de mim. Cerrei o punho, torcendo para que aquele homem não visse a aliança de papai.

– Deixamos umas coisas caírem pelo buraco da latrina – menti, erguendo o bolo de roupas.

Mamãe repetiu minhas palavras em russo, para que o agente entendesse.

Ele olhou para as meias no alto da pilha de roupas que eu segurava. Então agarrou Jonas e começou a vasculhar seus bolsos. Pensei no pedaço de presunto escondido em meu vestido. Como eu poderia explicar aquilo, se todos estavam tão famintos? O homem da NKVD empurrou nós dois para o chão. Começou a brandir o fuzil diante de nossos rostos, berrando em russo. Eu me encolhi junto a Jonas, observando o cano da arma. Fechei os olhos. *Não, por favor.* Ele chutou cascalho para cima das nossas pernas, cuspiu no chão e, apontando para o vagão, gritou:

– *Davai!*

O rosto de mamãe tinha perdido a cor. Dessa vez ela não conseguiu disfarçar o medo. Suas mãos tremiam e ela estava quase ofegante.

– Vocês podiam ter morrido!

– Estamos bem, mamãe – disse Jonas, com a voz trêmula. – Fomos procurar papai.

– Onde está Andrius? – perguntou a Sra. Arvydas, olhando por cima de nossos ombros.

– Ele foi conosco – falei.

– Mas onde ele está *agora*?

– Queria encontrar o pai dele – continuei.

– O pai? – Ela deu um suspiro profundo. – Por que ele não acredita em mim? Eu já cansei de dizer que o pai dele... – Ela virou as costas e começou a chorar.

Percebi que havia cometido um grande erro. Eu não devia ter deixado Andrius para trás.

– Nós o encontramos, mamãe. Encontramos papai – disse Jonas.

As pessoas se juntaram à nossa volta. Queriam saber quantos homens havia no vagão e se tínhamos visto algum parente ou amigo seu.

– Papai acha que estamos indo para a Sibéria – contou Jonas. – E ele nos deu um pedaço de presunto. Nós três já comemos, mas guardamos um pouco para você. Lina, dê o presunto para mamãe.

Pus a mão no bolso e tirei o pedaço.

Então ela viu a aliança em meu dedo.

– Ele disse que você pode vender se precisar de dinheiro – falei.

– E falou também para você se lembrar do carvalho – acrescentou Jonas.

Mamãe tirou a aliança do meu dedo e levou-a aos lábios. Começou a chorar.

– Não chore, mamãe – disse Jonas.

– Menina! – gritou o careca. – O que mais você trouxe para comer?

– Lina, dê esse pedaço de presunto ao Sr. Stalas – disse mamãe, fungando. – Ele está com fome.

Sr. Stalas. O careca tinha nome. Caminhei na direção dele. Seus braços murchos estavam verdes e roxos de tantos hematomas. Estendi o presunto para ele.

– Isso é da sua mãe – disse o homem. – O que mais você tem?

– Ele só me deu isso.

– Quantos vagões tinha o trem?

– Não sei – respondi. – Talvez uns 20.

– Ele disse que estamos indo para a Sibéria?

– Disse.

– Seu pai deve estar certo – ponderou.

Mamãe parou de chorar. Tornei a estender o pedaço de presunto para o careca.

– Isso é da sua mãe – disse ele. – Faça com que ela coma. Não gosto de presunto mesmo. Agora me deixe em paz.

– Ele não quis vir conosco – explicou meu irmão à Sra. Arvydas. – Ele e Lina começaram a brigar e Andrius disse que ia procurar em mais alguns vagões.

– Nós não estávamos brigando – interrompi.

– Se eles o pegarem rondando por aí e descobrirem que ele é filho de um oficial do Exército... – disse a Sra. Arvydas, escondendo o rosto nas mãos.

O homem grisalho que havia emprestado a mala para minha mãe balançou a cabeça e começou a dar corda no relógio.

Senti-me culpada. Por que não fiquei com Andrius ou insisti para que ele voltasse conosco? Olhei para fora do vagão na esperança de vê-lo.

Dois soviéticos vinham arrastando um padre pela plataforma. Suas mãos estavam amarradas, a batina estava suja. Por que um

padre? Mas, pensando bem... por que qualquer um de nós?

O SOL NASCEU E A TEMPERATURA no vagão aumentou depressa. O fedor de fezes e urina pairava sobre nós como um cobertor imundo. Andrius não tinha voltado e a Sra. Arvydas chorava tanto que fiquei assustada. Eu me sentia mal de tanta culpa.

Um guarda se aproximou do vagão e nos estendeu um balde d'água e outro cheio de papa.

Todos se jogaram na direção dos baldes.

– Esperem – disse a Srta. Grybas, como se estivesse dando ordens à sua turma. – Cada um de nós só deve pegar um pouquinho, assim todos poderão comer.

A papa parecia uma ração cinzenta para animais. Algumas crianças não quiseram comer.

Jonas encontrou o embrulho de Regina, prima de mamãe. Lá dentro havia uma pequena manta, uma linguiça e um bolo de café. Mamãe dividiu a comida, dando um pedacinho para cada um. A bebê não parava de chorar. Ona se contorcia e gritava junto com a menina, que ainda se recusava a mamar e cujo corpinho havia adquirido um tom mais avermelhado.

Horas se passaram. Andrius não voltou. Mamãe veio se sentar ao meu lado.

– Como estava seu pai? – perguntou ela, alisando minhas tranças e passando um braço em volta do meu ombro.

– Não estava tão mal – menti e apoiei a cabeça nela. – Por que estão nos levando embora? É mesmo porque papai trabalha na universidade? Não faz sentido.

O careca soltou um grunhido.

– E ele? – sussurrei. – Não é professor. É filatelista e está sendo deportado.

– Ele não é só filatelista – disse mamãe em voz baixa. – Tenho certeza disso. Ele sabe demais.

– O que ele sabe?

Minha mãe suspirou e balançou a cabeça.

– Stalin tem um plano, meu amor. O Kremlin está disposto a fazer qualquer coisa para torná-lo realidade. Você sabe disso. Ele quer que a Lituânia faça parte da União Soviética, então está nos mandando embora por um tempo.

– Mas por que nós? – perguntei. – Eles já nos transferiram para a Lituânia no ano passado. Não foi suficiente?

– Não somos só nós, querida. Imagino que estejam fazendo a mesma coisa na Letônia, na Estônia e na Finlândia. É complicado. Tente descansar.

Embora estivesse exausta, não consegui dormir. Fiquei me perguntando se minha prima Joana também estaria num trem em algum lugar. Talvez ela estivesse perto de papai. Ele disse que eu podia ajudá-lo, mas, se estávamos mesmo indo para a Sibéria, como eu faria isso? Cochilei um pouco pensando em Andrius, tentando visualizar seu rosto.



Quando passei em frente ao quadro, meus pés pararam de andar. Aquele rosto. Era fascinante, diferente de tudo o que eu já vira. Era o retrato de um rapaz feito em carvão. Os cantos de sua boca estavam virados para cima, mas, apesar do sorriso, a dor em sua expressão deixou meus olhos cheios de lágrimas. Os traços sutis de seus cabelos formavam um conjunto suave e ao mesmo tempo criavam fortes variações. Cheguei mais perto para ver melhor. Era

perfeito. Como o artista havia conseguido imprimir tantos tons ao retrato sem uma pausa sequer, sem deixar nenhuma marca de dedo? Quem era aquele artista e quem era aquele rapaz? Olhei para a assinatura. Munch.

– Mocinha, fique junto do grupo, por favor. Esse retrato faz parte de outra exposição – disse a nossa guia.

Mais cedo, alguns dos alunos haviam reclamado. Como eles podiam reclamar de uma excursão ao museu de arte? Fazia meses que eu ansiava por aquele passeio.

Os sapatos da guia estalaram no chão de cerâmica. Meu corpo seguiu em frente, mas minha mente continuou presa ao quadro, concentrada naquele rosto. Esfreguei os dedos das mãos uns nos outros. Um toque leve mas seguro. Eu mal podia esperar para tentar reproduzir aquilo.

Sentei-me diante da escrivaninha do meu quarto. Senti o carvão vibrar suavemente quando o deslizei pelo papel. O barulho que ele fazia me deu calafrios. Mordi o lábio inferior. Corri o dedo médio pela borda do traço para suavizá-lo. Não era uma reprodução exata, mas quase.



Pressionei a ponta do dedo na sujeira do chão para escrever seu nome. Munch. Eu seria capaz de reconhecer o traço dele em qualquer lugar. E papai poderia reconhecer o meu. Foi isso que ele quis dizer. Se eu deixasse um rastro de desenhos, ele conseguiria me encontrar.

QUANDO ACORDEI, o vagão estava escuro. Fui até a porta e pus a cabeça para fora a fim de tomar um pouco de ar. O vento soprou meus cabelos para longe do pescoço. Uma lufada atingiu meu rosto e respirei fundo. Ouvi o cascalho estalar. Ergui os olhos esperando ver um agente da NKVD, mas não havia ninguém ali. O cascalho estalou de novo. Voltei a baixar a cabeça para olhar debaixo do trem. Uma forma escura estava encolhida junto à roda. Estreitei os olhos para tentar ver melhor, apesar da luz fraca. A mão ensanguentada de alguém se ergueu na minha direção, tremendo. Recuei antes de perceber quem era.

Andrius.

Virei-me para mamãe. Seus olhos estavam fechados, seus braços apertavam o corpo de Jonas. Olhei para a plataforma lá fora. A dois vagões dali, os homens da NKVD marchavam de costas para mim. A menininha da boneca estava ajoelhada junto à porta. Levei o dedo aos lábios. Ela balançou a cabeça afirmativamente. Desci do vagão tentando não fazer barulho. Meu coração batia forte dentro do peito enquanto eu me lembrava do agente apontando a arma para mim.

Cheguei mais perto e parei. Um caminhão passou em algum lugar do lado de fora, iluminando momentaneamente o espaço sob o vagão. Andrius me encarava com o rosto azul, todo machucado. Seus olhos estavam inchados, seus lábios, cortados. Sua camisa estava toda suja de sangue. Ajoelhei-me ao lado dele.

– Você consegue andar?

– Um pouco – respondeu ele.

Espiei para fora para ver os agentes. Eles fumavam, reunidos em uma rodinha, quatro vagões adiante. Dei umas batidinhas leves perto do buraco da latrina. O rosto da mulher ranzinza apareceu. Seus olhos se arregalaram.

– Andrius está aqui comigo. Temos que ajudá-lo a subir.

Ela apenas me encarou.

– A senhora me ouviu? – sussurrei. – Tem que puxá-lo. Ande logo!

O rosto dela desapareceu. Ouvi uma agitação lá dentro e olhei de relance para os agentes. Passei o braço ensanguentado de Andrius em volta do meu pescoço e o segurei pela cintura. Nós nos levantamos e seguimos devagar em direção à porta. O homem grisalho pôs a cabeça para fora, fazendo sinal para que esperássemos. O peso de Andrius sobre meu ombro fazia meus joelhos se dobrarem. Eu não sabia por quanto tempo iria conseguir segurá-lo.

– AGORA! – disse o homem grisalho.

Empurrei Andrius para cima e, com a ajuda dos outros, o homem conseguiu puxá-lo para dentro do vagão.

Olhei para os guardas. Bem na hora em que me mexi, eles se viraram e começaram a andar na minha direção. Desesperada, procurei em volta. Agarrei-me à estrutura na parte inferior do vagão e levantei as pernas para ficar suspensa lá embaixo. O barulho das botas chegou mais perto, até junto da roda. Fechei os olhos. Os guardas estavam falando russo. Ouvi um fósforo sendo riscado e uma luz iluminou a bota do guarda. Eles conversavam em voz baixa. Meus braços começaram a tremer de tanto esforço que eu fazia para me segurar. *Rápido.*

Fiquei pendurada. Minhas mãos começaram a suar. Eu estava escorregando. *Saiam daqui.* Meus músculos queimavam. Os guardas continuaram conversando. *Por favor.* Mordi o lábio. *Vão*

embora. Um cão latiu. Os guardas começaram a andar em direção ao som.

Saí de baixo do trem. Mamãe e o homem grisalho me puxaram para dentro do vagão. Caí no chão junto à porta aberta, ofegante. A menininha da boneca levou o dedo aos lábios e meneou a cabeça fazendo que sim.

Olhei para Andrius. Seus dentes e os cantos de sua boca estavam sujos de sangue coagulado. Seu maxilar estava inchado. Eu detestava todos eles: a NKVD e os soviéticos. Plantei uma semente de ódio em meu coração. Jurei que quando a semente crescesse se transformaria numa imensa árvore cujas raízes iriam estrangular toda aquela gente.

– Como eles puderam fazer isso? – perguntei em voz alta.

Meus olhos percorreram o vagão. Ninguém disse nada. Como poderíamos nos defender se todos se encolhessem com medo e se recusassem a abrir a boca?

Eu tinha que falar. Iria escrever e desenhar tudo o que estava acontecendo. Iria ajudar papai a nos encontrar.

Andrius mudou a posição das pernas. Baixei os olhos em sua direção.

– Obrigado – sussurrou ele.

ACORDEI SOBRESSALTADA ao lado de Jonas e de Andrius. A porta de nosso vagão tinha sido fechada e trancada. As pessoas começaram a entrar em pânico.

A locomotiva soltou um silvo de vapor.

– Por favor, não se mexam a menos que seja absolutamente necessário – ordenou a Srta. Grybas. – Mantenham a área do banheiro sempre livre.

– Senhora dos Livros? Pode nos contar uma história? – pediu a menininha da boneca.

– Mamãe – choramingou uma vizinha –, estou com medo. Acenda a luz.

– Alguém trouxe uma lamparina? – perguntou uma mulher.

– Claro! E também tenho uma refeição completa aqui no bolso – respondeu o careca.

– Sr. Stalas, por favor, estamos todos fazendo o melhor possível – disse mamãe.

– Menina – ordenou ele. – Olhe por aquela fresta e diga-nos o que vê.

Fui até a frente do vagão e fiquei na ponta dos pés.

– O sol está nascendo – falei.

– Poupe-nos da poesia – resmungou o careca. – O que está acontecendo lá fora?

O trem tornou a sibilar, depois emitiu um estalo metálico.

– Agentes da NKVD estão andando ao lado do trem com fuzis na mão – contei. – Alguns homens de terno preto estão examinando os

vagões.

Sentimos um solavanco e o trem se pôs em movimento.

– Há malas por toda parte – continuei. – E um monte de comida na plataforma.

As pessoas grunhiram. A estação tinha um ar sinistro, desolado, congelado, exibindo apenas resquícios do caos anterior. Sapatos desemparelhados jaziam pelo chão. Havia também uma bengala, uma bolsa feminina aberta, um ursinho de pelúcia abandonado.

– Estamos saindo da estação – relatei. Estiquei o pescoço para enxergar mais à frente. – Vejo pessoas. Um padre. Ele está rezando. Um homem está segurando um grande crucifixo.

O padre ergueu os olhos, aspergiu óleo e fez o sinal da cruz enquanto nosso trem se afastava.

Estava nos dando a extrema-unção.

ENQUANTO AVANÇÁVAMOS, fui relatando cada detalhe que via pela fresta. O rio Nemunas. As grandes igrejas, os prédios, as ruas e até mesmo as árvores pelas quais passávamos. Pessoas soluçavam. A Lituânia nunca nos parecera mais linda. Flores coloridas brotavam, contrastando com a paisagem de junho. Fomos avançando dentro de nossos vagões marcados com as palavras “ladrões e prostitutas”.

Duas horas depois, a velocidade do trem começou a diminuir.

– Estamos chegando a uma estação – constatei.

– O que diz a placa? – perguntou o careca.

Esperei o trem chegar mais perto.

– Vilnius. Estamos em... Vilnius – falei baixinho.

Era a capital da Lituânia. Tínhamos aprendido a história na escola. Seiscentos anos antes, o grão-duque Gediminas tivera um sonho. Vira um lobo cinza-escuro em pé bem no alto de um morro. Ao consultar um padre para saber o significado do sonho, este lhe dissera que o lobo simbolizava uma cidade grande, formidável, uma cidade repleta de oportunidades.



– Lina, por favor, posso dar uma palavrinha com você?

Meus outros colegas já estavam saindo da sala. Fui até a mesa da professora.

– Lina – disse ela, unindo as mãos sobre a mesa –, parece que você gosta mais de socializar do que de estudar.

Ela abriu uma pasta que estava na sua frente. Meu coração quase saiu pela boca. Lá dentro havia bilhetinhos e desenhos que eu tinha passado para meninas da minha turma. No topo da pilha havia um nu grego e o retrato de meu belo professor de história.

– Encontrei estas coisas no lixo. Já falei com seus pais – disse a professora.

Minhas mãos começaram a suar.

– Eu estava tentando copiar o desenho de um livro da biblioteca...

Ela ergueu a mão para me fazer calar.

– No entanto, além de ser muito sociável, você parece ser uma artista talentosa. Seus retratos são... – ela fez uma pausa, girando o desenho – ... fascinantes. Eles transmitem emoções profundas, muito além da sua idade.

– Obrigada – falei num sussurro.

– Acho que o seu talento está acima do trabalho que podemos fazer aqui nesta escola. Mas em Vilnius existe um programa de verão.

– Vilnius? – repeti. A cidade ficava a algumas horas da minha.

– Sim, Vilnius. No ano que vem, quando você fizer 16 anos, poderá se candidatar. Se for aceita, vai estudar com alguns dos artistas mais talentosos da Europa Setentrional. Estaria interessada?

Tentei controlar minha empolgação o suficiente para conseguir falar.

– Estaria, sim, Sra. Pranas.

– Nesse caso, eu gostaria de recomendá-la. Você vai preencher um formulário de inscrição e enviar algumas amostras de seus trabalhos – disse ela, entregando-me a pasta com os bilhetes e desenhos. – Vamos mandar o material para Vilnius o quanto antes.

– Obrigada, Sra. Pranas!

Ela sorriu para mim e se recostou na cadeira.

– *De nada, Lina. Você tem talento. Tem um futuro brilhante pela frente.*



Alguém encontrou uma tábua solta atrás de algumas bagagens junto à parede do fundo do vagão. Jonas rastejou para lá e a sacudiu até soltá-la.

– O que está vendo?

– Um homem trepado numa árvore – disse Jonas.

– Guerrilheiros – explicou o careca. – Eles estão tentando nos ajudar. Chame a atenção dele.

Jonas passou a mão pela abertura na tábua e tentou acenar.

– Ele está vindo! – disse meu irmão. – Shh!

– Eles estão soltando os vagões onde ficam os homens – disse uma voz masculina. – Estão dividindo o trem em dois. – E então o homem correu de volta para o meio das árvores.

Tiros intermitentes ecoaram ao longe.

– Para onde eles estão levando os homens? – perguntei.

– Talvez para a Sibéria – disse a Sra. Rimas. – E nós, para algum outro lugar.

Eu preferia pensar na Sibéria, se era mesmo para lá que papai estava indo.

Ouvimos estalos e guinchos metálicos. Eles estavam dividindo o trem. Então surgiu outro som.

– Escutem – adverti. – São os homens.

O som foi ficando mais e mais alto. Eles estavam cantando a plenos pulmões. Andrius juntou-se à cantoria e então meu irmão e o homem grisalho o imitaram. Por fim, o careca também começou a cantar. Eles entoavam nosso hino nacional. *Lituânia, terra de heróis...*

Comecei a chorar.

AS VOZES DOS HOMENS nos outros vagões transmitiam orgulho e confiança. Eram pais, irmãos, filhos, maridos. Para onde estariam indo todos eles? E para onde íamos *nós*, um vagão cheio de mulheres, crianças, idosos e enfermos?

Enxuguei as lágrimas com meu lenço e deixei que outras pessoas o usassem. Quando o lenço voltou para a minha mão, parei por alguns instantes para examiná-lo. Ao contrário de um papel, ele podia passar de mão em mão sem se estragar. Eu o usaria para fazer desenhos para papai.

Enquanto eu bolava um plano, as mulheres do vagão estavam preocupadas com a bebê, que não conseguia mamar.

A Sra. Rimas insistia para que Ona continuasse tentando.

– Vamos, querida, vamos.

– O que foi? – perguntou minha mãe no vagão escuro.

– É Ona – respondeu a Sra. Rimas. – O leite empedrou e ela está desidratada. A bebê não consegue mamar.

Apesar dos esforços da Sra. Rimas, nada parecia funcionar.

Passamos dias viajando e parando no meio do nada. A NKVD queria ter certeza de que não seríamos vistos nem teríamos para onde correr. Ficávamos esperando as paradas diárias. Era o único momento em que as portas se abriam e tínhamos um pouco de ar fresco.

– Uma pessoa! Dois baldes. Algum cadáver aí dentro? – perguntavam os agentes.

Tínhamos combinado de nos revezar. Assim, todo mundo teria a chance de sair do vagão. Nesse dia, era a minha vez. Eu tinha sonhado em ver o céu azul e sentir o sol no meu rosto. Mais cedo, entretanto, havia começado a chover. Todos tínhamos nos apressado para estender xícaras e recipientes pela pequena fresta no vagão de modo a coletar a água da chuva.



Fechei o guarda-chuva e sacudi o excesso de água na calçada. Um cavalheiro de terno saiu de um restaurante e desviou depressa das gotas que eu fazia espirrar para todo lado.

– Ah, senhor, me desculpe!

– Não tem problema nenhum, senhorita – disse ele, inclinando a cabeça e tocando a aba do chapéu.

Um cheiro de batata assada e carne bem temperada emanava do restaurante. O sol surgiu, espalhando um filtro dourado pelo concreto e aquecendo minha nuca. Que maravilha – o concerto desta noite no parque não seria cancelado. Mamãe havia planejado levar uma cesta com nosso jantar para fazermos um piquenique no gramado.

Enquanto eu enrolava o guarda-chuva e fechava a presilha, assustei-me ao ver um rosto me encarando na poça à minha frente. Ri da minha própria desorientação e sorri para meu reflexo na água. As bordas tremeluziam ao sol, criando uma linda moldura em volta do meu rosto. Desejei poder fotografar aquilo para desenhar mais tarde. De repente, uma leve sombra apareceu na poça atrás da minha cabeça. Virei-me. Um arco-íris em tons pastel emergia das nuvens.



O trem reduziu a velocidade.

– Rápido, Lina. Você trouxe os baldes? – perguntou mamãe.

– Trouxe.

Cheguei mais perto da porta. Quando o trem parou, esperei pelo barulho. Botas, estalos. A porta se abriu com um tranco.

– Uma pessoa! Dois baldes. Algum cadáver aí dentro? – perguntou o agente da NKVD com voz autoritária.

Fiz que não com a cabeça, ansiosa para sair. O homem deu um passo para o lado e pulei do vagão. Minhas pernas não aguentaram o peso e caí no chão enlameado.

– Lina, você está bem? – perguntou mamãe lá de cima.

– *Davai!* – gritou o agente, emendando uma série de palavrões em russo, e depois cuspiu em mim.

Levantei-me e olhei toda a extensão do trem. O céu estava cinza. Chovia sem parar. Ouvi um grito e vi o corpo inerte de uma criança ser atirado na lama. Uma mulher tentou pular do vagão atrás do cadáver. Seu rosto foi golpeado pelo cano de um fuzil. Vi outro cadáver ser lançado para fora. A colheita da morte havia começado.

– Não demore, Lina – disse o homem grisalho de dentro do vagão. – Seja rápida com os baldes.

Tive a sensação de estar delirando de febre. Minha cabeça parecia leve, meus passos eram incertos. Assenti e ergui os olhos para nosso vagão. Um grupo de cabeças empilhadas me encarou de volta.

Seus rostos estavam empoeirados, sujos. Andrius fumava um cigarro e olhava para o outro lado. Ainda estava cheio de hematomas.

Urina escorria pelo fundo do vagão. Lá dentro, a filha de Ona chorava. Vi os campos verdes molhados de chuva. *Venha para cá*, chamavam. *Corra*.

Talvez eu devesse fazer isso, pensei. *Vamos lá, Lina*.

– O que houve com ela? – começaram a questionar as vozes dentro do vagão.

Corra, Lina.

Os baldes foram arrancados de minhas mãos. Vi Andrius levá-los embora, mancando. Simplesmente fiquei parada ali, olhando para os campos.

– Lina. Volte para dentro, querida – suplicou mamãe.

Fechei os olhos. A chuva salpicava minha pele e meus cabelos. Vi o rosto de papai olhando para mim do buraco de seu vagão iluminado por um fósforo. *Vou saber que é você... do mesmo modo que você reconhece Munch.*

– *Davai!*

Um agente da NKVD estava postado ao meu lado. Seu hálito recendia a bebida alcoólica. Ele segurou meus braços e me jogou na direção do trem.

Andrius voltou com um balde d'água e outro com a ração cinzenta para animais.

– Espero que tenha aproveitado seu banho – falou.

– O que você viu lá, menina? – quis saber o careca.

– Eu... vi a NKVD atirando cadáveres para fora do trem, na lama. Duas crianças.

As pessoas arquejaram. A porta de nosso vagão se fechou com um baque.

– Quantos anos tinham as crianças mortas? – perguntou Jonas baixinho.

– Não sei. Eu só as vi de longe.

No escuro, mamãe penteava meus cabelos molhados.

– Tive vontade de sair correndo – sussurrei para ela.

– Eu entendo você – disse mamãe.

– Entende mesmo?

– Lina, querer fugir disto aqui é perfeitamente compreensível. Mas, como seu pai disse, temos que ficar juntos. Isso é muito importante.

– Mas como eles podem simplesmente decidir que somos animais? Eles nem nos conhecem – falei.

– Nós nos conhecemos. Eles estão errados. E nunca deixe que ninguém a convença do contrário. Entendeu?

Assenti. Mas eu sabia que algumas pessoas já tinham se deixado convencer. Eu as via se encolher na frente dos agentes da NKVD, sem qualquer esperança no rosto. Queria desenhar todas elas.

– Quando olhei para nosso vagão, todo mundo pareceu doente.

– Bem, não estamos doentes – disse mamãe. – Não estamos. Em breve voltaremos para casa. Quando o resto do mundo descobrir o que os soviéticos estão fazendo, vão pôr fim nesta situação.

Iriam mesmo?

NÓS NÃO ESTÁVAMOS DOENTES, mas outras pessoas, sim. A cada dia, quando o trem parava, nos inclinávamos para fora do vagão e tentávamos contar os corpos jogados na lama. O número crescia diariamente. Reparei que Jonas contava as crianças, fazendo marcas com uma pedra no chão de madeira. Olhei para aquelas marcas e me imaginei desenhando cabecinhas em cima de cada uma – cabelos, olhos, nariz, boca.

As pessoas achavam que estávamos indo para o sul. Quem quer que estivesse olhando pela pequena janela informava os outros quando passávamos por placas ou sinalizações. A vibração das tábuas do piso deixava meus pés dormentes. Minha cabeça estava embotada por causa do fedor e meu corpo inteiro coçava. Piolhos me picavam nas laterais da cabeça junto à linha dos cabelos, atrás das orelhas, debaixo das axilas.

Já tínhamos passado por Vilnius, Minsk, Orsha, Smolensk. Fui anotando a rota das cidades com tinta no meu lenço. A cada dia, quando a porta se abria e a luz entrava, eu acrescentava novos detalhes e pistas que papai pudesse reconhecer – as datas de nossos aniversários, o desenho de um *vilkas* – um lobo. Só desenhava no centro, em um espaço cercado por um círculo de mãos cujos dedos se tocavam. Escrevi as palavras *passé adelante* sob o desenho das mãos e esbocei uma moeda lituana. Quando o lenço estava dobrado, não dava para ver o que estava escrito.

– Está desenhando? – sussurrou o homem grisalho enquanto dava corda no relógio.

Sobressaltei-me.

– Não quis assustá-la – desculpou-se ele. – Não vou contar para ninguém.

– Preciso avisar meu pai – falei em voz baixa. – Para que ele possa nos encontrar. Pensei que poderia passar este lenço adiante e talvez acabasse chegando às mãos dele.

– Muito inteligente – comentou o homem.

Ele tinha sido gentil durante a viagem. Será que merecia minha confiança?

– Preciso entregar o lenço a alguém que entenda sua importância e possa passá-lo adiante.

– Posso ajudar com isso – disse ele.

Estávamos viajando havia oito dias quando sentimos um solavanco e a velocidade do trem começou a diminuir.

Jonas estava junto à janelinha.

– Estamos nos aproximando de um trem que está virado para a direção oposta. Ele está parado.

Nosso vagão se arrastava, cada vez mais lento.

– Estamos parando ao lado do outro trem. Há homens lá dentro. As janelas dos vagões estão abertas – disse Jonas.

– Homens? – perguntou mamãe.

Ela se aproximou da janela depressa, trocou de lugar com Jonas e começou a gritar lá para fora em russo. Os homens responderam. A energia de sua voz aumentou e ela começou a falar depressa, parando para tomar fôlego entre uma pergunta e outra.

– Pelo amor de Deus, mulher – disse o careca. – Pare de bater papo e diga o que está acontecendo. Quem são esses homens?

– Soldados – informou mamãe, animada. – Estão a caminho do front. A Alemanha e a União Soviética estão em guerra. A Alemanha

invadiu a Lituânia – gritou ela. – Vocês me ouviram? Os alemães estão na Lituânia!

Isso deixou todo mundo empolgado. Andrius e Jonas gritaram e deram pulinhos. A Srta. Grybas começou a entoar uma canção que falava sobre voltar para casa. As pessoas se abraçavam e comemoravam.

Ona foi a única que ficou em silêncio. Sua filha acabara de morrer.

O TREM DE SOLDADOS russos se afastou. As portas foram abertas e Jonas pulou do vagão segurando os dois baldes.

Olhei para Ona. Ela estava pressionando a bebê morta contra o seio.

– Não – dizia entre os dentes cerrados, balançando o corpo para a frente e para trás. – Não. Não.

Mamãe avançou na direção dela.

– Ah, querida. Eu sinto tanto.

– NÃO! – gritou Ona, apertando a filha contra si.

Lágrimas quentes fizeram meus olhos ressecados arderem.

– Está chorando por quê? – reclamou o careca. – Você sabia que isso ia acontecer. O que a bebê ia comer, piolhos? Vocês são todos uns idiotas. Ela está melhor do que nós. Se quiserem tanto assim sobreviver e se forem espertos, vão me comer quando eu morrer.

Ele continuou resmungando, daquele jeito desagradável e irritante. Suas palavras começaram a ficar distorcidas. Eu só ouvia o timbre de sua voz martelando em meus ouvidos. O sangue bombeou em meu peito e subiu pelo pescoço.

– SEU MALDITO! – gritou Andrius, partindo para cima do careca.

– Se não calar essa boca, seu velho, vou arrancar sua língua. Eu juro. Vou fazer os soviéticos parecerem gentis.

Ninguém disse nada nem tentou impedir Andrius. Nem mesmo minha mãe. Senti-me aliviada, como se aquelas palavras tivessem saído da minha boca.

– O senhor só pensa em si mesmo – continuou Andrius. – Quando os alemães expulsarem os soviéticos da Lituânia, vamos deixar o senhor aqui nos trilhos do trem para não termos mais que aturá-lo.

– Menino, você não entende. Os alemães não vão resolver o problema. Hitler só vai piorar as coisas – disse o careca. – As malditas listas – resmungou.

– Ninguém mais quer ouvir o senhor, entendeu?

– Ona, querida – disse mamãe. – Me dê a bebê.

– Não a entregue para eles – implorou Ona. – Por favor.

– Nós não vamos entregá-la para os guardas. Eu prometo – disse mamãe. Ela examinou a menina pela última vez, tentando detectar pulso ou respiração. – Vamos enrolar sua filha em alguma coisa bonita.

Ona soluçava. Fui até a janela em busca de um pouco de ar. Jonas voltou com os baldes.

– Por que você está chorando? – perguntou ele ao subir no vagão.

Balancei a cabeça.

– O que houve? – insistiu meu irmão.

– A bebê morreu – disse Andrius.

– A nossa bebê? – perguntou Jonas baixinho.

Andrius assentiu.

Jonas largou os baldes. Olhou na direção de nossa mãe, que segurava a trouxa contendo o bebê, depois tornou a virar-se para mim. Então se ajoelhou e tirou do bolso a pequena pedra para fazer uma marca no chão ao lado das outras. Ele ficou imóvel por um instante, depois começou a bater com a pedra nas marcas que tinha feito, cada vez com mais força. Batia nas tábuas do piso com tanta violência que pensei que fosse quebrar a mão. Comecei a andar na sua direção. Andrius me deteve.

– Deixa ele.

Olhei para Andrius, sem entender.

– É melhor ele se acostumar – disse o rapaz.

Acostumar-se com o quê, com a sensação de raiva descontrolada? Ou com uma tristeza tão profunda que era como se a sua própria alma tivesse sido arrancada de dentro de você e forçada de volta goela abaixo, como aquela ração saída de um balde imundo?

Olhei para Andrius, cujo rosto ainda estava todo marcado. Ele reparou no meu olhar.

– Você já se acostumou? – perguntei.

Um músculo se contraiu em seu maxilar. Ele tirou uma guimba de cigarro do bolso e acendeu.

– Já – respondeu ele, soprando no ar uma coluna de fumaça. – Já me acostumei.

As pessoas conversavam sobre a guerra e sobre como os alemães poderiam nos salvar. Pela primeira vez, o careca não falou nada. Perguntei-me se o que ele tinha dito sobre Hitler era verdade. Será que estávamos trocando a foice de Stalin por algo ainda pior? Ninguém parecia acreditar nisso. Papai saberia a resposta. Ele sempre sabia essas coisas, mas nunca conversava sobre elas comigo. Conversava com mamãe. Às vezes, à noite, eu escutava sussurros e murmúrios no quarto deles. Sabia que isso significava que estavam conversando sobre os soviéticos.

Pensei em papai. Será que ele sabia sobre a guerra? Será que sabia que estávamos todos com piolho, amontoados com uma bebê morta? Será que sabia como eu sentia sua falta? Apertei o lenço no bolso pensando em seu rosto sorridente.



- Não se mexa! – reclamei.
- Estava coçando – disse meu pai com um sorriso.
- Mentira, você está querendo dificultar as coisas – provoquei, tentando reproduzir seus olhos azuis brilhantes.
- Estou só testando você. Os verdadeiros artistas são capazes de captar o momento.
- Mas, se você não ficar quieto, seus olhos vão sair tortos – falei, usando o lápis para sombrear a lateral de seu rosto.
- Eles já são tortos – disse ele, fingindo-se de vesgo.

Eu ri.

- O que sua prima Joana tem contado?
- Ultimamente, nada. Mandeí para ela um desenho daquele chalé em Nida do qual ela gostou no verão passado. Mas não recebi sequer um recadinho de volta. Mamãe disse que ela recebeu o desenho, mas está ocupada com os estudos.

- Está mesmo – confirmou papai. – Ela quer ser médica, sabe?

Eu sabia. Joana sempre falava sobre medicina e sua vontade de ser pediatra. Vivia interrompendo meus desenhos para falar sobre os tendões dos meus dedos ou as minhas articulações. Bastava eu dar um simples espirro para ela recitar uma lista de doenças contagiosas que poderiam me matar antes que o dia acabasse. No verão anterior, ela havia conhecido um menino durante as férias em Nida. Eu esperava acordada todas as noites para ouvir detalhes de seus encontros. Aos 17 anos, Joana tinha sabedoria e experiência, além de um livro de anatomia que me deixava fascinada.

- Pronto – falei, terminando o desenho. – O que acha?
- O que é isto aqui? – perguntou meu pai apontando para o papel.
- Minha assinatura.
- Sua assinatura? É um garrancho, isso sim. Ninguém vai reconhecer seu nome.

Dei de ombros.

- Você vai.

AVANÇAMOS MAIS PARA O SUL, passando pelos montes Urais. A Srta. Grybas explicou que os Urais eram a fronteira entre a Europa e a Ásia. Tínhamos entrado em outro continente. As pessoas diziam que estávamos a caminho do sul da Sibéria, ou talvez até da China ou da Mongólia.

Passamos três dias tentando tirar a filha de Ona do vagão, mas sempre que as portas se abriam o guarda ficava por perto. O cheiro de carne podre era insuportável e me dava náuseas.

Ona finalmente concordou em jogar a bebê pelo buraco da latrina. Ela se ajoelhou junto à abertura soluçando, segurando a trouxa nos braços.

– Pelo amor de Deus – gemeu o careca. – Jogue essa coisa fora. Não estou conseguindo respirar.

– Fique quieto! – gritou mamãe.

– Não consigo – choramingou Ona. – Ela vai ser esmagada nos trilhos.

Minha mãe foi para junto de Ona, mas, antes que pudesse alcançá-la, a Srta. Grybas arrancou a trouxa de suas mãos e a jogou pelo buraco. Prendi a respiração. A Sra. Rimas gritou.

– Pronto – disse a Srta. Grybas. – Está feito. É sempre mais fácil para alguém que não tenha nenhum vínculo.

Ela limpou as mãos no vestido e ajeitou o coque na cabeça. Ona se jogou nos braços de mamãe.

Jonas não desgrudava de Andrius. Meu irmão parecia sempre zangado, muito diferente de seu temperamento dócil habitual.

Andrius havia lhe ensinado algumas gírias em russo que eu tinha escutado os agentes da NKVD usarem. Isso me enfureceu. Eu sabia que também acabaria tendo que aprender um pouco de russo, mas pensar nisso me deixava com raiva.

Certa noite, vi a brasa de um cigarro iluminar o rosto de Jonas. Quando reclamei com mamãe, ela me disse para deixá-lo em paz.

– Lina, todas as noites agradeço a Deus por ele ter Andrius e você também deveria ser grata por isso.

Meu estômago se corroía por dentro. Eu tinha câibras de fome a intervalos regulares. Embora mamãe se esforçasse para que tivéssemos horários fixos, perdi a noção do tempo e às vezes pegava no sono durante o dia. Minhas pálpebras já estavam se fechando quando ouvi as vozes.

– Como vocês puderam fazer isso? Ficaram loucos? – berrava uma voz aguda de mulher no vagão.

Sentei-me e estreitei os olhos, tentando ver o que estava acontecendo. A Srta. Grybas estava em pé ao lado de Jonas e Andrius. Tentei chegar até eles.

– E Dickens, ainda por cima! Como se atrevem? Estão se transformando nos animais como os quais eles nos tratam!

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Seu irmão e Andrius estão fumando! – bradou ela.

– Minha mãe já sabe – falei.

– Fumando livros! – disse ela, esfregando uma edição de capa dura na minha cara.

– Nosso cigarro acabou – contou Jonas baixinho –, mas Andrius tinha tabaco.

– Srta. Grybas, deixe que eu resolvo isso – intercedeu mamãe.

– Os soviéticos nos prenderam porque somos pessoas bem informadas, cultas. Fumar as páginas de um livro é simplesmente... Onde vocês estão com a cabeça? – questionou a Srta. Grybas. – Onde arrumaram este livro?

Dickens. Eu tinha trazido na mala *As aventuras do Sr. Pickwick*. Vovó me dera aquele livro de presente no último Natal antes de sua morte.

– Jonas! Você pegou meu livro. Como pôde fazer isso?

– Lina – começou minha mãe.

– Fui eu quem pegou seu livro – disse Andrius. – A culpa é minha.

– Estou certa disso – falou a Srta. Grybas. – Desencaminhando esse menino tão novinho. Você deveria ter vergonha.

A Sra. Arvydas estava dormindo do outro lado do vagão, totalmente alheia ao que acontecia.

– Seu idiota! – gritei para Andrius.

– Eu consigo outro para você – disse ele.

– Não consegue, não. Foi um presente – falei. – Jonas, foi vovó que me deu esse livro.

– Eu sinto muito – disse Jonas, baixando os olhos para o próprio peito.

– E deveria sentir mesmo! – berrei.

– Lina, a ideia foi minha – falou Andrius. – Não é culpa dele.

Fiz um gesto de desdém para Andrius. Por que meninos têm que ser tão estúpidos?

SEMANAS. PERDI A CONTA de quanto tempo fazia que estávamos viajando. Parei de ficar olhando os cadáveres serem jogados para fora dos vagões. Sempre que o trem partia, deixávamos uma trilha de corpos atrás de nós. O que as pessoas iriam pensar se os vissem? Será que alguém iria enterrá-los ou achariam mesmo que eram ladrões e prostitutas? Eu tinha a sensação de estar montada em um pêndulo. Quando me achava à beira do abismo da desesperança, ele voltava para o outro lado por causa de alguma pequena bondade.

Certo dia, por exemplo, logo depois de passarmos por Omsk, paramos na zona rural. Lá fora havia uma pequena banca. Mamãe subornou um dos guardas para que a deixasse descer. Voltou correndo com a saia pesada e cheia de coisas. Ajoelhou-se no vagão e soltou a saia. Balas, caramelos, pirulitos, montanhas de balas de goma e outras guloseimas se espalharam pelo chão, surgindo à nossa frente como um arco-íris. Havia cores brilhantes por toda parte – rosa, amarelo, verde, vermelho, o suficiente para todo mundo. As crianças davam guinchos e pulinhos de prazer. Mordi uma bala de goma. O sabor de limão explodiu em minha boca. Jonas e eu rimos.

Para os adultos, mamãe havia trazido cigarros, fósforos e biscoitos de chocolate meio amargo.

– Eles não tinham pão nem nada mais nutritivo – explicou mamãe enquanto dividia o tesouro entre as pessoas. – Também não tinham jornais.

As crianças, encantadas, agarravam as pernas de mamãe para lhe agradecer.

– Mulher idiota. Por que está gastando seu dinheiro conosco? – perguntou o careca.

– Porque vocês estão com fome e cansados – respondeu ela, estendendo-lhe um cigarro. – E sei que o senhor faria o mesmo pelos meus filhos se um dia eles precisassem.

– Ora – desdenhou ele e olhou para o outro lado.

Dois dias depois, quando saiu para abastecer os baldes, Andrius encontrou uma pedra oval cheia de quartzo e outros minerais. Ela foi passada de mão em mão e todos se admiravam ao vê-la. A Sra. Arvydas fez uma brincadeira e a pôs junto ao dedo como se fosse uma pedra preciosa cintilante.

– Vocês não sabiam? – perguntou ela. – Eu sou a princesa do vagão.

Nós rimos. As pessoas sorriam. Eu quase não as reconhecia. Olhei para Andrius. Seu rosto estava iluminado por um sorriso que modificava completamente sua aparência. Ficava bonito quando sorria.

DEPOIS DE SEIS SEMANAS de viagem, no terceiro dia sem comida, o trem parou. Ninguém veio abrir a porta. O careca, que vinha registrando nosso trajeto graças aos nomes das cidades vistos pela brecha que nos servia de janela, calculou que estivéssemos em algum ponto da região de Altai, ao norte da China. Tentamos espiar por entre as tábuas, mas estava escuro lá fora. Batemos nas portas. Ninguém apareceu. Pensei no pão que tinha deixado sobre minha escrivaninha, ainda quente e macio, recém-saído do forno. Ah, se eu pudesse comer um pedacinho. Só um pedacinho.

Meu estômago queimava de tanta fome e minha cabeça latejava. Eu sentia falta de desenhar em papel de verdade e com a luz apropriada. Estava farta de ficar tão perto de outras pessoas. Podia sentir seu hálito rançoso por toda parte. Cotovelos e joelhos não paravam de cutucar minhas costas. Às vezes eu tinha vontade de empurrar todo mundo para longe de mim, mas não adiantaria. Nós parecíamos fósforos dentro de uma caixinha.

Quando a manhã já estava no fim, ouvimos estalos de metal. Os guardas abriram a porta e disseram que iríamos sair. Finalmente. Meu corpo inteiro tremeu com o choque da luz do dia. Escrevi “Altai” em meu lenço.

– Lina, Jonas, venham aqui pentear os cabelos – instruiu minha mãe.

Ela alisou nossas roupas, um esforço inútil, e me ajudou a fazer um coque. Com os cabelos daquele jeito, minha cabeça coçava ainda mais.

– Lembrem-se: temos que ficar juntos. Não se afastem de mim nem se distraiam. Entenderam?

Assentimos. Mamãe continuava segurando o sobretudo com força debaixo do braço.

– Onde estamos? – perguntou Jonas. – Eles vão nos dar um balde d'água?

– Ainda não sei – disse mamãe, ajeitando os próprios cabelos.

Ela pegou um batom e, com a mão fraca, passou nos lábios o bastão gasto. Jonas sorriu. Ela retribuiu com uma piscadela.

Os agentes da NKVD estavam a postos com seus fuzis com baionetas. As lâminas em forma de adaga refletiam o sol. Eles podiam nos apunhalar em uma fração de segundo. A Srta. Grybas e a Sra. Rimas ajudaram as crianças menores a descer primeiro e nós fomos em seguida. Andrius e o homem grisalho carregaram o careca para fora do vagão.

Não estávamos em uma estação. Estávamos em um vale amplo e profundo, cercado por morros cobertos de florestas. Vi montanhas ao longe. O céu nunca me parecera tão azul, tão lindo. Tive que proteger os olhos do sol forte. Respirei fundo e senti o ar fresco e limpo entrar em meus pulmões poluídos. A NKVD instruía os deportados de cada vagão a se sentarem em grupos sobre a grama, a 20 metros dos trilhos. Recebemos dois baldes de papa e água. As crianças correram para os baldes.

Era a primeira vez que eu via os outros passageiros. Havia milhares de pessoas. Será que o nosso aspecto era tão lamentável quanto o deles? Uma horda de lituanos com malas rotas e bolsas estufadas foi sendo despejada no vale, pessoas sujas, com roupas imundas, que pareciam ter passado anos dentro de um esgoto. Todos se moviam em câmera lenta, alguns fracos demais até para carregar seus pertences.

Assim como a maioria, eu não conseguia controlar minhas pernas. Muitos não suportavam o peso do próprio corpo e

desabavam no chão.

– Precisamos nos alongar antes de sentar, meu amor – disse mamãe. – Com certeza nossos músculos se atrofiaram nessas últimas semanas.

Jonas começou a se alongar. Ele parecia um mendigo imundo. Tinha os cabelos louros colados à cabeça em tufo emaranhados e seus lábios estavam secos e rachados. Meu irmão virou-se para mim e arregalou os olhos. Eu podia imaginar meu estado. Nós nos sentamos e a grama foi como uma bênção. Parecia um colchão de penas se comparada ao chão do vagão. Mas eu ainda podia sentir o sacolejo do trem, como se aquele movimento estivesse preso ao meu corpo.

Olhei para os demais ocupantes de nosso vagão. Eles me olharam de volta. A luz do dia nos revelou os desconhecidos com os quais havíamos compartilhado uma caixa escura durante seis semanas. Ona era apenas alguns anos mais velha do que eu. Estava escuro quando eles a jogaram dentro do vagão diante do hospital. A Sra. Arvydas era mais bonita do que sua sombra. Tinha o corpo benfeito, cabelos castanhos lisos e lábios carnudos. A Sra. Rimas era uma mulher baixinha de tornozelos grossos, mais ou menos da idade de mamãe.

As pessoas tentavam se comunicar com outros grupos, à procura de familiares e entes queridos. O homem grisalho, que vivia dando corda no relógio, se aproximou de mim.

– Você tem um lenço para me emprestar? – perguntou.

Assenti e entreguei-lhe depressa o lenço, bem dobrado para esconder o que eu havia escrito.

– Obrigado – disse ele, encostando o lenço no nariz.

Então virou as costas para mim e saiu andando em meio à multidão. Fiquei olhando enquanto ele cumprimentava com um aperto de mão um homem que sem dúvida havia reconhecido, passando-lhe o lenço discretamente. O homem enxugou a testa

com o lenço antes de guardá-lo no bolso. Passem adiante, pensei e imaginei o lenço viajando de mão em mão até chegar a papai.

– Elena, olhe – disse a Sra. Rimas. – Carroças puxadas por cavalos.

Minha mãe se levantou e olhou para as fileiras de pessoas.

– Há homens acompanhando os agentes da NKVD. Estão andando entre os grupos.

Andrius usou os dedos para pentear os cabelos ondulados. Ele não parava de olhar em volta, ao mesmo tempo observando os guardas e mantendo a cabeça baixa. Era normal que estivesse nervoso. Seu rosto havia sarado, mas ainda estava amarelado, com resquícios dos hematomas. Será que alguém iria reconhecê-lo? Será que iriam levá-lo embora ou matá-lo ali na nossa frente? Cheguei mais perto, tentando posicionar meu corpo para esconder o dele. Mas ele era mais alto e tinha os ombros largos. Olhei para as baionetas, para suas pontas afiadas, e senti um frio na barriga.

Ona começou a chorar ruidosamente.

– Cale a boca – ordenou o careca. – Desse jeito vai chamar atenção para nós.

– Por favor, não chore – pediu Andrius, olhando alternadamente para Ona e para os guardas.

As pessoas que estavam perto da frente do trem foram obrigadas a subir em duas carroças que as levaram embora. Fiquei olhando a NKVD percorrer os grupos junto com alguns homens. Estes tinham um aspecto estranho: certamente não eram lituanos nem russos. Tinham a pele mais escura, cabelos pretos e um aspecto desleixado, primitivo. Pararam diante do grupo ao nosso lado e começaram a conversar com os agentes.

– Elena, o que eles estão dizendo? – perguntou a Sra. Rimas.

Mamãe não respondeu.

– Elena?

– Eles estão... – Ela se calou.

- Estão o quê? – insistiu a Sra. Rimas.
- Eles estão nos vendendo – sussurrou ela.

FIQUEI OLHANDO OS HOMENS percorrerem os grupos, avaliando a mercadoria. Eles mandavam as pessoas ficarem em pé, se virarem e mostrarem as mãos.

– Mamãe, por que estão nos vendendo? – perguntou Jonas. – Para onde estamos indo?

– Elena – disse a Sra. Arvydas –, você tem que dizer a eles que Andrius é retardado. Por favor. Senão vão tirá-lo de mim. Andrius, abaixe a cabeça.

– Eles estão nos vendendo em grupos – informou minha mãe.

Olhei para as pessoas à nossa volta. Éramos na maioria mulheres e crianças, com apenas dois homens idosos. Mas tínhamos Andrius. Apesar dos ferimentos, ele parecia forte e capaz.

– Nós queremos ser comprados? – perguntou Jonas.

Ninguém respondeu. Um agente se aproximou acompanhado de um homem. Os dois pararam em frente ao nosso grupo. Todos olharam para o chão, menos eu. Não consegui me controlar. Encarei o agente, que parecia descansado, limpo e bem alimentado. Vi mamãe tossir dentro da mão fechada, discretamente tentando tirar o batom. O homem mal-ajambrado apontou para ela e disse alguma coisa para o agente. Este fez que não com a cabeça e, com um gesto circular, indicou nosso grupo como um todo. O homem tornou a apontar para minha mãe e em seguida fez um gesto obsceno. O agente riu e começou a sussurrar alguma coisa. O homem continuou examinando nosso grupo e então apontou para Andrius.

O guarda se aproximou de Andrius e gritou uma ordem. Ele não se mexeu. Eu estava com o coração na mão.

– Ele é retardado... deixem-no em paz – disse a Sra. Arvydas. – Elena, diga a eles.

Mamãe pronunciou uma palavra em russo. O guarda agarrou Andrius pelos cabelos e levantou seu rosto. O rapaz o encarou com um olhar inexpressivo. Ona chorava e se balançava para a frente e para trás. O Sr. Stalas soltou um gemido e grunhiu alguma coisa. Com um ar de repulsa, o homem fez um aceno com a mão em direção ao nosso grupo e se afastou.

Outros grupos foram comprados, postos em carroças e levados embora pelo vale, até desaparecerem no horizonte, onde as bases dos morros se encontravam, formando um V. Terminamos de consumir as últimas gotas de papa rala e água, enquanto discutíamos se queríamos ou não ser comprados.

Alguém falou em fugir. A alternativa de sair correndo foi cogitada por alguns instantes, até um tiro ecoar seguido por gritos perto da frente do trem. A menininha da boneca começou a chorar.

– Elena – disse a Sra. Rimas. – Pergunte a um dos guardas para onde eles estão levando as pessoas.

Mamãe tentou falar com um guarda, mas ele a ignorou. Por ora, eu estava pouco ligando para o que iria acontecer. A grama tinha o cheiro de cebolinha fresca e a luz do sol me enchia de força. Eu me levantei e comecei a me espreguiçar.

As crianças se dispersaram um pouco e os guardas não pareceram se importar. A NKVD começou a inspecionar os vagões, parando apenas para gritar que éramos animais imundos e que havíamos emporcalhado o trem. A locomotiva apitou, preparando-se para partir.

– Eles vão voltar para pegar mais gente – disse Andrius.

– Você acha? – perguntou Jonas.

– Não vão parar até terem se livrado de todos nós – afirmou Andrius.

HORAS SE PASSARAM e o sol começou a baixar. Restavam apenas dois grupos. A mulher ranzinza pôs-se a andar de um lado para outro, batendo os pés no chão com força e gritando conosco. Segundo ela, mamãe tinha feito nosso grupo parecer fraco e agora eles provavelmente iriam matar todo mundo a tiros.

– Que matem, então – disse o careca. – Estou dizendo a vocês, vai ser melhor assim.

– Mas eles iam nos transformar em escravos – argumentou a Sra. Arvydas.

– Um pouquinho de trabalho não iria lhe fazer mal – respondeu a mulher ranzinza. – Eles provavelmente só querem que façamos trabalho braçal. Foi por isso que levaram os outros grupos primeiro, porque a maioria de vocês está com um aspecto muito fraco. Fui criada numa fazenda. Não tenho medo de sujar as mãos.

– Então a senhora acaba de ser escolhida para encontrar um pouco de comida – disse Andrius. – Agora deixe nossas mães em paz.

Jonas e eu estávamos deitados na grama tentando alongar nossos músculos enrijecidos. Andrius se juntou a nós, botou as mãos atrás da cabeça e ergueu os olhos para o céu.

– Sua testa está ficando vermelha – falei.

– Uma queimadura de sol é a menor das minhas preocupações – respondeu Andrius. – Não quero ficar de costas para os guardas. Quem sabe se pegarmos uma corzinha seremos comprados e transformados em escravos soviéticos, como aquela bruxa quer.

Jonas imitou Andrius e se virou de costas.

– Contanto que possamos ficar juntos. Papai disse que isso é importante.

– Sou obrigado a ficar com minha mãe, não tenho alternativa. Estou surpreso por ela ter chegado até aqui – disse Andrius, olhando na direção da mãe. A Sra. Arvydas estava espantando moscas com seu lenço de seda, o que a fazia se desequilibrar. – Ela não é exatamente uma mulher resistente.

– Você tem irmãos? – perguntou Jonas.

– Não – respondeu Andrius. – Minha mãe não gostou de ficar grávida. Meu pai disse que, como já tinha um filho homem, não precisava de mais nenhum.

– Meu pai disse que eles um dia vão nos dar outro irmão ou irmã. Eu acho que gostaria de ter um irmão – disse Jonas. – Mas o que você acha que todo mundo está fazendo lá na nossa cidade? Será que estão imaginando o que aconteceu conosco?

– Se estiverem, estão assustados demais para fazer qualquer pergunta a respeito – disse Andrius.

– Mas por quê? E por que nós fomos mandados embora? – indagou Jonas.

– Porque estávamos na lista – falei.

– Mas por que estávamos na lista? – insistiu ele.

– Porque papai trabalha na universidade – respondi.

– Mas a Sra. Raskunas também trabalha na universidade e não a trouxeram – disse meu irmão.

Ele tinha razão. A Sra. Raskunas ficara espiando por trás da cortina enquanto éramos levados no meio da noite. Eu a vira nos observando. Por que a família dela não tinha sido capturada? Por que eles ficaram escondidos atrás da cortina em vez de tentar impedi-los de nos deportar? Papai nunca teria feito isso.

– Posso entender por que o careca está na lista – falei. – Ele é horrível.

– Ele está bem ansioso para morrer, não é? – comentou Andrius, fitando o céu.

– Sabe de uma coisa? – interveio Jonas. – Quando olho para o céu, é como se estivesse deitado na grama em casa, na Lituânia.

Aquilo soou como algo que mamãe teria dito, para dar um toque de cor a um retrato em preto e branco.

– Olhem – prosseguiu Jonas –, aquela nuvem parece um canhão.

– Faça com que ela exploda os soviéticos – falei, correndo os dedos pelas folhas de grama. – Eles merecem.

Andrius virou a cabeça para mim. Seu olhar demorado me deixou encabulada.

– O que foi? – perguntei.

– Você parece ser sempre cheia de opiniões.

– Era o que papai dizia. Viu, Lina, você tem que tomar cuidado – disse Jonas.



A porta do meu quarto se abriu.

– Lina, quero falar com você na sala – disse papai.

– Por quê? – perguntei.

– Na sala, AGORA! – Ele saiu do quarto bufando.

– Mamãe, o que houve?

– Você ouviu seu pai, Lina. Vá para a sala.

Nós duas saímos para o corredor.

– Vá dormir, Jonas – disse mamãe sem nem olhar na direção do quarto de meu irmão.

Olhei para lá. Jonas espiava pela porta, com os olhos arregalados.

Papai estava soltando fumaça e o alvo de sua fúria era eu. Mas o que eu tinha feito? Entrei na sala.

– É com esse tipo de coisa que você desperdiça seu talento?

Ele encostou uma folha de papel na minha cara.

– Era brincadeira, papai – expliquei.

– VOCÊ acha que é brincadeira. E se o Kremlin não achar a mesma coisa? Pelo amor de Deus, as reproduções estão perfeitas!

Ele deixou o papel cair no meu colo.

Olhei para o desenho. A semelhança era incrível. Mesmo vestido de palhaço, aquele obviamente era Stalin. Eu o havia desenhado em pé na nossa sala de jantar, com papai e os amigos sentados em volta da mesa, jogando aviõezinhos de papel na sua direção. Os homens riam. Seu rosto de palhaço era triste enquanto os aviõezinhos acertavam sua cabeça. Papai e o Dr. Seltzer também estavam iguaizinhos. Eu ainda não havia conseguido reproduzir com exatidão o queixo do jornalista.

– Tem algum outro? – quis saber meu pai, arrancando o papel da minha mão.

– Era para ser divertido – disse uma vozinha. Jonas estava em pé no corredor, de pijama. – Por favor, papai, não fique bravo.

– Você também estava metido nisso? – berrou meu pai.

– Ah, Jonas – disse mamãe.

– Ele não participou! Desenhei sozinha. Mostrei a ele porque achei engraçado.

– Você mostrou isto aqui a mais alguém? – perguntou meu pai.

– Não. Fiz hoje à tarde – respondi.

– Lina – disse mamãe. – Isso é muito sério. Os soviéticos poderiam ter prendido você se vissem seu desenho.

– Mas como eles iriam ver? Eu o joguei fora – argumentei.

– E se alguém o tivesse encontrado no lixo como eu encontrei? Um vento poderia ter soprado isso até os pés de Stalin – disse papai. – Você retratou seu pai e os amigos do seu pai zombando do líder da União Soviética! Tem mais algum desenho? – quis saber ele.

– Não, só esse.

Papai rasgou meu desenho e jogou os pedaços na lareira.



Andrius continuava me olhando.

– É isso que você quer? – perguntou ele por fim. – Explodir os soviéticos?

Virei-me e olhei para ele.

– Só quero ir para casa. Quero ver meu pai – falei.

Ele assentiu.

QUANDO A NOITE CAIU, restavam dois grupos. A maioria dos homens da NKVD tinha ido embora com o trem. Ficaram apenas cinco soldados armados e dois caminhões. Eram quase 75 lituanos e apenas cinco soviéticos, mas ainda assim ninguém ousava se mexer. Acho que a maioria estava cansada e enfraquecida demais. A grama era uma boa cama e aquele espaço todo era um luxo. Anotei mentalmente alguns pontos de referência que mais tarde poderia desenhar para papai.

Os agentes da NKVD acenderam uma fogueira e prepararam o jantar enquanto ficávamos sentados olhando. Eles tinham comida enlatada americana, pão e café. Depois do jantar, beberam vodka, fumaram cigarros e o volume de suas vozes foi ficando cada vez mais alto.

– O que eles estão dizendo? – perguntei a mamãe.

– Estão falando sobre suas casas, sobre os lugares de onde vieram. Estão contando histórias sobre seus amigos e parentes.

Não acreditei. Fiquei escutando as palavras em russo. O tom das vozes dos soldados e suas gargalhadas não condiziam com uma conversa sobre familiares. Ona recomeçou seu lamento. Ela havia adquirido o hábito de ficar entoando “Não, não, não, não” sem parar. Um dos agentes da NKVD se levantou e gritou, acenando com a mão em direção ao nosso grupo.

– É melhor eu tentar fazer com que ela se cale – disse mamãe, levantando-se –, antes que os guardas se zanguem.

Jonas já estava dormindo. Eu o cobri com meu casaco azul e afastei seus cabelos dos olhos. O careca roncava. O homem grisalho dava corda no relógio. Andrius estava sentado um pouco afastado do grupo, com um dos joelhos dobrado contra o peito, observando os homens que faziam a guarda.

Andrius tinha um perfil marcante, o queixo anguloso. Uma mecha de cabelos despenteados caía perfeitamente pela lateral de seu rosto. Eu precisaria de um lápis macio para desenhá-la. Ele me flagrou fitando-o. Olhei para o outro lado depressa.

– Ei – sussurrou ele para mim.

Ergui os olhos. Alguma coisa rolou pela grama e acertou minha perna. Era a pedra com quartzos brilhantes que ele havia encontrado no dia em que saltara do trem.

– A joia da coroa da princesa do vagão – sussurrei, sorrindo.

Ele assentiu com uma risada.

Peguei a pedra para fazê-la rolar de volta até ele.

– Não, fique com ela – disse Andrius.

Acordamos com o nascer do sol. Algumas horas depois, uma carroça apareceu, escolheu o outro grupo e levou-o embora. Os agentes então nos fizeram subir na traseira de dois caminhões e atravessamos o vale até depois do ponto onde começava uma estrada. Ninguém dizia nada. Estávamos assustados demais para falar sobre nosso possível destino.

No caminhão, dei-me conta de que fugir teria sido ridículo. Não havia nada num raio de muitos quilômetros. Não vimos ninguém nem passamos por outro veículo. Pensei no homem que tinha levado meu lenço e torci para que o houvesse passado adiante, fazendo-o chegar mais perto de papai. Duas horas depois, vimos casebres despontarem junto à estrada. Entramos no que parecia ser

uma área habitada e o caminhão parou em frente a uma construção de madeira. Os homens da NKVD saltaram gritando “*Davai! Davai!*” e outras instruções.

– Eles estão dizendo para deixarmos a bagagem nos caminhões – anunciou mamãe, segurando com força o sobretudo pendurado no braço.

– Antes de sair, quero saber para onde estamos indo – exigiu a Sra. Arvydas.

Mamãe tentou falar com os guardas. Então se virou e sorriu.

– É uma casa de banhos.

Pulamos do caminhão. Mamãe dobrou o sobretudo e o pôs dentro da mala. Os guardas nos dividiram em grupos de homens e mulheres.

– Meninos, carreguem-me – disse o careca para Andrius e Jonas.
– Vocês vão ter que me dar banho.

Jonas parecia petrificado e Andrius, enojado. Dei um sorriso, o que pareceu irritá-lo ainda mais. Os homens foram na frente. Os agentes mandaram-nos subir para a varanda e começaram a gritar bem na cara deles, empurrando-os. Jonas olhou para mamãe esperando que ela traduzisse.

– Tire a roupa, querido – disse ela.

– Agora? Aqui? – perguntou Jonas, olhando para todas as mulheres e meninas à sua volta.

– Nós vamos virar de costas, não é, senhoras? – falou mamãe.

Todas demos as costas para o prédio.

– Não faz sentido ficar com vergonha agora – disse o Sr. Stalas. – Nós não passamos de esqueletos. Tire minha calça, menino. Ai! Cuidado com minha perna.

Ouvi o Sr. Stalas reclamar e Jonas pedir desculpas. Uma fivela de cinto bateu no piso de madeira da varanda. Perguntei-me se era o cinto de Andrius. Os guardas gritavam.

– Ele está dizendo para vocês deixarem as roupas aqui, que elas vão ser desinfetadas por causa dos piolhos – traduziu mamãe.

Senti um cheiro esquisito. Não soube dizer se vinha do nosso grupo de mulheres ou da casa de banhos. Dentro do prédio, ouvimos o careca gritar.

Mamãe se virou e apertou as mãos uma na outra.

– Jonas, meu anjo – sussurrou.

FICAMOS ESPERANDO.

– O que está acontecendo lá dentro? – perguntei.

Mamãe balançou a cabeça. Três soldados da NKVD estavam em pé na varanda. Um deles vociferou mais uma ordem.

– Dez de cada vez – disse minha mãe. – Devemos ir até a varanda e tirar a roupa.

Eu e ela fomos no primeiro grupo, junto com a Sra. Arvydas, a mulher ranzinza e suas duas filhas. Mamãe ajudou Ona a subir na varanda. Desabotoei meu vestido e o tirei pela cabeça, desfiz a trança dos cabelos e tirei as sandálias. Mamãe estava de calcinha e sutiã, ajudando Ona. Os homens nos encaravam da varanda. Hesitei.

– Está tudo bem, querida – disse ela. – Pense em como vai ser bom se sentir limpa outra vez.

Ona começou a choramingar.

Um agente jovem e louro acendeu um cigarro, virou as costas e olhou na direção do caminhão. Outro homem da NKVD continuou nos encarando, sorrindo e mordendo o lábio inferior.

Tirei minhas roupas de baixo e fiquei em pé na varanda, tentando esconder minha nudez com as mãos. Ao meu lado, a Sra. Arvydas não conseguia esconder os seios volumosos com o braço fino. Um homem que tinha um dente de ouro e parecia estar no comando percorreu a varanda parando e olhando cada uma das mulheres, observando-nos de alto a baixo. Parou na frente da Sra. Arvydas.

Ela não levantou a cabeça. O comandante girou um palito na boca com a língua e arqueou as sobrancelhas, violentando-a com o olhar.

Enojada, deixei escapar um arquejo. Mamãe virou a cabeça para mim com um movimento brusco. Ele me segurou pelos braços e os colocou contra as laterais do meu corpo. Olhou-me dos pés à cabeça e sorriu. Então estendeu a mão e apalpou meu seio. Senti suas unhas mal cortadas arranharem minha pele.

Era a primeira vez que eu ficava nua na frente de um homem. O toque do comandante, sua mão bruta sobre meu corpo, tudo isso me deu náuseas e fez com que me sentisse mais suja por dentro do que eu estava por fora. Tentei cruzar os braços. Mamãe gritou alguma coisa em russo e me puxou para trás de Ona.

A parte interna das coxas de Ona e suas nádegas estavam sujas de placas de sangue coagulado. O comandante começou a gritar com minha mãe. Ela tirou o resto das roupas e passou o braço em volta de mim. Eles nos fizeram entrar na casa de banhos.

HAVIA UM GUARDA a uma pequena distância. Ele mergulhou uma pá dentro de um balde e jogou uma espécie de pó branco sobre nós. Os chuveiros foram acionados e soltaram um jato gelado.

– Precisamos nos apressar – disse mamãe. – Não sei quanto tempo eles vão nos dar.

Ela pegou um pedacinho de sabonete e começou a esfregar minha cabeça e meu rosto, ignorando seu próprio corpo. Fiquei olhando os rios marrons de sujeira escorrerem por minhas pernas e tornozelos até sumirem no ralo. Tive vontade de ser sugada junto com a sujeira, para longe daqueles homens e de toda aquela humilhação.

– Continue esfregando, Lina, depressa – disse mamãe, virando-se para dar banho em Ona.

Fiquei em pé sob o jato d'água, tremendo, lavando meu corpo da melhor maneira possível e torcendo para que os guardas não estivessem nos esperando do lado de fora.

Ensaboei as costas de minha mãe e tentei lavar seus cabelos. A Sra. Arvydas estava em pé sob o jato d'água, com as mãos erguidas graciosamente acima da cabeça, alheia a tudo, como se estivesse na privacidade do banheiro de sua casa. Os chuveiros foram desligados.

Contornamos a parede e tornamos a pegar nossas roupas. Rapidamente enfiei o vestido pela cabeça e senti alguma coisa bater em minha coxa. A pedra que Andrius tinha me dado. Enfiei a mão no bolso, procurando sua borda lisa.

Mamãe penteou meus cabelos com os dedos. Olhei para seu rosto molhado. A água escorria de seus cabelos louros ondulados, pingando sobre os ombros.

– Quero ir para casa – sussurrei, tremendo. – Por favor.

Ela deixou as roupas caírem no chão e me deu um abraço forte e demorado.

– Nós iremos. Continue pensando em seu pai e na nossa casa. Precisamos mantê-los vivos em nossos corações. – Ela me soltou e olhou para mim. – Se fizermos isso, vamos chegar lá.

Os homens já estavam dentro do primeiro caminhão. Quando saímos, outro grupo de mulheres e crianças estava em pé na varanda, todos nus.

– Está se sentindo melhor, querido? – perguntou mamãe, sorrindo para Jonas enquanto subia no caminhão.

Ela se apressou em verificar se seu sobretudo estava na mala. Jonas parecia bem melhor, tanto na aparência quanto na disposição. Andrius também. Seus cabelos molhados estavam lustrosos, cor de canela escura.

– Agora somos homens mortos limpos. E daí? – disse o careca.

– Se fôssemos homens mortos, eles não teriam nos deixado tomar banho – disse o homem do relógio.

– Olhe! Havia cabelos loiros debaixo de toda aquela sujeira – disse Andrius, estendendo a mão e segurando uma mecha dos meus cabelos.

Eu me encolhi e olhei para o outro lado. Mamãe passou o braço em volta dos meus ombros.

– O que houve, Lina? – perguntou Jonas.

Ignorei meu irmão. Pensei no agente que tinha me tocado e em todas as coisas que eu deveria ter feito – dado um tapa ou um chute nele, gritado na sua cara. Levei a mão ao bolso e segurei a pedra que Andrius me dera. Apertei-a com toda a força, tentando quebrá-la.

– Você acha que, agora que fizemos uma sauna, eles vão nos levar para saborear uma refeição completa? – brincou a Sra. Rimas.

– Ah, sim, com uma fatia de torta Floresta Negra e uma ou duas doses de conhaque – disse a Sra. Arvydas, rindo.

– Eu adoraria um café quente – falou mamãe.

– Bem forte – acrescentou o careca.

– Nossa, nunca pensei que me sentiria tão bem por simplesmente estar limpo! – exclamou Jonas, olhando as próprias mãos.

O humor de todo mundo havia melhorado, menos o de Ona. Ela seguia entoando seu lamento. Apesar dos esforços da Sra. Rimas, nada conseguia acalmá-la. Quando o último grupo de mulheres e crianças estava subindo no caminhão, o comandante viu Ona se levantar, tornar a se sentar e puxar os próprios cabelos. Ele gritou com ela. O jovem agente louro apareceu na traseira do caminhão.

– Deixem-na em paz – disse a Sra. Rimas. – A pobrezinha está de luto.

Mamãe traduziu para o comandante. Ona se levantou e bateu com o pé direito no chão. O comandante subiu e a puxou para fora do caminhão. Ela perdeu o controle, gritando e tentando arranhá-lo, mas não era páreo para a altura ou a força dele. O comandante a jogou no chão. Estreitou os olhos e contraiu seu maxilar quadrado. Mamãe correu para pular do caminhão atrás de Ona, mas era tarde. O homem sacou uma pistola e deu-lhe um tiro na cabeça.

Soltei um arquejo, assim como todos os outros. Andrius agarrou Jonas pela cabeça e tapou seus olhos. Sangue da cor de vinho tinto começou a formar uma poça sob a cabeça de Ona. Suas pernas estavam abertas num ângulo estranho, dobrado. Um de seus pés havia perdido o sapato.

– Lina – chamou Andrius.

Virei-me para ele, atordoada.

– Não olhe.

Minha boca se abriu, mas nenhum som saiu dela. Tornei a olhar para fora. O jovem agente louro encarava o corpo de Ona.

– Lina, olhe para mim – insistiu Andrius.

Mamãe caiu ajoelhada na beirada do caminhão, observando Ona lá embaixo. Fui me sentar perto de meu irmão.

O motor rugiu e o caminhão se pôs em movimento. Mamãe se sentou e escondeu o rosto nas mãos. A Srta. Grybas deu um muxoxo e balançou a cabeça.

Jonas puxou minha cabeça para junto de seus joelhos e afagou meus cabelos.

– Por favor, não diga nada para os agentes. Não os deixe zangados, Lina – sussurrou ele.

À medida que nos afastávamos, o corpo de Ona se tornava cada vez menor. Ela ficou caída no chão, morta, assassinada pelos agentes da NKVD. Em algum lugar, a centenas de quilômetros dali, sua filhinha apodrecia na grama. Como sua família iria saber o que havia ocorrido com ela? Como alguém iria saber o que estava acontecendo *conosco*? Eu continuaria a escrever e desenhar sempre que tivesse oportunidade. Desenharia o comandante atirando. Desenharia mamãe de joelhos com a cabeça enterrada nas mãos e nosso caminhão se afastando, com os pneus lançando cascalho sobre o corpo de Ona.

CHEGAMOS A UMA GRANDE fazenda coletiva. Conjuntos de casebres decrepitos de um único cômodo formavam um vilarejo miserável. O sol quente era obviamente temporário. As construções tinham sido erguidas sobre um terreno inclinado e seus telhados deformados serviam de alerta para um clima rigoroso.

Os guardas nos mandaram descer do caminhão. Andrius ficou de cabeça baixa, bem perto da mãe. Eles começaram a nos direcionar para o que achei que seriam nossos casebres, mas, quando a Srta. Grybas e a Sra. Rimas entraram em um deles, uma mulher saiu correndo lá de dentro e começou a discutir com os agentes.

– Tem gente morando nessas cabanas – sussurrou Jonas.

– Sim, é provável que tenhamos que dividir – disse mamãe, puxando-nos para perto dela.

Duas mulheres passaram por nós carregando grandes baldes d'água. Não as reconheci; elas não estavam no nosso trem.

Fomos alocados num casebre sujo mais para o fundo do vilarejo. A madeira cinza estava gasta, castigada por muitas estações de vento e neve. A porta tinha rachaduras e frestas e pendia torta do batente. Um vento forte seria capaz de arrancar aquela cabana do chão, partindo-a em milhares de fragmentos. O agente louro abriu a porta com um empurrão, berrou alguma coisa em russo e nos empurrou para dentro. Uma mulher da região de Altai, atarracada e coberta com várias camadas de roupas, correu à porta e pôs-se a gritar com ele. Mamãe nos levou até um canto. A mulher se virou e começou a gritar conosco. Seus cabelos escapavam do lenço como

uma palha negra. Rugas marcavam seu rosto largo e castigado pelo tempo.

– O que ela está dizendo? – perguntou Jonas.

– Que aqui não há lugar para criminosos imundos – respondeu mamãe.

– Mas nós *não somos* criminosos – contestei.

A mulher continuou a reclamar, jogando os braços para o alto e cuspidno no chão.

– Ela é louca? – perguntou Jonas.

– Está dizendo que mal tem comida suficiente para ela e não quer dividir com criminosos como nós. – Mamãe virou as costas para a mulher. – Bem, vamos pôr nossas coisas aqui neste canto. Jonas, pode largar a mala.

A mulher agarrou meus cabelos e puxou, tentando me levar até a porta para me expulsar do casebre.

Mamãe começou a gritar com ela em russo. Arrancou sua mão de minha cabeça, deu-lhe um tapa e a empurrou para longe. Jonas deu-lhe um chute na canela. A mulher de Altai ficou nos encarando com seus olhos pretos puxados. Mamãe retribuiu seu olhar. A mulher soltou uma gargalhada gostosa e fez uma pergunta.

– Somos lituanos – disse mamãe, primeiro em nossa língua, depois em russo.

A mulher começou a tagarelar.

– O que ela está dizendo? – perguntei.

– Que pessoas determinadas são bons trabalhadores e que vamos ter que lhe pagar um aluguel.

Mamãe voltou a fazer perguntas à mulher.

– Aluguel? – exclamei, indignada. – Pelo quê? Para morar neste buraco no meio do nada?

– Estamos em Altai – disse mamãe. – Aqui cultivam-se batatas e beterrabas.

– Então há batatas para comer? – quis saber Jonas.

– A comida é racionada. Ela está dizendo que os guardas vigiam os campos e os trabalhadores – falou mamãe.

Lembrei-me de papai contando como Stalin havia confiscado as terras, as ferramentas e os animais dos camponeses. Era ele quem lhes dizia o que produzir e quanto iriam receber. Eu achava isso ridículo. Como Stalin podia simplesmente pegar uma coisa que não lhe pertencia, algo pelo qual um agricultor e sua família trabalharam a vida inteira? “Comunismo é isso, Lina”, dissera papai.

A mulher gritou com mamãe, sacudindo o dedo e balançando a cabeça. Então saiu da cabana.

Estávamos em um *kolkhoz*, uma fazenda coletiva, e eu iria trabalhar cultivando beterrabas.

Eu odiava beterraba.

MAPAS E SERPENTES



A CABANA TINHA MAIS OU MENOS 3 x 3,5 metros. No canto havia um pequeno fogareiro cercado por algumas panelas e latas sujas. Ali perto, junto à parede, ficava uma cama de palha. Não havia travesseiros, apenas um cobertor de retalhos surrado. Duas janelinhas minúsculas haviam sido fabricadas com cacos de vidro e barro.

– Não há nada aqui – falei. – Nem pia, nem mesa, nem guarda-roupa. É ali que ela dorme? – perguntei. – Onde vamos nos deitar? Onde fica o banheiro?

– Onde podemos comer? – perguntou Jonas.

– Não sei bem – disse mamãe, examinando o interior das panelas. – Isto aqui está imundo. Mas nada que uma limpeza não possa resolver, certo?

– Bem, é um alívio estar fora daquele trem – falou Jonas.

O jovem agente louro da NKVD cruzou a porta.

– Elena Vilkas – chamou.

Mamãe ergueu os olhos para ele.

– Elena Vilkas! – repetiu ele, mais alto.

– Sim, sou eu – disse ela.

Os dois começaram a conversar em russo e logo estavam discutindo.

– O que foi, mamãe? – perguntou Jonas.

Ela nos abraçou.

– Não se preocupe, meu amor. Vamos ficar juntos.

– *Davai!* – bradou o agente, fazendo sinal para sairmos da cabana.

– Para onde estamos indo? – perguntei.

– O comandante quer falar comigo. Eu disse a ele que tínhamos que ir todos juntos.

O comandante. Senti um frio na barriga.

– Vou esperar aqui. Não tem problema – falei.

– Não, temos que ficar todos juntos – disse Jonas.

Fomos seguindo o homem louro por entre os casebres surrados até chegarmos a uma construção de toras de madeira em estado muito melhor do que as outras. Junto à porta, alguns homens da NKVD fumavam. Eles olharam para mamãe com um ar de cobiça. Ela examinou o prédio e os agentes.

– Fiquem aqui – recomendou. – Já volto.

– Não – disse Jonas. – Vamos entrar com você.

Mamãe olhou para os agentes cobiçosos e em seguida para mim. Um deles veio até nós.

– *Davai!* – gritou, puxando mamãe pelo cotovelo para o interior da construção.

– Já volto – disse ela por cima do ombro, antes de desaparecer porta adentro.



– *Já volto – disse mamãe.*

– *Mas o que você acha? – perguntei.*

– *Acho que você está linda – respondeu ela, dando um passo para trás a fim de admirar o vestido.*

– *Ótimo – falou o alfaiate, tornando a espetar os alfinetes em sua pequena almofada de cetim. – Prontinho, Lina. Pode se trocar, mas tome cuidado, o vestido não está costurado, só preso com alfinetes.*

– *Encontre-me na calçada – disse mamãe por cima do ombro, antes de desaparecer pela porta.*

– *Sua mãe tem muito bom gosto para vestidos – comentou o alfaiate.*

Ele tinha razão. O vestido era lindo. O tom cinza-claro realçava a cor de meus olhos.

Troquei de roupa e saí para encontrar mamãe. Ela não estava lá fora. Olhei para a fileira de lojas coloridas, porém não a vi. Mais embaixo na rua, uma porta se abriu e mamãe apareceu. Seu chapéu azul combinava com o vestido, que esvoaçava em volta de suas pernas enquanto ela caminhava em minha direção. Levantou dois sorvetes de casquinha e sorriu; uma sacola de compras pendia de seu braço.

– *Os meninos estão aproveitando o dia, então vamos aproveitar o nosso também – disse ela, com o batom vermelho brilhando. Entregou-me um dos sorvetes e nos guiou até um banco. – Vamos nos sentar.*

Papai e Jonas tinham ido assistir a um jogo de futebol. Mamãe e eu passáramos a manhã inteira fazendo compras. Dei uma lambida no sorvete de baunilha cremoso e me recostei no banco aquecido pelo sol.

– *Que delícia estar sentada – suspirou mamãe. Ela olhou para mim. – Muito bem, o vestido já foi... O que mais tínhamos que fazer?*

– *Preciso de carvão para desenhar – lembrei a ela.*

– *Ah, isso mesmo – disse mamãe. – Carvão para a minha artista.*



– *Nós devíamos ter entrado com ela – disse Jonas.*

Ele tinha razão, mas eu não queria ficar perto do comandante. Mamãe sabia disso. Eu deveria ter entrado. Agora ela estava lá

sozinha com eles, desprotegida, e a culpa era minha. Puxei Jonas até a lateral do prédio, para perto de uma janela suja.

– Fique aqui para que o guarda louro possa vê-lo – falei para Jonas.

– O que você vai fazer?

– Olhar pela janela para ver se mamãe está bem.

– Não, Lina!

– Fique aqui – ordenei.

O homem louro não parecia ter mais de 20 anos. Foi ele que se virou para o outro lado quando tiramos a roupa. Ele sacou um canivete e começou a remover sujeira de baixo das unhas. Fui chegando mais perto da janela e fiquei na ponta dos pés. Mamãe estava sentada em uma cadeira, de cabeça baixa. O comandante estava sentando na beirada de uma mesa à sua frente. Enquanto falava com ela, folheava o conteúdo de uma pasta. Então fechou a pasta e a equilibrou sobre o joelho. Olhei para o homem louro antes de me esticar mais um pouco para tentar ver melhor.

– Pare com isso, Lina. Andrius disse que ele vai nos dar um tiro se você criar problemas – sussurrou Jonas.

– Não estou criando problemas – falei, voltando para junto dele. – Só queria ter certeza de que ela está bem.

– Lembre-se do que aconteceu com Ona – disse Jonas.

O que *tinha* acontecido com Ona? Será que ela estava no céu junto com a filha e com minha avó? Ou será que estava pairando entre os trens e a multidão de lituanos, procurando o marido?

Eram questionamentos para papai. Ele sempre ouvia minhas perguntas com atenção, balançando a cabeça, e então, cuidadoso, fazia uma pausa antes de responder. Quem iria me dar respostas agora?

Apesar do céu nublado, fazia calor. Ao longe, para além das cabanas, pude ver abetos e pinheiros intercalados com campos cultivados. Olhei em volta, memorizando a paisagem para depois

desenhá-la para papai. Perguntei-me onde estariam Andrius e sua mãe.

Alguns dos casebres estavam em condições melhores do que o nosso. Um deles era rodeado por uma cerca comprida e outro tinha um pequeno jardim. Eu iria desenhá-los – casebres tristes, ressequidos, quase sem cor.

A porta do prédio se abriu e mamãe saiu. O comandante a seguiu e se apoiou no batente da porta para vê-la ir embora. Mamãe tinha o maxilar contraído. Ao chegar perto de nós, balançou a cabeça. O comandante gritou alguma coisa da porta. Ela o ignorou e segurou nossas mãos com força.

– Leve-nos para a cabana – falou para o homem louro, que não se moveu.

– Eu conheço o caminho – disse Jonas, e saiu andando na terra batida. – Venham comigo.

– Você está bem? – perguntei a mamãe depois que começamos a andar.

– Estou – respondeu ela em voz baixa.

Meus ombros se abaixaram como se eu tivesse largado um peso enorme.

– O que ele queria?

– Aqui, não – disse ela.

– ELES QUEREM QUE EU trabalhe com eles – disse mamãe depois de Jonas nos guiar de volta à cabana.

– Trabalhar com eles? – repeti.

– Sim. Bem, na verdade, querem que eu trabalhe *para* eles. Querem que eu traduza documentos e que fale com os outros lituanos que estão aqui.

Pensei na pasta que o comandante estava segurando.

– O que você vai ganhar com isso? – perguntou Jonas.

– Não serei a tradutora deles – disse mamãe. – Eu recusei. Também pediram que eu ouvisse as conversas dos outros e as relatasse ao comandante.

– Como uma informante? – indagou Jonas.

– É – respondeu mamãe.

– Eles querem que você espione todo mundo e depois conte para eles? – perguntei.

Mamãe assentiu.

– Eles me prometeram tratamento especial se eu concordasse.

– Porcos! – exclamei.

– Lina! Fale baixo – ordenou mamãe.

– Eles acham que você vai ajudá-los depois do que fizeram conosco? – perguntei.

– Mas, mamãe, talvez você precise do tratamento especial – disse Jonas, com uma expressão preocupada.

– Eles não estão falando sério – disparei. – São todos uns mentirosos, Jonas. Não dariam nada a ela.

– Jonas – disse mamãe, acariciando o rosto de meu irmão. – Não posso confiar neles. Stalin disse à NKVD que os lituanos são o inimigo. O comandante e os demais agentes nos consideram inferiores. Entendeu?

– Andrius já me disse isso.

– Andrius é um menino muito esperto. Nós só devemos conversar entre nós – disse mamãe. Em seguida, virou-se para mim: – Por favor, Lina, tome cuidado com tudo o que escrever ou desenhar.

Examinamos nossas malas e organizamos o que poderíamos vender em caso de necessidade. Olhei para meu exemplar de *As aventuras do Sr. Pickwick*. As páginas 6 a 11 haviam sido arrancadas. A página 12 tinha uma mancha.

Peguei o porta-retrato dourado e o tirei da mala para olhar o rosto de meu pai. Perguntei-me onde estaria o lenço. Eu precisava mandar outro.

– Kostas – disse mamãe, olhando por cima do meu ombro.

Entreguei-lhe o porta-retrato. Ela passou o dedo indicador carinhosamente pelo rosto do marido e depois pelo de sua mãe.

– Que maravilha você ter trazido isto. Não faz ideia de como esta foto me dá forças. Por favor, guarde-a com cuidado.

Abri o suporte de papel de carta que havia trazido. Na primeira página estava escrito: *14 de junho de 1941. Querida Joana*. Um título sem história. Eu escrevera aquilo quase dois meses antes, na noite em que tínhamos sido capturados. Onde estariam Joana e nossos outros parentes? O que eu escreveria agora se fosse terminar a carta? Será que contaria a ela que os soviéticos tinham nos obrigado a embarcar em vagões para transporte de animais e depois nos mantido prisioneiros durante seis semanas, quase sem comida nem água? Será que iria mencionar que eles queriam que

mamãe trabalhasse como espiã? E a bebê que havia morrido em nosso vagão e a forma como a NKVD matara Ona com um tiro na cabeça? Ouvi a voz de mamãe me avisando para tomar cuidado, mas minha mão começou a se mover.

A MULHER DE ALTAI voltou e começou a fazer barulho dentro do casebre. Ela pôs uma panela no fogo. Ficamos olhando enquanto ela cozinhava duas batatas e mastigava um pedaço de pão duro.

– Mamãe, nós vamos comer batatas hoje à noite? – quis saber Jonas.

Quando perguntamos, a resposta foi que teríamos que trabalhar para ganhar comida.

– Mamãe, se você trabalhasse para a NKVD eles lhe dariam comida? – indagou meu irmão.

– Não, querido. Eles me dariam promessas vazias – respondeu minha mãe. – E isso é pior do que ficar de barriga vazia.

Mamãe pagou à mulher por uma única batata e depois pagou mais para poder cozinhá-la. Era ridículo.

– Quanto dinheiro ainda temos? – perguntei.

– Quase nenhum – respondeu-me ela.

Tentamos dormir aninhados a mamãe no chão de madeira sem nenhuma cobertura. Afundada em sua cama de palha, a camponesa fazia barulho e roncava. Seu hálito rançoso enchia o pequeno cômodo. Será que ela havia nascido ali mesmo na Sibéria? Será que algum dia tinha conhecido outra vida que não aquela? Fitei a noite, tentando desenhar com a mente imagens naquela tela escura.



– *Abra, meu amor!*

– Não posso, estou muito nervosa! – falei para mamãe.

– Ela queria esperar você chegar em casa – disse ela a papai. – Está segurando esse envelope há horas.

– Abra, Lina! – insistiu Jonas.

– E se eles não tiverem me aceitado? – perguntei, apertando o envelope com os dedos suados.

– Nesse caso, será aceita no ano que vem – disse mamãe.

– Não vai saber enquanto não abrir o envelope – falou meu pai.

– Abra logo! – gritou Jonas, passando-me o abridor de cartas.

Posicionei a lâmina prateada sob a aba do envelope. Desde que a Sra. Pranas enviara minha inscrição, eu mal conseguia pensar em outra coisa. Estudar com os melhores artistas da Europa. Era uma oportunidade e tanto. Cortei a parte de cima do envelope e tirei de dentro dele uma única folha de papel dobrada. Meus olhos percorreram o texto depressa.

“Prezada Srta. Vilkas,

Ficamos gratos por sua recente inscrição para o curso de artes de verão. As amostras do seu trabalho causaram-nos uma excelente impressão. É com imenso prazer que lhe oferecemos uma vaga em nosso...”

– Sim! Eles disseram sim! – exclamei.

– Eu sabia! – falou papai.

– Parabéns, Lina – disse Jonas, passando o braço em volta de mim.

– Mal posso esperar para contar a Joana – falei.

– Que maravilha, meu amor! – disse mamãe. – Precisamos comemorar.

– Temos bolo – contou Jonas.

– Bem, eu tinha certeza de que teríamos algo para comemorar – falou mamãe, com uma piscadela.

Papai estava radiante.

– Você, minha querida, foi abençoada com um dom – disse ele, segurando minhas mãos. – Tem um grande futuro pela frente, Lina.



Ouvi um farfalhar e virei a cabeça naquela direção. A camponesa foi até o canto da cabana com seus passinhos curtos, soltou um grunhido e fez xixi dentro de uma lata.

AINDA ESTAVA ESCURO quando a NKVD começou a gritar. Aos berros, os agentes nos mandaram sair do casebre e formar uma fila. Cambaleando, fomos nos juntar aos outros. Meu vocabulário em russo estava aumentando. Além de *davai*, eu havia aprendido outras palavras importantes, como *nyet*, que significa “não”; *sveenya*, que significa “porco”; e, claro, *fasheest*, “fascista”. A Srta. Grybas e a mulher ranzinza já estavam na fila. A Sra. Rimas acenou para mamãe. Olhei em volta à procura de Andrius e sua mãe. Eles não estavam na fila. Nem o careca.

O comandante percorria a fila de ponta a ponta, sem parar de mastigar seu palito de dentes. Ele nos olhava de cima a baixo e fazia comentários com os outros guardas.

– O que ele está dizendo, Elena? – perguntou a Sra. Rimas.

– Ele está nos dividindo para o trabalho – respondeu minha mãe.

O comandante chegou perto dela e gritou em sua cara. Então puxou mamãe, a Sra. Rimas e a mulher ranzinza para fora da fila. O jovem agente louro me tirou da fila e me empurrou na direção de minha mãe. Depois dividiu o resto das pessoas. Jonas ficou em um grupo com duas mulheres idosas.

– *Davai!* – O jovem louro entregou a mamãe um pedaço de lona amarrado com um cinto e conduziu nosso grupo para longe das outras pessoas.

– Encontre-nos mais tarde no casebre – gritou mamãe para Jonas.

Como isso seria possível? Mamãe e eu nem éramos capazes de voltar sozinhas do prédio da NKVD. Fora Jonas quem tinha nos mostrado o caminho. Sem dúvida iríamos nos perder.

Minha barriga doía de tanta fome. Minhas pernas se arrastavam. Atrás do agente louro, mamãe e a Sra. Rimas sussurravam uma para a outra em lituano. Depois de caminhar por alguns quilômetros, chegamos a uma clareira na floresta. O guarda arrancou a lona da mão de mamãe e a jogou no chão. Depois gritou uma ordem.

– Ele está dizendo “cavem” – traduziu minha mãe.

– Cavar? Cavar onde? – perguntou a Sra. Rimas.

– Aqui mesmo, acho. Ele disse que, se quisermos comer, temos que cavar. A quantidade de comida vai depender do nosso progresso.

– Como vamos cavar? – perguntei.

Mamãe fez a pergunta ao agente louro. Ele chutou a lona que estava no chão. Ela então a abriu e encontrou lá dentro várias pás enferrujadas do tipo usado para jardinagem. Nenhuma delas tinha cabo.

Mamãe disse alguma coisa para o guarda que provocou um *davai* irado e o fez chutar as pás em direção a nossas canelas.

– Saiam do meu caminho – disse a mulher ranzinza. – Vou dar um jeito nisso. Preciso comer e minhas filhas também.

Ela ficou de quatro no chão e começou a cavoucar a terra com a pequena pá. Nós a imitamos. O guarda foi se sentar debaixo de uma árvore e ficou olhando para nós enquanto fumava um cigarro.

– Onde estão as batatas e beterrabas? – perguntei a mamãe.

– Bem, é óbvio que eles estão me punindo – respondeu ela.

– Punindo? – perguntou a Sra. Rimas.

Sussurrando em seu ouvido, mamãe lhe contou sobre a proposta de trabalho do comandante.

– Mas Elena, você poderia ter conseguido um tratamento especial – disse a outra mulher. – E provavelmente mais comida.

– Um pouco mais de comida não vale uma consciência pesada – disse mamãe. – Pense nas exigências que eles fariam naquela sala. E pense no que poderia acontecer com as pessoas. Não preciso carregar esse peso. Vou dar duro como todo mundo.

– Uma mulher disse que há uma cidade a cinco quilômetros daqui que tem uma loja, um correio e uma escola – contou a Sra. Rimas.

– Quem sabe conseguimos ir até lá a pé e mandar cartas – disse mamãe. – Talvez alguém tenha tido notícias dos homens.

– Cuidado, Elena. Mandar cartas pode pôr em perigo os que ficaram em casa – disse a Sra. Rimas. – Nunca ponha nada no papel.

Olhei para meus pés. Eu vinha pondo tudo no papel e já havia preenchido várias páginas com descrições e desenhos.

– Não – sussurrou mamãe. Ela olhou para a mulher ranzinza que batia com a pá no chão duro e se inclinou na direção da Sra. Rimas. – Eu tenho um contato.

O que ela queria dizer com aquilo, um “contato”? Quem seria? E a guerra?

Agora os alemães haviam invadido a Lituânia. O que Hitler estaria fazendo? Perguntei-me o que teria acontecido com nossa casa e com tudo o que deixamos para trás. E por que estávamos ali cavando aquele buraco idiota?

– Bem, pelo menos os moradores de sua cabana falam com você – comentou mamãe. – A da nossa parece um monstro e até puxou os cabelos de Lina.

– Os camponeses não estão nada contentes – disse a Sra. Rimas. – Mas eles já esperavam que fôssemos chegar. Parece que vários caminhões de estonianos foram esvaziados em uma aldeia aqui perto alguns dias atrás.

A pá de mamãe ficou imóvel.

– Estonianos?

– Sim – sussurrou a Sra. Rimas. – Eles também deportaram gente da Estônia e da Letônia.

Mamãe deu um suspiro.

– Eu estava com medo de que isso acontecesse. Que loucura. Quantas pessoas será que eles vão deportar?

– Serão centenas de milhares, Elena – disse a Sra. Rimas.

– Deixem de fofoca e trabalhem – resmungou a mulher ranzinza.

– Eu quero comer.

TÍNHAMOS CAVADO um buraco de mais de meio metro de profundidade quando um caminhão trouxe um pequeno balde d'água. O guarda nos permitiu fazer uma pausa. Minhas mãos estavam cheias de bolhas. Uma crosta de terra cobria nossos dedos. Não nos deram nenhuma concha ou copo. Nós nos abaixamos feito cães para tomar a água diretamente do balde enquanto o agente louro bebia tranquilamente de um grande cantil. A água tinha cheiro de peixe, mas nem liguei. Meus joelhos estavam em carne viva e minhas costas, doloridas por eu ter passado muitas horas curvada.

Estávamos escavando em uma pequena clareira cercada por florestas. Mamãe pediu permissão para ir ao banheiro e então me puxou para o meio das árvores junto com a Sra. Rimas. Nós nos agachamos com os vestidos embolados em volta da cintura para fazer xixi.

Estávamos de frente umas para as outras, de cócoras.

– Elena, por favor, pode me passar o talco? – pediu a Sra. Rimas enquanto se limpava com uma folha.

Começamos a rir. Era uma cena ridícula: nós três ali agachadas, segurando nossos joelhos. Gargalhamos de verdade. Mamãe riu tanto que seus cachos se soltaram do lenço que ela havia amarrado na cabeça.

– O senso de humor – disse mamãe, com os olhos marejados de lágrimas de tanto rir. – Isso eles não podem nos tirar, não é?



Nossas risadas pareciam os rugidos de um leão. As chamas do lampião tremeluziam no escuro. O irmão de Joana começou a tocar uma música alegre no acordeão. Meu tio, que havia bebido muito, fazia uma dancinha desajeitada pelo pátio dos fundos do chalé, tentando imitar nossas mães. Fingindo segurar uma saia, ele pulava de um lado para outro.

– Venha – sussurrou Joana, segurando minha mão. – Vamos dar uma volta.

De braços dados, começamos a andar por entre os chalés escuros em direção à praia. Meus sapatos se enchiam de areia. Paramos à beira-mar, com as ondas chegando bem perto de nossos pés. O mar Báltico cintilava à luz do luar.

– A lua brilhando assim na água parece que está nos convidando a dar um mergulho – disse Joana com um suspiro.

– E está mesmo. Ela está nos chamando – falei, memorizando aquela luz e aquelas sombras para pintar mais tarde. Tirei as sandálias. – Vamos.

– Estou sem minha roupa de banho – disse Joana.

– Eu também. E daí?

– E daí? Lina, não podemos nadar peladas.

– Quem falou em nadar pelada? – retruquei. Comecei a entrar na água escura de vestido e tudo.

– Lina! Pelo amor de Deus, o que você está fazendo? – perguntou Joana com um arquejo.

Estendi os braços e tracei o contorno das sombras da lua sobre a água. Minha saia se erguia, sem peso nenhum.

– Venha, está uma delícia! – Mergulhei.

Joana tirou os sapatos e entrou no mar até os tornozelos. A luz se refletia em seus longos cabelos castanhos e em sua silhueta alta.

– Venha, está lindo! – falei.

Ela foi entrando bem devagar. Dei um pulo e puxei-a para dentro. Ela gritou e riu. Eu poderia reconhecer a risada de Joana no meio

da multidão. Era uma risada totalmente livre e aquele som ecoou à minha volta.

– Você é doida! – disse ela.

– Por quê? Estava tão lindo aqui dentro. Eu queria fazer parte desta beleza.

– Você pode nos pintar assim? – pediu Joana.

– Posso. Vou chamar o quadro de... Duas cabeças boiando em preto – falei, jogando água nela.

– Não quero ir para casa. Aqui está perfeito demais – disse ela, girando os braços pela água. – Shh, alguém está vindo.

– Onde? – perguntei, virando-me.

– Ali, nas árvores – sussurrou ela.

Duas silhuetas surgiram das árvores em frente à praia.

– Lina, é ele! O mais alto. Aquele sobre quem lhe falei. O que eu vi na cidade! O que vamos fazer?

Dois rapazes chegaram até a beira do mar e olharam para nós.

– Está meio tarde para nadar, não é? – perguntou o mais alto.

– Nem um pouco – respondi.

– Ah, é? Vocês sempre saem para nadar depois que escurece? – insistiu ele.

– Saio para nadar sempre que tenho vontade – falei.

– E a sua irmã mais velha? Ela sai para nadar todas as noites?

– Por que não pergunta a ela?

Debaixo d'água, Joana me deu um chute.

– Vocês deveriam tomar cuidado. Não iriam querer que alguém as visse sem roupa. – Ele sorriu.

– É mesmo? Assim, você quer dizer?

Dei um pulo e fiquei em pé na água. Meu vestido molhado estava grudado no corpo como caramelo derretido sobre papel. Bati com o braço na água para tentar molhar os rapazes.

– Garota maluca. – Ele se esquivou da água e riu.

– Venha – disse o amigo. – Vamos nos atrasar para a reunião.

– Reunião? Que tipo de reunião começa a esta hora? – perguntei.
Eles baixaram a cabeça por um instante.

– Temos que ir. Tchau, irmã mais velha – disse o rapaz alto para Joana antes de se virar e sair andando pela praia com o amigo.

– Tchau – respondeu Joana.

Rimos tanto que tivemos certeza de que nossos pais iriam nos escutar. Saímos do mar aos pulos, pegamos nossas sandálias e fomos correndo pela areia até a trilha mergulhada em sombras. À nossa volta, sapos coaxavam e grilos cantavam. Joana segurou meu braço com força e me obrigou a parar no escuro.

– Não conte nada a nossos pais.

– Joana, nós estamos encharcadas. Eles vão saber que entramos no mar – argumentei.

– Não, eu estava me referindo aos rapazes... e ao que eles falaram – disse minha prima.

– Tudo bem, irmã mais velha, não vou contar – concordei, sorrindo.

Saímos correndo pelo escuro e voltamos gargalhando até o chalé.



O que será que Joana sabia sobre os rapazes e sua reunião?

As risadas haviam cessado.

– Lina, querida, vamos – disse mamãe.

Tornei a olhar para o buraco. E se estivéssemos cavando nossa própria cova?

ENCONTREI UM GRAVETO e o parti ao meio. Sentei-me no chão e usei-o para desenhar num pedaço de terra batida. Enquanto não chegava o momento de voltar ao trabalho, desenhei nossa casa, nosso jardim e as árvores. Enfie pedrinhas no chão com o polegar, criando um caminho até a porta da frente, e contornei o telhado com outros gravetos.

– Precisamos nos preparar – disse mamãe. – O inverno vai ser pior do que qualquer coisa pelo que já passamos. A temperatura vai descer abaixo de zero. Não haverá comida.

– Inverno? – falei, apoiando-me nos calcanhares. – Você está brincando! Acha que ainda vamos estar aqui quando o inverno chegar? Mamãe, não!

Ainda faltavam muitos meses para o inverno. Eu não podia suportar a ideia de passar tanto tempo morando naquela cabana, cavando buracos e tentando me esquivar do comandante. Olhei de relance para o agente louro. Ele examinava meu desenho no chão.

– Espero que não – disse mamãe abaixando a voz. – Mas e se ficarmos? Se não estivermos preparados, com certeza morreremos de frio ou de fome. – Mamãe tinha conseguido chamar a atenção da mulher ranzinza.

– As tempestades de neve na Sibéria são traiçoeiras – concordou a Sra. Rimas.

– Não sei como aqueles casebres aguentam – comentou mamãe.

– Por que não construímos nossa própria casa? – perguntei. – Podemos construir uma casa comprida igual ao escritório do

kolkhoz, com uma chaminé e um fogareiro. Podemos morar todos juntos.

– Menina burra. Eles nunca vão nos dar tempo para construir algo nosso e, mesmo que conseguíssemos, eles o tomariam para si – disse a mulher ranzinza. – Continue cavando.

Começou a chover. Abrimos a boca para beber a água que pingava sobre nossas cabeças e ombros.

– Isso é loucura – disse a Sra. Rimas.

Mamãe gritou chamando o agente louro. A brasa de seu cigarro luzia debaixo dos galhos das árvores.

– Ele está dizendo para cavarmos mais depressa – disse mamãe, erguendo a voz enquanto a chuva caía formando uma cortina. – Disse que o chão agora vai estar mais macio.

– Canalha – xingou a Sra. Rimas.

Olhei para meu desenho e vi nossa casa derretendo no chão. O graveto que eu tinha usado para desenhar rolou para longe, levado pelo vento e pela chuva.

Baixei a cabeça e voltei a cavar. Enfiei a pequena pá no chão cada vez com mais força, fingindo que a terra era o comandante. Fiquei com câibras nos dedos e meus braços começaram a tremer de exaustão. A bainha do meu vestido tinha se rasgado e meu rosto e pescoço estavam queimados por causa do sol da manhã.

Quando a chuva parou, marchamos de volta até a aldeia, cobertas de lama até a cintura. Minha barriga latejava de tanta fome. A Sra. Rimas pôs a lona em cima do ombro e fomos embora nos arrastando com as mãos cheias de câibras, como se ainda estivessem presas às pás que havíamos segurado por quase 12 horas.

Entramos na aldeia pelos fundos. Reconheci a cabana do careca, com sua porta marrom, e pude indicar a mamãe o caminho da nossa. Jonas estava lá dentro à nossa espera. Todas as panelas estavam cheias d'água.

– Vocês voltaram! – gritou ele. – Tive medo de que não achassem o caminho.

Mamãe abraçou Jonas e beijou seus cabelos.

– Ainda estava chovendo quando voltei – explicou Jonas. – Arrastei as panelas até lá fora para pegar água.

– Você foi muito esperto, meu amor. Tem algo para beber? – indagou mamãe.

– Tenho bastante – respondeu ele, olhando para mim e para meu aspecto sujo e desarrumado. – Você pode tomar um bom banho.

Bebemos água de uma panela grande antes de lavarmos as pernas. Mamãe insistiu em que eu continuasse bebendo, mesmo depois de eu sentir que não conseguia mais.

Jonas sentou-se de pernas cruzadas sobre as tábuas. Na sua frente estava estendido um dos lenços de mamãe. No centro do lenço havia um único pedacinho de pão com uma flor ao lado.

Mamãe baixou os olhos para o pão e para a flor murcha.

– Que banquete é esse que temos aqui? – perguntou ela.

– Ganhei um cupom de racionamento por meu trabalho hoje. Fabriquei sapatos com duas senhoras – disse Jonas, sorrindo. – Vocês estão com fome? Parecem cansadas.

– Eu estou morrendo de fome – falei, olhando para o único pedaço de pão.

Se Jonas havia ganhado pão por trabalhar dentro de um galpão fazendo sapatos, nós com certeza iríamos receber um peru inteiro, pensei.

– Cada um de nós tem direito a 300 gramas de pão pelo trabalho – explicou meu irmão. – É preciso ir pegar o cupom de racionamento no escritório do *kolkhoz*.

– É só... é só isso? – perguntou mamãe.

Meu irmão assentiu.

Trezentos gramas de pão seco. Eu não podia acreditar. Era tudo a que tínhamos direito depois de passar horas cavando. Eles nos

faziam passar fome e provavelmente iriam nos jogar dentro dos mesmos buracos que estávamos abrindo.

– Não é suficiente – falei.

– Vamos achar alguma outra coisa – disse mamãe.

Felizmente, o comandante não estava no prédio de madeira quando chegamos. Recebemos nossos cupons sem ter que implorar. Seguimos os outros trabalhadores até um prédio perto dali. O pão foi pesado e distribuído. Eu quase podia fechar a mão em torno do meu pedaço. No caminho de volta, vimos a Srta. Grybas nos fundos de seu casebre. Ela acenou para nos chamar. Tinha os braços e o vestido imundos. Havia passado o dia inteiro trabalhando nos campos de beterraba. Quando nos viu, seu rosto se contorceu de repulsa.

– O que eles estão fazendo com vocês?

– Estão nos obrigando a cavar – disse mamãe, afastando os cabelos endurecidos de terra do rosto. – Na chuva.

– Rápido! – disse ela, puxando-nos para perto de si. Suas mãos tremiam. – Eu poderia me meter em sérios problemas por fazer coisas assim por vocês. Espero que saibam disso.

Ela enfiou a mão dentro do sutiã e sacou algumas beterrabas pequenas que entregou rapidamente a mamãe. Então levantou o vestido e tirou mais duas da calcinha.

– Agora corram! – falou.

Ouvi o careca gritando na cabana atrás de nós.

Voltamos correndo até nosso casebre para iniciar o banquete. Minha fome era tanta que nem me lembrei de que não gostava de beterraba. Nem me importei com o fato de elas terem sido transportadas dentro da roupa de baixo suada de outra pessoa.

– LINA, PONHA ISTO aqui no bolso e leve para o Sr. Stalas – disse mamãe, entregando-me uma beterraba.

O careca. Eu não podia fazer aquilo. Simplesmente não podia.

– Mãe, estou cansada demais. – Deitei-me sobre as tábuas do piso e encostei a bochecha na madeira.

– Eu trouxe um pouco de palha para servir de cama – anunciou Jonas. – As mulheres me disseram onde encontrar. Vou trazer mais amanhã.

– Lina, rápido, antes que fique muito escuro. Leve isto aqui para o Sr. Stalas – repetiu mamãe, pondo-se a arrumar a palha junto com Jonas.

Fui até a cabana do careca. Uma mulher e dois bebês aos prantos ocupavam a maior parte do espaço cinzento. O Sr. Stalas estava encolhido num canto, com a perna quebrada imobilizada por uma tábua de madeira.

– Por que demorou tanto? – reclamou ele. – Quer me matar de fome? Por acaso está mancomunada com eles? Que tortura! Tudo o que faço é ouvir choro, dia e noite. Eu seria capaz de trocar esse maldito bebê por esta porcaria aqui.

Larguei a beterraba no colo dele e me virei para ir embora.

– O que houve com as suas mãos? – perguntou ele. – Estão um nojo.

– Passei o dia inteiro trabalhando – falei num tom ríspido. – Ao contrário do senhor.

– O que você ficou fazendo?

– Cavando buracos – respondi.

– Cavando, é? – balbuciou ele. – Que interessante. Achei que eles tivessem escolhido sua mãe.

– Como assim? – perguntei.

– Sua mãe é uma mulher inteligente. Estudou em Moscou. Os malditos soviéticos sabem tudo sobre nós. Sabem das nossas famílias. Não pense que não vão tirar vantagem disso.

Pensei em papai.

– Preciso avisar ao meu pai para que ele possa nos encontrar.

– Encontrar vocês? Não seja idiota – zombou ele.

– Ele vai nos encontrar, sim. O senhor não conhece meu pai – afirmei.

O careca olhou para o chão.

– Conhece?

– Esses guardas já pegaram você e sua mãe? – indagou ele. – Entre as pernas, já pegaram vocês?

Cheguei a bufar de raiva e de nojo. Não suportava mais aquilo. Ignorei o careca e saí.

– Oi.

Virei-me na direção da voz. Andrius estava encostado na cabana.

– Oi – respondi, olhando para ele.

– Você está horrível.

Eu estava exausta demais para pensar em uma resposta inteligente. Simplesmente assenti.

– O que eles estão obrigando você a fazer?

– Nós estamos cavando buracos – falei. – Jonas passou o dia fabricando sapatos.

– Eu estou cortando árvores na floresta.

Andrius estava sujo, mas os guardas não pareciam ter encostado a mão nele. Seu rosto e seus braços estavam bronzeados, o que deixava seus olhos muito azuis. Retirei um pedaço de terra dos cabelos.

– Em que cabana você está? – perguntei.

– Em algum lugar por ali – respondeu ele, sem fazer nenhum movimento em qualquer direção específica. – Você está cavando com aquele louro da NKVD?

– Cavando *com* ele? Que piada! Ele não está cavando – falei. – Só fica lá parado fumando e gritando conosco.

– O nome dele é Kretzsky – disse Andrius. – E o comandante se chama Komorov. Estou tentando descobrir mais coisas.

– Onde você consegue essas informações? Alguma notícia dos homens? – perguntei, pensando em papai.

Andrius fez que não com a cabeça.

– Parece que existe um vilarejo aqui perto que tem um correio – falei. – Você ouviu falar nisso? Eu quero mandar uma carta para minha prima.

– Os soviéticos vão ler tudo o que você escrever. Eles têm tradutores. Então cuidado com o que disser.

Baixei os olhos ao pensar na proposta que a NKVD fizera a minha mãe. Nossa correspondência pessoal não era pessoal. Privacidade não passava de uma lembrança remota. Não era sequer racionada, como o sono ou o pão. Pensei em contar a Andrius que a NKVD tinha proposto que mamãe se tornasse espiã.

– Tome – disse ele, estendendo a mão. Ao abri-la, revelou três cigarros.

– Você está me dando cigarros? – perguntei.

– Bem, o que você achou? Que eu teria um frango assado no bolso?

– Não, quer dizer... Obrigada.

– Não há de quê. São para seu irmão e sua mãe. Eles estão bem?

Assenti, batendo os pés no chão.

– Onde você conseguiu os cigarros? – perguntei.

– Por aí.

– Como vai sua mãe?

– Bem – respondeu ele depressa. – Olhe, tenho que ir. Diga a Jonas que mandei lembranças. E tente não estragar os cigarros com a água dessas suas bolhas – provocou ele.

Voltei cambaleando para nossa cabana, tentando ver em que direção Andrius havia se afastado. Onde ele estaria morando?

Entreguei os três cigarros a mamãe.

– Foi Andrius quem mandou – falei.

– Que gentil – comentou mamãe. – Onde ele os arrumou?

– Você esteve com Andrius? – perguntou Jonas. – Ele está bem?

– Está bem, sim. Passou o dia inteiro cortando lenha na floresta. Mandou um oi para você.

A camponesa se aproximou com seus passos pesados e estendeu a mão para mamãe. As duas tiveram uma breve conversa entremeada de *nyets*, durante a qual a camponesa bateu com o pé no chão algumas vezes.

– Elena – disse mamãe, apontando para o próprio peito. – Lina, Jonas – acrescentou, apontando para nós.

– Ulyushka! – disse a mulher, estendendo a mão aberta para mamãe, que lhe deu um cigarro.

– Por que está dando isso a ela? – perguntou Jonas.

– Ela diz que é um adiantamento pelo aluguel – respondeu mamãe. – O nome dela é Ulyushka.

– Esse é seu nome ou sobrenome? – perguntei.

– Não sei. Mas, se vamos morar aqui, temos que saber chamar uns aos outros pelo nome certo.

Estendi meu casaco azul por cima da palha que Jonas tinha trazido e me deitei sobre ele. Tinha odiado a maneira como mamãe dissera “se vamos morar aqui”, como se realmente fôssemos ficar. Também a ouvi dizer *spaseeba*, que significa “obrigada” em russo. Olhei para ela e a vi compartilhando o mesmo fósforo com Ulyushka. Mamãe deu duas baforadas elegantes com os dedos

longos e em seguida apagou o cigarro depressa, racionando seu próprio tabaco.

– Lina – sussurrou Jonas. – Andrius estava bem?

– Parecia que sim – respondi, pensando em seu rosto bronzeado.



Eu estava deitada na cama à espera do som. Ouvi passos leves do lado de fora. A cortina esvoaçou, revelando o rosto bronzeado de Joana à janela.

– Venha aqui fora – disse ela. – Vamos nos sentar na varanda.

Saí de fininho do quarto e fui até a varanda do chalé. Joana estava recostada na cadeira de balanço, movendo-se para a frente e para trás. Sentei-me na cadeira ao seu lado, ergui os joelhos e ajeitei os pés descalços sob a camisola de algodão. A cadeira de balanço rangia em um ritmo constante enquanto Joana fitava a escuridão com um olhar perdido.

– Então? Como foi? – perguntei.

– Ele é maravilhoso – disse ela com um suspiro.

– É mesmo? – retruquei. – É inteligente? Não é um daqueles garotos bobos que passam o dia inteiro na praia bebendo cerveja, é?

– Ah, não – respondeu ela, arquejando. – Ele está no primeiro ano da universidade. Quer se formar em engenharia.

– Humpf. E não tem namorada? – perguntei.

– Lina, pare de tentar achar algum defeito nele.

– Não é isso. Só estou perguntando.

– Um dia você vai gostar de alguém e tomara que quando isso acontecer você não seja tão crítica.

– Não sou crítica – objetei. – Só quero ter certeza de que ele é bom o bastante para você.

– Ele tem um irmão mais novo – disse Joana, sorrindo para mim.

- *É mesmo? – Franzi o nariz.*
- *Está vendo? Você já está sendo crítica e nem conhece o menino.*
- *Não estou sendo crítica! Onde está esse tal irmão mais novo?*
- *Ele chega na semana que vem. Você quer conhecê-lo?*
- *Não sei, pode ser. Depende de como ele for.*
- *Bem, isso você só vai saber quando o conhecer, não é? – brincou Joana.*

ESTÁVAMOS DORMINDO quando aconteceu. Eu tinha lavado minhas bolhas e começado a escrever uma carta para Joana. Mas estava muito cansada e acabei pegando no sono. Quando dei por mim, a NKVD estava gritando comigo e me empurrando para fora da cabana.

– Mãe, o que está acontecendo? – perguntou Jonas.

– Eles estão dizendo que temos de nos apresentar no escritório do *kolkhoz* imediatamente.

– *Davai!* – gritou um agente que segurava um lampião.

Eles estavam ficando impacientes. Um deles sacou uma pistola.

– *Da!* Está bem! – disse mamãe. – Vamos, crianças! Rápido!

Nós nos levantamos de nossa cama de palha aos tropeços. Ulyushka virou-se para o outro lado, de costas para nós. Olhei para minha mala, contente por ter escondido meus desenhos.

Outras pessoas também estavam sendo tiradas das cabanas. Fomos andando em fila pelo caminho de terra batida em direção ao escritório do *kolkhoz*. Ouvi o careca gritando em algum lugar atrás de nós.

Eles nos amontoaram no cômodo principal do prédio de madeira. O homem do relógio estava parado num canto. A menininha da boneca acenou para mim, animada, como que reencontrando uma amiga que não visse havia muito tempo. Um grande hematoma cobria o rosto dela. Recebemos instruções para esperar em silêncio até que os outros chegassem.

As paredes de madeira eram vedadas com uma massa cinzenta. Na parte da frente da sala, uma mesa e uma cadeira preta ocupavam a maior parte do espaço. Pendurados acima da mesa estavam retratos de Marx, Engels, Lenin e Stalin.

Josef Vissariónovitch Diugachvíli. Ele gostava de ser chamado de Josef Stalin, que significa “Homem de Aço”. Fiquei encarando seu retrato. Ele pareceu me encarar de volta. Tinha a sobrancelha direita arqueada, como se me desafiasse. Olhei para seu bigode farto e para seus olhos escuros, duros. No retrato, ele quase exibia um sorriso de ironia. Seria intencional? Perguntei-me quem seriam os artistas que pintavam o retrato de Stalin. Será que ficavam felizes por estarem em sua presença ou morriam de medo do que aconteceria se ele achasse o retrato pouco lisonjeiro? O quadro de Stalin estava torto na parede.

A porta se abriu. O careca entrou mancando com sua perna quebrada.

– E nenhum de vocês pensou em me ajudar! – gritou.

O comandante Komorov entrou na sala, seguido por vários agentes da NKVD armados com fuzis. O homem louro, Kretzsky, vinha no final da fila, carregando uma pilha de papéis. Como Andrius tinha descoberto o nome deles? Olhei em volta à procura de Andrius e de sua mãe. Nenhum dos dois estava na sala.

Komorov começou a falar. Todo mundo se virou para mamãe. O comandante fez uma pausa e arqueou a sobrancelha para ela, sem parar de girar seu onipresente palito de dentes com a língua.

O semblante de mamãe endureceu.

– Ele está dizendo que fomos trazidos até aqui por causa de assuntos administrativos.

– Assuntos administrativos? – repetiu a Sra. Rimas. – A esta hora?

Komorov continuou a falar. Kretzsky ergueu um documento datilografado.

– Todos nós temos que assinar aquele documento – disse mamãe.

– O que ele diz? – perguntaram os outros.

– Três coisas – respondeu mamãe, sem tirar os olhos de Komorov, que continuava falando enquanto ela traduzia para o grupo. – Em primeiro lugar, nós concordamos em vir para esta fazenda coletiva.

Ouviram-se murmúrios pela sala. As pessoas se viraram para o comandante enquanto ele falava. Com um gesto casual, ele afastou o casaco do uniforme para exibir a arma que trazia na cintura. A multidão se remexeu, inquieta.

– Em segundo lugar – continuou minha mãe –, concordamos em pagar uma taxa de guerra de 200 rublos por pessoa, inclusive as crianças.

– Como vamos conseguir 200 rublos? – perguntou o careca. – Eles já roubaram tudo o que tínhamos.

Seguiu-se um burburinho. Um agente da NKVD bateu com a coronha do fuzil na mesa. A sala caiu em silêncio.

Fiquei olhando para Komorov enquanto ele falava. Ele não tirava os olhos de mamãe, como se estivesse saboreando cada palavra do que lhe dizia. Mamãe fez uma pausa. Sua boca ficou flácida.

– O que foi? Qual é a terceira coisa, Elena? – perguntou a Sra. Rimas.

– Nós reconhecemos que somos criminosos. – Mamãe fez uma pausa. – E que a nossa sentença será... 25 anos de trabalhos forçados.

Gritos e lamentos irromperam na pequena sala. Alguém começou a passar mal. A multidão adiantou-se em direção à mesa, discutindo. Os agentes da NKVD ergueram os fuzis e os apontaram para nós. Fiquei de queixo caído. Vinte e cinco anos? Iríamos ficar presos durante 25 anos? Isso significava que, quando fôssemos soltos, eu seria mais velha do que mamãe era agora. Estendi a mão

para Jonas para me equilibrar. Ele não estava mais lá. Tinha caído no chão a meus pés.

Não consegui respirar fundo. A sala começou a se fechar à minha volta. Eu estava escorregando, tragada por uma correnteza de pânico.

– SILÊNCIO! – berrou uma voz masculina.

Todos se viraram na direção da voz. Exceto o homem do relógio, que havia gritado.

– Acalmem-se – disse ele devagar. – Não adianta nada ficarmos histéricos. Se entrarmos em pânico, não vamos conseguir pensar direito. As crianças vão ficar com medo.

Olhei para a menininha da boneca. Ela estava agarrada ao vestido da mãe e lágrimas encharcavam seu rosto machucado.

O homem do relógio abaixou a voz e seguiu falando com calma.

– Somos pessoas inteligentes e dignas. Foi por isso que eles nos deportaram. Para quem não me conhece, meu nome é Alexandras Lukas. Sou advogado em Kaunas.

A multidão se aquietou. Mamãe e eu ajudamos Jonas a se levantar.

O comandante Komorov, à mesa na frente da sala, deu um grito.

– Sra. Vilkas, por favor, diga ao comandante que estou explicando a situação aos nossos amigos – pediu o Sr. Lukas.

Mamãe traduziu. Kretzsky, o jovem louro, roía a unha do polegar.

– Não vou assinar documento nenhum – disse a Srta. Grybas. – Na associação de professores, eles nos mandaram assinar um documento de registro. Vejam só aonde isso me trouxe. Foi assim que eles reuniram os nomes de todos os professores para deportá-los.

– Se não assinarmos, eles vão nos matar – disse a mulher ranzinza.

– Acho que não – respondeu o homem do relógio. – Não antes do inverno. Estamos na primeira semana de agosto. Há muito que

fazer. Somos bons trabalhadores, fortes. Estamos cuidando de suas lavouras, construindo suas casas. Somos úteis para eles, pelo menos até o inverno.

– Ele tem razão – disse o careca. – Primeiro, eles vão nos triturar até nos transformar em farinha, depois vão nos matar. Quem quer esperar por isso? Eu não quero.

– Eles deram um tiro na moça do bebê – disse a mulher ranzinza, bufando.

– Eles mataram Ona porque ela perdeu o juízo – disse o Sr. Lukas. – Ela se descontrolou. Nós não estamos descontrolados. Somos pessoas inteligentes e racionais.

– Então não devemos assinar? – perguntou alguém.

– Não. Acho que devemos todos nos sentar de maneira ordenada. A Sra. Vilkas vai explicar que não estamos prontos para assinar nenhum documento.

– Não estamos prontos? – repetiu a Sra. Rimas.

– Concordo com ele – disse mamãe. – Não devemos recusar definitivamente. E devemos mostrar que não estamos histéricos. Formem três fileiras.

Os homens da NKVD ergueram os fuzis, sem saber ao certo o que pretendíamos fazer. Nós nos sentamos em linhas retas em frente à mesa, debaixo dos retratos dos líderes da Rússia e do comunismo. Os agentes se entreolharam, boquiabertos. Ficamos sentados calmamente. Havíamos recuperado um pouco de nossa dignidade. Passei o braço em volta de Jonas.

– Sra. Vilkas, por favor, pergunte ao comandante Komorov quais são as acusações – instruiu o homem grisalho.

Mamãe traduziu. Komorov estava sentado na beirada da mesa, balançando a bota.

– Ele diz que estamos sendo acusados de violar o Artigo 58 do Código Penal Soviético por termos praticado atividades contrarrevolucionárias em detrimento da União Soviética – disse ela.

– A pena para isso não é de 25 anos – resmungou o careca.

– Diga que vamos trabalhar para eles e que seremos uma boa mão de obra, mas que ainda não estamos prontos para assinar – disse o Sr. Lukas.

Mamãe traduziu.

– Ele diz que temos que assinar agora.

– Não vou assinar um papel me condenando a 25 anos – disse a Srta. Grybas.

– Nem eu – falei.

– O que faremos então? – perguntou a Sra. Rimas.

– Ficaremos esperando em silêncio até eles nos dispensarem – respondeu o Sr. Lukas, dando corda no relógio.

Então esperamos.

– Onde está Andrius? – perguntou-me Jonas num sussurro.

– Não sei – respondi.

Eu tinha escutado o careca fazer a mesma pergunta.

Ficamos sentados no chão do escritório do *kolkhoz*. A cada poucos minutos, Komorov dava um tapa ou um chute em alguém para tentar intimidar a pessoa e obrigá-la a assinar. Ninguém cedeu. A cada passo que ele dava, eu me retraía. O suor escorria pela minha nuca e pela minha coluna. Tentei manter a cabeça baixa, com medo de que Komorov me notasse. Quem pegava no sono apanhava.

Passaram-se horas. Continuamos sentados, obedientes, como alunos de colégio diante do diretor. Por fim, Komorov falou com Kretzsky.

– Ele está dizendo ao agente mais jovem que assuma o comando – traduziu mamãe.

Komorov andou até ela. Agarrou-a pelo braço e cuspiu em sua cara uma coisa que parecia uma ostra. Depois foi embora.

Mamãe limpou depressa a sujeira, como se aquilo não a tivesse incomodado nem um pouco. Mas incomodou a mim. Tive vontade

de acumular na boca todo o ódio que sentia e cuspi-lo na cara dele.

QUANDO O SOL NASCEU, disseram-nos que estava na hora de voltar ao trabalho. Apesar do cansaço, voltamos aliviados para nossa cabana, nos arrastando. Ulyushka já tinha saído. O lugar recendia a ovo podre. Bebemos um pouco de água da chuva e comemos um resto de pão que mamãe tinha guardado. Apesar dos meus esforços para me lavar, meu vestido continuava duro de lama. Parecia que algum animalzinho tinha mastigado as minhas mãos. As bolhas soltavam um pus amarelo.

Fiz o melhor que pude para limpar as feridas com água da chuva. Não adiantou. Mamãe disse que eu precisava criar calos.

– Faça o melhor que puder e pronto, querida – disse ela. – Mexa o braço como se estivesse cavando, mas sem pressionar. Deixe que eu faço o trabalho. – Saímos do casebre e nos encaminhamos para a fila de distribuição do trabalho.

A Sra. Rimas veio na nossa direção com uma expressão de medo no rosto. Foi então que eu vi: o corpo de um homem com uma estaca transpassada no peito preso à lateral do escritório do *kolkhoz*. Seus braços e pernas pendiam como os de uma marionete flácida. O sangue havia empapado sua camisa e pingava, formando uma poça debaixo dele. Gaviões se refestelavam em seus ferimentos recentes. Um deles bicava a órbita vazia de seu olho.

– Quem é? – perguntei.

Mamãe prendeu a respiração, me segurou e tentou tapar meus olhos.

– Ele escreveu uma carta – sussurrou a Sra. Rimas.

Passei por mamãe e fui olhar o pedaço de papel preso por uma tachinha ao lado do homem morto. Havia palavras escritas à mão e um diagrama bem rudimentar.

– Ele escreveu uma carta para os guerrilheiros, os que lutam pela liberdade da Lituânia. A NKVD encontrou – disse a Sra. Rimas.

– Quem traduziu a carta para eles? – perguntou mamãe com um sussurro.

A Sra. Rimas deu de ombros.

Senti um embrulho no estômago ao pensar em meus desenhos. Fiquei enjoada e levei a mão à boca.

Kretzsky, o agente louro, estava me encarando. Parecia cansado e zangado. Nossa recusa em assinar o documento o havia impedido de dormir. Ele nos fez marchar até a clareira num ritmo mais acelerado que o normal, gritando e nos empurrando.

Chegamos ao grande buraco que tínhamos cavado na véspera. Ao olhar para o fundo, calculei que seria possível encaixar quatro homens deitados ali dentro. Kretzsky nos instruiu a cavar outro buraco ao lado do primeiro. Eu não conseguia apagar da mente a imagem do homem morto. O diagrama que ele havia desenhado não passava de algumas linhas rudimentares. Pensei nos meus próprios desenhos, tão fiéis à realidade e tão cheios de dor, guardados na minha mala. Eu precisava escondê-los.

Bocejei e comecei a golpear o chão. Mamãe disse que o tempo iria passar mais depressa se falássemos de coisas que nos deixavam felizes. Ela achava que isso nos daria forças.

– Quero encontrar esse tal vilarejo – falei. – Talvez possamos comprar comida ou mandar cartas.

– Como podemos ir a qualquer lugar se tudo o que fazemos é trabalhar? – perguntou a mulher ranzinza. – E, se não trabalharmos, não comeremos.

– Vou tentar perguntar à mulher com quem moro – disse a Sra. Rimas.

– Tome cuidado ao falar com as pessoas – alertou mamãe. – Não sabemos em quem podemos confiar.

Eu sentia falta de papai. Ele saberia em quem poderíamos confiar e de quem deveríamos manter distância.

Ficamos cavando, cavando, até que a água chegou. O comandante Komorov estava no caminhão. Ele andou em volta dos buracos para inspecioná-los. Espichei os olhos para o balde d'água. Tinha os cabelos grudados no rosto. Queria mergulhar a cabeça lá dentro e beber. Komorov ladrou uma ordem. Kretzsky se remexeu onde estava. Komorov repetiu a ordem.

De repente, o rosto de mamãe ficou branco feito giz.

– Ele está dizendo... que temos que entrar no primeiro buraco – disse ela, segurando o vestido com força.

– Para quê? – perguntei.

Komorov deu um grito e sacou a pistola do cinto. Apontou-a para mamãe. Ela pulou para o buraco. Então ele virou a pistola para minha cabeça. Pulei também. Ele continuou assim até todos nós estarmos lá dentro. Em seguida riu e deu outra instrução.

– Temos que pôr as mãos na cabeça – disse mamãe.

– Meu Deus, não – disse a Sra. Rimas, tremendo.

Komorov deu a volta no buraco olhando para nós e empunhando a pistola. Disse-nos para deitar. Nós nos deitamos lado a lado. Mamãe segurou minha mão com força. Ergui os olhos. Por trás da silhueta grande e quadrada do comandante, o céu estava azul. Ele deu outra volta no buraco.

– Amo você, Lina – sussurrou mamãe.

– Pai nosso, que estais no céu... – começou a Sra. Rimas.

Ouvimos um barulho.

Komorov deu um tiro dentro do buraco. Um pouco de terra desabou sobre nossas cabeças. A Sra. Rimas gritou. Komorov mandou que calássemos a boca. Continuou dando voltas e mais voltas enquanto murmurava que éramos porcas imundas. De

repente, começou a chutar para dentro do buraco a terra que formava um grande monte. Ria e chutava cada vez mais depressa. A terra atingiu meus pés, depois meu vestido, e então meu peito. Ele continuou chutando furiosamente até nos cobrir, sempre com a arma apontada para nossos rostos. Se eu me sentasse, levaria um tiro. Se não me sentasse, seria enterrada viva. Fechei os olhos. A terra que cobria meu corpo pesava. Então, por fim, meu rosto também foi coberto.

Outro tiro.

Mais terra desabou. Komorov deu uma risada ensandecida enquanto continuava a chutar terra para cima de nossos rostos. Meu nariz ficou coberto. Quando abri a boca para respirar, engasguei.

Ouvi Komorov rir, depois tossir. Ele ria e tossia, tentando recuperar a compostura, como se houvesse se esforçado demais. Kretzsky disse alguma coisa.

Mais um tiro!

E então o silêncio. Ficamos ali deitadas, enterradas no buraco que nós mesmas tínhamos cavado. Ouvi o ronco abafado do caminhão que se afastava. Não conseguia abrir os olhos. Senti mamãe apertando minha mão. Ela ainda estava viva. Apertei de volta. Então ouvi a voz de Kretzsky acima de nós. Mamãe se sentou e começou a tirar a terra do meu rosto freneticamente. Ela me ajudou a sentar. Eu a abracei e não quis mais soltar. A Sra. Rimas desenterrou a mulher ranzinza, que respirava com dificuldade e tossia.

– Está tudo bem, meu amor – disse mamãe, aninhando-me junto a seu corpo. – Ele só está tentando nos assustar. Quer que assinemos aqueles papéis.

Eu não conseguia chorar. Não conseguia sequer falar.

– *Davai* – disse Kretzsky baixinho. Ele estendeu a mão.

Ergui os olhos para seu braço esticado. Hesitei. Ele esticou o braço ainda mais para baixo. Segurei seu antebraço. Ele segurou o

meu. Cravei o dedão do pé na terra e deixei que ele me puxasse para fora. Fiquei em pé ao lado do buraco, cara a cara com Kretzsky. Ficamos nos encarando.

– Tirem-me daqui! – berrou a mulher ranzinza.

Desviei o olhar para a direção em que o caminhão havia desaparecido. Kretzsky nos mandou voltar a cavar. Ninguém disse mais nada pelo resto do dia.

– O QUE HOUE? – perguntou Jonas quando voltamos para a cabana.

– Nada, querido – respondeu mamãe.

Jonas olhou para ela e depois para mim, perscrutando nossa expressão em busca de respostas.

– Só estamos cansadas – disse mamãe com um sorriso.

– Muito cansadas – confirmei.

Jonas fez um sinal para que nos aproximássemos de sua cama de palha. Dentro de sua pequena boina havia três batatas grandes. Eu e mamãe arquejamos e meu irmão levou o dedo aos lábios, nos alertando de que tomássemos cuidado para que ninguém nos ouvisse. Não queria que Ulyushka pegasse as batatas como pagamento pelo aluguel.

– Onde conseguiu isso? – perguntei com um sussurro.

– Obrigada, meu amor! – disse mamãe. – Acho que ainda temos água de chuva suficiente. Vamos fazer uma bela sopa de batatas.

Mamãe pegou seu sobretudo dentro da mala.

– Volto num minuto.

– Aonde você vai? – perguntei.

– Levar comida para o Sr. Stalas – respondeu ela.

Fui olhar minha mala, pensando no homem morto preso à parede do escritório do *kolkhoz*. Meus desenhos continuavam ali, intactos. O forro do fundo de minha mala era preso por botões de pressão. Arranquei todas as páginas escritas e desenhadas do meu bloco, coloquei-as debaixo do forro e tornei a fechá-lo. Iria esconder minhas mensagens para papai até encontrar um jeito de enviá-las.

Fui ajudar Jonas a pôr a água para ferver. Foi então que me ocorreu: a Srta. Grybas não havia nos dado beterrabas nesse dia e, ao sair, mamãe não levava nenhuma batata. Que comida ela estava dando para o Sr. Stalas?

Saí andando por entre as cabanas, escondida para ninguém me ver. Minha mãe conversava com Andrius na frente do casebre do careca. Não estava mais segurando o sobretudo. Não pude ouvir o que eles diziam. Andrius parecia preocupado. Entregou discretamente um embrulho para mamãe. Ela esticou o braço e deu um tapinha em seu ombro. Andrius se virou para ir embora. Eu me encolhi atrás do casebre. Depois que minha mãe passou, espiei para o lado de fora e comecei a seguir Andrius.

Ele desceu a fileira de cabanas. Mantive-me o mais afastada possível para não perdê-lo de vista. Andrius foi até a extremidade do campo, depois continuou em direção a uma grande construção de madeira cheia de janelas. Parou e olhou em volta. Encolhi-me atrás de um casebre. Andrius pareceu entrar no prédio pelos fundos. Esgueirei-me mais para perto e me escondi atrás de um arbusto.

Estreitei os olhos para tentar ver pela janela. Um grupo de agentes da NKVD estava reunido em volta de uma mesa. Olhei para os fundos da construção. Não, Andrius não podia ter entrado em um prédio da polícia secreta. Eu estava prestes a continuar a segui-lo quando a vi. A Sra. Arvydas apareceu na janela carregando uma bandeja de copos. Tinha os cabelos limpos e penteados. Suas roupas estavam passadas. Ela estava maquiada. Sorrindo, distribuiu as bebidas para os soldados da NKVD.

Andrius e sua mãe estavam trabalhando para os soviéticos.

EU DEVERIA TER FICADO grata pela sopa de batatas daquela noite, mas não conseguia parar de pensar em Andrius. Como ele podia fazer aquilo? Como podia trabalhar para eles? Será que morava naquele prédio? Lembrei-me de ter me deitado dentro daquele buraco na terra enquanto Andrius se deitava em uma cama, uma cama soviética. Chutei a palha que me dava coceira enquanto encarava o teto mofado.

– Mãe, você acha que eles vão nos deixar dormir hoje à noite? Ou vão insistir para irmos ao escritório assinar os papéis? – perguntou Jonas.

– Não sei – respondeu mamãe. Ela virou a cabeça para mim. – Andrius me deu aquele pão gostoso que comemos com a sopa. É muita coragem dele se arriscar assim por nossa causa.

– Ah, ele é mesmo corajoso, não é? – falei, num tom irônico.

– O que você quer dizer com isso? – indagou Jonas. – Ele é corajoso, sim. Traz comida para nós quase todos os dias.

– Ele com certeza parece estar se alimentando bem, não é? Acho até que engordou – prossegui.

– E você deveria ficar feliz por isso – disse mamãe. – Deveria se alegrar por nem todo mundo estar tão desesperado de fome quanto nós.

– Sim, fico muito feliz que a NKVD não esteja passando fome. Se estivessem, como teriam forças para nos enterrar vivos? – ironizei.

– O quê? – perguntou Jonas.

Ulyushka gritou para ficarmos quietos.

– Chega, Lina. Vamos fazer nossas orações e agradecer por essa refeição maravilhosa. E vamos rezar para que seu pai esteja tão bem quanto nós.

Dormimos a noite inteira. Na manhã seguinte, o agente Kretzsky disse a mamãe que iríamos nos juntar às outras mulheres nos campos de beterraba. Fiquei animada. Curvadas, golpeávamos a terra em meio às longas fileiras de beterrabas, usando enxadas sem cabo. A Srta. Grybas nos instruía quanto ao ritmo do trabalho. Ela nos disse que, no primeiro dia, alguém se apoiou no cabo da enxada por um instante para secar o suor da testa. Então, os soviéticos os obrigaram a serrar os cabos. Percebi quão difícil era para a Srta. Grybas roubar beterrabas para nós. Guardas armados nos vigiavam. Embora parecessem mais interessados em fumar e contar piadas, esconder uma beterraba dentro de minha roupa íntima era uma tarefa difícil. Ela ficava protuberante, como se estivesse brotando outra perna.

Nessa noite, recusei-me a levar comida para o careca. Disse a mamãe que estava me sentindo mal e não conseguia andar. Não suportava a ideia de encontrar Andrius. Ele era um traidor. Estava roliço de tanta comida soviética, aceitando alimentos das mãos que nos estrangulavam todos os dias.

– Eu levo a comida do Sr. Stalas – disse Jonas depois de alguns dias.

– Vá com ele, Lina – ordenou mamãe. – Não quero que ele vá sozinho.

Saí com Jonas para a cabana do careca. Andrius estava nos esperando do lado de fora.

– Oi – disse ele.

Ignorei-o, deixei Jonas do lado de fora e entrei para entregar as beterrabas ao Sr. Stalas, que estava em pé.

– Aí está você. Por onde andou? – perguntou ele, recostando-se na parede.

Notei o sobretudo de mamãe enfiado dentro de sua cama de palha.

– Está decepcionado por eu não ter morrido? – falei, passando-lhe a comida.

– Que mau humor – comentou ele.

– O senhor é o único que tem o direito de ficar zangado? Estou farta de tudo isso. Estou cansada de nos obrigarem a ir até o escritório da NKVD.

– Ora, eles não ligam se não assinarmos – disse o careca. – Acha mesmo que precisam de nossa permissão, de nossas assinaturas, para fazer o que estão fazendo conosco? Stalin precisa nos dobrar. Entendeu? Ele sabe que, se assinarmos uns papéis ridículos, vamos desistir. E ele terá nos vencido.

– Como o senhor sabe? – perguntei.

Ele me dispensou com um aceno da mão.

– Isso não lhe cai bem... essa raiva – falou. – Agora saia daqui. Obedeci.

– Vamos, Jonas – chamei.

– Espere – sussurrou Jonas, chegando perto de mim. – Ele nos trouxe salame.

Cruzei os braços na frente do peito.

– Acho que ela tem alergia a gentileza – disse Andrius.

– Não é a isso que tenho alergia. Onde você arrumou esse salame? – perguntei.

Andrius me encarou.

– Jonas, pode nos deixar a sós um instante? – pediu ele.

– Não, ele não pode nos deixar a sós. Minha mãe não quer que ele fique sozinho. Foi por isso que vim – falei.

– Não tem problema – disse Jonas, afastando-se.

– Então é isso que você tem comido ultimamente? Salame soviético?

– Quando consigo arrumar – disse ele.

Então pegou um cigarro e o acendeu. Andrius parecia mais forte, com os braços musculosos. Deu um trago e soprou uma nuvem de fumaça acima de nossas cabeças.

– E cigarros também – comentei. – Está dormindo em uma cama gostosa naquele prédio soviético?

– Você não faz ideia – respondeu ele.

– Ah, não? Bom, você não parece cansado nem com fome. Não foi arrastado para o escritório do *kolkhoz* no meio da noite nem condenado a 25 anos de trabalhos forçados. Está relatando para eles todas as nossas conversas?

– Você acha que estou espionando?

– Komorov pediu a mamãe que espionasse para ele. Ela se recusou.

– Você não sabe do que está falando – disse Andrius, com o rosto cada vez mais vermelho.

– Ah, não?

– Não faz ideia – repetiu ele.

– Não tenho visto sua mãe trabalhando na lavoura...

– Não – disse Andrius, inclinando-se para a frente, até que nossos rostos estivessem separados por apenas dois centímetros. – E sabe por quê? – Uma veia estava saltada em sua têmpora. Senti seu hálito na testa.

– Sei, porque...

– Porque eles ameaçaram me matar se minha mãe não fosse para a cama com eles. E, se eles se cansarem dela, talvez ainda me matem. Como você iria se sentir, Lina, se sua mãe tivesse que se prostituir para salvar sua vida?

Meu queixo caiu.

As palavras jorraram da boca de Andrius:

– Como você acha que meu pai iria se sentir se soubesse? Como minha mãe se sente, indo para a cama com os homens que mataram o marido dela? Não, sua mãe pode não traduzir para eles,

mas o que você acha que ela faria se eles pusessem uma faca no pescoço de seu irmão?

– Andrius, eu...

– Não, você não faz ideia. Nem imagina quanto eu me odeio por obrigar minha mãe a passar por isso, como todos os dias penso em acabar com minha vida para que ela fique livre. Em vez disso, minha mãe e eu estamos usando nossa desgraça para manter outras pessoas vivas. Mas você não é capaz de entender isso, não é? Porque é egoísta e egocêntrica demais. Coitadinha de você, que tem que cavar o dia inteiro. Você não passa de uma criança mimada.

Ele me deu as costas e saiu andando.

A PALHA PINICAVA MEU ROSTO. Jonas já adormecera havia muito tempo. Cada expiração sua emitia um leve chiado. Eu me revirava na cama.

– Ele está tentando, Lina – disse mamãe.

– Ele já dormiu – falei.

– Estou falando de Andrius. Ele está tentando e você está rejeitando cada movimento dele. Os homens nem sempre são graciosos, sabe?

– Mãe, você não entende – falei.

Ela me ignorou e prosseguiu:

– Bem, vejo que você está chateada. Jonas disse que você tratou Andrius mal. Isso não é justo. Às vezes a gentileza pode chegar de uma forma desajeitada. Mas ela é muito mais sincera nessa falta de jeito do que aqueles homens elegantes sobre os quais você lê nos livros. Seu pai era muito desajeitado.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto.

No escuro, minha mãe deu uma risadinha.

– Ele disse que eu o enfeiticei no mesmo instante em que pôs os olhos em mim. Mas sabe o que aconteceu de verdade? Ele tentou falar comigo e caiu de uma árvore. Caiu de cima de um carvalho e quebrou o braço.

– Mãe, não é isso – falei.

– Kostas – disse ela, com um suspiro. – Ele era tão desajeitado, mas tão sincero. Às vezes a falta de jeito pode ser muito bela. São o amor e a emoção tentando se expressar, mas na hora tudo acaba saindo sem jeito. O que estou dizendo faz sentido?

- Arrã – respondi, tentando abafar as lágrimas.
- Os homens bons muitas vezes são mais práticos do que bonitos
- disse mamãe. – Andrius tem a sorte de ser as duas coisas.



Eu não conseguia dormir. Toda vez que fechava os olhos, via-o piscando para mim, via seu lindo rosto vindo na minha direção. O cheiro de seus cabelos pairava à minha volta.

– Está acordada? – sussurrei.

Joana rolou e ficou de frente para mim.

– Estou, está quente demais para dormir – respondeu ela.

– Minha cabeça parece que está rodando. Ele é tão... bonito.

Ela riu e pôs os braços debaixo do travesseiro.

– E dança ainda melhor que o irmão.

– Que tal nós dois juntos? – perguntei.

– Pareciam estar se divertindo bastante. Todo mundo pôde ver isso.

– Mal posso esperar para encontrá-lo amanhã – falei com um suspiro. – Ele é perfeito.

No dia seguinte, depois do almoço, voltamos correndo até o chalé para pentear os cabelos. Ao sair, quase atropelai Jonas.

– Aonde vocês estão indo? – perguntou meu irmão.

– Passear – respondi e saí correndo atrás de Joana.

Andei o mais rápido que pude sem chegar a correr. Tentei não amassar o desenho que segurava enrolado na mão. Como não conseguia dormir, eu decidira desenhá-lo. O retrato ficou tão bom que Joana sugeriu que eu o desse a ele. Garantiu que ele ficaria impressionado com meu talento.

O irmão dele veio correndo até Joana e se aproximou dela na rua.

– Olá, estranha – disse, sorrindo para minha prima.

– Oi! – respondeu Joana.

– Oi, Lina. O que é isso aí? – perguntou ele, inclinando a cabeça para o papel em minha mão.

Joana olhou na direção da sorveteria. Passei para a frente dela para ver onde ele estava.

– Lina – disse minha prima, estendendo a mão para me segurar.

No entanto, era tarde demais. Eu já tinha visto. Meu príncipe estava abraçado com uma menina de cabelos ruivos. Os dois pareciam muito à vontade, rindo e dividindo um sorvete de casquinha. Meu estômago se contraiu e se revirou.

– Esqueci uma coisa – falei, dando meia-volta. Meus dedos amassaram o retrato dentro de minha mão suada. – Já volto.

– Eu vou com você – disse Joana.

– Não, tudo bem – falei, torcendo para as manchas vermelhas que sentia no pescoço não estarem visíveis.

Forcei um sorriso. Os cantos de minha boca tremiam. Virei as costas e saí andando, tentando manter a postura até alcançar uma distância segura.

Contrair o maxilar não me ajudou a conter as lágrimas. Parei e me apoiei em uma lata de lixo na rua.

– Lina! – disse Joana ao me alcançar. – Você está bem?

Assenti. Abri o retrato do rosto bonito dele, todo amassado. Rasguei-o e joguei fora. Alguns pedaços escaparam da minha mão e saíram voando pela rua. Meninos eram uns idiotas. Eram todos uns idiotas.

O OUTONO ESTAVA quase chegando. A NKVD nos explorava ao máximo. Bastava que tropeçássemos para eles reduzirem nossa ração de pão. Mamãe podia fechar o polegar e o dedo médio em volta do meu antebraço. Eu não tinha mais lágrimas. Tinha vontade de chorar, mas meus olhos secos só latejavam e ardiam.

Era difícil imaginar que havia uma guerra em algum lugar da Europa. Vivíamos nossa própria guerra enquanto esperávamos a NKVD escolher sua próxima vítima e nos jogar no próximo buraco. Eles gostavam de nos bater e de nos chutar nos campos. Certa manhã, pegaram um velho comendo uma beterraba. Um guarda arrancou-lhe os dentes da frente com um alicate. Fomos obrigados a assistir. Noite sim, noite não, eles nos acordavam para assinar os documentos que nos condenavam a 25 anos. Aprendemos a ficar sentados em frente à mesa de Komorov e a descansar de olhos abertos. Eu agora conseguia escapar da NKVD sentada bem na sua frente.

Minha professora de artes dizia que, se você respirasse fundo e imaginasse alguma coisa, era possível estar lá. Você podia ver e sentir essa coisa. Nas nossas noites em claro com a NKVD, aprendi a fazer isso. Durante aqueles períodos de silêncio, eu me agarrava a meus velhos sonhos. Era sob a mira de uma arma que eu abraçava todas as esperanças e me permitia desejar do fundo do coração. Komorov acreditava estar nos torturando. Mas fugíamos para uma imobilidade bem dentro de nós. Ali encontrávamos força.

Nem todo mundo conseguia ficar sentado sem se mexer. Alguns ficavam inquietos, exaustos. Por fim, cediam.

– Traidores! – resmungava a Srta. Grybas, estalando a língua.

Havia discussões sobre os que assinavam os papéis. Na primeira noite em que alguém assinou, fiquei furiosa. Mamãe me disse para sentir pena, pois aquela pessoa tinha sido tão pressionada a ponto de perder a própria identidade. Mas eu não conseguia sentir pena. Não conseguia entender aquilo.

Todos os dias, enquanto caminhava para o trabalho nos campos, eu era capaz de prever quem seria o próximo a assinar. A expressão em seus rostos era uma canção de derrota. Mamãe também via. Ela ia conversar com a pessoa e trabalhava ao seu lado para tentar animá-la. Às vezes funcionava. Muitas outras, não. À noite, eu desenhava o retrato dos que haviam assinado e escrevia como a NKVD os vencera.

Os maus-tratos dos soviéticos aumentavam minha revolta. Por que eu iria ceder a pessoas que cuspiam na minha cara e me atormentavam todos os dias? Se eu lhes entregasse minha dignidade, o que iria me restar? Perguntei-me o que iria acontecer se fôssemos os últimos resistentes a assinar.

O careca gemia dizendo que não se podia confiar em ninguém. Acusava todo mundo de ser espião. A confiança acabou. As pessoas começaram a questionar os motivos umas das outras e a plantar sementes de dúvida. Pensei em papai me dizendo que tomasse cuidado com meus desenhos.

Duas noites depois, a mulher ranzinza assinou os papéis. Ela se curvou sobre a mesa. A caneta tremia em sua mão ossuda. Pensei que talvez fosse mudar de ideia, mas de repente ela rabiscou alguma coisa e largou a caneta, condenando a si e as filhas a 25 anos. Nós a encaramos. Mamãe mordeu o lábio e baixou os olhos. A mulher começou a gritar dizendo que éramos imbecis, que iríamos todos morrer mesmo, então por que não comer bem até lá? Uma de

suas filhas começou a chorar. Naquela noite, desenhei o rosto da mulher ranzinza. Sua boca estava flácida, desolada. Rugas de raiva e incompreensão marcavam sua testa.

Mamãe e a Sra. Rimas tentavam obter notícias dos homens ou da guerra. Andrius transmitia as informações a Jonas. Ele me ignorava. Mamãe escrevia cartas para papai, mesmo que não tivesse a menor ideia de para onde mandá-las.

– Elena, se ao menos conseguíssemos chegar à aldeia – disse a Sra. Rimas certa noite na fila da comida. – Poderíamos pôr nossas cartas no correio.

Aqueles que assinavam a sentença de 25 anos tinham permissão para ir à aldeia. Nós não.

– É, precisamos ir à aldeia – falei, pensando em mandar algo para papai.

– Mandem Arvydas, a prostituta – disse o careca. – Ela vai conseguir os melhores esquemas. A essa altura já deve falar russo muito bem.

– Como o senhor se atreve?! – exclamou a Sra. Rimas.

– Seu velho nojento. O senhor acha que ela vai para a cama com eles porque quer? – gritei. – A vida do filho dela depende disso!

Jonas baixou a cabeça.

– O senhor deveria sentir pena da Sra. Arvydas, assim como nós sentimos pena do senhor – disse mamãe. – Em muitas noites, Andrius e sua mãe ajudaram a pôr comida na sua boca. Como pode ser tão ingrato?

– Bem, nesse caso vocês vão ter que subornar aquela vaca ranzinza que assinou – disse o careca. – Podem pagar para ela pôr suas cartas no correio.

Todos nós tínhamos escrito cartas que mamãe planejava enviar para seu “contato”, um parente distante que morava na zona rural. A esperança era que papai tivesse feito a mesma coisa. Não podíamos assinar nossos nomes nem escrever nada específico.

Sabíamos que os soviéticos leriam as cartas. Escrevíamos que estávamos todos bem, nos divertindo e aprendendo bons ofícios. Desenhei um retrato de vovó e, abaixo dele, junto com o garrancho da minha assinatura, escrevi “Com amor, vovó Altai”. Com certeza papai iria reconhecer o rosto, minha assinatura e a palavra *Altai*. Torci para a NKVD não fazer o mesmo.

MAMÃE NOS MOSTROU três peças de prata de lei que havia costurado no forro do sobretudo. Ela as carregava desde que tínhamos sido deportados.

– Foram presente de casamento dos meus pais – falou.

Ela ofereceu uma delas à mulher ranzinza, que em troca poria nossas cartas no correio e traria artigos e notícias quando fosse à aldeia. Ela aceitou.

Todos ansiavam por notícias. O careca contou a mamãe sobre um pacto secreto entre a Rússia e a Alemanha. A Lituânia, a Letônia, a Estônia, a Polônia e outros países seriam divididos entre Hitler e Stalin. Desenhei os dois partilhando países entre si como crianças partilham brinquedos. A Polônia fica para você. A Lituânia, para mim. Será que aquilo, para eles, era um jogo? Segundo o careca, Hitler tinha violado seu pacto com Stalin, porque a Alemanha invadira a Rússia uma semana depois de sermos deportados. Quando perguntei a mamãe como o careca tomara conhecimento do pacto, ela respondeu que não sabia.

O que teria acontecido com nossa casa e nossos pertences desde que partimos? Será que Joana e meus outros parentes sabiam do que acontecera? Talvez estivessem nos procurando.

Fiquei contente por Hitler ter expulsado Stalin da Lituânia, mas o que ele estava fazendo lá?



– Nada pode ser pior do que Stalin – disse um dos homens à mesa da sala de jantar. – Ele é o retrato do mal.

– Não existe melhor nem pior – disse papai em voz baixa.

Eu me estiquei mais junto à quina da parede da sala para escutar.

– Mas Hitler não vai nos tirar de nossa terra – disse o homem.

– Você, talvez não; e nós, judeus? – perguntou o Dr. Seltzer, que era muito amigo de papai. – Vocês ouviram a notícia: Hitler obrigou os judeus a usarem braçadeiras.

– Martin tem razão – disse meu pai. – E ele está montando um sistema de guetos na Polônia.

– Sistema? É assim que você chama, Kostas? Ele já prendeu centenas de judeus em Lodz e isolou uma quantidade ainda maior em Varsóvia – disse o Dr. Seltzer com a voz tomada pelo desespero.

– Escolhi mal minhas palavras. Sinto muito, Martin. O que quero dizer é que estamos lidando com dois demônios que desejam governar o inferno.

– Mas, Kostas, vai ser impossível permanecer neutro ou independente – comentou outro homem.

– Lina! – sussurrou mamãe, segurando-me pela gola da roupa. – Já para o quarto.

Não me importei. Aquela conversa constante sobre política me entediava. Eu só estava escutando por causa da minha brincadeira de desenhar. Tentava reproduzir a expressão do rosto de cada um apenas ouvindo a conversa, sem vê-los. Já tinha escutado o suficiente para desenhar o Dr. Seltzer.



Jonas continuava trabalhando com as duas siberianas na fabricação de sapatos. Elas gostavam dele. Todos adoravam Jonas e sua doçura. As mulheres o aconselharam a fabricar botas para o

inverno. Fingiam não ver quando ele separava pedaços de materiais. Jonas estava aprendendo russo bem mais depressa do que eu. Já entendia boa parte das conversas e até conseguia usar gírias. Eu vivia lhe pedindo que traduzisse coisas. Detestava o som daquele idioma.

EU ESTAVA TRABALHANDO no campo de beterrabas ao lado de mamãe. Um par de botas pretas surgiu junto a meus pés. Levantei os olhos. Era Kretzsky. Seus cabelos louros repartidos de lado cascadeavam por sua testa. Perguntei-me quantos anos ele tinha. Não parecia muito mais velho que Andrius.

– Vilkas – chamou.

Mamãe ergueu os olhos. Ele disse alguma coisa em russo, rápido demais para eu conseguir entender. Ela baixou os olhos, depois tornou a encarar Kretzsky. Então ergueu a voz e gritou na direção do campo:

– Eles estão procurando alguém que saiba desenhar.

Congelei. Eles tinham encontrado meus papéis.

– Algum de vocês sabe? – perguntou ela, protegendo os olhos para olhar o campo.

O que mamãe estava fazendo? Ninguém respondeu.

Kretzsky estreitou os olhos enquanto me encarava.

– Eles vão pagar dois cigarros para que alguém copie um mapa e uma fotografia...

– Eu posso fazer – falei depressa, largando a enxada.

– Não, Lina! – disse mamãe, segurando meu braço.

– Mãe, é um mapa – sussurrei. – Talvez eu consiga alguma notícia sobre a guerra ou sobre os homens. E não vou ter que ficar neste campo.

Pensei em dar um dos cigarros a Andrius. Queria me desculpar com ele.

– Eu vou com ela – disse mamãe em russo.

– *NYET!* – berrou Kretzsky, agarrando meu braço. – *Davai!* – gritou enquanto me puxava para longe dali.

Kretzsky me arrastou para fora do campo de beterrabas. Apertava tanto meu braço que chegava a doer. Assim que saímos do alcance da vista dos outros, ele me largou. Fomos caminhando em silêncio na direção do escritório do *kolkhoz*. Dois agentes da NKVD vinham descendo a fileira de cabanas em nossa direção. Um deles nos viu e gritou alguma coisa para Kretzsky.

Ele olhou para os colegas e depois de volta para mim. Sua postura mudou.

– *Davai!* – gritou.

Ele me deu um tapa no rosto. Minha bochecha ardeu. Meu pescoço virou com o golpe inesperado.

Os dois agentes da NKVD chegaram mais perto, observando. Kretzsky me chamou de porca fascista. Eles riram. Um deles pediu um fósforo. Kretzsky acendeu seu cigarro. O homem da NKVD aproximou o rosto do meu. Depois de murmurar alguma coisa em russo, soprou uma longa tira de fumaça na minha cara. Tossi. Ele pegou o cigarro e apontou a brasa acesa para minha bochecha. Manchas marrons de tártaro preenchiam uma brecha entre seus dois dentes da frente. Seus lábios estavam secos e rachados. Ele deu um passo para trás, olhou-me de alto a baixo e assentiu.

Meu coração estava aos pulos. Kretzsky riu e deu um tapinha no ombro do colega. O outro guarda arqueou as sobrancelhas e fez gestos obscenos com os dedos antes de rir e começar a se afastar com o companheiro. Minha bochecha latejava.

Os ombros de Kretzsky relaxaram. Ele deu um passo para trás e acendeu um cigarro.

– Vilkas – falou, balançando a cabeça e soprando a fumaça pelo canto da boca.

Então riu, segurou meu braço e foi me arrastando em direção ao escritório do *kolkhoz*.

O que será que eu havia acabado de aceitar?

EU ESTAVA SENTADA diante de uma mesa. Sacudi as mãos para tentar fazer com que parassem de tremer. No alto à minha esquerda estava suspenso um mapa, e no alto à minha direita uma fotografia. O mapa era da Sibéria; a fotografia era um retrato de família. Nela, uma caixa preta havia sido desenhada em volta da cabeça do homem.

Um guarda trouxe papel e uma caixa com uma bela coleção de canetas, lápis e material de desenho. Corri os dedos por eles, ansiosa por usá-los para pintar o que eu bem quisesse. Kretzsky apontou para o mapa.

Eu já tinha visto mapas na escola, mas nenhum nunca me interessara tanto quanto aquele ali. Olhei o mapa da Sibéria e fiquei chocada ao constatar como era enorme. Em que ponto estaríamos? E onde estaria papai? Fiquei examinando os detalhes do mapa. Impaciente, Kretzsky socou a mesa com o punho fechado.

Vários agentes ficaram à minha volta enquanto eu desenhava. Eles folheavam arquivos e apontavam para pontos no mapa. Os arquivos continham documentos e fotografias. Enquanto copiava, eu olhava fixamente para as cidades que apareciam, tentando memorizá-las. Mais tarde, reproduziria o mapa sozinha.

A maioria dos agentes saiu assim que a cópia ficou pronta. Kretzsky continuou folheando os arquivos e tomando café enquanto eu desenhava o homem da fotografia. Fechei os olhos e respirei fundo. O café tinha um cheiro maravilhoso. A sala estava tão quente

quanto a cozinha de nossa casa. Quando abri os olhos, Kretzsky estava me encarando.

Depois de pousar sua xícara de café sobre a mesa, ele examinou o desenho. Fiquei olhando o rosto do homem à medida que ele surgia no papel à minha frente. Seus olhos eram brilhantes; o sorriso, caloroso. A boca, relaxada e tranquila, não era contraída como a da Srta. Grybas ou a do careca. Perguntei-me quem seria ele e se era lituano. Pensei em criar algo que sua mulher e seus filhos gostassem de olhar. Onde estaria aquele senhor e por que ele era importante? A tinta da caneta fluía com facilidade. Eu queria aquela caneta para mim. Quando Kretzsky se virou, deixei-a cair no meu colo e me inclinei mais para perto da mesa.

Para reproduzir os cabelos do homem, eu precisava de textura. Mergulhei os dedos na xícara de Kretzsky para pegar um pouco da borra do café, que depusitei nas costas da minha outra mão, espalhando o marrom pela pele. Usei a borra de café para dar textura aos cabelos. *Quase*. Inclinei-me para a frente e espalhei um pouco usando o dedo mindinho. *Perfeito*. Ouvi passos. Dois cigarros apareceram na minha frente. Virei-me, espantada. O comandante estava em pé atrás de mim. Ao vê-lo, senti minha pele arder, meus braços se arrepiaram e os cabelos da minha nuca se eriçaram. Encostei-me na mesa para tentar esconder a caneta em meu colo. O comandante arqueou as sobrancelhas para mim e fez cintilar o dente de ouro atrás de seu lábio.

– Pronto – falei, deslizando o desenho na sua direção.

– *Da* – disse ele, balançando a cabeça.

E continuou ali me encarando, com o palito de dentes dançando sobre a língua.

ESTAVA ESCURO E EU caminhava por entre as cabanas em direção ao prédio da NKVD, nos fundos do campo. Ouvi vozes murmurando alguma coisa atrás das paredes frágeis. Com os cigarros e a caneta aninhados no bolso, percorri depressa a linha das árvores e parei atrás de uma delas. Comparado a nossos barracões, o alojamento da NKVD parecia um hotel. Lâmpadas de querosene emitiam uma luz forte. Um grupo de guardas sentado na varanda jogava baralho e passava um cantil de mão em mão.

Esgueirei-me pelas sombras até os fundos. Então ouvi alguma coisa – alguém chorando e sussurrando em lituano. Contornei o prédio. A Sra. Arvydas estava sentada em cima de um caixote e seus ombros subiam e desciam no ritmo de seus soluços abafados. Andrius estava de joelhos em frente à mãe, segurando as mãos dela. Cheguei mais perto. Ele ergueu a cabeça com um movimento brusco e disse:

– O que você quer, Lina?

– Eu... A senhora está bem, Sra. Arvydas?

A mãe de Andrius virou a cara para mim.

– Vá embora, Lina – disse ele.

– Posso ajudar? – perguntei.

– Não.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – insisti.

– Vá embora, já disse! – Andrius se levantou e ficou de frente para mim.

Não consegui me mexer.

– Eu vim dar a você... – Levei a mão ao bolso para pegar os cigarros.

A Sra. Arvydas virou o rosto na minha direção. A maquiagem de seus olhos escorria por cima de um arranhão ensanguentado que marcava sua face.

O que será que tinham feito com ela? Senti os cigarros se esmigalharem entre meus dedos. Andrius não parava de me encarar.

– Sinto muito. – Minha voz estava embargada e acabou falhando.
– Sinto muito mesmo.

Virei as costas depressa e comecei a correr. Várias imagens passavam rapidamente e se fundiam, distorcidas pela minha velocidade: Ulyushka rindo com seus dentes amarelos; Ona no chão com apenas um dos olhos mortos aberto; o agente chegando perto de mim e soltando fumaça pelos lábios franzidos. *Pare com isso, Lina*. O rosto machucado de papai olhando para mim pelo buraco no trem; cadáveres jogados nos trilhos; o comandante estendendo a mão para tocar meu seio. *PARE COM ISSO!* Mas eu não conseguia parar.

Voltei correndo para nossa cabana.

– O que houve, Lina? – perguntou Jonas.

– Nada!

Fiquei andando de um lado para outro. Eu detestava aquele campo. Por que estávamos ali? Detestava o comandante. Detestava Kretzsky. Ulyushka reclamou e bateu com os pés no chão mandando eu me sentar.

– CALE A BOCA, SUA BRUXA! – berrei.

Vasculhei minha mala. Minha mão bateu na pedra que Andrius tinha me dado de presente. Eu a peguei. Pensei em jogá-la em Ulyushka. Em vez disso, tentei esmagá-la. Não tive forças. Pus a pedra no bolso e peguei um papel.

Encontrei um feixe de luz do lado de fora, atrás de nosso casebre. Segurei a caneta roubada sobre o papel. Minha mão começou a se mover para traçar linhas curtas, leves. Respirei fundo. Traços fluidos. Aos poucos, a Sra. Arvydas foi surgindo no papel. Seu pescoço comprido, seus lábios carnudos. Enquanto desenhava, pensei em Munch e em sua teoria segundo a qual a dor, o amor e o desespero eram elos de uma corrente infinita.

Minha respiração foi ficando mais regular. Sombreei os grossos cabelos castanhos que repousavam em uma curva suave contra sua bochecha e o grande hematoma que se espalhava pela face. Parei um instante e olhei por cima do ombro para ter certeza de que estava sozinha. Desenhei a maquiagem de seus olhos borrada pelas lágrimas. Em suas pupilas molhadas, retratei o reflexo do comandante de pé com os punhos cerrados. Continuei a desenhar, soltei o ar e sacudi as mãos.

Voltei para dentro de nosso casebre e escondi a caneta e o desenho dentro da mala. Sentado no chão, Jonas balançava os joelhos, nervoso. Ulyushka roncava adormecida sobre sua cama.

– Onde está mamãe? – perguntei.

– A mulher ranzinza foi à aldeia hoje – disse Jonas. – Mamãe desceu a estrada para encontrá-la.

– Já é tarde – falei. – Ela ainda não voltou?

Eu tinha dado à mulher ranzinza um desenho gravado em madeira para mandar para papai.

Saí do casebre e vi mamãe vindo na minha direção. Ela carregava casacos e botas. Quando me viu, abriu um largo sorriso. A Srta. Grybas veio correndo na nossa direção.

– Rápido! – disse ela. – Escondam tudo isso. A NKVD está reunindo todo mundo para assinar os documentos.

Não tive oportunidade de contar a mamãe sobre a Sra. Arvydas. Pusemos tudo dentro da cabana do careca. Mamãe me abraçou.

Seu vestido pendia do corpo magro e os ossos de sua bacia saltavam sob a cintura marcada.

– Ela pôs nossas cartas no correio! – sussurrou mamãe, radiante.

Assenti, torcendo para que o lenço já tivesse percorrido centenas de quilômetros, à frente das cartas.

Menos de cinco minutos depois, os agentes da NKVD irromperam em nosso casebre e, aos berros, nos mandaram ir até o escritório. Jonas e eu marchamos para lá junto com mamãe.

– E o mapa que você desenhou hoje à tarde? – perguntou ela.

– Foi fácil – respondi, pensando na caneta roubada escondida em minha mala.

– Não tive certeza se seria seguro – disse mamãe. – Mas acho que eu estava errada. – Ela passou os braços em torno de nós.

Estávamos seguros, sim. Seguros no inferno.



– *Tadas teve que comparecer à sala do diretor hoje – anunciou Jonas durante o jantar.*

Ele enfiou um pedaço enorme de linguiça dentro de sua boca pequena.

– *Por quê? – indaguei.*

– *Porque ele falou no inferno – explicou Jonas cuspindo, com a gordura da linguiça escorrendo pelo queixo.*

– *Jonas, não fale de boca cheia. Coma pedaços menores – repreendeu mamãe.*

– *Desculpe – disse Jonas com a boca cheia. – Está ótimo.*

Ele terminou de mastigar. Dei uma mordida na linguiça. Estava quente, e a pele salgadinha era deliciosa.

– *Tadas disse a uma das meninas que o inferno é o pior lugar do mundo e que não há como escapar de lá por toda a eternidade.*

– *Por que Tadas falou em inferno? – perguntou papai, estendendo a mão para pegar os legumes.*

– *Porque o pai dele disse que, se Stalin entrar na Lituânia, é lá que todos nós vamos parar.*

– O NOME DA ALDEIA é Turaciak – contou-nos mamãe no dia seguinte.
 – Fica no alto das montanhas. Não é grande, mas tem um correio e até uma pequena escola.

– Tem uma escola? – perguntou a Srta. Grybas, animada.

Jonas lançou-me um olhar. Ele vinha perguntando sobre a escola desde o início de setembro.

– Elena, você precisa dizer a eles que sou professora – pediu a Srta. Grybas. – As crianças do campo precisam estudar. Temos que criar algum tipo de escola aqui.

– Ela pôs as cartas no correio? – quis saber o careca.

– Pôs – respondeu mamãe. – E escreveu o endereço da agência no remetente.

– Mas como vamos saber se recebermos alguma carta? – perguntou a Sra. Rimas.

– Bem, vamos ter que continuar subornando os que assinaram o documento – disse a Srta. Grybas com uma careta. – Para verificarem nossa correspondência quando forem à aldeia.

– Ela disse que encontrou uma mulher da Letônia cujo marido está em uma prisão perto de Tomsk – disse mamãe.

– Ah, Elena, será que nossos maridos estão em Tomsk? – perguntou a Sra. Rimas, levando a mão ao peito.

– O marido dela escreveu que está convivendo com muitos amigos lituanos. – Mamãe sorriu. – Mas ela disse que as cartas eram enigmáticas e chegaram todas riscadas.

– É claro – disse o careca. – Foram censuradas. É melhor essa mulher da Letônia tomar cuidado com o que escreve. E vocês também, é melhor tomarem cuidado, se não quiserem levar um tiro na cabeça.

– O senhor nunca vai parar com isso? – perguntei.

– É verdade. Suas cartas de amor podem levá-los à morte. E a guerra? – quis saber o careca.

– Os alemães ocuparam Kiev – disse mamãe.

– O que eles estão fazendo lá? – perguntou Jonas.

– O que você acha? Matando gente. É uma guerra! – falou o careca.

– Os alemães estão matando gente na Lituânia? – indagou Jonas.

– Seu menino idiota, será que você não sabe? – retrucou o velho.

– Hitler está matando os judeus. E é capaz de os lituanos o estarem ajudando.

– O quê? – falei.

– Como assim? Hitler expulsou Stalin da Lituânia – disse Jonas.

– Isso não faz dele um herói. Será que vocês não entendem que o nosso país está condenado? Pouco importa na mão de quem nós vamos cair. Nosso destino é a morte – disse o careca.

– Pare com isso! – gritou a Srta. Grybas. – Não aguento ouvir isso.

– Chega, Sr. Stalas – disse mamãe.

– E os Estados Unidos e a Inglaterra? – perguntou a Sra. Rimas.

– Eles com certeza vão nos ajudar.

– Nenhum dos dois fez nada até agora – disse mamãe. – Mas em breve farão. Assim espero.

Essas eram as primeiras notícias da Lituânia em muitos meses. O ânimo de mamãe melhorou bastante. Apesar da fome e das bolhas causadas pelo trabalho árduo, ela ficou radiante. Quase saltitava ao caminhar. Tal qual o oxigênio, a esperança lhe dava energia. Pensei em papai. Será que ele realmente estava preso em algum lugar da

Sibéria? Lembrei-me do mapa que havia copiado para a NKVD e depois pensei em Stalin e Hitler dividindo a Europa entre si. De repente, uma ideia me ocorreu. Se Hitler estava matando os judeus da Lituânia, o que teria acontecido com o Dr. Seltzer?

A possibilidade de as nossas cartas terem sido despachadas deu margem a conversas infundáveis. Ficamos sabendo o nome dos parentes, vizinhos e colegas de trabalho de todo mundo – de qualquer um que pudesse mandar uma carta. A Srta. Grybas tinha certeza de que o rapaz que morava na casa ao lado da sua escreveria.

– Não vai escrever, não. Ele provavelmente nunca percebeu que a senhorita morava lá – disse o careca. – A senhorita não é do tipo que chama atenção.

A Srta. Grybas não gostou daquele comentário. Mais tarde, Jonas e eu rimos pensando nisso. À noite, ficávamos deitados em nossa cama de palha inventando histórias ridículas sobre um romance entre a Srta. Grybas e seu jovem vizinho. Mamãe nos mandou parar, mas eu às vezes a ouvia rir conosco.

A temperatura caiu e a NKVD nos obrigou a trabalhar mais duro ainda. Em determinado momento, chegou a aumentar nossa ração de comida, pois queria outro alojamento construído antes que a neve chegasse. Nós continuávamos nos recusando a assinar os documentos. Andrius ainda se recusava a falar comigo. Plantamos batatas para a primavera, mesmo que ninguém quisesse pensar que ainda estaríamos na Sibéria quando o frio acabasse.

Os soviéticos obrigaram mamãe a lecionar para uma turma mista de crianças de Altai e da Lituânia. Somente as crianças cujos pais tivessem assinado o documento podiam frequentar a escola. Eles a obrigaram a lecionar em russo, embora muitas crianças ainda não compreendessem muito bem o idioma. A NKVD não permitiu que a Srta. Grybas desse aulas, o que a deixou triste. Eles lhe disseram

que, se ela assinasse, poderia auxiliar mamãe. Ela não quis ceder, mas à noite ajudava mamãe a preparar as aulas.

Fiquei contente por mamãe poder lecionar em um barracão coberto. Jonas havia mudado de função e agora cortava lenha. A neve tinha chegado e todas as noites ele voltava molhado e gelado. As pontas de seus cabelos congelados simplesmente se partiam. Minhas articulações se enrijeceram por causa do frio. Eu tinha certeza de que o interior dos meus ossos estava cheio de gelo. Quando me espreguiçava, eles emitiam um ruído seco, como um estalo. Antes de conseguirmos nos aquecer, tínhamos uma horrível sensação de ardência nas mãos, nos pés e no rosto. Quando o frio chegou, os soldados da NKVD ficaram mais nervosos. Ulyushka também. Ela nos exigia o aluguel sempre que tinha vontade. Em várias ocasiões, eu literalmente tive de arrancar minha ração de pão da mão dela.

Jonas pagava nosso aluguel com gravetos e toras que roubava enquanto cortava lenha. Felizmente, quando trabalhava com as duas siberianas, ele havia feito botas e sapatos resistentes para nós. Seu russo melhorava depressa. Nos meus desenhos, meu irmão caçula aparecia mais alto e sua expressão era mais séria.

Fui destacada para carregar sacos de cereais de 30 quilos nas costas pela neve. A Sra. Rimas me ensinou a roubar um pouco de cereal afastando a trama do saco com uma agulha e depois tornando a colocá-la no lugar de forma que não desse para perceber. Estávamos nos aperfeiçoando rapidamente na arte de roubar migalhas. Jonas saía de fininho todas as noites para pegar restos de comida no lixo da NKVD. Insetos e vermes não intimidavam ninguém. Bastavam um ou dois petelecos e a comida desaparecia goela abaixo. Às vezes Jonas voltava com embrulhos que Andrius e a Sra. Arvydas escondiam no lixo. No entanto, tirando esse presente ocasional, havíamos chegado ao mais baixo nível da cadeia alimentar e sobrevivíamos comendo coisas sujas e podres.

CONFORME O CARECA PREVIRA, conseguimos continuar subornando a mulher ranzinza para que ela fosse ao correio para nós em suas visitas à aldeia. Durante dois meses, nossos subornos não tiveram nenhum retorno. Ficávamos tremendo dentro de nossas cabanas, aquecidos apenas pela promessa de um envelope com notícias de casa. As temperaturas haviam estacionado bem abaixo de zero. Jonas dormia perto do pequeno fogareiro e acordava a cada poucas horas para pôr mais lenha no fogo. Eu já não sentia os dedos dos pés e minha pele estava rachada.

A Sra. Rimas foi a primeira a receber uma carta. Era de um primo distante e chegou em meados de novembro. A notícia de que ela havia recebido uma correspondência correu o campo depressa. Quase 20 pessoas se amontoaram dentro do casebre dela para ouvir as notícias da Lituânia. A Sra. Rimas ainda não tinha voltado da fila da comida. Ficamos esperando. Andrius chegou. Ele se espremeu ao meu lado. Tirou do bolso biscoitos roubados que distribuiu a todo mundo. Tentamos manter a voz baixa, mas a animação percorria o grupo.

Ao me virar, sem querer dei uma cotovelada em Andrius.

– Desculpe.

Ele assentiu.

– Como você está? – perguntei.

– Bem – respondeu ele.

O careca entrou na cabana e reclamou que não havia espaço. As pessoas avançaram, empurrando umas às outras. Fui esmagada

contra a frente do sobretudo de Andrius.

– Como vai sua mãe? – perguntei, erguendo os olhos para ele.

– Bem, na medida do possível.

– O que eles têm mandado você fazer?

Meu queixo estava praticamente encostado em seu peito.

– Cortar árvores na floresta. – Ele mudou de posição e baixou os olhos para mim. – E você? – perguntou. Senti seu hálito no alto da cabeça.

– Carregar sacos de cereais – respondi.

Ele assentiu.

O envelope foi passado de mão em mão. Algumas pessoas o beijaram. Então chegou até nós. Andrius correu o dedo por cima do selo e do carimbo de correio lituanos.

– Vocês escreveram para alguém? – perguntei.

Ele fez que não com a cabeça.

– Ainda não temos certeza de que é seguro.

A Sra. Rimas chegou. O grupo tentou abrir espaço, mas havia gente demais. Fui jogada novamente para cima de Andrius. Ele me segurou para tentar nos impedir de empurrar os outros como dominós. Conseguimos nos equilibrar. Ele me largou depressa.

A Sra. Rimas fez uma oração antes de abrir o envelope. Como era esperado, algumas linhas estavam riscadas com uma tinta preta grossa. Mas grande parte da carta estava legível. Ela começou:

– “Recebi duas cartas de nosso amigo em Jonava.” Ele deve estar falando de meu marido – exclamou. – Ele nasceu em Jonava. Meu marido está vivo!

As mulheres se abraçaram.

– Continue! – gritou o careca.

– “Diziam que ele e alguns amigos resolveram visitar um acampamento de verão” – leu a Sra. Rimas. – “Acho o acampamento lindo. Igualzinho à descrição do Salmo 102.”

– Alguém pegue uma Bíblia. Verifiquem o Salmo 102 – ordenou a Srta. Grybas. – Há alguma mensagem escondida nessa frase.

Ajudamos a Sra. Rimas a decodificar o resto da carta. Alguém brincou dizendo que a multidão era melhor do que um braseiro para aumentar a temperatura. De vez em quando, eu olhava para Andrius de soslaio. Sua estrutura óssea e seus olhos eram fortes, perfeitamente bem-proporcionados. Parecia que ele estava conseguindo fazer a barba de vez em quando. Sua pele estava queimada pelo vento como a de todo mundo, mas seus lábios não eram finos nem rachados como os dos agentes da NKVD. Seus cabelos castanhos ondulados estavam limpos em comparação com os meus. Ele olhou para baixo. Desviei os olhos. Não conseguia nem imaginar como eu devia estar imunda, nem o que ele podia ver nos meus cabelos.

Jonas voltou trazendo a Bíblia de mamãe.

– Rápido! – disse alguém. – Salmo 102.

– Achei – disse Jonas.

– Shh, deixem que ele leia.

Ouve a minha oração, Senhor!

Chegue a ti o meu grito de socorro!

*Não escondas de mim o teu rosto
quando estou atribulado.*

*Inclina para mim os teus ouvidos;
quando eu clamar, responde-me depressa!*

*Esvaem-se os meus dias como fumaça;
meus ossos queimam como brasas vivas.*

*Como a relva ressequida está o meu coração;
esqueço até de comer!*

De tanto gemer estou reduzido a pele e osso...

Alguém soltou um arquejo. A voz de Jonas se calou. Apertei o braço de Andrius.

– Continue – disse a Sra. Rimas, esfregando as mãos em agonia.

O vento assobiou, e as paredes da cabana tremeram. A voz de Jonas ficou mais débil.

*Sou como a coruja do deserto,
como uma coruja entre as ruínas.
Não consigo dormir;
pareço um pássaro solitário no telhado.
Os meus inimigos zombam de mim
o tempo todo;
os que me insultam usam o meu nome
para lançar maldições.
Cinzas são a minha comida,
e com lágrimas misturo o que bebo,
por causa da tua indignação e da tua ira,
pois me rejeitaste e me expulsaste
para longe de ti.
Meus dias são como sombras crescentes;
sou como a relva que vai murchando.*

– Faça-o parar – sussurrei para Andrius, recostando a cabeça em seu sobretudo. – Por favor.

Mas Jonas não parou.

Quando finalmente terminou de ler, uma rajada de vento fez barulho no telhado.

– Amém – disse a Sra. Rimas.

– Amém – ecoaram os outros.

– Ele está morrendo de fome – falei.

– E daí? Nós também estamos. Também estou murchando como a relva – disse o careca. – Ele não está pior do que nós.

– Ele está vivo – disse Andrius baixinho.

Ergui os olhos para ele. É claro. Ele queria que o pai estivesse vivo, mesmo que passando fome.

– Sim, Andrius tem razão – disse mamãe. – Ele está vivo! E seu primo provavelmente lhe mandou a notícia de que você também

está viva!

A Sra. Rimas releu a carta. Algumas pessoas saíram. Andrius foi uma delas. Jonas saiu atrás.

ACONTECEU UMA SEMANA DEPOIS. Mamãe disse que tinha visto sinais. Eu não vi nada.

A Srta. Grybas acenava freneticamente para mim, tentando correr pela neve.

– Lina, venha depressa! É Jonas! – sussurrou ela.

Mamãe disse ter percebido que a cor de meu irmão havia mudado. Mas a cor de todo mundo tinha mudado. O cinza surgia sob nossa pele e se espalhava em poças escuras sob nossos olhos.

Kretzsky não me deixou parar de trabalhar.

– Por favor – implorei. – Jonas está doente.

Será que ele não podia ajudar, só dessa vez?

Ele tornou a apontar para a pilha de sacos de cereais. O comandante andava de um lado para outro, gritando e dando chutes para nos apressar. Uma nevasca se aproximava.

– *Davai!* – berrou Kretzsky.

Quando consegui voltar para nossa cabana, mamãe já estava lá. Jonas estava deitado sobre a palha, quase inconsciente.

– O que houve? – perguntei, ajoelhando-me ao lado dela.

– Não sei. – Ela levantou a perna da calça de Jonas. Sua canela estava coberta de manchas. – Talvez seja alguma infecção. Ele está com febre – disse ela, levando a mão à testa de meu irmão. – Reparou como ele anda irritadiço e cansado?

– Sinceramente, não. Todos nós andamos irritadiços e cansados.

Olhei para Jonas. Como eu podia não ter notado? Seu lábio inferior estava coberto de feridas e suas gengivas estavam roxas.

Pintas vermelhas cobriam suas mãos e seus dedos.

– Lina, vá pegar nossas rações de pão. Seu irmão vai precisar de comida para se recuperar. E veja se consegue encontrar a Sra. Rimas.

Saí no escuro para enfrentar a neve, com o vento fustigando meu rosto. A NKVD não quis me dar as três rações. Segundo eles, Jonas perdera o direito à sua parte porque tinha desmaiado durante o trabalho. Tentei explicar que ele estava doente. Eles me mandaram embora.

A Sra. Rimas não sabia o que meu irmão tinha, nem a Srta. Grybas. Jonas parecia cada vez mais inconsciente.

O careca chegou. Ele se aproximou para examinar Jonas.

– Será que isso é contagioso? Alguém mais está com essas pintas? O garoto pode ser nosso anjo da morte. Uma menina morreu de disenteria há alguns dias. Talvez seja isso. Acho que eles a jogaram naquele buraco que vocês cavaram – disse ele.

Mamãe o mandou sair de nossa cabana.

Aos gritos, Ulyushka nos mandou levar Jonas para fora. Mamãe gritou de volta dizendo-lhe que fosse dormir em outro lugar se estivesse com medo do contágio. Ulyushka saiu batendo o pé. Sentei-me ao lado de Jonas e levei um pano gelado com neve à sua testa. Mamãe se ajoelhou e pôs-se a falar baixinho enquanto beijava seu rosto e suas mãos.

– Meus filhos, não – sussurrou ela. – Por favor, meu Deus, poupe Jonas. Ele é tão jovem. Viu tão pouca coisa na vida. Por favor... leve-me em seu lugar. – Mamãe levantou a cabeça. Seu rosto se contorceu de dor. – Kostas?

Já era tarde quando o homem do relógio chegou com um lampião de querosene.

– Escorbuto – anunciou ele depois de examinar as gengivas de Jonas. – Já está bem avançado. Os dentes dele estão ficando azuis. Não se preocupem; não é contagioso. No entanto, é melhor

arrumarem alguma coisa com vitaminas para este menino comer antes que os órgãos dele parem de funcionar. Ele está desnutrido. Pode piorar a qualquer momento.

Meu irmão era um retrato do Salmo 102, “como a relva que vai murchando”. Mamãe saiu correndo em meio à neve para suplicar por comida, deixando-me sozinha com Jonas. Apliquei compressas em sua testa. Pus a pedra de Andrius na palma de sua mão e lhe disse que as centelhas dentro da pedra iriam curá-lo. Contei-lhe histórias de nossa infância e descrevi nossa casa, cômodo por cômodo. Peguei a Bíblia de mamãe e rezei a Deus que poupasse meu irmão. Cheguei a ficar com náuseas de tão aflita. Peguei um papel e comecei a rabiscar algo para Jonas, qualquer coisa que pudesse fazê-lo se sentir melhor. Tinha começado a desenhar seu quarto quando Andrius apareceu.

– Há quanto tempo ele está assim? – perguntou, ajoelhando-se ao lado de Jonas.

– Desde hoje à tarde – respondi.

– Ele pode me ouvir?

– Não sei – falei.

– Jonas. Você vai ficar bom. Só precisamos arrumar alguma coisa para você comer e beber. Agente firme, meu amigo, está me ouvindo?

Jonas continuou deitado sem se mexer.

Andrius pegou uma trouxa dentro do sobretudo. Desembalou uma latinha prateada e sacou um canivete do bolso da calça. Fez um furo na parte superior da lata.

– O que é isso? – perguntei.

– Ele precisa comer isto aqui – disse Andrius, inclinando-se em direção ao rosto de meu irmão. – Jonas, se estiver me ouvindo, abra a boca.

Jonas não se mexeu.

– Jonas – falei. – Abra a boca. Temos uma coisa que vai fazer você melhorar.

Seus lábios se entreabriram.

– Muito bem – disse Andrius.

Ele enfiou a lâmina do canivete dentro da lata. Quando a tirou de volta, ela trazia um succulento tomate cozido espetado na ponta. Meu maxilar se retesou. Tomates. Comecei a salivar. Assim que o tomate encostou na boca de Jonas, seus lábios começaram a tremer.

– Isso, mastigue e engula – disse Andrius. Ele se virou para mim: – Vocês têm água?

– Sim, de chuva – respondi.

– Dê um pouco a ele – disse Andrius. – Ele precisa comer tudo.

Fiquei olhando a lata de tomates. O suco escorria pelo canivete de Andrius e por seus dedos.

– Onde você arrumou isso? – perguntei.

Ele me lançou um olhar de repulsa.

– No mercadinho da esquina. Você ainda não foi lá? – Ele passou algum tempo me encarando, então desviou o rosto. – Onde acha que arrumei isto? Eu roubei.

Ele pôs o último pedaço de tomate na boca de meu irmão. Jonas bebeu o suco que sobrou na lata. Andrius limpou na calça a lâmina do canivete e o suco de tomate dos dedos. Senti meu corpo se projetar para a frente em direção àquele líquido.

Minha mãe chegou trazendo uma das sapateiras siberianas. A neve havia se acumulado sobre a cabeça e os ombros das duas. A mulher correu até meu irmão enquanto falava depressa em russo.

– Tentei explicar a ela qual era o problema – disse mamãe –, mas ela insistiu em vê-lo pessoalmente.

– Andrius trouxe uma lata de tomates. Ele deu para Jonas comer – contei.

– Tomates? – indagou mamãe com um arquejo. – Ah, obrigada! Obrigada, querido! E, por favor, agradeça à sua mãe por mim.

A siberiana começou a falar com mamãe.

– Ela conhece um chá que acha que pode curá-lo – traduziu Andrius. – Ela está pedindo a sua mãe que ajude a colher os ingredientes.

Assenti.

– Andrius, você poderia ficar aqui mais um pouco? – pediu mamãe. – Sei que Jonas vai se sentir muito melhor se você ficar. Lina, vá ferver água para o chá. – Mamãe se inclinou sobre meu irmão e disse: – Jonas, meu amor, eu já volto. Vou buscar um chá que vai fazer você melhorar.

FICAMOS SENTADOS EM SILÊNCIO. Andrius encarava meu irmão com os punhos cerrados. No que ele estaria pensando? Será que estava zangado por Jonas estar doente? Será que estava bravo por sua mãe ir para a cama com homens da NKVD? Ou porque seu pai havia morrido? Talvez apenas estivesse chateado comigo.

– Andrius.

Ele não olhou para mim.

– Andrius, eu sou uma grande idiota.

Ele virou a cabeça.

– Você tem sido tão bom para nós, e eu... eu sou uma idiota. – Baixei os olhos.

Ele não disse nada.

– Tirei uma conclusão precipitada. Fui burra. Desculpe ter acusado você de espionagem. Eu me senti péssima. – Ele continuou calado. – Andrius?

– Tudo bem, você está arrependida – disse ele, voltando a olhar para meu irmão.

– E... sinto muito por sua mãe! – falei depressa.

Peguei meu caderno. Sentei-me para terminar o desenho do quarto de Jonas. No início, tive consciência do silêncio – pesado, constrangedor. Conforme prosseguia, deixei-me absorver pelo desenho. Fiquei entretida em reproduzir com perfeição as dobras suaves da coberta. A escrivaninha e a mesa tinham que ficar perfeitas. Jonas adorava sua escrivaninha e seus livros. Eu adorava livros. Sentia tanta falta dos meus!



Segurei minha sacola para proteger os livros. Não podia deixá-la balançar e bater, como de costume. Afinal de contas, ali dentro estava Edvard Munch. Eu havia esperado quase dois meses para minha professora receber os livros, que finalmente chegaram de Oslo.

Sabia que meus pais não iriam gostar de Munch nem de seu estilo, que alguns chamavam de “arte degenerada”. No entanto, assim que vi as fotos de Ansiedade, Desespero e O grito, tive que ver mais. As obras de Munch eram disformes, distorcidas, como se tivessem sido pintadas em meio à neurose. Fiquei fascinada.

Abri a porta de casa. Vi o solitário envelope e corri em direção à mesa do hall. Rasguei-o para abri-lo.

Querida Lina,

Feliz Ano-novo. Desculpe não ter escrito antes. Agora que o feriado de Natal passou, a vida parece ter tomado um rumo mais sério. Mamãe e papai têm brigado muito. Ele vive de mau humor e quase não dorme. Fica andando pela casa a noite inteira e vem do trabalho na hora do almoço buscar a correspondência. Ele já encaixotou a maioria de seus livros, dizendo que ocupam muito espaço. Tentou até encaixotar alguns dos meus livros de medicina. Será que ele enlouqueceu? As coisas mudaram muito desde a anexação.

Lina, por favor, faça um desenho do chalé de Nida para mim. As lembranças ensolaradas e cheias de calor daquele verão me ajudarão a suportar o frio até a primavera.

Por favor, mande notícias e conte aonde seus pensamentos e seus desenhos a têm levado ultimamente.

Com amor, sua prima

Joana



– Ele me contou sobre esse avião – disse Andrius, apontando para o desenho por cima do meu ombro.

Eu tinha esquecido que ele estava ali.

– Jonas adora aviões – falei, com um aceno de cabeça.

– Posso ver?

– Claro – respondi, entregando-lhe o bloco.

– Está muito bom – disse Andrius. Seu polegar pressionava o canto do caderno. – Posso olhar os outros?

– Pode.

Eu estava feliz por haver apenas uns poucos desenhos que ainda não tinha arrancado do caderno.

Andrius virou a página. Tirei a compressa da testa de Jonas e a pus para esfriar na neve. Quando voltei, Andrius estava olhando o desenho que eu tinha feito dele. Era do dia em que a Sra. Rimas recebera a carta.

– Que ângulo esquisito – disse ele, rindo baixinho.

Sentei-me.

– Você é mais alto do que eu. Esse era meu ângulo de visão. E nós estávamos todos bem apertados uns contra os outros.

– Então você teve uma boa visão das minhas narinas.

– Bem, eu o estava vendo de baixo. Deste ângulo que o vejo agora é diferente – falei, observando-o.

Ele se virou para mim.

– Está vendo? Você fica diferente visto daqui.

– Fico melhor ou pior? – perguntou ele.

Mamãe e a siberiana voltaram.

– Obrigada, Andrius – agradeceu minha mãe.

Ele assentiu. Inclinou-se para a frente e sussurrou alguma coisa no ouvido de Jonas. Então saiu.

Fizemos uma infusão com as folhas na água que eu havia fervido. Jonas bebeu. Mamãe ficou sentada ao seu lado. Eu me deitei, mas não consegui dormir. Sempre que fechava os olhos, via *O grito* de Munch, só que o rosto no quadro era o meu.

JONAS LEVOU DUAS SEMANAS para melhorar. Suas pernas tremiam quando ele andava. Sua voz mal passava de um sussurro. Enquanto isso, mamãe e eu fomos ficando mais fracas. Tínhamos que dividir nossas duas rações de pão para alimentar Jonas. No início, quando pedíamos, as pessoas doavam uma parte do que tinham. No entanto, conforme o frio foi ficando mais intenso, a generosidade das pessoas também começou a congelar. Certo dia, vi a Srta. Grybas virar-se de costas e enfiar o pão inteiro na boca na mesma hora em que este lhe foi entregue. Não pude censurá-la. Muitas vezes pensei em fazer a mesma coisa. Depois disso, mamãe e eu paramos de pedir contribuições.

Apesar de nossas súplicas, a NKVD continuava se negando a nos dar comida para Jonas. Mamãe tentou até falar com o comandante, que riu na cara dela. Ele disse algo que a deixou perturbada por muitos dias. Não tínhamos mais nada para vender. Já tínhamos trocado praticamente todos os nossos pertences por roupas quentes com os habitantes de Altai. O forro do sobretudo de mamãe estava fino, esvoaçante como uma gaze.

A aproximação do Natal melhorou o ânimo de todos. Nós nos reuníamos nas cabanas uns dos outros para relembrar as festas na Lituânia. Conversávamos sem parar sobre a *kucios*, nossa comemoração da véspera de Natal. Ficou decidido que iríamos celebrá-la no casebre do careca. Ele reclamou um pouco, mas acabou concordando.

Fechávamos os olhos ao ouvir as descrições dos 12 deliciosos pratos que representavam os 12 apóstolos. As pessoas se balançavam para a frente e para trás e meneavam a cabeça. Mamãe falava de delícias como sopa de sementes de papoula e torta de amora. A Sra. Rimas chorou ao ouvir falar na hóstia e na tradicional bênção de Natal: “Deus permita que estejamos todos juntos novamente no ano que vem.”

Depois do trabalho, os agentes se aqueciam com bebida alcoólica. Eles muitas vezes se esqueciam de nos vigiar ou não queriam se aventurar sob os ventos frios e cortantes. Todas as noites nos reuníamos para ouvir uma história da celebração de Natal. Passamos a nos conhecer graças a nossos anseios e a nossas preciosas lembranças. Mamãe insistiu em que convidássemos a mulher ranzinza para nossos encontros. Disse que o fato de ela ter assinado os documentos não significava que não sentisse saudades de casa. A neve continuou a cair e a temperatura despencou, mas o trabalho e o frio pareciam suportáveis. Tínhamos algo pelo qual esperar – um pequeno ritual que trazia alívio para nossos dias cinzentos e nossas noites escuras.

Eu havia começado a roubar lenha para manter o fogareiro aceso. Mamãe vivia preocupada, mas eu lhe garantia que estava tomando cuidado e que os agentes da NKVD eram preguiçosos demais para sair no frio. Certa noite, saí da cabana do careca para buscar lenha. Ao dar a volta no casebre, ouvi alguma coisa se mexer e congelei. Alguém estava em pé nas sombras. Seria Kretzsky? Meu coração parou... Seria o comandante?

– Sou eu, Lina.

Ouvi a voz de Andrius na escuridão. Ele riscou um fósforo para acender um cigarro, iluminando seu rosto por um instante.

– Você me assustou – falei. – Por que está aqui fora?

– Eu fico escutando daqui.

– Por que não entra? Está muito frio – argumentei.

– Ninguém iria me querer lá dentro. Não é justo. Estão todos com tanta fome.

– Isso não é verdade. Ficaríamos felizes em ter você conosco. Estamos apenas conversando sobre o Natal.

– Eu sei. Eu ouvi. Toda noite minha mãe implora para que eu repita as histórias para ela.

– Sério? Se eu ouvir falar em torta de amora mais uma vez, vou ficar maluca – confessei com um sorriso. – Preciso ir buscar lenha.

– Roubar, você quer dizer? – disse ele.

– Bem, acho que sim.

Ele balançou a cabeça e deu uma risadinha.

– Você não sente medo mesmo, não é?

– Não. Eu sinto frio. – Ele riu. – Quer vir comigo? – perguntei.

– Não, é melhor eu voltar. Tome cuidado. Boa noite.

Três dias depois, a Sra. Arvydas e Andrius apareceram trazendo uma garrafa de vodca. Todos se calaram quando eles entraram. A Sra. Arvydas usava meia-calça. Seus cabelos estavam limpos e enrolados. Andrius baixou os olhos e enfiou as mãos no bolso. Eu não ligava nem um pouco para o fato de sua mãe usar um vestido novo e não estar com fome. Ninguém ali queria trocar de lugar com ela.

– Um brinde – disse mamãe, erguendo a garrafa de vodca para a Sra. Arvydas. – Aos bons amigos.

A Sra. Arvydas sorriu e assentiu. Mamãe tomou um golinho da garrafa e remexeu os quadris, encantada. Todos nós a imitamos, tomando pequenos goles e rindo juntos, saboreando aquele instante. Andrius se recostou na parede para nos observar com um sorriso no rosto.

Nessa noite, sonhei acordada que papai se juntava a nós para as festas. Imaginei-o percorrendo a neve em direção a Altai e chegando a tempo para o Natal com meu lenço na lapela. *Ande logo, papai, falei. Por favor, ande logo.*



- Não se preocupe, Lina, ele vai chegar em breve – disse mamãe.
- Foi só buscar o feno para a mesa.

Eu estava em pé junto à janela, olhando para a neve lá fora.

Jonas ajudava mamãe na sala de jantar.

- Então amanhã teremos 12 pratos. Vamos passar o dia inteiro comendo – disse ele, estalando os lábios.

Mamãe alisou a toalha branca sobre a mesa.

- Posso me sentar ao lado de vovó? – perguntou Jonas.

A silhueta escura de papai surgiu na rua antes que eu pudesse protestar e dizer que também queria me sentar ao lado de vovó.

- Ele está chegando! – gritei.

Peguei meu casaco. Desci correndo os degraus da entrada e fiquei parada no meio da rua. A pequena silhueta escura foi ficando mais alta conforme se aproximava sob a luz fraca do crepúsculo e por trás da cortina de neve. As sinetas dos arreios de um cavalo retiniram em uma rua próxima.

Ouvi a voz de meu pai antes de distinguir seu rosto.

- Que menina ajuizada fica parada no meio da rua quando está nevando?

- Só uma menina cujo pai está atrasado – provoqueei.

O rosto de papai surgiu, gelado e vermelho. Ele estava carregando uma pequena pilha de feno.

- Não estou atrasado – respondeu, passando o braço sobre meus ombros. – Cheguei bem na hora.

A VÉSPERA DE NATAL CHEGOU. Passei o dia inteiro trabalhando, cortando lenha. A coriza que escorria de meu nariz congelou e formou uma crosta ao redor de minhas narinas. Eu mantinha a mente ocupada tentando lembrar detalhes de cada Natal que passamos em casa. Nessa noite, ninguém engoliu sua ração de pão na fila. Nós nos cumprimentamos com gentileza e voltamos para nossas cabanas. Jonas estava quase normal de novo. Nós lavamos a cabeça e esfregamos as unhas usando neve derretida. Mamãe prendeu os cabelos num coque alto e pintou os lábios com batom. Ela passou um pouco de vermelho nas minhas bochechas para me deixar corada.

– Não está perfeito, mas estamos fazendo o melhor possível – falou, arrumando nossas roupas e cabelos.

– Pegue a foto de família – disse Jonas.

Os outros tiveram a mesma ideia. Havia diversas fotografias de famílias e pessoas queridas na cabana do careca. Vi um retrato da Sra. Rimas com o marido. Ele era baixo como a esposa. Na foto, ela estava rindo. Parecia muito diferente, forte. Agora estava murcha, como se alguém a tivesse esvaziado. Nessa noite, o careca ficou particularmente calado.

Nós nos sentamos no chão como se estivéssemos em volta de uma mesa. No centro, pusemos um pano branco com um montinho de feno e galhos de pinheiro diante de cada pessoa. Um lugar foi deixado vazio. À sua frente ardia um toco de vela aceso. A tradição lituana dizia para deixar um lugar vazio à mesa para os parentes

ausentes ou já falecidos. As pessoas puseram fotos de seus familiares e amigos em volta do lugar vazio. Com delicadeza, pus a foto de nossa família junto das outras.

Peguei a trouxa de comida que vinha guardando e a pus sobre o pano. Algumas pessoas haviam levado pequenas surpresas – uma batata que tinham guardado, ou algo que roubaram. A mulher ranzinza serviu uns biscoitos que devia ter comprado na aldeia. Mamãe agradeceu com grande alvoroço.

– O jovem Arvydas e a mãe dele mandaram isto aqui. Para depois do jantar – disse o careca.

Ele lançou alguma coisa sobre o pano. O objeto aterrisou com um ruído seco. As pessoas ficaram boquiabertas. Não acreditei no que via. Fiquei tão chocada que comecei a rir. Era chocolate. Chocolate de verdade! E o careca não o comera.

Jonas soltou um grito de alegria.

– Shh... Jonas. Não faça tanto barulho – advertiu mamãe. – Ela olhou para o pacote no chão. – Chocolate! Que maravilha. Nosso cálice transborda.

O careca pôs a garrafa de vodka no centro do pano.

– Ora, o senhor sabe que isso não pode – repreendeu a Srta. Grybas. – Não no dia de *kucios*.

– Como eu poderia saber, droga? – disparou o careca em resposta.

– Talvez depois do jantar – sugeriu mamãe com uma piscadela.

– Não quero participar – disse o careca. – Sou judeu.

Todos ergueram os olhos.

– Mas... Sr. Stalas, por que não nos disse antes? – perguntou mamãe.

– Porque não é da sua conta – retrucou ele, ríspido.

– Mas há muitos dias estamos nos reunindo para falar sobre o Natal. E o senhor teve a gentileza de nos deixar usar sua cabana.

Se tivesse nos contado, poderíamos ter incluído uma celebração de Chanuca – disse mamãe.

– Não pense que não celebrei os macabeus – disse o careca, apontando para ela com o indicador. – Só não fico tagarelando sobre isso como vocês, seus idiotas. – A cabana caiu em silêncio. – Não fico falando sobre minha fé. Isso é pessoal. E, para ser sincero, acho sopa de semente de papoula uma droga.

As pessoas se remexeram, pouco à vontade. Jonas começou a rir. Ele detestava sopa de semente de papoula. O careca também riu. Logo estávamos todos gargalhando histericamente.

Ficamos sentados por muitas horas diante de nossa refeição e de nossa mesa improvisada. Cantamos canções populares e natalinas. Depois de muita insistência, mamãe conseguiu convencer o careca a recitar a prece hebraica chamada *Ma'oz Tzur*. Sua voz não tinha o tom nasalado de sempre. Ele fechou os olhos. As palavras saíam trêmulas de emoção.

Fiquei olhando para nossa foto de família diante do lugar vazio à mesa. Nós sempre passávamos o Natal em casa, ouvindo os sinos ecoarem nas ruas e sentindo os cheiros que emanavam da cozinha. Imaginei a sala de estar às escuras, com o candelabro repleto de teias de aranha e a mesa coberta por uma fina camada de poeira. Pensei em papai. O que ele estaria fazendo no Natal? Será que tinha um pedacinho de chocolate para derreter na boca?

A porta do casebre se abriu de repente. Agentes da NKVD entraram apontando armas para nós.

– *Davai!* – gritou um deles, agarrando o homem do relógio. Pessoas começaram a protestar.

– Por favor, é véspera de Natal – implorou mamãe. – Não tentem nos fazer assinar aqueles documentos hoje.

Os guardas continuaram gritando e começaram a empurrar as pessoas para fora do casebre. Eu não iria embora sem papai. Precipitei-me até o outro lado da mesa. Peguei nossa foto de família

e a enfiei debaixo do vestido. Iria escondê-la durante o caminho até o escritório do *kolkhoz*. Kretzsky não percebeu nada. Em pé com o fuzil na mão, sem se mexer, ele olhava as fotografias.

ELES NOS OBRIGARAM a trabalhar duro no dia de Natal. Eu cambaleava de tão cansada, pois não havia dormido na noite anterior. Quando voltei para a cabana, mal conseguia andar. Como presente de Natal, mamãe tinha dado a Ulyushka um maço de cigarros. A camponesa estava sentada fumando junto ao fogareiro com os pés para cima. Onde mamãe teria conseguido aquilo? Eu não entendia por que ela dava presentes a Ulyushka.

Jonas chegou acompanhado de Andrius, que nos cumprimentou:

– Feliz Natal!

– Obrigada pelo chocolate – disse mamãe. – Ficamos loucos de alegria.

– Andrius, espere um pouco – pediu Jonas. – Tenho uma coisa para você.

– Também tenho uma coisa para você – falei, pondo a mão dentro de minha mala e pegando uma folha de papel que entreguei a ele.

– Não está muito bom – comentei –, mas o ângulo é melhor. Suas narinas estão menores.

– Está incrível – disse Andrius, olhando meu desenho.

– Sério?

Seus olhos se acenderam e se cravaram nos meus.

– Obrigado.

Abri a boca, mas nada saiu.

– Feliz Natal – falei por fim.

– Tome – disse Jonas, estendendo a mão. – Isto aqui era seu e depois você deu para Lina. Ela deu para mim quando eu estava

doente. Eu sobrevivi, então imagino que deva dar muita sorte. Acho que é a sua vez de ficar com ela. – Jonas abriu a mão, revelando a pedra com as centelhas dentro. Ele a entregou a Andrius.

– Obrigado. Acho que ela dá sorte – disse Andrius, olhando a pedra.

– Feliz Natal – falou Jonas. – E obrigado pelos tomates.

– Vou acompanhá-lo na volta – disse mamãe. – Gostaria de desejar feliz Natal à sua mãe, se ela puder dar uma fugidinha.

Jonas e eu nos deitamos em nossa cama de palha, bem cobertos por nossos casacos e botas.

– Lembra quando costumávamos dormir de pijama? – perguntou Jonas.

– Lembro. E com edredons de plumas de ganso.

Meu corpo afundou na palha e no silêncio. Senti o frio do chão duro ir subindo lentamente pelas minhas costas e pelos meus ombros.

– Espero que papai tenha um edredom de plumas de ganso hoje – disse Jonas.

– Eu também. Feliz Natal, Jonas.

– Feliz Natal, Lina.

– Feliz Natal, papai – sussurrei.

– LINA! – DISSE ANDRIUS, entrando às pressas em nosso casebre. – Rápido, eles estão vindo buscar você.

– Eles quem? – perguntei, surpresa.

Eu tinha acabado de chegar do trabalho.

– O comandante e Kretzsky estão vindo para cá agora.

– Como assim? Por quê? – perguntou mamãe, assustada.

Pensei na caneta que havia roubado e escondido na mala.

– É que... eu... eu roubei uma caneta – confessei.

– Você o quê? – disse mamãe. – Como pôde ser tão tola! Roubar da NKVD!

– Não é por causa de caneta nenhuma – disse Andrius. – O comandante quer que você desenhe o retrato dele.

Parei e me virei para Andrius.

– O quê?

– Ele é totalmente egocêntrico – respondeu ele. – Ficou dizendo que precisava de um retrato para o escritório do *kolkhoz*, de um retrato para sua esposa...

– Esposa? – repetiu Jonas.

– Não vou conseguir fazer isso – falei. – Não consigo me concentrar na frente dele. – Olhei para Andrius. – Ele me deixa pouco à vontade.

– Eu vou com você – disse mamãe.

– Ele não vai deixar – falou Andrius.

– Não posso desenhá-lo. Se for preciso, quebro minhas próprias mãos.

– Lina, você não vai fazer nada disso – repreendeu-me mamãe.

– Se você quebrar suas mãos, não vai conseguir trabalhar – disse Andrius. – E, se não trabalhar, vai morrer de fome.

– Eles sabem que ela tem outros desenhos? – perguntou Jonas em voz baixa.

Andrius fez que não com a cabeça.

– Lina – disse Andrius, baixando a voz. – Você precisa deixar o retrato... lisonjeiro.

– Está querendo me ensinar a desenhar? – perguntei.

Ele suspirou.

– Gosto dos seus desenhos. Alguns são muito realistas, mas outros são... bem, são distorcidos.

– Mas eu pinto o que vejo.

– Você sabe do que estou falando – disse Andrius.

– E o que vou ganhar com isso? – perguntei. – Não vou fazer uma coisa dessas por um pedaço de pão ou por um punhado de cigarros tortos.

Começamos a falar sobre o que eu poderia pedir. Mamãe queria selos e sementes. Jonas queria batatas. Eu queria uma cabana só para nós e um edredom de plumas de ganso. Pensei no que Andrius tinha dito e me esforcei para entender o que seria “lisonjeiro”. Ombros largos significam poder. A cabeça ligeiramente virada de lado iria acentuar o contorno marcante de seu queixo. O uniforme seria fácil. Eu poderia desenhá-lo com muita precisão. O que me preocupava era o rosto. Quando me imaginei desenhando o comandante, não tive problema nenhum até chegar à cabeça. Minha mente via um uniforme limpo e passado a ferro, com um ninho de cobras venenosas brotando do pescoço, ou então uma caveira com órbitas oculares pretas e vazias, fumando um cigarro. Eram impressões fortes. Eu queria muito desenhá-las. Precisava desenhá-las. Mas não podia, não na frente dele.

UMA LAREIRA CREPITAVA no escritório do *kolkhoz*. O cômodo recendia a madeira queimada. Tirei as luvas e aproximei as mãos das chamas para aquecê-las.

O comandante entrou pisando firme. Estava usando um uniforme verde impecável, com detalhes em azul nas costuras. Uma faixa negra a tiracolo sustentava o coldre de sua pistola. Tentei reparar em tudo depressa para não precisar olhar para ele. Calça azul, boina azul com uma faixa vermelha acima da aba. Duas medalhas de ouro brilhavam do lado esquerdo do uniforme. E, claro, o onipresente palito, que dançava de um lado para outro em sua boca.

Arrastei uma cadeira até junto de sua mesa e me sentei, gesticulando para que ele fizesse o mesmo. O comandante puxou sua cadeira e se acomodou na minha frente, com os joelhos quase encostados nos meus. Cheguei minha cadeira para trás, fingindo procurar o ângulo certo.

– Casaco – disse ele.

Ergui os olhos para encará-lo.

– Tire.

Não me mexi.

Ele assentiu, trespassando-me com seus olhos bem afundados nas órbitas. Passou a língua em volta do palito, fazendo-o girar de um lado para outro.

Balancei a cabeça e esfreguei os braços.

– Frio – falei.

O comandante revirou os olhos.

Respirei fundo e levantei o rosto a fim de olhar para ele, que me encarava.

– Quantos anos você tem? – perguntou, correndo os olhos pelo meu corpo.

Então começou. Serpentes saíram rastejando da gola de seu uniforme e se enroscaram em volta de seu rosto, sibilando para mim. Pisquei. Uma caveira cinza estava encarapitada em cima do seu pescoço com a mandíbula escancarada, rindo.

Esfreguei os olhos. *Não há serpente nenhuma aqui. Não desenhe as serpentes.* Agora eu sabia como Edvard Munch se sentia. “Pinte o que vê”, dissera ele. “Mesmo que o dia esteja ensolarado e você só veja escuridão e trevas. Pinte o que vê.” Tornei a piscar os olhos. Não posso, pensei. Não posso pintar o que vejo.

– Não estou entendendo – menti.

Fiz um gesto para que ele virasse a cabeça para a esquerda.

Esbocei os primeiros traços. Teria que começar pelo uniforme. Não conseguia olhar para o rosto dele. Tentei desenhar depressa. Não queria passar nem um minuto além do necessário perto daquele homem. Estar sentada na frente dele era como sentir um calafrio que nunca passava.

Como vou conseguir fazer esse desenho em uma hora? Concentre-se, Lina. Nada de serpentes.

O comandante não era um bom modelo. Insistia em fazer pausas frequentes para fumar. Descobri que conseguia fazê-lo passar mais tempo parado se lhe mostrasse como o desenho estava progredindo de vez em quando. Ele estava encantado consigo mesmo, perdido em seu próprio ego.

Depois de mais 15 minutos, o comandante pediu uma pausa. Pegou seu palito de dentes em cima da mesa e saiu.

Olhei para o retrato. Seu aspecto era forte, poderoso.

Ele voltou trazendo Kretzsky. Arrancou o bloco das minhas mãos e mostrou-o ao guarda, dando-lhe um tapinha no ombro com as

costas da mão.

Kretzsky tinha o rosto virado para o desenho, mas pude sentir que estava olhando para mim. O comandante lhe disse alguma coisa. Ele respondeu. A voz que usava para falar era muito diferente da que usava para dar ordens. Seu tom era brando, jovem. Mantive a cabeça baixa.

O comandante tornou a me entregar o bloco. Ele rodeou a cadeira em que eu estava sentada, dando passos lentos e regulares com as botas pretas. Olhou para meu rosto e gritou uma ordem para Kretzsky.

Comecei a desenhar seu chapéu. Era a única coisa que faltava. Kretzsky voltou e entregou uma pasta ao comandante. Komorov abriu-a e começou a folhear uns papéis. Olhou para mim. O que estaria escrito naqueles arquivos? O que ele sabia sobre nós? Será que havia alguma pista sobre papai?

Passei a desenhar furiosamente. Rápido, *davai*, disse a mim mesma. O comandante começou a fazer perguntas. Eu entendia alguma coisa.

– Desenha desde criança?

Por que ele queria saber? Assenti, gesticulando para ele virar um pouco a cabeça. Ele obedeceu e manteve a pose.

– O que você gosta de desenhar? – quis saber.

Ele estava puxando conversa comigo? Dei de ombros.

– Quem é seu artista preferido?

Parei o que estava fazendo e ergui o rosto.

– Munch – respondi.

– Munch, hum. – Ele assentiu. – Não conheço.

A listra vermelha acima da aba de seu chapéu precisava de mais detalhes. Eu não queria desperdiçar esse tempo. Apenas a preenchi rapidamente. Com cuidado, destaquei a folha do bloco e entreguei-a ao comandante.

Ele largou a pasta sobre a mesa e pegou o retrato. Pôs-se a andar pela sala, admirando-se.

Eu não tirava os olhos da pasta.

Ela estava ali em cima da mesa, bem na minha frente. Devia haver alguma coisa sobre papai ali dentro, algo que pudesse me ajudar a fazer um desenho chegar até ele.

O comandante deu uma ordem a Kretzsky. Pão. Ele estava mandando Kretzsky me dar pão. O combinado era que eu receberia mais do que isso.

O comandante saiu da sala. Comecei a protestar.

Kretzsky apontou para a porta da frente.

– *Davai!* – gritou, acenando para que eu saísse.

Vi Jonas esperando lá fora.

– Mas... – comecei.

Kretzsky gritou alguma coisa e saiu por trás da mesa.

Jonas abriu a porta e espiou para dentro da sala.

– Ele disse para irmos até a porta da cozinha. Eu ouvi. Podemos buscar nosso pão lá – sussurrou meu irmão.

– Mas o combinado era recebermos batatas – reclamei.

O comandante era um mentiroso. Eu deveria ter desenhado as cobras. Virei-me para pegar o bloco e vi a pasta em cima da mesa.

– Vamos, Lina, estou com fome – disse Jonas.

– Está bem – falei, fingindo recolher meu bloco. Peguei a pasta e a enfiei debaixo do casaco. – Está bem, vamos – falei, saindo depressa pela porta.

Jonas não tinha ideia do que eu acabara de fazer.

FOMOS ATÉ O ALOJAMENTO da NKVD. Eu podia sentir as batidas do meu coração latejarem nas orelhas. Tentei me acalmar e agir normalmente. Olhei por cima do ombro. Vi Kretzsky sair pela porta dos fundos do escritório do *kolkhoz*. Ele caminhou pelas sombras na direção do alojamento, com a barra do sobretudo de lã balançando. Ficamos esperando nos fundos junto à cozinha, conforme tínhamos sido instruídos.

– Talvez ele não venha – falei, ansiosa por voltar à nossa cabana.

– Ele tem que vir – disse Jonas. – Eles nos devem comida pelo desenho.

Kretzsky apareceu na porta dos fundos. Um pão inteiro aterrissou no chão. Será que ele não podia simplesmente nos entregar o pão? Isso por acaso era difícil demais para ele? Eu odiava Kretzsky.

– Vamos, Jonas. Vamos embora daqui – falei.

De repente, fomos atingidos por batatas. Risadas vinham da cozinha.

– Vocês precisam jogar as coisas? – perguntei, chegando mais perto do vão escuro da porta, que se fechou.

– Olhe, tem várias! – disse Jonas, correndo para recolher as batatas.

A porta se abriu. Uma lata foi arremessada bem na minha testa. Ouvi um ruído metálico e senti algo morno escorrendo pelas minhas sobrancelhas. Latas abertas e lixo choviam à nossa volta. A NKVD estava se divertindo jogando lixo em crianças indefesas.

– Eles estão bêbados. Rápido, vamos! Antes que comecem a atirar – falei, sem querer deixar cair a pasta.

– Espere, estou vendo comida no meio desse lixo! – disse Jonas, recolhendo coisas do chão freneticamente.

Um saco veio voando da cozinha e acertou Jonas no ombro, derrubando-o. Vivas irromperam de trás da porta.

– Jonas! – corri até ele. Alguma coisa molhada me atingiu no rosto.

Kretzsky apareceu à porta e disse alguma coisa.

– Rápido – disse Jonas. – Ele disse que estamos roubando comida e que vai nos denunciar.

Saímos correndo como galinhas num quintal, esticando o pescoço para examinar tudo o que era jogado no chão. Levantei a mão para limpar dos olhos aquela massa fedorenta. Eram cascas de batatas podres. Abaixei a cabeça e as comi.

– *Fasheest sveenya!* – berrou Kretzsky antes de bater a porta.

Comecei a recolher coisas dentro da saia, mantendo o braço colado ao tronco para segurar a pasta. Peguei tudo o que conseguia carregar, inclusive latas vazias para lixo. O lado esquerdo da minha testa latejava. Levei a mão até lá e senti um galo grande e úmido.

Andrius apareceu na lateral do alojamento. Olhou em volta e disse:

– Estou vendo que você recebeu alguma coisa pelo desenho.

Eu o ignorei e, com a mão livre, comecei a recolher as batatas depressa. Fui guardando-as nos bolsos e dentro da saia, desesperada para apanhar todas elas.

Andrius avançou para pegar o saco sobre o qual eu estava agachada. Ele pôs a mão no meu ombro.

– Não se preocupe – disse com voz suave. – Vamos pegar tudo.

Ergui os olhos para ele.

– Você está sangrando.

– Não é nada. Estou bem – falei, tirando uma casca de batata podre dos cabelos.

Jonas recolheu o pão. Andrius pegou o saco grande.

– O que é isso? – perguntou Jonas.

– Farinha – disse Andrius. – Eu carrego para vocês. Machucou o braço? – perguntou ele ao me ver segurando o casaco com força.

Fiz que não com a cabeça.

Em silêncio, começamos a percorrer a neve penosamente.

– RÁPIDO, JONAS! – falei assim que nos afastamos o suficiente do alojamento da NKVD. – Mamãe vai ficar preocupada. Vá na frente e diga a ela que estamos bem.

Jonas saiu correndo em direção à nossa cabana. Diminuí o passo.

– Eles têm um arquivo sobre nós – falei enquanto via meu irmão ficar cada vez menor ao se afastar.

– Eles têm arquivos sobre todo mundo – disse Andrius.

Ele subiu um pouco mais o saco de farinha, ajeitando-o sobre o ombro.

– Talvez você possa me ajudar com uma coisa – falei.

Andrius fez que não com a cabeça, quase rindo.

– Lina, não posso roubar um arquivo. É muito diferente de roubar lenha ou uma lata de tomates. Uma coisa é entrar na cozinha, mas...

– Não preciso que você roube a pasta da minha família – atalhei, parando antes de chegar ao nosso casebre.

– O quê? – Andrius também parou.

– Não preciso que você roube. – Olhei em volta e abri um pouco o casaco. – Já estou com ela – sussurrei. – Estava em cima da mesa do comandante. Preciso que você a devolva depois que eu ler.

O semblante de Andrius foi tomado pelo choque. Ele olhou de um lado para outro, verificando se não havia mais ninguém por perto. Então me puxou para trás de uma cabana.

– Qual é o seu problema?! Por acaso quer morrer? – sussurrou ele.

– O careca disse que está tudo nos arquivos, para onde cada um foi mandado e talvez o que aconteceu com o resto da nossa família. Está tudo bem aqui.

Eu me agachei, largando as batatas e outros alimentos que vinha carregando. Pus a mão dentro do casaco.

– Lina, você não pode fazer isso. Me dê essa pasta. Vou levá-la de volta.

Passos se aproximaram. Andrius ficou em pé na minha frente. Alguém passou.

Ele largou o saco e estendeu a mão para pegar a pasta. Afastei-me dele e a abri. Minhas mãos tremiam. Havia fotos da nossa família e documentos. Meu coração murchou. Estava tudo escrito em russo. Virei-me para Andrius. Ele arrancou a pasta das minhas mãos.

– Por favor – implorei. – Me diga o que está escrito.

– Você é mesmo tão egoísta assim? Ou será que é só burra mesmo? Eles vão matar você e sua família.

– Não. – Agarrei seu braço. – Andrius, por favor. Talvez isso me ajude a encontrar meu pai. Você ouviu o que ele disse no trem. Eu posso ajudá-lo a nos encontrar. Posso lhe mandar meus desenhos. Só preciso saber onde ele está. Eu... eu sei que você entende isso.

Depois de me encarar por um instante, ele abriu a pasta.

– Não sei ler russo muito bem – falou.

Seus olhos percorreram os documentos rapidamente.

– O que está escrito?

– Alunos da Academia – disse ele, olhando por cima do ombro. – Esta palavra aqui quer dizer “artista”. É você. O seu pai – disse ele, pondo o dedo debaixo de uma palavra.

– Sim, o que tem ele? – perguntei.

– A localização.

Cheguei mais perto de Andrius.

– O que está escrito?

– Krasnoyarsk. Uma prisão.

– Papai está em Krasnoyarsk?

Eu me lembrava de ter desenhado Krasnoyarsk no mapa da NKVD.

– Acho que esta palavra aqui significa “delito” ou “acusação” – disse ele, apontando para alguma coisa que estava escrita. – Aqui diz que seu pai está...

– O quê?

– Não conheço esta palavra – sussurrou Andrius, fechando a pasta e a guardando dentro do casaco.

– O que mais está escrito?

– Só isso.

– Você não consegue descobrir o que significa essa palavra?

Aquela sobre papai?

– E se eu for pego com esta pasta? – perguntou Andrius, subitamente tomado pela raiva.

E se ele fosse pego? O que iriam fazer com ele? Andrius se virou para ir embora, mas eu o detive.

– Obrigada – falei. – Muito obrigada.

Ele assentiu enquanto se afastava de mim.

MAMÃE FICOU MARAVILHADA com a comida. Resolvemos consumir a maior parte imediatamente, para o caso de a NKVD tentar tomá-la de volta. As sardinhas em lata estavam uma delícia e compensaram o corte dolorido em minha testa. Seu óleo parecia seda sobre minha língua.

Mamãe deu uma das batatas a Ulyushka e convidou-a a comer conosco. Ela sabia que era menos provável que a mulher nos delatasse por termos roubado alimentos se também comesse alguma coisa. Odiei dividir nossa comida com ela. Ulyushka tinha tentado pôr Jonas para fora da cabana quando ele estava doente. Não pensava duas vezes antes de nos roubar. Nunca dividia nada conosco. Comia seus ovos bem na nossa frente. Mas mamãe insistiu em compartilhar com ela.

Eu estava preocupada com Andrius e torcia para que ele tivesse conseguido devolver a pasta sem ser notado. E o que significaria aquela palavra para a qual ele havia apontado, a que ele pensava querer dizer “delito” ou “acusação”? Eu me recusava a acreditar que papai tivesse feito alguma coisa errada. Fiquei ruminando essa ideia. A Sra. Raskunas trabalhava com papai na universidade. Ela não tinha sido deportada. Eu a vi espiando pela janela na noite em que fomos capturados. Então nem todo mundo da universidade foi deportado. Por que papai? Eu queria dizer a mamãe que ele havia sido mandado para a prisão em Krasnoyarsk, mas não consegui. Ela ficaria preocupada demais com o fato de ele estar preso e zangada por eu ter roubado a pasta. Também ficaria preocupada

com o fato de Andrius ter ficado com ela. Eu também estava preocupada com isso.

Nessa noite, arranquei mais desenhos do meu caderno e os escondi com os outros no forro da mala. Ainda restavam duas páginas. Meu lápis ficou suspenso na borda do papel. Ergui os olhos. Mamãe e Jonas conversavam baixinho. Fiz o lápis rolar entre os dedos. Desenhei um colarinho. Uma serpente começou a aparecer, enrolando-se para cima. Risquei-a depressa.

Na tarde seguinte, vi Andrius na volta do trabalho. Examinei seu rosto em busca de notícias sobre a pasta. Ele assentiu. Meus ombros relaxaram. Ele a tinha devolvido. Mas será que havia descoberto o significado daquela palavra? Sorri. Ele balançou a cabeça, irritado, mas meio que sorriu também.

Achei um pedaço fino e plano de casca de árvore e levei-o de volta para nossa cabana. À noite, decorei as margens com desenhos de bordados lituanos. Reproduzi nossa casa em Kaunas e outros símbolos da Lituânia. Na parte inferior, escrevi: “Entregar na prisão de Krasnoyarsk. Com amor, Srta. Altai.” Assinei com meu garrancho e pus a data.

– O que vou fazer com isso? – perguntou a mulher ranzinza quando a abordei.

– Basta entregar para qualquer lituano que vir na aldeia – falei. – Diga que passem adiante. Isto precisa chegar a Krasnoyarsk.

A mulher ranzinza olhou para meus desenhos do brasão lituano, do castelo de Trakai, de São Casimiro, nosso santo padroeiro, e da cegonha, a ave nacional da Lituânia.

– Tome – falei, estendendo-lhe um pedaço roto de roupa. – Talvez uma de suas filhas possa usar esta anágua. Sei que não é muito, mas...

– Fique com sua anágua – disse a mulher ranzinza, sem tirar os olhos do meu desenho. – Vou passar isto aqui adiante.

DIA 22 DE MARÇO. Meu aniversário de 16 anos. Meu aniversário esquecido. Mamãe e Jonas saíram da cabana para ir trabalhar. Nenhum dos dois me deu parabéns. O que eu esperava, uma festa? Nós mal tínhamos o que comer. Mamãe trocava o que podia por selos para mandar cartas para papai. Eu não ia dizer nada a ela sobre meu aniversário. Ela se sentiria péssima por ter esquecido. No mês anterior, eu havia lembrado a ela o aniversário de vovó. Ela passara dias culpada. Afinal, como pôde esquecer o aniversário da própria mãe?

Passei o dia empilhando lenha, imaginando a festa que daria se ainda estivéssemos na Lituânia. Meus colegas de escola iriam me desejar feliz aniversário. Meus parentes vestiriam suas melhores roupas. Os amigos de papai tirariam fotos. Iríamos a um restaurante caro em Kaunas. O dia teria uma atmosfera especial, diferente. Joana mandaria um presente.

Pensei em meu último aniversário. Papai chegara atrasado ao restaurante. Eu disse a ele que não tinha recebido nada de Joana. Percebi que ele ficou tenso ao ouvir o nome de minha prima.

– Ela provavelmente está ocupada, só isso – justificou.

Stalin já tinha roubado minha família e meu pai. Agora roubava meu aniversário. Quando comecei a andar pela neve depois do trabalho, meus pés se arrastavam. Parei a fim de pegar minha ração. Jonas estava na fila.

– Ande logo! – disse ele. – A Sra. Rimas recebeu uma carta da Lituânia. É bem grossa!

– Hoje? – indaguei.

– Sim! Vá logo! Encontre-me na cabana do careca.

A fila andava devagar. Pensei na última vez que a Sra. Rimas tinha recebido uma carta. Fazia calor em seu casebre lotado. Perguntei-me se Andrius estaria lá.

Peguei minha ração de comida e saí correndo pela neve até a cabana do careca. Estavam todos encolhidos juntos. Vi Jonas. Cheguei por trás dele.

– O que eu perdi? – sussurrei.

– Só isto aqui – respondeu ele.

A multidão se abriu. Vi mamãe.

– Feliz aniversário! – gritaram todos.

Senti um nó na garganta.

– Parabéns, meu amor! – disse mamãe, me abraçando.

– Feliz aniversário, Lina – disse Jonas. – Achou que tivéssemos esquecido?

– Sim. Achei mesmo.

– Mas não esquecemos – disse mamãe, apertando-me com mais força.

Olhei em volta à procura de Andrius. Ele não estava lá.

Todos cantaram “Parabéns a você”. Nós nos sentamos e comemos nosso pão juntos. O homem do relógio contou a história de seu aniversário de 16 anos. A Sra. Rimas falou sobre o glacê que sabia fazer. Pondo-se de pé, demonstrou a posição em que apoiava a tigela no quadril para bater com a espátula. Glacê. Eu me lembrava da consistência cremosa, do sabor doce.

– Temos um presente para você – disse Jonas.

– Um presente? – repeti.

– Bem, não está embrulhado, mas é um presente mesmo assim – disse mamãe.

A Sra. Rimas me estendeu uma trouxa. Continha um caderno e um cotoco de lápis.

– Obrigada! Onde vocês conseguiram isto? – perguntei.

– Não podemos revelar nossos segredos – disse mamãe. – O papel é pautado, mas foi só o que conseguimos.

– Ah, que maravilha! – exclamei. – Não faz mal ser pautado.

– Assim você desenha mais reto. – Jonas riu da própria brincadeira.

– Você tem que desenhar alguma coisa para se lembrar do seu aniversário. Vai ser uma ocasião única. Em breve isto aqui não vai passar de lembrança – disse mamãe.

– Que lembrança, que nada. Chega de comemorar. Vão embora daqui. Estou cansado – reclamou o careca.

– Obrigada por ceder sua cabana para a minha festa – agradecei.

Ele fez uma careta e agitou as mãos, empurrando-nos porta afora.

Nós nos demos os braços e começamos a andar na direção da cabana de Ulyushka. Ergui os olhos para o céu cinza e gelado. Ia nevar mais.

– Lina. – Andrius surgiu de trás do casebre.

Mamãe e Jonas acenaram e seguiram sem mim.

– Feliz aniversário.

Cheguei mais perto dele.

– Como você ficou sabendo?

– Jonas me contou.

A ponta de seu nariz estava vermelha.

– Você podia ter entrado... – falei.

– Eu sei.

– Descobriu o que significava aquela palavra?

– Não. Não foi por isso que vim aqui. Eu vim... para lhe dar isto. – Andrius tirou alguma coisa de trás de si. Estava embrulhado em um pano. – Parabéns.

– Você me trouxe um presente? Obrigada! Eu nem sei quando é o seu aniversário.

Peguei o embrulho. Andrius se virou para ir embora.

– Espere. Sente-se – falei, indicando um cepo em frente a uma das cabanas.

Nós nos sentamos lado a lado. O cenho de Andrius estava franzido de incerteza. Abri o pano. Olhei para ele.

– Eu... eu não sei o que dizer – gaguejei.

– Diga que gostou.

– Eu adorei!

Era um livro de Dickens.

– Não são *As aventuras do Sr. Pickwick*. É *Dombey & filho*. Foi o único Dickens que consegui encontrar.

Ele soprou as mãos enluvadas e as esfregou uma na outra. Seu hálito morno se condensava no ar frio.

– É perfeito – falei.

Abri o livro. Estava escrito em russo.

– Agora você vai ter que aprender russo, ou não vai poder ler seu presente – disse ele.

Fechei a cara, fingindo estar zangada.

– Onde conseguiu o livro?

Ele respirou fundo e balançou a cabeça.

– Hum... Será que então é melhor que o fumemos logo? – brinquei.

– Talvez. Tentei ler um pouco. – Ele simulou um bocejo.

Eu ri.

– Bem, Dickens pode ser um pouco enfadonho no início.

Fiquei olhando o livro em meu colo. A encadernação cor de vinho era lisa e esticada. O título estava gravado em letras douradas. O livro era lindo, um presente de verdade, o presente perfeito. De repente, tive a sensação de que era mesmo meu aniversário.

Olhei para Andrius.

– Obrigada – falei.

Encostei minhas luvas em suas bochechas. Puxei seu rosto em direção ao meu e o beijei. Seu nariz estava gelado. Seus lábios

estavam mornos e sua pele tinha um cheiro limpo. Senti um frio na barriga. Recuei, olhando seu rosto bonito, e tentei me lembrar de como se fazia para respirar.

– Obrigada mesmo. É um presente maravilhoso.

Andrius continuou sentado, aturdido. Eu me levantei.

– Vinte de novembro – disse ele.

– O quê?

– Meu aniversário.

– Vou me lembrar. Boa noite.

Virei-me e saí andando. Começou a nevar.

– Não fume tudo de uma vez – disse ele.

– Pode deixar – falei por cima do ombro, abraçando meu tesouro.

PARA QUE O SOL CHEGASSE à nossa pequena plantação de batatas, tínhamos que retirar a neve e o gelo derretido. Segundo um termômetro do lado de fora do escritório do *kolkhoz*, a temperatura estava um pouco acima de zero. Eu já podia desabotoar o sobretudo.

Mamãe entrou correndo na cabana, com o rosto afogueado, segurando firme um envelope. Sua mão tremia. Ela havia recebido uma carta do primo da nossa governanta dizendo, por meio de palavras em código, que papai estava vivo. Ela me abraçou com força, repetindo sem parar “Sim” e “Obrigada”.

A carta não mencionava onde ele estava. Olhei para a ruga que havia surgido em sua testa desde que fôramos deportados. Era injusto não lhe dizer a verdade. Contei a ela que tinha olhado os arquivos e que papai estava em Krasnoyarsk. Sua primeira reação foi ficar com raiva, chocada com o risco que eu havia corrido, mas, com o passar dos dias, sua postura foi melhorando e sua voz tinha um tom feliz.

– Ele vai nos encontrar, mãe, vai, sim! – falei, pensando no pedaço de casca de árvore que já estava a caminho de papai.

A atividade no campo aumentou. Começaram a chegar entregas de Moscou. Segundo Andrius, algumas delas eram caixas de arquivos. Guardas foram embora. Outros chegaram. Torci para que Kretzsky partisse. Detestava o medo constante em que vivia, receosa de que ele jogasse alguma coisa em mim. Mas ele não partiu. Reparei que ele e Andrius conversavam de vez em quando.

Certo dia, quando eu estava indo cortar lenha, chegaram caminhões cheios de oficiais. Não os reconheci. Seus uniformes eram de uma cor diferente. Eles caminhavam com passos firmes.

Depois de ser obrigada a fazer o retrato do comandante, passei a desenhar tudo o que via ou sentia. Algumas das ilustrações, assim como as de Munch, eram cheias de dor, ao passo que outras eram esperançosas e cheias de saudade. Todas eram retratos fiéis e com certeza seriam consideradas antissoviéticas. A cada noite, eu lia meia página de *Dombey & filho*. Cada palavra era um desafio. Eu vivia pedindo que mamãe traduzisse para mim.

– Esse é um russo antigo, muito formal – disse ela. – Se aprender a falar com esse livro, vai soar como uma erudita.

Andrius começou a ir me encontrar na fila da comida. Eu cortava lenha com um pouco mais de afinco, torcendo para o dia passar mais depressa. À noite, lavava meu rosto com neve. Tentava escovar os dentes e pentear meus cabelos embaraçados.

– Quantas páginas você já fumou? – sussurrou a voz dele atrás de mim.

– Quase 10 – respondi por cima do ombro.

– A esta altura já deve estar falando russo quase fluentemente – provocou ele, dando um puxão no meu gorro.

– *Peerestan* – falei, com um sorriso.

– Quer que eu pare com isso? Ah, muito bem. Então realmente aprendeu alguma coisa. E esta palavra aqui? *Krasivaya*.

Virei-me para ele.

– O que significa?

– Você vai ter que descobrir – disse Andrius.

– Tudo bem – falei. – Vou descobrir.

– Sem perguntar à sua mãe. Promete?

– Tudo bem. Diga outra vez.

– *Krasivaya*. Sério, você vai ter que aprender sozinha.

– Vou aprender.

– Vamos ver – disse ele, sorrindo enquanto se afastava.

ERA O PRIMEIRO DIA quente da primavera. Andrius foi me encontrar na fila da comida.

– Li duas páginas inteiras ontem à noite, sozinha – gabei-me enquanto pegava meu pedaço de pão.

Andrius não estava sorrindo.

– Lina – disse, segurando meu braço.

– O que foi?

– Aqui, não.

Nós nos afastamos da fila. Andrius estava calado. Foi me guiando com delicadeza até atrás de uma cabana próxima.

– O que foi? – repeti.

Ele olhou por cima do ombro.

– Estão transferindo pessoas – sussurrou ele.

– A NKVD?

– É.

– Para onde? – perguntei.

– Ainda não sei.

A luz que brilhava em seus olhos na véspera havia desaparecido.

– Transferindo pessoas por quê? Como você descobriu?

– Lina – continuou ele, apertando meu braço. Sua expressão estava me deixando assustada.

– O que foi?

Ele segurou minha mão.

– Você está na lista.

– Que lista?

– A de pessoas que serão transferidas. Jonas e sua mãe também.
– Eles sabem que peguei a pasta? – perguntei. Ele fez que não com a cabeça. – Quem lhe contou isso?

– É tudo o que sei – disse ele, baixando os olhos. Sua mão apertou a minha.

Olhei para nossas mãos unidas.

– Andrius – falei devagar. – Você está na lista?

Ele ergueu os olhos e fez que não com a cabeça.

Larguei a mão dele. Saí correndo entre as cabanas decrepitas. Mamãe. Eu tinha que avisá-la. Para onde eles iriam nos levar? Seria porque não tínhamos assinado? Quem mais estaria na lista?

– Lina, calma! – disse minha mãe. – Fale mais devagar.

– Eles vão nos levar embora. Foi Andrius quem falou – repeti, ofegante.

– Talvez estejamos indo para casa – disse Jonas.

– Isso! – concordou mamãe. – Talvez estejamos indo para um lugar melhor.

– Quem sabe vamos encontrar papai? – considerou meu irmão.

– Mãe, nós não assinamos os documentos. Você não viu a expressão no rosto de Andrius – falei.

– Onde ele está? – perguntou Jonas.

– Não sei – respondi. – Ele não está na lista.

Mamãe saiu da cabana para procurar Andrius e a Sra. Rimas. Fiquei andando de um lado para outro.



As tábuas do piso rangeram sob o peso de papai, que andava para lá e para cá.

– A Suécia é melhor – disse mamãe.

– Impossível – explicou papai. – A Alemanha é a única alternativa para eles.

– Kostas, temos que ajudá-los – falou mamãe.

– Já estamos ajudando. Eles vão pegar um trem para a Polônia e de lá arranjaremos a passagem para a Alemanha.

– E a documentação? – perguntou mamãe.

– Já está providenciada.

– Eu ficaria mais tranquila se eles fossem para a Suécia.

– Mas não dá. Eles vão para a Alemanha.

– Quem vai para a Alemanha? – gritei da sala de jantar.

Silêncio.

– Lina, eu não sabia que você estava aqui – disse mamãe, saindo da cozinha.

– Estou fazendo o dever de casa.

– Quem vai para a Alemanha é um colega de seu pai.

– Volto para o jantar.

Papai deu um beijo no rosto de mamãe e saiu apressado pela porta dos fundos.



A notícia da transferência iminente se espalhou pelo campo como uma faísca por um rastro de gasolina. Pessoas entravam e saíam correndo de suas cabanas. Vários boatos circulavam. A história mudava a cada minuto. Novas versões surgiam no instante seguinte. Alguém disse que mais agentes da NKVD haviam chegado ao campo. Outra pessoa disse ter visto um grupo de guardas carregando seus fuzis. Ninguém conhecia a verdade.

Ulyushka escancarou a porta da cabana. Disse alguma coisa para Jonas e saiu.

– Ela está procurando mamãe – falou meu irmão.

– Será que ela sabe de alguma coisa? – perguntei.

A Srta. Grybas entrou correndo em nossa cabana.

– Onde está sua mãe?

– Saiu para procurar Andrius e a Sra. Rimas – respondi.

– A Sra. Rimas está conosco. Leve sua mãe até a cabana do careca.

Ficamos esperando. Eu não sabia o que fazer. Deveria pôr tudo na mala? Será que iríamos embora mesmo? Será que Jonas tinha razão? Será que iríamos para casa? Nós não tínhamos assinado os documentos. Eu não conseguia esquecer a aflição no rosto de Andrius quando me disse que estávamos na lista. Como ele sabia disso? Como sabia que ele próprio não estava?

Mamãe voltou. As pessoas se acotovelavam na cabana do careca. Quando entramos, o volume das vozes aumentou.

– Shh – sussurrou o homem do relógio. – Sentem-se todos, por favor. Vamos ouvir o que Elena tem a dizer.

– É verdade – disse mamãe. – Existe uma lista e boatos de transferências.

– Como Andrius soube disso? – indagou Jonas.

– A Sra. Arvydas teve acesso a informações. – Mamãe desviou os olhos. – Não sei em que circunstâncias. Eu estou na lista. Meus filhos também. Assim como a Sra. Rimas. Srta. Grybas, seu nome não está na lista. Isso é tudo o que sei.

As pessoas logo começaram a perguntar se estavam na lista.

– Calem a matraca. Ela disse que é só o que sabe – resmungou o careca.

– Que interessante – comentou o homem do relógio. – A Srta. Grybas não está na lista. Mas ela não assinou. Então não se trata de uma lista dos que se recusaram.

– Por favor, não me deixem aqui – pediu a Srta. Grybas com a voz embargada.

– Pare de choramingar. Ainda não sabemos o que está acontecendo – disse o careca.

Tentei descobrir a lógica daquilo. Como eles estariam nos selecionando para a transferência? Mas não havia lógica alguma. A psicologia de terror de Stalin parecia ter por base o fato de nunca se saber o que esperar.

– Precisamos nos preparar – disse o Sr. Lukas, dando corda no relógio. – Lembrem-se de como foi nossa viagem até aqui. Nem de longe estamos tão fortes quanto antes. Se tivermos que enfrentar uma viagem daquelas de novo, temos que estar preparados.

– O senhor não acha que eles vão nos meter novamente naqueles vagões, acha? – perguntou a Sra. Rimas com um arquejo. Uma onda de lamentos percorreu o grupo.

Como poderíamos nos preparar? Nenhum de nós tinha comida. Estávamos fracos, subnutridos. Já tínhamos vendido quase todos os nossos objetos de valor.

– Se for verdade e eu não for transferida, vou assinar o documento – anunciou a Srta. Grybas.

– Não! A senhorita não deve ceder! – alertei.

– Pare com isso – disse a Sra. Rimas. – Você não está raciocinando direito.

– Meu raciocínio está perfeito – disse a Srta. Grybas, contendo as lágrimas. – Se a senhora e Elena forem embora, vou ficar praticamente sozinha. Se eu assinar, eles vão me deixar lecionar para as crianças do campo. Mesmo meu russo sendo ruim, ainda posso dar aulas. E, se estiver sozinha, vou precisar de acesso à aldeia. Eles só vão me deixar ir lá se eu assinar. Assim posso continuar a escrever cartas para todos nós. Tenho que fazer isso.

– Não vamos tomar nenhuma decisão precipitada – disse mamãe, afagando as mãos da Srta. Grybas.

– Talvez tudo não passe de um mal-entendido – sugeriu a Sra. Rimas.

Mamãe baixou a cabeça e fechou os olhos.

BEM TARDE NESSA MESMA noite, Andrius foi à nossa cabana e conversou com mamãe do lado de fora.

– Andrius quer falar com você – disse-me ela ao entrar.

Ulyushka lhe disse alguma coisa em russo. Mamãe assentiu.

Saí do casebre. Andrius estava em pé, com as mãos nos bolsos.

– Oi – cumprimentou-me, dando um chute na terra batida com o bico do sapato.

– Oi.

Olhei para a fileira de cabanas. Uma brisa fazia as pontas dos meus cabelos esvoaçarem.

– Está ficando mais quente – falei, por fim.

– É – disse Andrius, erguendo os olhos para o céu. – Vamos dar uma volta.

A neve tinha derretido e a lama estava mais firme. Nenhum de nós dois disse nada até passarmos pela cabana do careca.

– Você sabe para onde eles vão nos levar? – perguntei.

– Acho que vão transferir vocês para outro campo. Parece que alguns dos agentes da NKVD também vão. Eles estão fazendo as malas.

– Não consigo parar de pensar em meu pai e no que estava escrito no arquivo.

– Lina, descobri o que significa aquela palavra – disse Andrius.

Parei e olhei para ele, à espera da resposta.

Ele estendeu o braço e afastou delicadamente os cabelos dos meus olhos.

– Quer dizer “cúmplice” – disse Andrius.

– “Cúmplice”?

– Provavelmente significa que ele tentou ajudar pessoas que estavam em perigo – disse Andrius.

– Bem, é claro que ele faria isso. Mas você não acha que ele realmente cometeu algum tipo de crime, acha?

– É claro que não! Não somos criminosos – disse ele. – Bom, talvez você seja... afinal, rouba lenha, canetas e pastas. – Ele olhou para mim, reprimindo um sorriso.

– Ah, olhe quem fala... ladrão de tomates, de chocolate e de vodka.

– É, e sabe-se lá mais o quê – disse Andrius.

Ele segurou minha mão e a beijou.

Seguimos andando de mãos dadas, calados. Diminuí o ritmo dos meus passos.

– Andrius... estou com medo.

Ele parou e se virou para mim.

– Não. Não tenha medo. Não dê nada a eles, Lina, nem mesmo seu medo.

– Não consigo evitar. Eu nem sequer me acostumei a este campo. Sinto falta de casa, de meu pai, de minha escola, de minha prima. – Minha respiração se acelerou.

– Shh – sussurrou Andrius, puxando-me contra seu peito. – Tome cuidado com as pessoas com quem for conversar. Não baixe a guarda, está bem? – sussurrou ele. Seus braços me apertaram com mais força.

– Não quero ir embora – falei.

Ficamos parados, sem dizer nada.

Como eu tinha ido parar ali? Como tinha ido parar nos braços de um menino que mal conhecia, mas que sabia que não queria perder? Perguntei-me o que eu teria achado de Andrius na Lituânia. Será que eu teria gostado dele? Será que ele teria gostado de mim?

– Não quero que você vá – sussurrou ele por fim, com uma voz quase inaudível.

Fechei os olhos.

– Andrius, temos que voltar para casa.

– Eu sei – disse ele. – Nós vamos voltar. – Ele segurou minha mão e começamos a fazer o caminho de volta.

– Vou escrever para você. Mandarei cartas para a aldeia – falei.

Ele assentiu.

Chegamos de volta à minha cabana.

– Espere um instante – pedi a ele.

Entrei, peguei todos os meus desenhos no forro da mala, até mesmo aqueles feitos em pedacinhos de papel. Destaquei as folhas do meu caderno. Saí novamente e entreguei tudo a Andrius. O desenho da mãe dele com o rosto machucado escorregou da pilha de papéis e flutuou até o chão. Os olhos dela nos fitaram da terra batida.

– O que está fazendo? – perguntou ele, recolhendo depressa o desenho.

– Esconda isso. Guarde-os para mim – falei, pondo as mãos em cima das suas. – Não sei para onde iremos. Não quero que sejam destruídos. Há muito de mim nesses desenhos, muito de todos nós. Você acha que consegue encontrar um lugar seguro para eles?

Andrius assentiu.

– Debaixo do catre onde durmo há uma tábua solta no piso. Foi onde escondi *Dombey & filho*. Lina – disse ele devagar, baixando os olhos para os papéis. – Você precisa continuar desenhando. Minha mãe disse que o mundo não tem nem ideia do que os soviéticos estão fazendo conosco. Ninguém sabe do sacrifício de nossos pais. Se outros países souberem, talvez ajudem.

– Vou continuar – concordei. – E venho escrevendo tudo. É por isso que você precisa guardar esses desenhos para mim. Esconda-os.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Só me prometa que vai tomar cuidado – pediu. – Não seja boba a ponto de sair procurando arquivos ou correndo embaixo de algum trem.

Ficamos nos encarando.

– E não fume nenhum livro sem mim, está bem? – disse ele.

Dei um sorriso.

– Pode deixar. Quanto tempo você acha que nós temos?

– Não sei. Pode ser a qualquer momento.

Fiquei na ponta dos pés e lhe dei um beijo.

– *Krasivaya* – disse ele em meu ouvido, acariciando minha bochecha com o nariz. – Já descobriu o que isso quer dizer? – Ele beijou meu pescoço.

– Ainda não – respondi, fechando os olhos.

Andrius soltou o ar e recuou lentamente.

– Diga a Jonas que virei falar com ele de manhã, está bem?

Fiz que sim, ainda sentindo no pescoço o calor de seus lábios.

Ele se afastou no escuro, segurando meus desenhos debaixo do casaco. Virou-se e olhou por cima do ombro. Acenei. Ele acenou de volta. Sua silhueta foi ficando cada vez menor e por fim desapareceu na escuridão.

OS HOMENS DA NKVD chegaram antes de o sol nascer. Invadiram nossa cabana empunhando fuzis, da mesma forma que haviam entrado em nossa casa 10 meses antes. Deram-nos apenas alguns minutos. Dessa vez, eu estava pronta.

Ulyushka se levantou de sua cama de palha e ladrou alguma coisa para mamãe.

– Pare de gritar. Estamos indo embora – falei para ela.

Ela começou a entregar para minha mãe batatas, beterrabas e outros alimentos que havia guardado. Deu a Jonas uma grossa pele de animal para ele pôr na mala. Para mim, deu um lápis. Não pude acreditar. Por que ela estava nos dando comida? Mamãe tentou abraçá-la. As duas mal se tocaram. Ulyushka a empurrou para longe e saiu da cabana pisando firme.

A NKVD nos disse para ficar esperando de pé na frente do casebre. O homem do relógio veio caminhando em nossa direção, carregando sua mala. Ele estava na lista. Atrás dele vinha a Sra. Rimas, seguida pela menina da boneca, sua mãe e várias outras pessoas. Iniciamos uma lenta procissão rumo ao escritório do *kolkhoz*, arrastando nossos pertences. Todos pareciam muitos anos mais velhos do que quando tinham chegado, 10 meses antes. Será que eu também parecia mais velha? A Srta. Grybas veio correndo até nós, aos prantos.

– Eles mandaram buscá-los. Vocês estão indo para os Estados Unidos. Sei que estão. Por favor, não se esqueçam de mim –

implorou ela. – Por favor, não me deixem apodrecer aqui. Quero ir para casa.

Mamãe e a Sra. Rimas abraçaram a Srta. Grybas. Elas lhe garantiram que não iriam esquecê-la. Eu jamais iria esquecê-la, nem as beterrabas que ela escondia debaixo do vestido.

Seguimos em frente. Ouvi o choro da Srta. Grybas ficar para trás, cada vez mais baixo. A mulher ranzinza saiu de sua cabana. Ergueu uma das mãos ressequidas e acenou. As filhas estavam agarradas às suas pernas. Lembrei-me de quando ela havia escondido o buraco da latrina no trem com seu corpo volumoso. Agora havia emagrecido muito. Meus olhos percorreram os presentes em busca de Andrius. *Dombey & filho* estava escondido em segurança dentro de minha mala, junto com nossa foto de família.

Um grande caminhão estava parado ao lado do escritório do *kolkhoz*. Perto do veículo, Kretzsky fumava com dois outros agentes da NKVD. O comandante estava em pé na varanda acompanhado de um oficial que não reconheci. Eles começaram a chamar nossos nomes em ordem alfabética. As pessoas iam subindo na caçamba do caminhão.

– Cuide-se, Jonas – disse a voz de Andrius atrás de nós. – Adeus, Sra. Vilkas.

– Adeus, Andrius – disse mamãe, segurando as mãos dele e beijando suas bochechas. – Cuide bem de sua mãe, querido.

– Ela queria ter vindo, mas...

– Eu entendo. Transmita a ela meu carinho – disse mamãe.

O oficial continuou lendo os nomes da lista.

– Escreva para mim, Jonas, está bem? – pediu Andrius.

– Pode deixar – disse Jonas, estendendo a mãozinha para apertar a do amigo.

– Cuide bem dessas duas, sim? Seu pai e eu contamos com você – disse Andrius.

Jonas assentiu.

Andrius se virou. Seus olhos encontraram os meus.

– Nos veremos em breve – falou.

Meu rosto não se franziu. Eu não emití um ruído sequer. No entanto, pela primeira vez em muitos meses, chorei. Lágrimas saltaram de minhas órbitas secas e escorreram pelas faces como um riacho veloz. Olhei para o outro lado.

O oficial chamou o nome do careca.

– Olhe para mim – sussurrou Andrius, chegando mais perto. – Vou encontrar você – afirmou. – Basta que pense nisso. Pense em mim levando de volta seus desenhos. Imagine isso, porque estarei lá.

Assenti.

– Vilkas – chamou o oficial.

Andamos até o caminhão e subimos. Olhei para Andrius lá embaixo. Ele passou os dedos pelos cabelos. O motor do caminhão rugiu ao ser ligado. Ergui a mão e acenei em despedida.

Pude ler os lábios de Andrius, que diziam “vou encontrar você”. Para confirmar o que dizia, ele balançou a cabeça.

Assenti de volta. A porta traseira foi fechada e eu me sentei. O caminhão começou a andar. O vento soprou em meu rosto. Fechei o casaco e enfiei as mãos no bolso. Foi então que a senti. A pedra. Andrius a tinha posto dentro do meu bolso. Levantei-me para avisar a ele que a havia encontrado. Mas ele já tinha ido embora.

GELO E CINZAS



PASSAMOS A MANHÃ inteira viajando. O caminho estreito ziguezagueava escondido entre as árvores. Como mamãe, tentei ver o lado positivo da situação. Pensei em Andrius. Ainda podia ouvir sua voz. Pelo menos tínhamos deixado para trás Kretzsky e o comandante. Torci para nos levarem para algum lugar próximo a Krasnoyarsk, mais perto de papai.

O caminhão parou junto a uma campina. Eles nos deixaram saltar e fazer nossas necessidades na grama. Em segundos, a NKVD começou a berrar.

– *Davai!*

Eu conhecia aquela voz. Olhei para ver de onde ela vinha. Era Kretzsky.

No final da tarde desse mesmo dia, chegamos a uma estação de trem. Uma placa desbotada rangia ao vento. Nela estava escrito: Biysk. O lugar estava apinhado de caminhões. A cena não se parecia com a da estação quando fomos deportados. Em Kaunas, no mês de junho, estávamos desesperados. O pânico era generalizado. Pessoas corriam e gritavam. Agora, grupos de gente cansada e cinzenta se encaminhavam lentamente para os vagões, como um bando de formigas exaustas marchando em direção ao formigueiro.

– Fiquem todos em pé na frente da porta – instruiu o careca. – Façam cara de desconforto. Talvez assim eles não ponham mais gente lá dentro e tenhamos espaço para respirar.

Subi no vagão. Era diferente do anterior, mais comprido. Um lampião pendia do teto. O lugar recendia a corpos azedos e urina. Senti falta do ar fresco e do cheiro de madeira do campo de trabalho. Seguimos a sugestão do careca e nos amontoamos junto à porta. Deu certo. Dois grupos de pessoas foram conduzidos a outros vagões.

– Que imundície – disse a Sra. Rimas.

– O que a senhora esperava? Um vagão-leito de luxo? – retorquiu o careca.

Eles ainda empurraram mais algumas pessoas para dentro do vagão antes de bater a porta. Um homem mais velho e uma mulher acompanhada de dois meninos subiram. Um homem alto entrou e olhou em volta com um ar nervoso. Uma mulher e sua filha receberam ajuda para subir. Jonas cutucou meu braço. A menina estava amarela como um limão siciliano e seus olhos não passavam de duas fendas inchadas. Onde será que ela tinha estado? A mãe falava com a filha em lituano.

– Só mais uma viagenszinha e logo estaremos em casa, querida – disse ela.

Mamãe a ajudou com a bagagem. A menina pigarreava e tossia.

Tivemos sorte. Havia apenas 33 pessoas no nosso vagão. Dessa vez tínhamos espaço e luz. Demos uma tábua para a menina amarela dormir. Mamãe insistiu em que Jonas também ganhasse uma. Eu me sentei no chão ao lado da menina da boneca, cujas mãos agora estavam vazias.

– Onde está sua boneca? – perguntei.

– Morreu – respondeu ela, com uma expressão vazia nos olhos.

– Ah.

– A NKVD a matou. Você se lembra de quando eles deram um tiro na mulher que tinha um bebê? Fizeram a mesma coisa com Liale, só que a jogaram para o alto e arrancaram sua cabeça com um tiro. Mais ou menos como um pombo.

– Você deve estar com muita saudade – falei.

– Bem, no início senti, sim. Não parava de chorar. Um guarda me mandou parar. Eu tentei, mas não consegui. Ele me deu uma pancada na cabeça. Está vendo a cicatriz? – perguntou ela, apontando para uma grossa marca vermelha em sua testa.

Malditos. Ela era só uma criança.

– Você também não conseguiu parar de chorar? – perguntou ela.

– Como assim?

Ela apontou para a cicatriz acima da minha sobrancelha.

– Não, eles me acertaram com uma lata de sardinhas – expliquei.

– Porque você estava chorando? – insistiu ela.

– Não, só por diversão – respondi.

Ela curvou o dedo para mim, chamando-me para mais perto.

– Quer saber um segredo? – perguntou.

– Quero.

Ela se inclinou para junto de mim e sussurrou em meu ouvido:

– Mamãe disse que todos os homens da NKVD vão para o inferno. – Ela tornou a se afastar. – Mas você não pode contar para ninguém. É segredo, está bem? Minha boneca Liale está no céu. Ela fala comigo. Me conta coisas. Isso é segredo, mas Liale disse que eu podia contar para você.

– Não vou contar a ninguém – prometi.

– Qual é o seu nome?

– Lina – respondi.

– E o do seu irmão?

– Jonas.

– O meu é Janina – disse ela, continuando a tagarelar. – Sua mãe agora parece uma velha. A minha também. E você gosta do menino que estava esperando perto do caminhão.

– O quê?

– Aquele que pôs alguma coisa no seu bolso. Eu vi. O que ele deu a você?

Mostrei-lhe a pedra.

– Que brilhante! Acho que Liale iria gostar. Você pode me dar a pedra?

– Não, foi um presente. Acho melhor eu ficar com ela por um tempo – falei.

Mamãe veio se sentar ao meu lado.

– A senhora viu o presente que o namorado de Lina deu a ela? – perguntou-lhe Janina.

– Ele não é meu namorado.

Será que ele era meu namorado? Eu queria que fosse. Mostrei a pedra a mamãe.

– A pedra voltou para você – comentou ela. – Isso é sinal de sorte.

– Minha boneca morreu – anunciou Janina. – Ela foi para o céu.

Mamãe assentiu e afagou o braço da menina.

– Alguém mande essa menina calar a boca – disse o careca. – Ei, altão. O que sabe sobre a guerra?

– Os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Bombardearam – respondeu o homem.

– Pearl Harbor? Eles atacaram os Estados Unidos? – perguntou a Sra. Rimas, espantada.

– Quando? – quis saber o careca.

– Meses atrás. Perto do Natal. Isso mesmo, Natal. – Ele repetia as palavras. Era um tique nervoso.

– Então os Estados Unidos declararam guerra ao Japão? – perguntou mamãe.

– Sim, junto com a Inglaterra. A Inglaterra também declarou guerra.

– De onde o senhor vem? – indagou o careca.

– Da Lituânia – respondeu o homem.

– Disso eu já sei, idiota. De onde está vindo hoje?

– De Kalmanka. Sim, Kalmanka.

- É uma prisão ou um campo? – quis saber o careca.
 - Um campo, um campo. Uma lavoura de batatas. E vocês?
 - Uma lavoura de beterrabas perto de Turaciak – respondeu mamãe. – Todo mundo no seu campo era lituano?
 - Não, quase todos eram letões. E finlandeses. É, finlandeses.
- Finlandeses. Eu havia me esquecido da Finlândia. Lembrei-me da noite em que o Dr. Seltzer apareceu em nossa casa à procura de papai. Os soviéticos tinham invadido a Finlândia.
- A Finlândia fica só a 30 quilômetros de Leningrado, Elena – dissera o Dr. Seltzer a mamãe. – Stalin quer se proteger do Ocidente.
 - Os finlandeses vão negociar? – perguntou mamãe.
 - Eles são um povo forte. Vão lutar – disse o Dr. Seltzer.

O TREM SEGUIU RESFOLEGANDO. O ritmo dos trilhos me atormentava com seus rangidos e estalos. Eles me afastavam de Andrius cada vez mais para dentro do desconhecido. O lampião de metal oscilava sobre nossas cabeças como um pêndulo, iluminando rostos de expressão vazia, lançando sombras pelo vagão. Janina dava risadinhas e sussurrava coisas para o fantasma de sua boneca morta.

A menina amarela pigarreava e chiava ao respirar. Ela estava perto de Jonas e cuspiu sangue nas costas dele. Mamãe arrancou Jonas da tábua em que estava deitado. Rasgou sua camisa e a jogou pelo buraco da latrina. Aquilo não parecia necessário. Estávamos todos respirando o mesmo ar que a menina amarela. Uma camisa suja de catarro e sangue não poderia ser mais contagiosa.

– Sinto muito – disse a menina, chorando. – Estraguei sua camisa.

– Não tem problema – disse Jonas, abraçando o tronco nu. As manchas do escorbuto não tinham sumido por completo. Seu tórax magro estava coberto de placas rosadas.

O homem alto que repetia as palavras falava animadamente, convencido de que estávamos indo para os Estados Unidos, Estados Unidos. Eu não estava convencida de nada, a não ser do desejo de ver papai, Andrius e minha casa.

Na terceira noite, acordei. Senti uma batidinha no peito. Abri os olhos e vi o rosto de Janina acima do meu, com os olhos

arregalados. O lampião balançava de um lado para o outro atrás da sua cabeça.

– Janina? O que houve?

– É Liale.

– Diga a Liale que está na hora de dormir – falei, fechando os olhos.

– Ela não consegue dormir. Está dizendo que a menina amarela morreu.

– O quê?

– Liale está dizendo que ela morreu. Você pode ir ver se os olhos dela estão abertos? Estou com medo de olhar.

Puxei Janina para perto de mim e deitei sua cabeça no meu peito.

– Shh. Durma agora. – A menina tremia nos meus braços. Agucei os ouvidos. A tosse havia cessado. – Shh. Hora de dormir, Janina. – Fiquei ninando-a devagar.

Pensei em Andrius. O que ele estaria fazendo lá no campo? Será que tinha olhado meus desenhos? Pus a mão no bolso e envolvi a pedra com os dedos. Vi-o sorrindo, puxando meu gorro na fila da comida.

A menina amarela tinha morrido. Filetes de sangue seco escorriam dos cantos de sua boca até o queixo. No dia seguinte, os guardas carregaram seu corpo rígido para fora do trem. A mãe desceu atrás dela, aos prantos. Um tiro ecoou. Ouviu-se um baque no chão. Lamentos de mãe eram um estorvo.

Foi Ulyushka, a mulher que eu tanto desprezara, que nos manteve vivos naquele trem. Sobrevivemos graças à comida que ela dera a mamãe. Dividimos o que tínhamos com os outros. Desenhei o rosto largo e os cabelos pretos e espigados de Ulyushka, tentando firmar a mão apesar dos sacolejos do trem.

Ninguém recusava a água ou a papa cinza que vinha dentro dos baldes. Comíamos com vontade, lambendo as palmas das mãos e chupando debaixo das unhas sujas. A mãe de Janina dormia muito.

Embora me sentisse exausta, eu mal conseguia dormir. O barulho e os movimentos do trem me mantinham acordada. Ficava sentada, imaginando para onde estariam nos levando e como eu poderia avisar papai.

Janina deu um tapinha no ombro do careca.

– Ouvi dizer que o senhor é judeu.

– Ah, é mesmo? – disse o careca.

– É verdade? – perguntou Janina.

– É. E eu ouvi dizer que você é uma fedelha insuportável. É verdade?

Janina pensou por um instante.

– Não, acho que não. O senhor sabia que talvez Hitler e os nazistas matem os judeus? Foi minha mãe que disse.

– Sua mãe está errada. Hitler *já está* matando os judeus.

– Mas por quê? – indagou Jonas.

– Os judeus são o bode expiatório de todos os problemas da Alemanha – disse o careca. – Hitler está convencido de que a solução é a pureza racial. É complicado demais para crianças entenderem.

– É por isso que o senhor está aqui conosco, e não com os nazistas? – perguntou Jonas.

– Você acha que escolhi isto aqui? Seja com Hitler ou com Stalin, esta guerra vai acabar com todos nós. A Lituânia está presa no meio da briga. Vocês ouviram o que esse homem disse. Os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Talvez os Estados Unidos já estejam aliados aos soviéticos. Chega de conversa. Fiquem quietos.

– Nós estamos indo para os Estados Unidos – disse o repetidor. – Para os Estados Unidos.

UMA SEMANA DEPOIS, o trem parou já bem tarde da noite. A Sra. Rimas disse ter visto uma placa onde se lia Makarov. Eles nos conduziram para fora dos vagões. Ao ar livre, o vento soprou em meu rosto, limpo, fresco. Inspirei pelo nariz e expirei pela boca, com os lábios rachados. Os guardas nos guiaram até um prédio grande a 400 metros de distância. Arrastamos nossos pertences imundos para longe do trem. Mamãe caiu no chão de tão cansada.

– Levantem-na, depressa – ordenou a Sra. Rimas, olhando em volta à procura dos guardas. – Se eles são capazes de atirar em uma mãe que chora pela filha morta, podem muito bem matar uma mulher de pernas bambas.

– Vou ficar bem. Só estou cansada – disse mamãe.

A Sra. Rimas e eu a ajudamos a andar. Jonas arrastou nossas malas. Perto do prédio, mamãe tornou a tropeçar.

– *Dava!* – Dois agentes da NKVD se aproximaram, de fuzil na mão. Mamãe não estava andando rápido o suficiente.

Os guardas marcharam na nossa direção. Mamãe se empertigou. Um deles cuspiu no chão. O outro olhou para ela. Senti o estômago embrulhar. Era Kretzsky. Ele tinha vindo conosco.

– Nikolai – disse mamãe, fraca.

Kretzsky apontou em outra direção e saiu marchando rumo a um grupo de pessoas.

O prédio dava a impressão de ser enorme, como um imenso celeiro. Devia haver mil pessoas lá dentro. Estávamos exaustos demais para falar. Caímos no chão por cima de nossos pertences.

Meus músculos relaxaram. A imobilidade do chão era uma maravilha, como se alguém tivesse parado um pêndulo com a mão. O guinchar dos trilhos finalmente havia cessado. Passei o braço em volta de minha mala para abraçar *Dombey & filho*. O silêncio era total. Deitamo-nos vestidos com nossos trapos.

Amanheceu. Senti Janina respirar aninhada às minhas costas. Jonas estava sentado em cima de sua mala. Ele balançou a cabeça para mim. Olhei para mamãe. Ela dormia profundamente, com o rosto e os braços em cima da bagagem.

– Ela o chamou de Nikolai – disse Jonas.

– O quê? – perguntei.

Jonas começou a andar de um lado para outro.

– Kretzsky. Você a ouviu? Ontem à noite ela o chamou de Nikolai.

– É o nome dele? – perguntei.

– Aí é que está. Eu não sei. Como é que ela sabe? – disparou Jonas. – Por que ele veio conosco? – perguntou, chutando o chão de terra batida.

Um agente da NKVD apareceu com pão e baldes de sopa de cogumelo. Acordamos mamãe e vasculhamos nossas bolsas em busca de uma xícara ou prato.

– Eles estão nos preparando, preparando – disse o repetidor. – Nos Estados Unidos teremos um banquete todos os dias. Todos os dias.

– Por que eles estão nos dando comida? – perguntei.

– Para ficarmos fortes e podermos trabalhar – respondeu Jonas.

– Comam tudinho – instruiu mamãe.

Depois da refeição, os guardas começaram a separar grupos. Mamãe aguçou os ouvidos. Deu uma risada fraca.

– Nós vamos tomar banho. Vamos poder tomar banho!

Seguimos depressa em direção a uma grande casa de banhos. O passo de mamãe estava mais firme. No portão, fomos divididos em grupos de homens e mulheres.

– Espere por nós – disse mamãe a Jonas.

Fomos instruídas a tirar as roupas e entregá-las aos siberianos postados à porta. Toda a vergonha desapareceu. As mulheres se despiram depressa. Queriam ficar limpas. Baixei os olhos, hesitante.

– Depressa, Lina!

Eu não queria que eles me tocassem, que olhassem para mim. Cruzei os braços na frente dos seios.

Mamãe falou com um dos homens.

– Ele disse que devemos nos apressar, que isto aqui é só uma parada. Um grupo grande vai chegar mais tarde. Diz que por aqui já passaram letões, estonianos e ucranianos – contou mamãe. – Não precisa se preocupar, meu amor, não mesmo.

Os homens pareciam não ligar nem um pouco para nós. É claro que não. Nossos corpos magros tinham um aspecto quase andrógino. Fazia meses que eu não menstruava. Nada em mim parecia feminino. Um pedaço de carne de porco ou uma cerveja com colarinho seriam mais atraentes para aqueles homens.

Depois do banho, fomos postos em um caminhão com nossos pertences. Eles nos conduziram por vários quilômetros floresta adentro até chegarmos à margem do rio Angara.

– Por que estamos aqui? – perguntou Jonas.

A margem do rio estava coalhada de grandes barracões de madeira. Escondido em meio às árvores, erguia-se um prédio grande da NKVD.

– Eles estão nos pondo em barcos. Será que não entendem? Vamos para os Estados Unidos. Para os Estados Unidos! – disse o repetidor. – Vamos subir o Angara até o Lená, depois atravessar o mar até o estreito de Bering. O estreito de Bering.

– Essa viagem levaria muitos meses – disse o homem do relógio.

Estados Unidos? Como poderíamos deixar papai para trás em uma prisão de Krasnoyarsk? Como eu poderia fazer meus desenhos chegarem até ele? E a guerra? E se outros países se aliassem a

Stalin? Eu vira a expressão no rosto de Andrius quando falou que estávamos na lista. Algo nela me dizia que não estávamos indo para os Estados Unidos.

OS BARCOS ESTAVAM ATRASADOS. Passamos mais de uma semana esperando na margem pedregosa do rio Angara. Para comer, eles nos davam mingau de aveia. Eu não conseguia entender por que estavam nos dando mais do que pão. Não era por gentileza. Nossa força seria necessária, mas para quê? Ficávamos sentados sob o sol, como se estivéssemos de férias. Eu desenhava para papai e escrevia para Andrius todos os dias. Fazia as ilustrações em pedacinhos de papel para ninguém perceber, depois as escondia entre as páginas de *Dombey & filho*. Uma estoniana reparou que eu estava desenhando e me deu mais papel.

Nós apanhávamos lenha, mas apenas para as fogueiras que acendíamos todas as noites. Ficávamos sentados ao redor do fogo crepitante e entoávamos canções lituanas. A floresta inteira ecoava com a melodia dos povos bálticos louvando suas pátrias. Duas mulheres foram escolhidas para ir de trem a Tcheremchov ajudar a trazer mantimentos para a NKVD. Elas puseram nossas cartas no correio.

– Por favor, será que a senhora poderia levar isto aqui para Tcheremchov e entregar a alguém? – pedi, estendendo um pedaço de madeira.

– Que lindo! As flores... você fez um belo trabalho. Eu também tinha flores de arruda no quintal de casa – disse a mulher com um suspiro. Então ergueu os olhos para mim. – Seu pai está em Krasnoyarsk?

Assenti.

– Lina, por favor, não alimente muitas esperanças. Krasnoyarsk fica muito longe daqui – disse mamãe.

Certo dia, depois de ficarmos sentadas ao sol, mamãe e eu entramos no rio Angara. Saímos correndo da água, rindo. Nossas roupas estavam coladas a nossos corpos magros.

– Cubram-se! – disse Jonas, olhando em volta.

– Como assim? – perguntou mamãe, puxando o tecido molhado grudado no corpo.

– Eles estão olhando – falou meu irmão, inclinando a cabeça na direção dos guardas.

– Jonas, eles não estão interessados. Olhe para nós. Não estamos nem um pouco glamourosas – disse mamãe, torcendo os cabelos para retirar a água.

Passei os braços em volta de mim mesma.

– Eles acharam a Sra. Arvydas interessante. Talvez ele goste de você – disse Jonas.

Mamãe deixou os braços caírem ao lado do corpo.

– Que história é essa? De quem você está falando?

– Nikolai – respondeu Jonas.

– Kretzsky? – perguntei. – O que tem ele?

– Pergunte a mamãe.

– Pare com isso, Jonas. Nós não conhecemos Nikolai – disse ela. Eu a encarei.

– Por que você o chama assim? Como sabe o nome dele?

Mamãe olhou alternadamente para mim e para meu irmão.

– Eu perguntei – explicou ela.

Senti minha barriga se contrair. Será que Jonas tinha razão?

– Mas, mãe, ele é um monstro – falei, secando a cicatriz em minha testa.

Ela chegou mais perto, torcendo a saia.

– Nós não sabemos o que ele é.

Bufei.

– Ele é...

Mamãe segurou meu braço com força. Uma dor subiu até meu ombro. Ela falou com os dentes cerrados:

– Nós não sabemos. Está me ouvindo? Não sabemos o que ele é. Ele é um menino. Só um menino. – Mamãe largou meu braço. – E não estou indo para a cama com ele – disse ela a Jonas, cuspiendo as palavras. – Como você se atreve a sugerir uma coisa dessas?

– Mamãe... – gaguejou Jonas.

Ela se afastou e me deixou ali, esfregando o braço.

Jonas ficou parado, chocado com a explosão de nossa mãe.

AS BARCAS PASSARAM semanas subindo o Angara, cada vez mais para o norte. Nós desembarcamos e viajamos durante dias por densas florestas na caçamba de caminhões pretos. Passamos por imensas árvores caídas, com troncos tão grossos que o caminhão poderia ter andado dentro deles. Não vi ninguém. A floresta escura parecia nos cercar, impenetrável. Para onde estavam nos levando? Nós torrávamos ao sol todos os dias e tremíamos de frio à noite. Nossas bolhas sararam. Comíamos tudo o que nos davam, gratos por não nos obrigarem a trabalhar.

Os caminhões chegaram a Ust Kut, às margens do rio Lená. Mais uma vez tivemos que esperar as barcas. As margens do Lená eram cobertas de pequenos seixos. Chovia torrencialmente. As barracas improvisadas à beira do rio não nos protegiam. Deitada em cima da minha mala, eu tentava resguardar *Dombey & filho*, a pedra, meus desenhos e nossa foto de família. Janina ficava em pé sob a chuva, com os olhos fixos no céu, conversando com ninguém. Kretzsky andava pela margem do rio, com suas botas esmigalhando os seixos. Ele gritava conosco para continuarmos em grupos. À noite, ficava parado olhando fixamente para a faixa prateada de luar refletida sobre o Lená, movendo-se apenas para levar o cigarro à boca.

Meu russo progrediu. Mas Jonas continuava bem melhor que eu.

Depois de duas semanas, as barcas chegaram e a NKVD nos embarcou outra vez rumo ao norte.

Saímos de Ust Kut e passamos por Kirensk.

– Estamos indo para o norte – disse Jonas. – Quem sabe vamos mesmo para os Estados Unidos?

– E deixar papai para trás? – perguntei.

Meu irmão olhou o rio lá fora. Não disse nada.

O repetidor não falava em outra coisa que não os Estados Unidos. Tentava desenhar mapas do país, contando detalhes que tinha ouvido de amigos ou parentes. Ele precisava acreditar que aquilo era possível.



– Nos Estados Unidos há excelentes universidades em uma região que chamam de Nova Inglaterra. Dizem que Nova York é uma cidade da moda – comentou Joana.

– Quem disse isso? – perguntei.

– Meus pais.

– E o que eles sabem sobre os Estados Unidos?

– Mamãe tem um tio que mora lá.

– Achei que toda a família de titia estivesse na Alemanha – falei.

– Parece que ela tem um parente nos Estados Unidos. Ele mora na Pensilvânia e manda cartas para ela.

– Humpf. Não ligo muito para os Estados Unidos. Lá certamente falta arte. Não consigo citar sequer um artista americano de renome.



– Espero que você não esteja me desenhando – disse o careca. – Não quero saber de nenhum retrato meu.

– Na verdade, já está quase pronto – falei, sombreando a área cinza de suas bochechas manchadas.

– Então rasgue – insistiu ele.

– Não. Não se preocupe, não vou mostrar a ninguém.

– É melhor que não mostre mesmo.

Baixei os olhos para o desenho. Eu havia conseguido reproduzir seu lábio curvo e a expressão de poucos amigos que ele sempre exibia. Ele não era um homem feio. Só que as rugas profundas em sua testa lhe davam um aspecto mal-humorado.

– Por que o senhor foi deportado? – perguntei. – Disse que era filatelista. Mas por que eles iriam deportá-lo por colecionar selos?

– Cuide da sua vida – disse ele.

– Onde está sua família? – insisti.

– Já falei que não é da sua conta – disparou ele, apontando o dedo torto para mim. – E, se você tiver juízo, vai esconder esses seus desenhos, ouviu bem?

Janina veio se sentar ao meu lado.

– Você nunca vai ser uma artista famosa – disse-me o careca.

– Vai, sim – retrucou a menina.

– Não vai, não. Sabe por quê? – perguntou ele a Janina. – Porque ela não está morta. Mas talvez ainda haja esperança quanto a isso. Estados Unidos! Até parece!

Fiquei encarando o careca.

– Minha boneca está morta – disse Janina.

ESTÁVAMOS PRÓXIMOS a Yakutsk.

– Agora é que nós vamos ver. Vamos ver – disse o repetidor, remexendo-se, inquieto. – Se desembarcarmos aqui é porque não vamos para os Estados Unidos. Não vamos.

– Para onde iríamos? – indagou Jonas.

– Para a região de Kolyma – respondeu o careca. – Para as prisões, talvez Magadan.

– Nós não estamos indo para Magadan – disse mamãe. – Chega dessa conversa, Sr. Stalas.

– Kolyma, não. Kolyma, não – dizia o repetidor.

As barcas diminuíram a velocidade. Nós estávamos parando.

– Não, por favor, não – sussurrou Jonas.

A Sra. Rimas começou a chorar.

– Não posso ficar na prisão assim tão longe de meu marido.

Janina puxou a manga da minha roupa.

– Liale está dizendo que não vamos para Kolyma.

– O quê? – falei.

– Ela está dizendo que não vamos – repetiu ela, dando de ombros.

Nós nos reunimos na extremidade da barca. Alguns dos homens da NKVD saltaram. Kretzsky estava entre eles. Carregava uma mochila. Um comandante esperava os agentes na margem do rio. Ficamos assistindo enquanto eles conferiam suas respectivas atribuições.

– Olhem – disse Jonas. – Alguns dos guardas estão abastecendo a barca com mantimentos.

– Então não vamos descer aqui? – perguntei.

De repente, vozes se ergueram na margem do rio. Era Kretzsky. Ele estava discutindo com um comandante. Pude entender o que este último dizia. Mandava Kretzsky embarcar de novo.

– Kretzsky quer ficar – disse Jonas.

– Ótimo, que fique – falei.

O agente agitava os braços para o comandante, que apontava para a barca.

Mamãe suspirou e baixou os olhos. Kretzsky tornou a se virar para a embarcação. Ele não estava indo embora. Iria conosco, para onde quer que fôssemos.

Os passageiros deram vivas e se abraçaram quando começamos a nos afastar de Yakutsk.

Uma semana depois, os ânimos ainda estavam exaltados. Pessoas cantavam no convés. Alguém tocava um acordeão. Kretzsky abriu caminho com violência pela multidão, empurrando as pessoas para o lado.

– Qual é o problema com vocês? Por acaso são idiotas? Ficam comemorando como se estivessem indo para os Estados Unidos. Imbecis! – berrou ele.

A animação se transformou em murmúrios.

– Estados Unidos? Estados Unidos? – dizia o repetidor baixinho.

Para onde eles estavam nos levando? Já era agosto. A temperatura caía à medida que avançávamos para o norte. Parecia ser final de outubro, e não verão. As florestas que margeavam o Lená foram rareando.

– Nós cruzamos o Círculo Polar Ártico – anunciou o homem do relógio.

– O quê? – disse Jonas com um arquejo. – Como pode ser? Para onde estão nos levando?

– Isso mesmo – disse o repetidor. – Iremos até a foz do Lená e lá embarcaremos em grandes vapores para os Estados Unidos. Grandes vapores.

As barcas pararam em Bulun e Stolbai, no Ártico. Ficamos olhando enquanto grandes grupos eram conduzidos para fora da barca e simplesmente deixados em pé na margem deserta enquanto nos afastávamos. Seguimos viagem.

No final de agosto, chegamos à foz do rio Lená. A temperatura estava pouco acima de zero. As ondas geladas do mar de Laptev se chocavam contra a barca enquanto atracávamos na margem.

– *Davai!* – gritaram os guardas, cutucando-nos com a ponta dos fuzis.

– Eles vão nos afogar – disse o careca. – Trouxeram-nos até aqui para nos afogar e se livrarem de nós.

– Deus do céu, não! – exclamou a Sra. Rimas.

A NKVD instalou uma tábua de madeira na lateral da barca. Os guardas começaram a empurrar as crianças pela prancha, gritando para que se apressassem.

– Nos apressarmos para onde? Não há nada aqui – disse mamãe.

Ela estava certa. O lugar era totalmente desabitado e não havia sequer um arbusto ou uma árvore, apenas a terra batida e a margem de um rio sem fim. Tudo o que nos cercava era a tundra e o mar de Laptev. O vento nos açoitava, jogando areia em minha boca e fazendo meus olhos arderem. Segurei minha mala com força e olhei em volta. Os guardas foram andando na direção de dois prédios de tijolos. Como iríamos caber todos lá dentro? Éramos mais de 300 pessoas.

Kretzsky continuava discutindo com alguns de seus companheiros, repetindo que precisava ir para Yakutsk. Um guarda de cabelos oleosos e dentes tortos e marrons nos deteve.

– Aonde pensam que vão? – indagou.

– Para os prédios – respondeu mamãe.

– Aqueles prédios são para os oficiais – disparou ele.

– E onde devemos ficar? – perguntou mamãe. – Onde é a aldeia?

O guarda abriu bem os braços e disse:

– *Isto aqui* é a aldeia. Têm o lugar todo só para vocês.

Outro guarda riu.

– Como? – perguntou mamãe.

– O que houve, não gostou? Você se acha boa demais para isto aqui? Sua porca fascista. Porcos dormem na lama. Não sabia? Mas, antes de dormir, vocês terão que terminar a padaria e construir um galpão para os peixes. – Ele chegou mais perto de mamãe. Seus dentes podres despontavam por baixo do lábio superior. – Vocês, fascistas, gostam de peixe, não é? Seus porcos, vocês me dão nojo. – Ele cuspiu no peito dela e se afastou. – Não merecem nem a lama – berrou ele por cima do ombro.

Eles nos obrigaram a descarregar tijolos e madeira da barca. Nós entrávamos e saíamos do compartimento de carga, levando a maior quantidade de tijolos que conseguíamos. Foram necessárias 10 horas para que descarregássemos tudo o que havia nas barcas. Além de tijolos e madeira, transportamos barris de querosene, farinha e até mesmo pequenos barcos de pesca, tudo para a NKVD. Meus braços tremiam de cansaço.

– Liale está dizendo que não vamos para os Estados Unidos – anunciou Janina.

– Não brinca! E essa sua boneca fantasma disse que viríamos parar aqui? – indagou o careca. Ele apontou para uma placa deformada e desbotada pelas intempéries.

Trofimovsk. Bem no limite do Círculo Polar Ártico, perto do polo Norte.

NÓS NOS ENCOLHEMOS uns contra os outros e apertamos os casacos contra o corpo para tentar nos aquecer. Eu sentia falta do campo de trabalho, da cabana de Ulyushka, de Andrius. O apito do vapor soou e as barcas começaram a ser rebocadas Lená abaixo. Será que estavam indo buscar mais gente?

– Como vamos mandar cartas para papai daqui? – perguntou Jonas.

– Tem de haver uma aldeia por perto – disse mamãe.

Pensei no pedaço de madeira que tinha sido entregue em Tcheremchov. A essa altura, papai já devia ter recebido alguma coisa.

– Então é esse o plano deles – disse o careca, olhando em volta.

– É assim que Stalin vai acabar conosco? Vai nos deixar morrer congelados. Vai deixar as raposas nos devorarem.

– Raposas? – falou a Sra. Rimas.

A mãe de Janina olhou rapidamente para o careca.

– Se há raposas, podemos comê-las – disse Jonas.

– Você já caçou uma raposa, menino? – perguntou o careca.

– Não, mas tenho certeza de que é possível – insistiu meu irmão.

– Ele disse que temos de construir um galpão – falei.

– Este não pode ser nosso destino final – disse mamãe. – Com certeza eles vão nos levar para algum outro lugar.

– Não tenha tanta certeza, Elena – disse o homem do relógio. – Para os soviéticos não existe mais Estônia, Letônia ou Lituânia.

Stalin precisa se livrar de todos nós para poder admirar sua visão sem empecilhos.

Um empecilho. Será que não passávamos disso?

– Já estamos quase em setembro – disse o homem do relógio. – A noite polar logo vai chegar.

Quase setembro. Estávamos congelando. Na escola, tínhamos aprendido o que era a noite polar. Na região dos polos, o sol permanece abaixo do horizonte por 180 dias. Quase meio ano de escuridão. Eu não havia prestado muita atenção na aula. Tinha desenhado o sol sumindo no horizonte. Agora meu coração pareceu afundar e ser devorado em meu estômago.

– Não temos muito tempo – prosseguiu o homem do relógio. – Acho que...

– CHEGA! Pare de falar! – guinchou a mãe de Janina.

– O que houve, querida? – perguntou mamãe.

– Shh... Não chamem a atenção dos guardas – disse a Sra. Rimas.

– O que houve, mamãe? – perguntou Janina.

Sua mãe continuava gritando.

A mulher mal havia aberto a boca durante toda a viagem e de repente não conseguíamos fazê-la parar.

– Não consigo! Não vou morrer aqui. Não vou deixar uma raposa nos devorar!

De repente, agarrou Janina pelo pescoço. Um forte arquejo saiu da garganta da menina.

Mamãe se jogou em cima da mulher e tirou seus dedos do pescoço da menina, que recuperou o ar e começou a soluçar.

– Desculpe – disse a mãe, chorando.

Ela virou as costas para nós, levou as mãos à própria garganta e tentou se estrangular.

A Sra. Rimas deu um tapa na cara da mulher. O homem do relógio segurou seus braços.

– O que está havendo com a senhora? Se quiser se matar, faça isso em particular – disse o careca.

– A culpa é sua – acusei-o. – Foi o senhor quem disse que ela seria devorada por uma raposa.

– Pare com isso, Lina – disse Jonas.

– Mamãe – soluçava Janina.

– A menina já fala com uma boneca morta. Teremos mesmo que ficar ouvindo falar de sua mãe que também morreu? – indagou o careca.

– Mamãe! – guinchou Janina.

– A senhora vai ficar bem – disse minha mãe, afagando os cabelos imundos da mulher. – Todos nós vamos ficar bem. Não podemos perder a razão. Tudo vai ficar bem. Vai, sim.

QUANDO AMANHECEU, a NKVD gritou que começássemos a trabalhar. Meu pescoço estava dolorido por ter passado a noite apoiado na mala. Jonas e mamãe tinham dormido debaixo de um barco de pesca, para se proteger do vento. Eu só conseguira cochilar umas poucas horas. Depois que todos pegaram no sono, fiquei desenhando à luz do luar. Fiz um esboço da mãe de Janina com as mãos em volta do pescoço da filha, que tinha os olhos esbugalhados. Escrevi uma carta para Andrius dizendo-lhe que estávamos em Trofimovsk. Como poderia pôr a carta no correio? Será que Andrius iria pensar que eu o havia esquecido? *Vou encontrar você*, dissera ele. Como é que iria nos encontrar ali? Papai, pensei. Você está vindo nos buscar. Venha depressa.

A NKVD nos dividiu em 25 grupos, cada um com 15 pessoas. Nós formávamos o grupo número 11. Eles pegaram todos os homens que ainda tinham alguma força e os mandaram terminar o alojamento dos oficiais. Os rapazes foram mandados para pescar no mar de Laptev. O restante das mulheres e dos idosos recebeu instruções para construir uma *jurta*, uma cabana, para abrigar seu grupo. Só que não podíamos usar nem os tijolos nem a madeira reservados para o alojamento da NKVD. Afinal de contas, disse Ivanov, o guarda com os dentes marrons, o inverno estava chegando e eles precisariam de um abrigo contra o frio. Nós podíamos usar restos ou pedaços de madeira que encontrássemos na margem do rio.

– Antes de pensarmos em construir qualquer coisa, vamos precisar de material – disse a Sra. Rimas. – Rápido, separem-se e recolham tudo o que conseguirem encontrar antes que os outros peguem. Tragam tudo para cá.

Recolhi pedras grandes, gravetos e lascas de tijolo. Será que iríamos mesmo construir uma casa com gravetos e pedras? Mamãe e a Sra. Rimas encontraram algumas toras de madeira presas à margem do rio. Elas as arrastaram até onde estávamos e voltaram para pegar mais. Vi uma mulher arrancando musgo com as próprias mãos para usar como cimento entre as pedras. Janina e eu começamos a arrancar pedaços de musgo e a empilhá-los junto com o resto de nossos materiais. Meu estômago se contorcia de fome. Eu mal podia esperar Jonas voltar com os peixes.

Ele voltou, encharcado e trêmulo. Suas mãos estavam vazias.

– Onde estão os peixes? – perguntei, batendo o queixo.

– Os guardas disseram que não podemos comer peixe. Tudo o que pescarmos será armazenado para a NKVD.

– E o que vamos comer? – indaguei.

– Rações de pão – respondeu ele.

Levamos uma semana para coletar toras suficientes para erguer a estrutura de nossa *jurta*. Os homens conversaram sobre o projeto da construção. Desenhei as plantas.

– Essas toras não parecem muito sólidas – comentou Jonas. – São só pedaços de madeira que o rio trouxe.

– É tudo o que temos – disse o homem do relógio. – Precisamos nos apressar. Temos que terminar antes da primeira nevasca. Caso contrário, não vamos sobreviver.

– Depressa, depressa – disse o repetidor.

Usando uma pedra chata, cavei sulcos profundos no chão duro. A terra estava congelada. À medida que cavava mais fundo, precisava cortar gelo. Mamãe, a Sra. Rimas e eu equilibramos as toras verticalmente dentro dos sulcos e as escoramos com terra.

– Não parece grande o suficiente para 15 pessoas – falei, observando a estrutura. O vento açoitava meu rosto, fazendo com que ele ardesse.

– Vamos ficar mais aquecidos se estivermos bem próximos uns dos outros – disse mamãe.

Ivanov chegou acompanhado de Kretzsky. Entendi a maior parte da conversa.

– Os porcos mais lentos de Trofimovsk! – disse Ivanov entre os dentes podres.

– Vocês precisam de um teto – disse Kretzsky, fazendo um gesto com o cigarro.

– Sim, eu sei. E a calefação? – perguntei. Tínhamos madeira suficiente para um telhado, mas como iríamos nos aquecer?

– Vamos precisar de um fogareiro – disse mamãe em russo.

Ivanov achou aquilo particularmente engraçado.

– Vocês querem um fogareiro? E o que mais? Um banho quente? Uma dose de conhaque? Calem a boca e trabalhem.

Ele se afastou. Mamãe olhou para Kretzsky, que baixou os olhos e seguiu o outro homem.

– Está vendo? Ele não quer ajudar – falei.

Passamos mais uma semana trabalhando, levantando o abrigo. Não era uma casa. Era uma coisa horrorosa, um monte de toras cobertas de barro, areia e musgo. Parecia algo que uma criança teria feito. E tínhamos que morar ali.

Os homens terminaram de construir o alojamento e uma padaria para a NKVD. Eram prédios de tijolo de verdade, com fogareiros ou lareiras em cada cômodo. O homem do relógio disse que eram bem equipados. E nós teríamos de suportar o inverno ártico dentro de uma cabana de barro? Não. Eles não esperavam que nós o suportássemos.

UM DIA DEPOIS de terminarmos nossa *jurta*, Janina veio correndo ao meu encontro.

– Lina, um barco! Está vindo um barco!

Em segundos a NKVD chegou, brandindo fuzis na nossa cara. Eles ordenaram que todos entrassem em suas *jurta*s e começaram a correr, gritando descontroladamente.

– Jonas? – berrou mamãe. – Lina, onde está Jonas?

– Eles o mandaram ir pescar – falei.

– *Davai!* – vociferou Ivanov, empurrando-me na direção da *jurta*.

– Jonas! – gritou mamãe, cambaleando para tentar se afastar de Ivanov.

– Ele está vindo, Elena – disse o Sr. Lukas, correndo em nossa direção. – Eu o vi atrás de mim.

Jonas chegou, ofegante por causa da corrida.

– Mamãe, chegou um barco. Ele tem a bandeira dos Estados Unidos.

– Os americanos chegaram. Chegaram! – comemorou o repetidor.

– Será que eles vão combater a NKVD? – perguntou Janina.

– Menina idiota. Os americanos estão ajudando a NKVD – disse o careca.

– Eles estão nos escondendo – falou mamãe. – Os guardas não querem que os americanos nos vejam, nem que saibam o que estão fazendo conosco.

– Será que eles não vão se perguntar o que são estas cabanas de barro? – indaguei.

– Vão pensar que são algum tipo de unidade militar – disse o homem do relógio.

– Será que devemos correr lá para fora, para que eles nos vejam? – sugeri.

– Os guardas vão atirar em você – falou o careca.

– Fique exatamente onde está, Lina! – ordenou mamãe. – Entendeu?

Ela estava certa. A NKVD estava nos escondendo dos americanos. Passamos mais de cinco horas dentro de nossas *jurta*s. Foi o tempo necessário para descarregar o navio americano. Assim que ele zarpou, a NKVD começou a gritar que voltássemos ao trabalho. Havia mantimentos a serem transportados até a padaria e o alojamento da NKVD. Fiquei olhando o navio americano desaparecer no horizonte, levando embora nossas esperanças de resgate. Quis sair correndo até a margem, agitando os braços e gritando.

Os mantimentos haviam sido amontoados sobre grandes estrados de madeira e as pilhas tinham a altura de nossas casas em Kaunas, ocupando a área que equivaleria a quatro delas. Comida. Estava tão perto. Jonas me disse para ficar de olho na madeira dos estrados, que poderíamos usar para construir uma porta para nossa *jurta*.

O homem do relógio falava inglês. Ele foi traduzindo o que estava escrito nas embalagens. Ervilhas e tomates em conserva, manteiga, leite condensado, ovos em pó, açúcar, farinha, vodca, uísque. Mais de 300 lituanos e finlandeses transportavam montanhas de alimentos nos quais jamais voltariam a tocar. Quanta comida haveria nos Estados Unidos para que um navio descarregasse um estoque tão gigantesco para menos de 20 guardas? E agora os americanos tinham ido embora. Será que eles conheciam o medonho segredo dos soviéticos?

Depois da comida, transportamos outros materiais – querosene, redes de pesca, casacos de pele, chapéus, grossas luvas de couro.

A NKVD iria passar um inverno confortável. O vento soprava através do meu casaco fino. Eu e Jonas nos esforçávamos para erguer um caixote atrás do outro.

– Pare com isso, por favor – pediu mamãe ao Sr. Lukas.

– Desculpe – disse ele, dando corda no relógio. – Isso me acalma.

– Não era disso que eu estava falando. Pare de traduzir o que está escrito. Não posso mais suportar saber o que estamos carregando – disse ela enquanto se afastava.

– Mas eu quero saber – objetou o careca. – Quero saber o que estará disponível caso algum de vocês tenha a oportunidade.

– Do que ele está falando? – perguntou Jonas.

– Provavelmente quer que roubemos coisas para ele – expliquei.

– Lá vai ela de novo – disse Jonas.

– O que foi? – perguntei.

Jonas fez um gesto na direção de mamãe. Ela estava conversando com Kretzsky.

JONAS ENCONTROU um barril vazio flutuando no mar de Laptev. Conseguiu puxá-lo até a margem com uma vara. Em seguida o fez rolar até nossa *jurta*. Os homens comemoraram.

– Para fazer um braseiro – disse Jonas, sorrindo.

– Bom trabalho, meu amor! – elogiou mamãe.

Os homens começaram a trabalhar no barril, criando um tubo de exaustão com latas vazias que haviam pegado no lixo da NKVD.

Era arriscado carregar ou guardar nossa ração de pão quando Ivanov estava por perto. Ele adorava roubar nossa comida. Trezentos gramas. Era só o que recebíamos. Certa vez, eu o vi arrancar um pedaço de pão de uma velha na fila da padaria. Ele o enfiou na boca. A mulher ficou olhando, sua boca vazia mastigando junto com a dele. Ele cuspiu o pão no pé dela. Ela se jogou no chão para pegar e comer cada pedaço. A Sra. Rimas contou que ouvira dizer que Ivanov havia sido transferido de uma prisão em Krasnoyarsk. O cargo em Trofimovsk devia ser um rebaixamento. Será que Kretzsky também tinha sido rebaixado? Perguntei-me se Ivanov estivera na mesma prisão que papai.

Meu estômago ardia de fome. Eu vivia sonhando com o mingau cinza que nos davam no trem. Fazia desenhos detalhados de alimentos – um frango fumegante com a pele tostada e crocante, tigelas de ameixas, tortas de maçã com a crosta se desmanchando. Anotei os detalhes do navio americano e das comidas que ele havia trazido.

A NKVD nos mandou retirar madeira do mar de Laptev. Tínhamos que cortar a madeira para secá-la e fazer lenha. Não podíamos usar nada. Ficávamos sentados em nossa *jurta* encarando o braseiro apagado. Eu via pratos cheios de comida serem retirados da mesa de jantar de nossa casa e os restos sendo jogados no lixo. Ouvia a voz de Jonas dizendo “Mas, mamãe, não estou com fome” quando ela o mandava comer tudo. Não estou com fome. Quando foi a última vez que estivemos sem fome?

– Estou com frio – disse Janina.

– Então vá arrumar um pouco de lenha para o braseiro! – falou o careca.

– Onde posso arrumar lenha? – perguntou ela.

– Você pode roubar. Lá perto do prédio da NKVD – respondeu ele.

– É lá que os outros estão pegando.

– Não mande a menina roubar. Vou encontrar alguma coisa – falei.

– Eu vou com você – disse Jonas.

– Mãe? – Eu esperava que ela protestasse.

– O que foi?

– Jonas e eu vamos procurar lenha.

– Está bem, querida – disse ela baixinho.

– Mamãe está bem? – perguntei a Jonas enquanto saíamos de nossa cabana de barro.

– Ela parece mais fraca e confusa.

Parei.

– Jonas, você tem visto mamãe comer?

– Acho que sim.

– Pense. Nós a vimos mordiscar a comida, mas ela vive nos dando pão – falei. – Ontem mesmo. Disse que era uma ração extra que ganhara transportando madeira.

– Você acha que ela está nos dando sua comida? – indagou meu irmão.

– Acho, ou pelo menos uma parte.

Mamãe estava se matando de fome para nos alimentar.

O vento uivava enquanto caminhávamos em direção ao prédio da NKVD. Cada respiração fazia minha garganta arder. O sol não apareceu. A noite polar havia começado. A luz pintava a paisagem desolada em tons de azul e cinza. O repetidor não parava de dizer que precisávamos aguentar o primeiro inverno. Mamãe concordava. Se conseguíssemos passar pelo primeiro inverno, iríamos sobreviver. Tínhamos de suportar a noite polar para ver o sol voltar.

– Está com frio? – perguntou Jonas.

– Congelando.

O vento cortante penetrava em minha roupa e açoitava meu corpo.

– Quer meu casaco? – ofereceu ele. – Acho que vai caber.

Olhei para meu irmão. O casaco que mamãe conseguira negociar a princípio ficara grande demais. Mas ele havia crescido.

– Não, senão quem vai ficar com frio é você – falei. – Mas obrigada.

– Vilkas! – chamou Kretzsky. Ele usava um sobretudo de lã e carregava um saco de lona. – O que estão fazendo?

– Procurando restos de madeira para queimar – respondeu Jonas.

– O senhor viu algum?

Kretzsky hesitou. Enfiou a mão no saco e atirou um pedaço de madeira em nossas canelas, depois foi embora antes que pudéssemos dizer qualquer coisa.

Nessa noite, 26 de setembro, nevou pela primeira vez.

A nevasca durou dois dias. O vento uivava e soprava pelas rachaduras de nossa *jurta*. As temperaturas polares se infiltravam em meus joelhos e quadris. As articulações doíam e latejavam, dificultando os movimentos. Nós nos encolhemos todos juntos para nos aquecer. O repetidor chegou mais perto. Seu hálito tinha um cheiro podre.

– O senhor comeu peixe? – perguntou o careca.

– Peixe? Sim, um pouco de peixe.

– Por que não trouxe nada para nós? – reclamou o careca.

Outras pessoas também gritaram com o repetidor, chamando-o de egoísta.

– Eu roubei. Era só um pouquinho. Só um pouquinho.

– Liale não gosta de peixe – sussurrou Janina.

Olhei para ela. A menina estava arranhando seu couro cabeludo.

– Está coçando? – perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça. Piolhos. Era apenas uma questão de tempo até toda a cabana estar infestada.

Nós nos revezamos para abrir um caminho de nossa porta da frente até a padaria para buscar nossas rações de pão. Eu recolhia grandes quantidades de neve que derretia para bebermos. Jonas obrigava mamãe a comer sua ração inteira e a beber água. Vínhamos fazendo nossas necessidades do lado de fora, mas, no auge da nevasca, não tivemos alternativa senão nos sentar em cima de um balde dentro da *jurta*. Por cortesia, quem estivesse sentado ficava de costas, mas alguns achavam essa visão ainda pior.

ASSIM QUE A NEVASCA cessou, os homens da NKVD ordenaram aos gritos que voltássemos ao trabalho. Saímos de nossa cabana de barro. Embora estivesse escuro, a neve branca clareava a paisagem cor de grafite. Mas isso era tudo o que víamos – cinza por toda parte. A NKVD nos mandou arrastar e cortar toras de madeira para fazer lenha. Jonas e eu passamos por uma *jurta* totalmente coberta de neve.

– Não! – gritou uma mulher do lado de fora. As pontas de seus dedos estavam ensanguentadas, com as unhas em frangalhos.

Ali perto, Ivanov ria e dava tapas em suas próprias coxas, divertindo-se.

– Idiotas – falou para outro guarda. – Eles construíram a porta abrindo para fora. Quando nevou, ficaram presos lá dentro. Os fracotes não conseguiram nem empurrar ou destruir a porta! Quatro pessoas morreram lá dentro! Porcos imbecis!

Jonas estava boquiaberto.

– Está olhando o quê? – berrou Ivanov. – Volte ao trabalho.

Puxei Jonas para longe da mulher que chorava e da cabana coberta de neve.

– Ele estava rindo. Aquelas pessoas morreram e Ivanov estava rindo – falei.

– Quatro mortos logo na primeira nevasca – disse Jonas, olhando para os próprios pés. – Talvez mais. Precisamos de mais madeira. Temos que vencer o inverno.

Eles nos dividiram em grupos. Tive que andar 3 quilômetros até a linha das árvores para buscar lenha para a NKVD. O careca estava no meu grupo. Avançávamos penosamente pela neve, produzindo um ruído seco ao pisar.

– Como eles esperam que eu ande nesse chão com minha perna machucada? – reclamou o careca.

Tentei me apressar. Não queria ficar presa a ele, diminuindo meu ritmo.

– Não me deixe sozinho! – disse ele. – Me dê suas luvas.

– O quê?

– Não tenho luvas, então me dê as suas.

– Não. Minhas mãos vão congelar – falei, sentindo o frio castigar meu rosto.

– As minhas já estão congelando! Me dê suas luvas. Só por alguns minutos. Você pode pôr as mãos no bolso.

Pensei em meu irmão me oferecendo seu casaco e perguntei-me se deveria compartilhar minhas luvas com o careca.

– Se me emprestar as luvas, lhe contarei uma coisa – propôs ele.

– O que o senhor vai me contar? – perguntei, desconfiada.

– Algo que você quer saber.

– O que eu iria querer saber do senhor? – perguntei.

– Rápido, me dê suas luvas.

Ele estava batendo o queixo. Segui em frente sem dizer nada.

– Me dê suas malditas luvas e lhe conto por que sua família foi deportada!

Parei de andar e o encarei.

Ele arrancou as luvas das minhas mãos.

– Ora, não fique aí parada. Continue andando ou vamos morrer congelados. Ponha as mãos nos bolsos.

Recomeçamos a andar.

– Então?

– Você conhece um homem chamado Petras Vilkas? – perguntou.

Petras Vilkas. Irmão de meu pai. Joana era filha dele.

– Sim – respondi. – Ele é meu tio. Joana é minha melhor amiga.

– Quem é Joana, filha dele?

Assenti.

– Bem, é por isso que vocês foram deportados – disse ele, esfregando as luvas uma na outra. – Sua mãe sabe. Ela só não contou a vocês. Pronto, agora você já conhece o motivo.

– Como assim, é por isso que fomos deportados? Como o senhor sabe? – perguntei.

– Que importância tem como sei? Seu tio fugiu da Lituânia antes de vocês serem deportados.

– O senhor está mentindo.

– Estou? O sobrenome de solteira de sua tia era alemão. Então a família de seu tio fugiu, provavelmente passando pela Alemanha. Seu pai os ajudou. Ele foi cúmplice. Depois disso, sua família entrou na lista. Por isso seu pai está preso, vocês vão morrer aqui neste inferno de gelo, enquanto sua melhor amiga, a esta altura, já deve estar morando nos Estados Unidos.

O que ele estava dizendo? Joana tinha fugido para os Estados Unidos? Como era possível?



– *Repatriação, se conseguirem – disse meu pai, calando-se abruptamente ao me ver no limiar da porta.*



Querida Lina,

Agora que o feriado de Natal passou, a vida parece ter tomado um rumo mais sério. Ele já encaixotou a maioria de seus livros, dizendo que ocupam muito espaço.



Pensei em meu último aniversário. Papai chegara atrasado ao restaurante. Eu disse a ele que não tinha recebido nada de Joana. Percebi que ele ficou tenso ao ouvir o nome de minha prima.

– Ela provavelmente está ocupada, só isso – falou.



– A Suécia é melhor – disse mamãe.

– Impossível – explicou papai. – A Alemanha é a única alternativa para eles.

*– Quem vai para a Alemanha? – gritei da sala de jantar.
Silêncio.*



– Achei que toda a família de titia estivesse na Alemanha – falei.

– Parece que ela tem um parente nos Estados Unidos. Ele mora na Pensilvânia e manda cartas para ela.



Era possível.

A liberdade de Joana havia custado a minha.

– Eu daria tudo por um cigarro – disse o careca.

– POR QUE VOCÊ não me contou?

– Estávamos tentando proteger seu tio. Eles iam nos ajudar – disse mamãe.

– Nos ajudar a quê? – perguntou Jonas.

– A fugir – sussurrou ela.

Não havia motivo para baixar a voz. Todos fingiam estar ocupados com as próprias unhas ou roupas, mas podiam ouvir tudo o que dizíamos. Janina era a única que nos observava com atenção. Estava ajoelhada ao lado de Jonas, catando piolhos das sobrancelhas.

– Quando chegassem à Alemanha, iam dar entrada nos documentos para que tentássemos ser repatriados também.

– O que é *repatriar*? – perguntou Janina.

– Voltar para o lugar de origem de sua família – respondi.

– A senhora é alemã? – perguntou ela a mamãe.

– Não, querida. Mas a família de minha cunhada nasceu na Alemanha – explicou mamãe. – Achamos que poderíamos conseguir documentos por intermédio deles.

– E papai os ajudou? Então ele foi cúmplice? – perguntei.

– Cúmplice? Ele não cometeu nenhum crime, Lina. Ele os ajudou. São nossos parentes.

– Então Joana está na Alemanha? – perguntei.

– É bem provável – disse mamãe. – Tudo deu terrivelmente errado. Depois que eles foram embora, em abril, seu pai ficou

sabendo que a NKVD tinha arrombado e revistado a casa deles. Alguém deve ter informado os soviéticos.

– Quem faria uma coisa dessas? – perguntou Jonas.

– Lituanos que trabalham para os soviéticos. Eles dão informações sobre outras pessoas para se protegerem.

Alguém pigarreou e tossiu dentro da cabana.

– Não acredito que Joana não me contou – falei.

– Joana não sabia! Com certeza os pais não disseram nada a ela. Tinham medo de que ela contasse a alguém. Ela achou que eles estavam indo visitar um amigo da família – explicou mamãe.

– Andrius disse que eles achavam que o pai dele tinha contatos internacionais. Agora os soviéticos acham que papai está se comunicando com alguém fora da Lituânia – disse Jonas em voz baixa. – Isso significa que ele está correndo perigo.

Mamãe assentiu. Janina se levantou e foi se deitar ao lado da mãe.

Pensamentos varavam minha mente. Eu mal conseguia processar um antes que surgisse outro. Nós estávamos sendo punidos, ao passo que a família de Joana vivia confortavelmente na Alemanha. Tínhamos dado nossas vidas para salvar as deles. Mamãe estava zangada pelo fato de o careca ter me contado. Ela havia lhe confidenciado seu segredo e ele o revelara em troca de cinco minutos com minhas luvas. Por que mamãe e papai não tinham confiado em *nós*? Será que pensaram nas consequências antes de ajudar meus tios a fugir? Cocei a nuca. Os piolhos desciam pelo meu pescoço, me picando.

– Que egoísmo! Como puderam fazer isso conosco? – perguntei.

– Eles também tiveram que abrir mão de muita coisa – disse Jonas.

Minha boca se escancarou.

– O que você quer dizer com isso? Eles não abriram mão de nada! Nós deixamos tudo para trás por causa deles.

– Eles abriram mão de sua casa, titio de sua loja e Joana de seus estudos.

Os estudos de Joana. Ela queria ser médica tanto quanto eu queria ser artista. Embora eu ainda pudesse desenhar, ela não poderia estudar medicina com a Alemanha em guerra. Onde estaria Joana? Será que sabia o que havia nos acontecido? Será que os soviéticos haviam conseguido esconder as deportações do resto do mundo? E, se tivessem conseguido, quanto tempo isso iria durar? Pensei no navio de abastecimento americano indo embora. Será que alguém iria pensar em nos procurar no Ártico siberiano? Se Stalin conseguisse o que queria, o gelo e a neve seriam nosso túmulo.

Peguei meu papel. Fui me sentar junto à luz do braseiro. Estava fervendo de raiva. Era tudo tão injusto. Mas eu não conseguia odiar Joana. Não era culpa dela. De quem era a culpa? Desenhei duas mãos unidas, ao mesmo tempo se segurando e tentando se afastar. Fiz uma suástica na palma da mão dela e, nas costas da minha, uma foice e um martelo, com a bandeira lituana em frangalhos caindo entre as nossas mãos.

Ouvi um barulho de algo sendo arranhado. O homem do relógio estava esculpindo um pedacinho de madeira com seu canivete. A lenha crepitava no braseiro, cuspidando cinzas para fora do barril.



– Parece que foi arranhada – disse Jonas.

Ele estava sentado na minha cama, de pernas cruzadas, olhando para uma das gravuras de Munch que eu tinha recebido de Oslo.

– E foi mesmo. Ele usou a espátula de tinta para dar textura à tela – expliquei.

– Isso faz a mulher parecer... confusa – disse Jonas. – Ela pareceria triste se não fossem os arranhões, mas eles criam

confusão.

– Exatamente – concordei, fazendo movimentos amplos para pentear meus cabelos. – Mas, para Munch, isso fazia o quadro parecer vivo. Ele era um homem confuso. Não ligava para proporções, queria transmitir realidade.

Jonas passou à gravura seguinte.

– Você acha isto aqui real? – perguntou, com os olhos arregalados.

– Com certeza – respondi. – Essa daí se chama Cinzas.

– Não sei se é real. Mas é realmente assustadora – disse Jonas, levantando-se para ir embora. – Sabe, Lina, gosto mais dos seus desenhos do que dos dele. Esses aí são muito esquisitos. Boa noite.

– Boa noite – respondi.

Peguei os papéis e deitei-me na cama, afundando em meu edredom de plumas de ganso. Um comentário feito na margem por um crítico de arte dizia: “Munch é antes de tudo um poeta lírico das cores. Ele sente as cores, mas não as vê. Em seu lugar vê tristeza, pranto e ruína.”

Tristeza, pranto e ruína. Eu também via isso em Cinzas. Achava a obra genial.



Cinzas. Tive uma ideia. Peguei um graveto perto do braseiro. Retirei a casca externa para expor o miolo claro da madeira. Separei as fibras para formar cerdas. Peguei um punhado de neve do lado de fora e a misturei cuidadosamente com cinzas retiradas do barril. A cor não ficou uniforme, mas obtive uma aquarela cinza bem bonita.

NOVEMBRO CHEGOU. O olhar de mamãe havia perdido o brilho. Tínhamos que nos esforçar mais para fazê-la sorrir. Isso só acontecia quando ela descansava o queixo sobre a palma da mão ou quando Jonas mencionava papai em nossas preces noturnas. Nessas horas ela erguia o rosto e os cantos de sua boca se curvavam para cima, esperançosos. Eu estava preocupada com ela.

À noite, eu fechava os olhos e pensava em Andrius. Via seus dedos passeando por entre os cabelos castanhos despenteados e seu nariz descendo pelo meu rosto na véspera de nossa partida. Lembrava-me de seu largo sorriso quando ele brincava comigo na fila da comida. Via seu olhar hesitante quando me dera de presente o *Dombey & filho* e sua expressão confiante enquanto via o caminhão se afastar. Ele disse que iria me encontrar. Será que sabia para onde haviam nos levado? Será que sabia que eles riam dos que morriam e faziam apostas sobre quanto tempo resistiríamos? *Venha me encontrar*, sussurrei.

O homem do relógio olhou para cima e disse que uma tempestade estava a caminho. Acreditei nele, não por causa do tom cinza-claro do céu, mas por causa da agitação da NKVD. Os guardas estavam gritando conosco. Seus *davaí* tinham um tom urgente. Até mesmo Ivanov ficava em cima de nós. Em geral, ele gritava ordens de longe. Nesse dia, ia e vinha do alojamento andando depressa, coordenando todas as ações.

A Sra. Rimas tentou negociar rações adiantadas por causa da tempestade iminente.

Ivanov riu.

– Se houver tempestade, vocês não vão trabalhar. Nesse caso, por que deveriam ganhar a ração?

– Mas como vamos sobreviver sem o pão? – perguntou a Sra. Rimas.

– Não sei. Como? – retrucou ele.

Fui roubar lenha do alojamento da NKVD. Não havia outro jeito. Nós íamos precisar de muita lenha durante a tempestade. Voltei para pegar mais. A neve começou a cair.

Foi então que vi.

Mamãe estava em pé atrás do alojamento da NKVD, conversando com Ivanov e Kretzsky. O que será que ela estava fazendo? Saí do campo de visão deles e estreitei os olhos para ver melhor. Ivanov cuspiu no chão. Então chegou mais perto do rosto de mamãe. Meu coração começou a bater depressa. De repente, ele ergueu a mão enluvada até a têmpora, imitando o disparo de uma arma. Mamãe se retraiu. Ivanov jogou a cabeça para trás e riu. Então entrou no alojamento da NKVD.

Mamãe e Kretzsky ficaram parados, a neve caindo à sua volta. Kretzsky estendeu a mão e tocou o ombro dela. Vi seus lábios se moverem. Os joelhos de mamãe fraquejaram. Ele a segurou pela cintura. O rosto dela se contorceu e se enterrou no peito dele. Ela pôs-se a socar seu ombro com o punho fechado.

– MAMÃE! – gritei e saí correndo na sua direção.

A lenha roubada caiu de baixo do meu casaco e tropecei.

Arranquei-a dos braços de Kretzsky e a puxei para mim.

– Mamãe. – Caímos as duas de joelhos.

– Kostas – soluçava ela.

Acaricieei seus cabelos e a abracei. As botas de Kretzsky mudaram de posição. Ergui os olhos para ele.

– Fuzilado. Na prisão de Krasnoyarsk – explicou o guarda.

O ar se fechou à minha volta, empurrando meu corpo bem para dentro da neve.

– Não, não é verdade – falei, buscando o olhar de Kretzsky. – Ele virá nos buscar. Está a caminho. Mamãe, não é verdade! Eles acham que papai morreu porque ele foi embora. Ele recebeu meus desenhos. Está vindo nos buscar!

– Não. – Kretzsky balançou a cabeça.

Eu o encarei. *Não?*

Mamãe chorava, seu corpo se sacudia em espasmos contra o meu.

– Papai? – Mal consegui pronunciar a palavra.

Kretzsky deu um passo mais para perto e estendeu a mão para ajudar mamãe. Ódio escorreu da minha boca:

– Fique longe dela! Não chegue perto. Odeio você. Está me ouvindo? ODEIO VOCÊ!

Kretzsky encarava mamãe.

– Eu também – disse ele. E saiu andando, deixando-nos caídas ali no chão.

Afundamos mais ainda, com a neve nos cobrindo. O vento açoitava nossos rostos, afiado como ponta de agulha.

– Venha, mãe. Está chegando uma tempestade.

Ela não conseguia andar. A cada passo, seu peito arfava, desequilibrando nós duas. A neve rodopiava à nossa volta, prejudicando minha visão.

– SOCORRO! – gritei. – Alguém me ajude, POR FAVOR! – Eu não ouvia nada a não ser os uivos do vento. – Mãe, pise onde eu pisar. Ande comigo. Precisamos voltar. É uma tempestade.

Mamãe não andava. Simplesmente ficava repetindo o nome do meu pai sob a neve que caía.

– SOCORRO!

– Elena?

Era a Sra. Rimas.

– Sim! Estamos aqui. Ajude-nos! – gritei.

Duas silhuetas se destacaram na muralha de vento e neve.

– Lina?

– Jonas! Por favor!

Meu irmão e a Sra. Rimas surgiram da neve com os braços estendidos.

– Ah, meu Deus, Elena! – disse a Sra. Rimas.

Arrastamos mamãe até nossa *jurta*. Ela se deitou de bruços sobre uma tábua de madeira, com a Sra. Rimas ao seu lado e Janina a observando.

– Lina, o que houve? – perguntou Jonas, aterrorizado.

Olhei para o meu irmão com uma expressão vazia.

– Lina?

Virei-me de frente para ele.

– Papai.

– Papai? – O rosto de Jonas tornou-se inexpressivo.

Assenti devagar. Não conseguia falar. Um som saiu de minha boca, um gemido distorcido, de dar dó. Aquilo não estava acontecendo. Não podia ser verdade. Papai não. Eu tinha mandado os desenhos.

Vi o rosto de Jonas rejuvenescer diante dos meus olhos. De repente, ele parecia ter sua verdadeira idade, tão vulnerável. Não era mais um rapaz lutando por sua família, fumando livros, e sim o menininho que entrou correndo no meu quarto na noite em que fomos capturados. Ele olhou para mim, em seguida para mamãe. Foi até ela, deitou-se e passou o braço com cuidado em volta dela. A neve entrava por uma rachadura no barro e caía sobre os seus cabelos.

Janina abraçou minhas pernas. Ela cantarolava baixinho.

– Sinto muito. Sinto muito – disse o repetidor.

EU NÃO CONSEGUIA DORMIR. Não conseguia falar. Sempre que fechava os olhos, via o rosto machucado de papai olhando pelo buraco da latrina do trem. *Coragem, Lina*, dissera-me. A exaustão e a tristeza avançavam, pesadas, por cada fibra do meu corpo; apesar disso, eu estava totalmente desperta. Minha mente piscava como se houvesse entrado em curto-circuito, produzindo imagens incessantes de angústia, ansiedade e tristeza.

Como Kretzsky sabia? Tinha havido algum engano. Era outro homem, não papai. Isso era possível, não era? Pensei em Andrius, procurando o pai pelos vagões. Ele também achava possível. Eu queria contar a Andrius o que havia acontecido. Levei a mão ao bolso e segurei a pedra.

Meus desenhos haviam fracassado. Eu havia fracassado.

Tentei desenhar, mas não consegui. Sempre que eu começava, o lápis se movia sozinho, impelido por alguma coisa horrível que existia dentro de mim. O rosto distorcido de papai. Sua boca tomada por um esgar de agonia. Seus olhos irradiando medo. Retratei a mim mesma gritando com Kretzsky. Meus lábios estavam franzidos e três cobras pretas com dentes afiados saíam de minha boca aberta. Escondi os desenhos entre as páginas de *Dombey & filho*.

Papai era forte; um patriota. Será que havia lutado? Ou fora pego de surpresa? Será que eles o haviam deixado caído no chão como fizeram com Ona? Perguntei-me se Jonas estaria pensando nas mesmas coisas. Não conversamos a respeito. Escrevi uma carta para Andrius, mas ela ficou borrada de lágrimas.

Continuava nevando. O rugido do vento era ensurdecedor. Cavamos um caminho a partir da porta para ir buscar nosso pão. Dois finlandeses, perdidos na nevasca, não conseguiram encontrar sua *jurta* e se abrigaram na nossa. Um deles estava com disenteria. O fedor me deu ânsia de vômito. Minha cabeça estava infestada de piolhos.

No segundo dia, mamãe se levantou e insistiu em retirar a neve da porta. Ela estava abatida, como se tivesse perdido uma parte de sua alma.

– Mamãe, você deveria descansar – disse Jonas. – Posso tirar a neve.

– Não adianta nada ficar deitada aqui – respondeu mamãe. – Há trabalho a ser feito. Preciso cuidar da minha parte.

No terceiro dia da tempestade, o homem do relógio guiou os dois finlandeses de volta até sua *jurta*.

– Leve esse balde lá para fora e lave-o com neve – disse-me o careca.

– Por que eu? – perguntei.

– Vamos nos revezar – disse mamãe. – Todos teremos que ir.

Peguei o balde e saí para a escuridão. Os ventos haviam abrandado. De repente, eu não conseguia respirar. A umidade em minhas narinas havia congelado. Estávamos só em novembro. A noite polar iria durar até o início de março. O tempo ficaria ainda pior. Como iríamos aguentar? Tínhamos que superar o primeiro inverno. Apressei-me para lavar o balde e voltei para dentro da *jurta*. Sentia-me como Janina, sussurrando para papai durante a noite tal como ela segredava à sua boneca morta.

Dia 20 de novembro. Aniversário de Andrius. Eu havia contado os dias com cuidado. Desejei-lhe um feliz aniversário ao acordar e

pensei nele enquanto carregava madeira durante o dia. À noite, sentei-me à luz do braseiro para ler *Dombey & filho*. *Krasivaya*. Ainda não sabia o que significava. Se pulasse algumas páginas, talvez encontrasse a palavra e descobrisse o que queria dizer. Folheei um pouco o livro. Alguma coisa atraiu meu olhar. Voltei algumas páginas. Na margem da página 278 havia algo escrito a lápis.

Oi, Lina. Você chegou à página 278. Que ótimo!

Soltei um arquejo, depois fingi estar entretida com o livro. Olhei a caligrafia de Andrius. Corri o dedo pelas letras alongadas com as quais ele havia escrito meu nome. Será que havia outros recados? Eu sabia que deveria continuar a leitura. Mas não consegui esperar. Fui virando as páginas com cuidado, prestando atenção nas margens.

Página 300:

Você está mesmo na página 300 ou está pulando?

Tive de conter uma risadinha.

Página 322:

Dombey & filho é uma chatice. Admita.

Página 364:

Estou pensando em você.

Página 412:

Será que você está pensando em mim?

Fechei os olhos.

Sim, estou pensando em você. Feliz aniversário, Andrius.

ESTÁVAMOS EM MEADOS de dezembro. O inverno mantinha as garras em nós. O repetidor tinha ulcerações causadas pelo frio. Havia bolhas muito pretas nas pontas de seus dedos. Calombos cinzentos e bulbosos surgiram na ponta do seu nariz. Nós nos enrolávamos em qualquer pedaço de roupa e trapos que conseguíssemos encontrar. Amarrávamos os pés em velhas redes de pesca que o mar havia trazido. Todos na *jurta* se desentendiam e irritavam uns aos outros.

As crianças pequenas começaram a morrer. Mamãe levou sua ração de comida para um menino faminto. Ele já estava morto, com a minúscula mãozinha estendida à espera de um pedaço de pão. Não tínhamos nenhum médico ou enfermeira no campo, apenas um veterinário estoniano. Confiávamos nele. Ele fazia o possível, mas as condições eram precárias e ele não dispunha de nenhuma medicação.

Ivanov e os agentes da NKVD não botavam os pés dentro das nossas *jurtas*. Gritavam que deixássemos os mortos do lado de fora.

– Vocês são todos uns porcos imundos. Vivem no meio da sujeira. Não é de espantar que estejam morrendo.

Disenteria, tifo e escorbuto iam se espalhando pelo campo. Piolhos se banquetearam em nossas feridas abertas. Certo dia, durante a tarde, um dos finlandeses parou de cortar lenha para urinar. Janina o encontrou pendurado em um poste. Ele havia se enforcado com uma rede de pesca.

Tínhamos que ir cada vez mais longe para encontrar lenha. Já estávamos a quase 5 quilômetros do campo. No final do dia, Janina veio para junto de mim.

– Liale me mostrou uma coisa – disse ela.

– O que foi? – perguntei, enfiando gravetos no bolso para nosso braseiro e meus pincéis.

Janina olhou em volta.

– Venha cá. Vou lhe mostrar.

Ela pegou minha mão e foi me guiando pela neve. Então estendeu a luva para apontar.

– O que é? – perguntei. Meus olhos vasculharam a neve.

– Shh... – Ela me puxou mais para perto e apontou.

Então eu vi: uma grande coruja caída no limite das árvores. Suas penas brancas se camuflavam tão bem que no início não a notei. O corpo parecia ter uns 60 centímetros de comprimento. A grande ave de rapina tinha pequenas pintas marrons na cabeça e no dorso.

– Ela está dormindo? – perguntou Janina.

– Acho que está morta – respondi. Tirei um graveto do bolso e cutuquei uma das asas da coruja. A ave não se mexeu. – É, está morta.

– Você acha que deveríamos comê-la? – perguntou Janina.

No início fiquei chocada. Então imaginei aquele corpo roliço sendo assado dentro de nosso barril como uma galinha. Tornei a cutucar a coruja. Segurei-a pela asa e puxei. Apesar de pesada, a ave deslizou pela neve.

– Não! Você não pode arrastá-la. A NKVD vai ver e vai tirá-la de nós – disse Janina. – Esconda-a dentro do casaco.

– Janina, esta coruja é enorme. Não posso escondê-la no casaco.

A ideia de uma coruja morta dentro de minha roupa me deu arrepios.

– Mas estou com tanta fome – disse Janina. – Por favor. Eu vou andando na sua frente. Ninguém vai ver.

Eu também estava com fome. Assim como mamãe e Jonas. Inclinei-me por cima da coruja e pressionei suas asas contra meu corpo. O animal estava rígido. Sua cara tinha um aspecto afiado, ameaçador. Eu não sabia se podia encostá-la em mim. Olhei para Janina. Ela assentiu, com os olhos arregalados.

Olhei rapidamente em volta.

– Desabotoe o meu casaco – falei.

As mãozinhas de Janina puseram-se a trabalhar.

Ergui a ave de rapina morta e segurei-a contra o peito. Calafrios de repulsa percorreram meu corpo.

– Rápido, abotoe.

Mas ela não conseguiu. A coruja era grande demais. Eu mal conseguia fechar o casaco em volta do corpo da ave.

– Vire-a de costas, para a cara não ficar para fora – disse Janina.

– Ela vai se confundir com neve. Vamos, rápido.

Rápido? Como eu iria conseguir andar 5 quilômetros, grávida de uma coruja morta, sem que a NKVD percebesse?

– Janina, calma. Não consigo andar depressa. A coruja é grande demais.

O bico curvo espetava meu peito. Aquele animal morto era horripilante. Mas eu estava com muita fome.

Outros deportados olhavam para mim.

– Nossas mães estão doentes. Elas precisam de comida. Vocês vão nos ajudar? – pediu Janina.

Pessoas que eu não conhecia formaram um círculo ao meu redor para me esconder. Elas me escoltaram em segurança até nossa *jurta* sem que ninguém me visse. Não pediram nada em troca. Ficaram felizes em ajudar alguém, em conseguir realizar alguma coisa, mesmo que não fossem tirar nenhum proveito disso. Nós estávamos no fundo do oceano, mas ainda assim tentávamos alcançar o céu. Percebi que, se erguêssemos uns aos outros, talvez conseguíssemos chegar um pouco mais perto.

A mãe de Janina depenou a coruja. Todos nos aglomeramos em volta do fogão improvisado para sentir seu aroma enquanto assava.

– Tem cheiro de pato, não acha? – perguntou Jonas. – Vamos fingir que é um pato.

O sabor da carne quentinha era divino. Pouco importava que estivesse um pouco dura: a experiência se prolongava por mais tempo, porque tínhamos que mastigar bem. Imaginamos que estávamos num banquete real.

– Vocês não estão sentindo gosto de marinada de groselha? – suspirou a Sra. Rimas.

– Que maravilha. Obrigada, Lina – disse mamãe.

– Agradeça a Janina. Foi ela quem achou a coruja – falei.

– Quem achou foi Liale – corrigiu Janina.

– Obrigado, Janina! – disse Jonas.

Janina, radiante, segurava um punhado de penas.

O NATAL CHEGOU. Já tínhamos atravessado metade do inverno. Era um motivo para agradecer.

O clima continuava implacável. Assim que uma nevasca terminava, vinha outra em seguida. Vivíamos como pinguins, congelando sob várias camadas de neve. A Sra. Rimas ficava em pé em frente à padaria. O cheiro de manteiga e chocolate quente a fazia chorar. A NKVD assava bolos e doces. Eles comiam peixe, bebiam café fumegante e saboreavam carnes e legumes enlatados vindos dos Estados Unidos. Depois das refeições, jogavam cartas, fumavam cigarros, às vezes charutos, e tomavam uma dose de conhaque. Então acendiam a lareira em seus alojamentos de tijolo e se cobriam com seus agasalhos de pele.

Meus desenhos foram ficando menores. Não me restava muito papel. Mamãe quase não tinha mais energia. Ela nem conseguiu se sentar para celebrar a *kucios* de Natal. Havia passado muito tempo deitada. Seus cabelos congelaram, grudados em uma das tábuas. Ela dormia e acordava, despertando apenas para nos jogar um beijo quando sentia que estávamos perto.

Os piolhos trouxeram tifo. O repetidor adoeceu. Ele insistiu em deixar a *jurta*.

– Vocês são pessoas tão boas. É perigoso demais para todos. Perigoso – disse ele.

– Isso, vá embora daqui – falou o careca.

O repetidor se mudou para uma *jurta* onde as pessoas tinham sintomas parecidos – febre, erupções na pele, algumas deliravam. A

Sra. Rimas e eu o ajudamos a andar.

Quatro dias depois, vi seu corpo nu, de olhos abertos, em cima de uma pilha de cadáveres. Estava sem as mãos ulceradas. Raposas brancas tinham devorado sua barriga, expondo as entranhas e manchando a neve com seu sangue.

Virei-me e tapei os olhos.



– Lina, por favor, tire esses livros de cima da mesa – disse mamãe. – Não aguento ver imagens tão horríveis na hora do café da manhã.

– Mas foi isso que inspirou a arte de Edvard Munch. Ele não via essas imagens como morte, mas como um renascimento – falei.

– Tire isso de cima da mesa – repetiu mamãe.

Por trás do jornal, meu pai deu uma risadinha.

– Mas, papai, ouça o que Munch falou.

Ele abaixou o jornal.

Localizei a citação no livro.

– Ele disse: “Do meu corpo apodrecido brotarão flores e estarei nelas e é isso a eternidade.” Não é lindo?

Ele sorriu para mim.

– Linda é você, por ver as coisas dessa forma.

– Lina, por favor, tire esses livros de cima da mesa – insistiu mamãe.

Papai piscou para mim.



– Temos que fazer alguma coisa! – gritei para Jonas e para a Sra. Rimas. – Não podemos deixar as pessoas morrerem desse jeito.

– Vamos fazer tudo o que der. É o máximo que podemos – disse a Sra. Rimas. – E rezar por um milagre.

– Não! Não fale assim. Nós vamos sobreviver – insisti. – Não é, Jonas?

Meu irmão assentiu.

– Você está se sentindo mal? – perguntei a ele.

– Estou bem.

Nessa noite, fiquei sentada com a cabeça de mamãe no colo. Piolhos marchavam triunfantes sobre sua testa. Espantei-os com um peteleco.

– Você pediu desculpas? – perguntou mamãe, fitando-me sob as pálpebras pesadas.

– Para quem?

– Para Nikolai. Você disse que o odiava.

– E odeio mesmo – afirmei. – Ele poderia nos ajudar. Mas prefere não fazê-lo.

– Ele me ajudou – disse mamãe baixinho.

Baixei os olhos para ela.

– No dia em que fui encontrar a mulher ranzinza quando ela estava voltando da aldeia, estava escuro. Alguns homens da NKVD passaram por mim. Eles começaram a me provocar. Levantaram meu vestido. Nikolai apareceu, mandou os outros embora e me acompanhou pelo resto do caminho. Implorei que ele descobrisse notícias sobre seu pai. Encontramos a mulher ranzinza na estrada, no escuro. Nikolai nos deixou a 3 quilômetros do campo e voltamos o resto do caminho a pé. – Ela ergueu o rosto até junto do meu. – Viu? Ele me ajudou. E desconfio que o comandante descobriu. Nikolai foi punido. Acho que é por isso que ele está aqui.

– Ele merece estar aqui. Talvez fique doente e todo mundo o ignore. Aí ele vai ver o que é bom. Ele bem que poderia nos arrumar um médico!

– Lina, pense no que seu pai diria. Um erro não justifica outro.
Você sabe disso.

Pensei em papai. Ela estava certa. Ele diria mesmo algo assim.

Jonas entrou na *jurta*.

– Como ela está? – perguntou.

Levei a mão à testa de mamãe.

– Ainda com febre alta.

– Meu amor – disse mamãe a Jonas. – Estou com tanto frio. Você está com frio?

Jonas tirou o casaco e me entregou. Ele se deitou ao lado de mamãe e enroscou o corpo no dela.

– Ponha o casaco em cima de nós. Pegue a pele que Ulyushka nos deu – disse Jonas.

– Ulyushka – disse mamãe com um tom afetuoso.

– Vou aquecer você, mãe – disse Jonas, beijando sua bochecha.

– Já estou me sentindo melhor – disse ela.

ENSAIEI AS PALAVRAS em russo. *Médico. Remédio. Mãe. Por favor.* Senti um espasmo na barriga. Segurei a pedra. Ouvi a voz de Andrius. *Não dê nada a eles, Lina. Nem mesmo seu medo.*

Não era só mamãe. O homem do relógio estava doente. A mãe de Janina estava doente. Se ao menos eu pudesse arrumar remédios. Odiava a ideia de pedir qualquer coisa aos guardas. A NKVD tinha matado meu pai. Eu a odiava por isso. Não podia deixar que fizesse o mesmo com mamãe.

Vi Kretzsky perto do alojamento. Ele estava em pé ao lado de Ivanov. Aguardei. Queria falar com ele a sós. Algum tempo se passou. Eu tinha que ir trabalhar para garantir minha ração de pão. Percorri a neve penosamente em direção aos dois.

– Olhe só, uma porquinha – disse Ivanov.

– Minha mãe está doente – falei.

– É mesmo? – disse ele, fingindo preocupação. – Acho que sei de algo que pode ajudar.

Olhei para ele.

– Ela precisa de bastante sol, frutas frescas e muitas verduras e legumes – disse, rindo da própria piada de mau gosto.

– Precisamos de um médico. E de remédios – falei, tremendo.

– E do que mais vocês precisam? Uma casa de banhos? Uma escola? Bom, é melhor comecem a construir. *Davai!*

Olhei para Kretzsky.

– Por favor, me ajude. Precisamos de um médico. Precisamos de remédios. Minha mãe está doente.

– Não há médicos aqui – disse Kretzsky.
– Remédios – falei. – Precisamos de remédios.
– Você por acaso quer mais 20 anos? – berrou Ivanov. – Isso eu posso lhe dar. Não vai ganhar pão hoje, sua ingrata. Vá trabalhar! *Davai!*

Não consegui um médico. Não consegui nenhum remédio. Perdi minha ração e ainda por cima fui humilhada. Comecei a me afastar do alojamento. Já tinha me esquecido de como era a sensação do sol em meu rosto. Quando fechava os olhos, podia ver a luz do sol na Lituânia e nos cabelos de Andrius. Mas não conseguia imaginar seus raios no mar de Laptev. Mesmo que conseguíssemos sobreviver ao inverno, será que teríamos forças para construir alguma coisa? Será que poderíamos construir uma casa de banhos e uma escola? Quem iria sobrar para dar aulas?

Eu não podia perder mamãe. Iria lutar. Faria o que fosse preciso. Ela tremia, dormia e acordava. Jonas e eu nos deitávamos cada um de um lado dela, para tentar aquecê-la e animá-la. A Sra. Rimas aquecia tijolos para esquentar seus pés. Janina catava os piolhos de seus cílios.

O careca se inclinou sobre ela e depositou sua ração de pão debaixo da mão de mamãe.

– Vamos, mulher. Você é mais forte do que isso. Tem filhos para criar, pelo amor de Deus.

As horas foram passando. Os dentes de mamãe tiritavam. Seus lábios ficaram azuis.

– J-Jonas, guarde isto aqui. – Ela lhe entregou a aliança de papai.
– Está cheia de amor. Nada pode ser mais importante.

Os tremores de mamãe aumentaram. Entre um arquejo e outro, ela choramingava.

– Por favor – implorava, fitando-nos com olhos febris. – Kostas.

Eu e Jonas a abraçávamos, envolvendo seu corpo magro.

Jonas respirava depressa. Seus olhos assustados buscaram os meus.

– Não – sussurrou ele. – Por favor.

DIA 5 DE JANEIRO. Jonas ficou segurando mamãe durante as horas solitárias da madrugada, ninando-a delicadamente, como ela costumava fazer conosco. A Sra. Rimas tentou lhe dar comida e massagear seus membros para fazer o sangue circular. Mamãe não conseguia comer nem falar. Eu aquecia tijolos e os levava do braseiro até ela, voltando em seguida. Sentei-me ao lado de mamãe para esfregar suas mãos e lhe contar histórias da Lituânia. Descrevi em detalhes cada cômodo de nossa casa e até mesmo o feitio das colheres na gaveta de utensílios.

– O bolo está assando no forno e faz calor na cozinha, então você resolve abrir a janela em cima da pia para deixar entrar a brisa. Pode ouvir crianças brincando lá fora – falei.

Mais tarde nessa manhã, a respiração de mamãe foi se tornando mais difícil.

– Lina, vá aquecer mais tijolos – pediu meu irmão. – Ela está com muito frio.

De repente, mamãe ergueu os olhos para Jonas. Ela abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Os tremores cessaram. Seus ombros relaxaram e sua cabeça pendeu contra ele. Seus olhos se apagaram até ficarem vazios.

– Mãe? – chamei, chegando mais perto.

A Sra. Rimas levou a mão ao pescoço dela.

Jonas começou a chorar, ninando mamãe com seus bracinhos de menino de 11 anos. Seus lamentos aos poucos se transformaram em soluços fortes e convulsos que sacudiam todo seu corpo.

Deitei-me atrás do meu irmão e o abracei.

A Sra. Rimas se ajoelhou ao nosso lado.

– O Senhor é meu pastor; nada me faltará... – começou ela.

– Mamãe! – gritava Jonas.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Ela tinha uma bela alma – disse o homem do relógio.

Janina aflagava meus cabelos.

– Eu te amo, mamãe – sussurrei. – Eu te amo, papai.

A Sra. Rimas prosseguiu.

– Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e morte, não temerei perigo algum, pois Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me protegem. Preparas um banquete para mim à vista dos meus inimigos. Tu me honras, ungindo a minha cabeça com óleo e fazendo transbordar o meu cálice. Sei que a bondade e a fidelidade me acompanharão todos os dias da minha vida e voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver.

– Amém.

O salmo era uma descrição perfeita de mamãe. Seu cálice transbordava de amor por tudo e todos à sua volta, mesmo os inimigos.

A Sra. Rimas começou a chorar.

– Doce Elena. Tão querida, tão boa com todos.

– Por favor, não deixe que levem o corpo dela embora – pediu Jonas à Sra. Rimas. – Quero enterrá-la. Não podemos deixar que seja devorada pelas raposas.

– Nós vamos enterrá-la – garanti a Jonas por entre lágrimas. – Vamos fazer um caixão. Com as tábuas que usamos para dormir.

Jonas assentiu.

O careca tinha o olhar perdido e pela primeira vez não disse nada.



– Ela está bonita – disse Jonas, em pé junto ao caixão de vovó. – Papai, ela sabe que estou aqui?

– Sabe – respondeu papai, dando-nos um abraço. – Ela está olhando lá de cima.

Jonas ergueu os olhos para o teto, depois para papai, que perguntou:

– Você se lembra do verão passado, quando empinamos a pipa?

Jonas assentiu.

– O vento chegou e gritei para você que estava na hora. Disse para você soltar a linha, que começou a se desenrolar, com o carretel de madeira girando nas suas mãos, lembra? A pipa foi subindo, subindo. Eu tinha me esquecido de amarrar a linha no carretel. Você se lembra do que aconteceu?

– A pipa sumiu no céu – disse Jonas.

– Exatamente. É isso que acontece quando as pessoas morrem. O espírito delas desaparece no céu azul – disse papai.

– Talvez vovó tenha encontrado a pipa – disse Jonas.

– Talvez – disse papai.



O careca estava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos, falando sozinho.

– Por que é tão difícil morrer? – perguntou ele. – Eu ajudei a denunciar vocês. Disse “não” tarde demais. Eu vi as listas.

A Sra. Rimas se virou abruptamente.

– O quê?

Ele assentiu.

– Eles pediram que eu confirmasse a profissão das pessoas. Fizem-me listar os professores, advogados e militares que moravam por perto.

– E o senhor obedeceu? – perguntei.

Jonas, ainda aos prantos, abraçava mamãe.

– Eu disse que iria obedecer – disse o careca. – Mas depois mudei de ideia.

– Seu traidor! Seu velho patético! – exclamei.

– Patético, sim, e apesar disso continuo vivo. Com certeza essa é a minha punição. Deve ser isso. Essa mulher fecha os olhos e morre. Eu venho desejando a morte desde o primeiro dia, mas continuo vivo. Será que morrer é tão difícil assim?

ACORDEI AFLITA. A noite tinha sido difícil. Dormi junto ao corpo de mamãe, abafando os soluços para não assustar Jonas. Minha linda mãe – eu nunca mais iria vê-la sorrir nem sentir seus braços em volta de mim. Já estava com saudades da sua voz. Meu corpo parecia vazio, como se as lentas batidas de meu coração ecoassem por meus membros ociosos e doloridos.

As perguntas do careca me mantiveram acordada pensando. Seria mais difícil morrer ou sobreviver? Eu era uma órfã de 16 anos na Sibéria, mas sabia a resposta. Era a única coisa que jamais questionava. Eu queria viver. Queria ver meu irmão crescer. Queria voltar para a Lituânia. Queria ver Joana. Queria sentir o aroma dos lírios-do-vale sob minha janela. Queria pintar nos campos. Queria reencontrar Andrius com meus desenhos. Na Sibéria só havia dois desfechos possíveis. Sucesso significava sobrevivência. Fracasso significava morte. Eu queria sobreviver.

Parte de mim sentia culpa. Seria egoísmo querer viver, mesmo que meus pais estivessem mortos? Seria egoísmo ter qualquer outro desejo que não o de ver minha família unida? Eu agora era a responsável por meu irmão. O que ele faria se eu também partisse?

Depois do trabalho, Jonas ajudou o homem do relógio a construir um caixão. A Sra. Rimas e eu preparamos mamãe.

– Sobrou alguma coisa na mala dela? – perguntou-me.

– Acho que não.

Tirei a mala de mamãe de baixo da tábua sobre a qual ela estivera deitada. Eu estava errada. Lá dentro havia roupas limpas.

Um vestido leve, meias de seda, sapatos novos, seu batom. Havia também uma camisa e uma gravata masculinas. As roupas de papai. Comecei a chorar.

A Sra. Rimas levou a mão à boca.

– Ela pretendia mesmo voltar para casa.

Olhei para a camisa de papai. Levei-a ao rosto. Minha mãe estava morrendo de frio. Poderia ter usado aquelas roupas, mas as guardara para voltar para a Lituânia com trajes limpos.

A Sra. Rimas pegou o vestido de seda.

– Que lindo. Vamos vesti-la com isso.

Tirei o sobretudo de mamãe. Ela usava aquele casaco desde a noite em que fomos deportados. No forro, marcas de pontos e fios soltos indicavam os lugares em que ela havia costurado nossos objetos de valor. Levantei o tecido do forro. Ainda havia alguns documentos.

– São as escrituras de sua casa e do terreno em Kaunas – disse a Sra. Rimas depois de examinar os documentos. – Guarde-as em um lugar seguro. Vai precisar delas quando voltar.

Havia outro pedacinho de papel. Peguei-o e o desdobrei.

Era um endereço em Biberach, na Alemanha.

– Alemanha. Deve ser onde minha prima está.

– Provavelmente, mas você não deve escrever para esse endereço – disse a Sra. Rimas. – Poderia causar problemas para eles.

Nessa noite, Jonas e eu roubamos pás e picaretas de gelo que ficavam do lado de fora do alojamento da NKVD.

– Tem que ser em um lugar do qual nós possamos nos lembrar – falei. – Porque depois vamos levar o corpo dela de volta para a Lituânia.

Caminhamos até um morrinho junto ao mar de Laptev.

– A vista daqui é bonita – disse Jonas. – Vamos nos lembrar deste lugar.

Passamos a noite inteira cavando, quebrando o gelo, fazendo o buraco mais fundo que conseguimos. Quando a manhã foi chegando, a Sra. Rimas e o homem do relógio vieram ajudar. Até mesmo Janina e o careca cavaram. O gelo era muito duro e a cova ficou um pouco rasa.

Na manhã seguinte, a Sra. Rimas tirou a aliança do dedo de mamãe.

– Guarde isto. Enterre junto com ela quando a levarem para casa.

Carregamos o caixão para fora da *jurta* e caminhamos lentamente pela neve na direção do morrinho. Jonas e eu segurávamos a extremidade dianteira, enquanto a Sra. Rimas e o homem do relógio seguravam a traseira. Janina caminhava ao meu lado. Pessoas começaram a nos acompanhar. Eu não as conhecia. Elas rezavam por mamãe. Em pouco tempo, havia uma grande procissão atrás de nós. Passamos pelo alojamento da NKVD. Kretzsky conversava com alguns agentes na varanda. Quando nos viu, parou de falar. Mantive os olhos fixos à frente e continuei andando rumo ao buraco frio no chão.

PINTEI UM MAPA do túmulo usando uma mistura de cinzas e uma das penas da coruja. A ausência de mamãe deixou um imenso vazio, como uma boca sem o dente da frente. O eterno cinza do campo assumiu um tom mais escuro. Em plena noite polar, nosso único sol tinha se escondido atrás de uma nuvem.

– Nós poderíamos nos afogar – disse o careca. – Seria fácil, não? Ninguém respondeu.

– Não me ignore, menina!

– Não estou ignorando. Será que o senhor não entende? Estamos todos cansados da sua lenga-lenga! – falei.

Eu estava muito, muito cansada – mental, física e emocionalmente.

– O senhor vive falando em morte e em cometermos suicídio. Será que ainda não percebeu que não queremos morrer?

– Mas eu quero! – insistiu ele.

– Talvez o senhor não queira de verdade – disse Jonas. – Talvez só ache que é isso que merece.

O careca ergueu os olhos para meu irmão, depois para mim.

– O senhor só pensa em si mesmo. Se quer se matar, o que o está impedindo? – perguntei. O silêncio pairava entre nós.

– Medo – respondeu ele.

Duas noites depois de enterrarmos mamãe, ouvimos um assobio no ar. Uma tempestade chegaria no dia seguinte. Enrolei-me em todas

as roupas que consegui encontrar e saí em meio à escuridão para roubar lenha do prédio da NKVD. Diariamente, quando cortávamos e entregávamos a lenha, jogávamos alguns pedaços atrás da pilha. Ficava subentendido que, se alguém tivesse coragem para se arriscar, a lenha estaria lá. Um homem do grupo 26 foi pego roubando. Eles o condenaram a mais cinco anos. Cinco anos por um pedaço de madeira. Poderiam ter sido 50. Nossas sentenças eram determinadas pela nossa sobrevivência.

Caminhei em direção ao alojamento, descrevendo um círculo largo para chegar por trás, perto da pilha de lenha. Meu rosto e minhas orelhas estavam envoltos em um pano, apenas meus olhos ficavam de fora. Eu usava o gorro de mamãe. Uma silhueta passou correndo por mim carregando uma tábua de madeira larga. Que coragem. As tábuas ficavam encostadas no prédio. Fiz a curva por trás da pilha de lenha. Parei. Uma silhueta de sobretudo estava em pé atrás das imensas pilhas. Era impossível ver no escuro. Virei-me lentamente para ir embora, tentando não fazer barulho.

– Quem está aí? Apareça!

Eu me virei.

– Número de grupo? – perguntou a voz.

– Onze – respondi, recuando.

A silhueta se aproximou um pouco.

– Vilkas?

Não respondi. Ele deu um passo na minha direção. Vi seus olhos por baixo do grande chapéu de pele. Kretzsky.

Ele tropeçou e ouvi um barulho de líquido. Tinha uma garrafa na mão.

– Está roubando? – perguntou ele, tomando um gole.

Não respondi nada.

– Não posso encomendar nenhum desenho a você aqui. Ninguém aqui quer retrato.

– Acha que quero desenhar para o senhor?

– Por que não? – disse ele. – Graças ao retrato, você se aqueceu. Conseguiu comida. E fez um belo trabalho, realista. – Ele riu.

– Realista? Não quero ser obrigada a desenhar daquele jeito.

Por que eu estava conversando com aquele homem? Virei-me para ir embora.

– Sua mãe... – disse ele e aquilo me deteve. – Ela era uma boa mulher. Dava para ver que tinha sido muito bonita.

Virei-me para ele.

– Como assim? Ela sempre foi bonita! O senhor é que é feio. Seria incapaz de ver a beleza dela ou de qualquer outra pessoa!

– Não, eu via, sim. Ela era bonita. *Krasivaya*.

Não. Aquela palavra, não. Eu tinha que aprender aquela palavra sozinha. Não com Kretzsky.

– Quer dizer bonita, de beleza forte – disse ele, enrolando a língua. – Única.

Não consegui olhar para ele. Virei-me para a lenha. Queria pegar um pedaço e jogá-lo em sua cara, como a lata de sardinhas.

– Quer dizer que você me odeia? – Ele riu.

Como mamãe tinha suportado Kretzsky? Ela dizia que ele a havia ajudado.

– Eu também me odeio – prosseguiu.

Ergui os olhos.

– Quer me desenhar assim? Como o seu querido Munch? – perguntou ele. Seu rosto estava inchado. Eu mal conseguia compreender seu russo arrastado. – Sei tudo sobre seus desenhos.

– Ele apontou um dedo trêmulo para mim. – Vi todos eles.

Ele sabia dos meus desenhos.

– Como tomou conhecimento da morte de meu pai? – perguntei.

Ele ignorou minha pergunta.

– Minha mãe também era artista – disse ele, gesticulando com a garrafa. – Mas ela está junto com a sua... morta.

– Sinto muito – falei, por instinto. Por que disse isso? Estava pouco ligando para a mãe dele.

– Você sente muito? – Ele deu um muxoxo de incredulidade, enfiou a garrafa debaixo do braço e esfregou as mãos enluvadas uma na outra. – Minha mãe era polonesa. Morreu quando eu tinha 5 anos. Meu pai é russo. Ele se casou novamente, com uma russa, quando eu tinha 6 anos. Não fazia nem um ano que ficara viúvo. Minha mãe tinha parentes em Kolyma. Meu plano era ir para lá ajudá-los. Foi por isso que quis descer da barca em Yakutsk. Mas agora estou aqui. Então você não é a única que está na prisão.

Ele tomou mais um grande gole da bebida.

– Você quer roubar lenha, Vilkas? – perguntou e abriu os braços. – Vá em frente. – Ele acenou em direção à pilha. – *Davai*.

Minhas orelhas queimavam. Minhas pálpebras ardiam por causa do frio. Caminhei até a pilha de lenha.

– A mulher do meu pai também me odeia. E a todos os poloneses.

Peguei um pedaço de lenha. Ele não me deteve. Comecei a empilhar vários pedaços. Escutei um barulho. Kretzsky estava de costas, com a garrafa pendurada na mão. Será que estava passando mal? Dei um passo para longe dele segurando a madeira. Tornei a escutar o barulho. Kretzsky não estava passando mal. Estava chorando.

Vá embora, Lina. Depressa! Pegue a lenha. Vá embora e pronto. Dei um passo, com o objetivo de me afastar dele. Em vez disso, minhas pernas caminharam em sua direção, ainda segurando a lenha. O que eu estava fazendo? O barulho abafado que Kretzsky emitia era perturbador.

– Nikolai.

Ele não olhou para mim.

Fiquei ali parada, sem dizer nada.

– Nikolai. – Estendi uma das mãos por baixo da lenha e toquei o ombro dele. – Eu sinto muito – falei por fim.

Ficamos parados no escuro sem dizer nada.

Virei-me para ir embora.

– Vilkas.

Tornei a olhar para ele.

– Sinto muito pela sua mãe – disse ele.

Assenti.

– Eu também.

EU HAVIA ENSAIADO várias formas de me vingar da NKVD, imaginando como pisaria nos soviéticos se um dia tivesse oportunidade. Eu tive. Poderia ter rido dele, jogado lenha nele, cuspido em sua cara. Ele tinha jogado coisas em mim, me humilhado. Eu o odiava, certo? Deveria ter virado as costas e ido embora. Deveria ter tido uma sensação boa. Mas não tive. O som do choro dele me causou dor. O que havia de errado comigo?

Não contei a ninguém sobre o ocorrido. No dia seguinte, Kretzsky sumiu.

Fevereiro chegou. Janina estava com escorbuto. O homem do relógio estava com disenteria. A Sra. Rimas e eu cuidávamos deles da melhor forma que podíamos. Janina passava horas falando com sua boneca morta, às vezes gritava ou ria. Depois de alguns dias, parou de falar.

– O que vamos fazer? – perguntei a Jonas. – Janina está piorando a cada minuto.

Ele olhou para mim.

– O que foi? – perguntei.

– Estou com as manchas de novo.

– Onde? Deixe-me ver.

As manchas do escorbuto tinham reaparecido em sua barriga e, na cabeça, faltavam chumaços de cabelo.

– Desta vez não temos tomates – disse Jonas. – Andrius não está aqui. – Ele começou a balançar a cabeça.

Segurei meu irmão pelos ombros.

– Jonas, preste atenção. Nós vamos viver. Está me ouvindo? Voltaremos para casa. Não vamos morrer. Voltaremos para a nossa casa, para dormir em nossas camas com os edredons de plumas de ganso. Vamos, sim. Entendeu?

– Como vamos viver sozinhos, sem mamãe e papai?

– Com nossos tios. E Joana. Eles vão nos ajudar. Vamos comer os bolos de maçã de titia e roscas doces com geleia. daquelas que você gosta, está bem? E Andrius vai nos ajudar.

Jonas assentiu.

– Repita. “Nós vamos voltar para casa” – pedi.

– Nós vamos voltar para casa.

Dei-lhe um abraço e beijei sua cabeça, no ponto onde havia uma falha em seus cabelos e uma ferida se fechava.

– Tome. – Tirei a pedra de Andrius do bolso e a estendi para Jonas.

Ele pareceu atordoado e não pegou a pedra.

Senti o estômago embrulhar. O que eu iria fazer? Não havia remédios. Todos estavam doentes. Será que só restaria eu, sozinha com o careca?

Nós nos revezávamos para ir buscar as rações de pão. Fui implorar nas outras *jurtas*, como mamãe tinha feito na plantação de beterrabas. Entrei em uma delas. Duas mulheres estavam sentadas no meio de quatro pessoas cobertas como se estivessem dormindo. Estavam todas mortas.

– Por favor, não diga nada – suplicaram. – Queremos enterrá-las quando a nevasca passar. Se a NKVD descobrir que estão mortas, vai jogá-las na neve.

– Não vou dizer nada – garanti.

A tempestade prosseguia com força total. O barulho do vento ecoava em meus ouvidos, que ardiam. O vento era tão cortante que parecia fogo branco. Com grande esforço, voltei para a *jurta*. Do lado de fora das cabanas, corpos empilhados como se fossem lenha

estavam cobertos de neve. O homem do relógio não tinha retornado.

– Vou procurar por ele – falei para a Sra. Rimas.

– Ele mal conseguia andar – disse o careca. – Provavelmente entrou na *jurta* mais próxima quando o vento começou a soprar. Não vale a pena se arriscar.

– Nós temos que ajudar uns aos outros! – afirmei.

Mas como poderia esperar que ele, dentre todas as pessoas, fosse entender isso?

– Você tem que ficar aqui. Jonas não está bem – disse a Sra. Rimas, relanceando os olhos para Janina.

– E a mãe dela? – perguntei.

– Eu a levei para a cabana do tifo – sussurrou a mulher.

Fui me sentar ao lado de meu irmão. Ajeitei os trapos e redes de pesca que o cobriam.

– Lina, estou tão cansado. Minhas gengivas e meus dentes estão doendo.

– Eu sei. Assim que a nevasca passar, vou sair para procurar comida. Você precisa comer peixe. Eles têm muito peixe aqui, barris cheios. Só preciso roubar alguns.

– Estou com tanto frio – disse Jonas, tremendo. – E não consigo esticar as pernas.

Aqueci pedaços de tijolo para pôr debaixo dos pés dele. Levei um para Janina. Manchas de escorbuto marcavam seu rosto e pescoço. A ponta de seu minúsculo nariz estava negra, gangrenada.

Mantive o braseiro aceso. Não adiantou muito. Para poupar lenha, eu só podia usar um pouco de cada vez. Não sabia quanto tempo iria durar aquela nevasca. Olhei para o lugar vazio que minha mãe ocupara, para o lugar onde ficavam a mãe de Janina, o homem do relógio, o repetidor. Grandes espaços vazios haviam surgido no chão da *jurta*.

Deitei-me ao lado de Jonas e cobri seu corpo com o meu como tínhamos feito com mamãe. Passei os braços em volta dele, envolvi suas mãos com as minhas. O vento fustigava nossa *jurta*, que ia desmoronando. A neve rodopiava à nossa volta.

Aquilo não podia terminar assim. Não podia. O que a vida estava me pedindo? Como eu poderia responder se não sabia qual era a pergunta?

– Eu te amo – sussurrei para Jonas.

NO DIA SEGUINTE, a nevasca diminuiu. Jonas mal conseguia falar. Eu tinha as articulações rígidas, como se estivessem congeladas.

– Temos que trabalhar hoje – disse a Sra. Rimas. – Precisamos das rações de comida e de lenha.

– Sim – concordou o careca.

Eles tinham razão, mas eu não sabia se teria forças. Olhei para Jonas. Ele estava deitado em cima de uma tábua, completamente imóvel, com as bochechas encovadas, a boca escancarada. De repente, seus olhos se abriram; tinham um olhar vazio.

– Jonas? – falei, sentando-me depressa.

Uma grande agitação se fez ouvir lá fora. Escutei vozes masculinas e gritos. As pernas de Jonas se mexeram um pouquinho.

– Está tudo bem – falei para ele, tentando aquecer seus pés.

A porta de nossa *jurta* se abriu com violência. Um homem se inclinou lá para dentro. Usava roupas civis: um sobretudo de pele e um chapéu grosso que cobria toda a sua cabeça.

– Há alguém doente aqui? – perguntou em russo.

– Sim! – respondeu a Sra. Rimas. – Estamos doentes. Precisamos de ajuda.

O homem entrou. Estava segurando um lampião.

– Por favor – falei. – Meu irmão e essa garotinha estão com escorbuto. E nós não conseguimos encontrar um de nossos amigos.

O homem se aproximou de Jonas e de Janina. Ele expeliu o ar com força, deixando escapar uma fieira de palavrões em russo.

Então gritou alguma coisa. Um agente da NKVD passou a cabeça pela porta.

– Peixe! – ordenou ele. – Traga peixe cru para estas crianças, agora mesmo. Quem mais está doente? – Ele olhou para mim.

– Estou bem – falei.

– Qual é o seu nome?

– Lina Vilkas.

– Quantos anos você tem?

– Dezesseis.

Ele avaliou a situação.

– Vou ajudar vocês, mas há centenas de pessoas doentes e mortas aqui. Preciso de ajuda. Há algum médico ou enfermeira no campo?

– Não, só um veterinário. Mas... – Eu me calei. Talvez ele tivesse morrido.

– Um veterinário? Só isso? – O homem baixou os olhos e balançou a cabeça.

– Nós podemos ajudar – disse a Sra. Rimas. – Podemos andar.

– E você, velho? Preciso de equipes para preparar sopa e cortar peixe. Essas crianças necessitam de ácido ascórbico.

Ele pedira à pessoa errada. O careca não ajudaria nem a si mesmo.

Mas dessa vez ele ergueu a cabeça e disse:

– Sim, eu vou ajudar.

Olhei para ele, que se levantava.

– Eu vou ajudar, desde que cuidemos primeiro dessas crianças aqui – disse o careca, apontando para Jonas e Janina.

O médico assentiu e foi se ajoelhar ao lado de Jonas.

– A NKVD vai deixar o senhor nos ajudar? – perguntei ao médico.

– Eles têm que deixar. Sou inspetor do Estado. Posso escrever um relatório para o tribunal. Eles querem que eu vá embora e diga

que está tudo bem aqui, que não vi nada fora do normal. É isso que esperam que eu faça.

A mão dele se moveu rapidamente na minha direção. Ergui as minhas, espalmadas, em um gesto de proteção.

– Sou o Dr. Samodurov.

Ele estendeu a mão para um cumprimento. Fiquei olhando, espantada com aquela demonstração de respeito.

Trabalhamos sob a sua supervisão. Nesse dia, cada um de nós comeu uma tigela de sopa de ervilha e meio quilo de peixe. O Dr. Samodurov nos ajudou a armazenar peixe para futuras nevascas e a projetar um cemitério para mais de 100 corpos, inclusive o homem do relógio, que morrera congelado. O médico solicitou a ajuda dos tungues, um povo de caçadores e pescadores que morava a menos de 30 quilômetros de distância. Eles chegaram em trenós puxados por cachorros e trouxeram casacos, botas e mantimentos.

Depois de 10 dias, o médico disse que precisava seguir viagem, que havia outros campos com deportados que também estavam sofrendo. Eu lhe entreguei todas as cartas que havia escrito para Andrius. Ele disse que as poria no correio.

– E seu pai? – perguntou.

– Morreu na prisão, em Krasnoyarsk.

– Como você sabe?

– Ivanov disse à minha mãe.

– Ivanov? Hum – murmurou o médico, balançando a cabeça.

– O senhor acha que ele estava mentindo? – perguntei depressa.

– Não sei, Lina. Já estive em muitas prisões e campos, nenhum tão isolado quanto este, mas centenas de milhares de pessoas foram deportadas. Ouvi dizer que um famoso acordeonista tinha sido fuzilado, mas dois meses depois dei de cara com ele em uma prisão.

Meu coração deu um pulo.

– Foi isso que falei para minha mãe. Talvez Ivanov estivesse errado!

– Bem, Lina, não sei. Mas posso lhe dizer que já reencontrei muita gente dada como morta.

Assenti e dei um sorriso, incapaz de conter o jorro de esperança que ele havia acabado de fazer brotar em mim.

– Dr. Samodurov, como o senhor nos encontrou?

– Nikolai Kretzsky – limitou-se a dizer.

AOS POUCOS, JONAS começou a melhorar. Janina havia voltado a falar. Nós enterramos o homem do relógio. Eu me agarrei à história do acordeonista e visualizei meus desenhos seguindo caminho até as mãos de papai.

Passei a desenhar cada vez mais, pensando que, quando a primavera chegasse, talvez pudesse dar um jeito de mandar alguma mensagem.

– Você falou que os tungues de trenó ajudaram o médico – disse Jonas. – Talvez possam nos ajudar também. Parece que têm muitos mantimentos.

Sim. Talvez eles pudessem nos ajudar.

Eu tinha um sonho recorrente. Via a silhueta de um homem caminhando na minha direção, no campo, em meio a um redemoinho de gelo e neve. Sempre acordava antes de conseguir ver seu rosto, mas em uma das vezes pensei ter ouvido a voz de papai.



– Que menina ajuizada fica parada no meio da rua quando está nevando?

– Só uma menina cujo pai está atrasado – provoquei.

O rosto de papai então surgiu, gelado e vermelho. Ele estava carregando uma pequena pilha de feno.

– *Não estou atrasado – falou, passando o braço sobre meus ombros. – Cheguei bem na hora.*



Saí da *jurta* para ir cortar lenha. Comecei minha caminhada pela neve, 5 quilômetros até o limite das árvores. Foi então que vi. Uma fina nesga dourada surgiu em meio à escuridão cinza do horizonte. Fiquei olhando para aquela faixa de luz âmbar com um sorriso no rosto. O sol tinha voltado.

Fechei os olhos. Senti Andrius chegando mais perto.

– Nos veremos em breve – disse ele

– Sim, nos veremos em breve – sussurrei. – Nos veremos, sim.

Pus a mão no bolso e apertei a pedra.

Epílogo

25 de abril de 1995

Kaunas, Lituânia

– O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? Ande logo com isso ou não vamos terminar hoje – disse o mestre de obras, enquanto as escavadeiras roncavam atrás dele.

– Encontrei alguma coisa – disse o escavador, olhando para dentro do buraco. Ele se ajoelhou para ver melhor.

– O que é?

– Não sei.

O homem ergueu do chão uma caixa de madeira. Abriu a tampa presa por uma dobradiça e olhou para dentro. Então retirou da caixa um grande pote de vidro cheio de papéis. Abriu-o e começou a ler.

Caro amigo,

Os escritos e desenhos que você está segurando foram enterrados no ano de 1954, quando voltei com meu irmão da Sibéria, onde passamos 12 anos presos. Há milhares de nós, quase todos mortos. Os que estão vivos não podem falar. Embora não tenhamos cometido nenhum delito, somos considerados criminosos. Ainda hoje, falar sobre os horrores que sofremos nos levaria à morte. Então nós confiamos em você, a pessoa que encontrar esta cápsula de lembranças em algum momento no futuro. Confiamos a você a verdade, pois é exatamente isto que este pote contém: a verdade.

Andrius, meu marido, diz que o mal irá governar o mundo até o dia em que os homens e mulheres bons decidirem agir. Acredito

nele. Este testemunho foi escrito para criar um registro fiel, para podermos falar em um mundo no qual nossas vozes foram silenciadas. Talvez estes papéis lhe causem choque ou horror, mas não é essa a minha intenção. Minha maior esperança é que estas páginas despertem sua mais profunda compaixão. Espero que levem você a fazer alguma coisa, a contar a alguém. Somente então poderemos ter certeza de que esse tipo de mal jamais voltará a se repetir.

Atenciosamente,

Sra. Lina Arvydas

9 de julho de 1954 – Kaunas

Nota da autora

“No auge do inverno, finalmente percebi que dentro de mim havia um verão invencível.”

– Albert Camus

EM 1939, A UNIÃO SOVIÉTICA ocupou os países bálticos – Estônia, Letônia e Lituânia. Pouco depois, o Kremlin criou listas de pessoas consideradas antissoviéticas, que seriam assassinadas, presas ou deportadas para campos na Sibéria. Médicos, advogados, professores, militares, escritores, empresários, músicos, artistas e até mesmo bibliotecários foram destinados ao genocídio. As primeiras deportações aconteceram em 14 de junho de 1941.

Meu pai é filho de um oficial militar lituano. Como Joana, ele fugiu com a família para campos de refugiados na Alemanha. Como Lina, alguns de seus parentes foram deportados e presos. Os horrores que enfrentaram são inimagináveis. Enquanto isso, os soviéticos devastavam seus países, queimando suas bibliotecas e destruindo suas igrejas. Encurralados entre os impérios soviético e nazista e esquecidos pelo mundo, os países bálticos simplesmente foram varridos do mapa.

Fiz duas viagens à Lituânia para realizar as pesquisas para este livro. Encontrei-me com parentes, sobreviventes dos *gulags*, psicólogos, historiadores e funcionários do governo. Muitos dos acontecimentos e situações descritos nesta história foram relatados por sobreviventes e suas famílias, experiências compartilhadas por muitos deportados espalhados pela Sibéria. Embora os personagens sejam fictícios, o Dr. Samodurov é real. Ele chegou ao Ártico a tempo de salvar muitas vidas.

Aqueles que sobreviveram passaram de 10 a 15 anos na Sibéria. Ao voltar, em meados da década de 1950, os lituanos descobriram que os soviéticos haviam ocupado suas casas, usufruíam de seus bens e chegaram até a adotar seus nomes. Eles tinham perdido tudo. Aqueles que voltaram foram tratados como criminosos. Forçados a morar em áreas restritas, viviam sob constante vigilância da KGB, a antiga NKVD. Falar sobre a sua experiência significava a prisão iminente ou uma nova deportação para a Sibéria. Por isso, os horrores que suportaram ficaram escondidos, como um segredo medonho compartilhado por milhões de pessoas.

Assim como Lina e Andrius, alguns deportados se casaram e encontraram conforto em olhares e sussurros trocados durante a noite, na cama. Lindas crianças, como Jonas e Janina, cresceram nos *gulags* e voltaram para a Lituânia já adultos. Incontáveis mães e esposas, como Elena, sucumbiram. Com medo de que a verdade se perdesse para sempre, almas corajosas enterraram diários e desenhos em solo báltico, arriscando a vida caso essas coisas fossem descobertas pela KGB. Assim como Lina, muitos canalizaram suas emoções para a arte e a música, o único meio pelo qual podiam se expressar e manter sua pátria viva em seus corações. Pinturas e desenhos não eram mostrados em público. A arte era transmitida em segredo, codificada com mensagens e notícias dos vários campos de prisioneiros. Desenhos de símbolos da terra natal às vezes bastavam para dar ânimo a um deportado, para fazê-lo lutar mais um dia.

Estima-se que Josef Stalin tenha matado mais de 20 milhões de pessoas durante seu reinado de terror. Estônia, Letônia e Lituânia perderam mais de um terço de sua população durante o genocídio soviético. As deportações chegaram até a Finlândia. Ainda hoje, muitos russos negam ter deportado uma pessoa sequer. Mas a maioria dos povos bálticos não guarda mágoa nem rancor. São

gratos aos soviéticos que mostraram compaixão. Valorizam sua liberdade e estão aprendendo a viver com ela.

Há guerras feitas de bombardeios. Para os povos bálticos, essa guerra foi feita de crenças. Em 1991, após 50 anos de uma ocupação brutal, os três países reconquistaram sua independência, com paz e dignidade. Eles escolheram a esperança em vez do ódio e mostraram ao mundo que, mesmo na mais escura das noites, existe luz. Por favor, pesquisem a respeito. Contem a alguém. Esses três minúsculos países nos ensinaram que o amor é a mais poderosa das armas. Pode ser o amor por um amigo, por um país, por Deus, ou até mesmo pelo inimigo – o amor nos revela a natureza realmente milagrosa do espírito humano.

Ruta E. Sepetys

Agradecimentos

TENHO UMA IMENSA dívida com muitas pessoas maravilhosas que me auxiliaram na jornada que foi este livro.

Lindsay Davis, minha heroína, que acreditou na história desde a primeira página. Steven Malk, cuja orientação e cuja música me levaram à Writers House. Rebecca Sherman, que me garantiu que eu iria conseguir, e Ken Wright, que surgiu montado em um cavalo branco para tornar tudo possível. Eu não poderia desejar melhores mentores, representantes e amigos.

Minha editora, Tamra Tuller, investiu neste livro tempo e esforço incalculáveis e lhe serei eternamente grata. Michael Green teve a coragem de desenterrar o pote de vidro e contar esta história ao mundo. Courtenay Palmer, Camilla Sanderson, Farah Géhy, Liz Moraz, Julia Johnson e todo o maravilhoso pessoal da Philomel e da Penguin, obrigada por acreditarem.

Ao meu grupo de criação literária – Sharon Cameron, Amy Eytchison, Rachel Griffiths, Linda Ragsdale, Howard Shirley e Angelika Stegmann –, pela dedicação e, acima de tudo, pela amizade. Eu não teria conseguido sem vocês! Obrigada a Laura Goering por sua ajuda com o idioma russo.

Obrigada à Sociedade de Autores e Ilustradores de Livros Infantis dos Estados Unidos, cujas bolsas para trabalhos em andamento, conferências e festas me ajudaram a ver que eu podia escrever. Um obrigada especial a Genetta Adair e Tracy Barrett, da organização SCBWI Midsouth.

Yvonne Seivertson, Niels Bye Nielsen, Fred e Lindsay Wilhelm, Mike Post, Mike Cortese, Jeroen Noordhuis, Louise Ardenfelt Ravnild, Laurence Harry, Heather Napier, Gerry Rosenblatt, JW

Scott, Daniel Schmidt, John Wells, Gavin Mikhail e as famílias Reid, Tucker, Peale e Smith auxiliaram ou patrocinaram desde o primeiro dia meus esforços para escrever este livro.

Devo tudo a mamãe e papai, que me ensinaram a ter um grande sonho e um amor ainda maior. E a John e Kristina – minha inspiração, meus melhores amigos. Meu sonho é um dia escrever tão bem quanto vocês.

E obrigada a meu marido, Michael, primeiro a sugerir que eu comesse a escrever. Seu amor me deu coragem e asas. Você é tudo para mim.

Agradecimentos aos lituanos

SEM LINAS ZABALIUNAS, este livro simplesmente não teria sido possível. Linas me guiou até inúmeros indivíduos para minha pesquisa, fez traduções, foi comigo à Lituânia, preparou spurgos e cepelinai e até organizou tudo para que eu fosse trancada em uma antiga prisão soviética. Ačiū labai, meu amigo!

Minha sincera gratidão à organização Lapteviečiai e aos seguintes sobreviventes das deportações lituanas por terem compartilhado comigo seu tempo e suas experiências: Sra. Irena Špakauskienė, Sr. Jonas Markauskas, Dr. Jonas Puodžius, Sra. Rytė Merkytė e Sr. Antanas Stasiškis.

Agradecimentos especiais à Sra. Agnieška Narkevič pelas traduções em Vilnius; à Sra. Dalia Kazlauskiene por compartilhar comigo as impressionantes fotografias que seu marido tirou na Sibéria; à Nemunas Tour e à família Zabaliunas; ao Dr. Danute Gailiene, chefe do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Vilnius, na Lituânia, por ter me recebido e respondido a todas as minhas perguntas; a Gintare Jakuboniene, diretor do Departamento de Registro do Centro de Genocídio e Resistência; a Vilma Juozevičiūtė, do Museu de Vítimas do Genocídio; ao Centro de Pesquisas sobre Genocídio e Resistência; ao Parlamento lituano; à Fundação Lituana; ao museu Rumšiškės; e à prisão de Karosta, na Letônia.

Tenho dívidas com os seguintes livros, que ajudaram a preencher as lacunas: A Stolen Youth, a Stolen Homeland (Juventude roubada, pátria roubada), de Dalia Grinkeviciūtė; Sentence: Siberia (Sentença: Sibéria), de Ann Lehtmets e Douglas Hoile; Leave Your Tears in Moscow (Deixe suas lágrimas em Moscou), de Barbara

Armonas; Lithuanians in the Arctic (Lituanos no Ártico), da Organização Lapteviečiai; e The Psychology of Extreme Traumatization (A psicologia do trauma extremo), do Dr. Danute Gailiene.

Por fim, à família e agregados de Jonas Šepetys. Obrigada pelo amor e o apoio constantes que vocês sempre demonstraram para com a nossa família. Seu patriotismo, sua lealdade e seu sacrifício jamais serão esquecidos.

Ačiū labai!

Sobre a autora



Nascida e criada em Michigan, nos Estados Unidos, **RUTA SEPETYS** é filha de um lituano refugiado. Em *Cinzas na neve*, vencedor do prêmio Golden Kite e adaptado para o cinema em 2018, Ruta pôde dar voz às centenas de milhares de pessoas que, de alguma forma, foram atingidas pelo genocídio perpetrado por Stalin contra os povos bálticos.

Suas ficções históricas já foram publicadas em mais de 60 países. *O sal das lágrimas*, também publicado pela Editora Arqueiro, teve os direitos cinematográficos adquiridos pela Universal Pictures, venceu o Goodreads Choice Awards e recebeu a Carnegie Medal de Literatura.

www.rutasepetys.com



@RutaSepetys

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO THE NEW YORK TIMES

RUTA SEPETYS

O sal das lágrimas

"Um romance histórico magistral."

The Wall Street Journal



O sal das lágrimas

Sepetys, Ruta

9788580416985

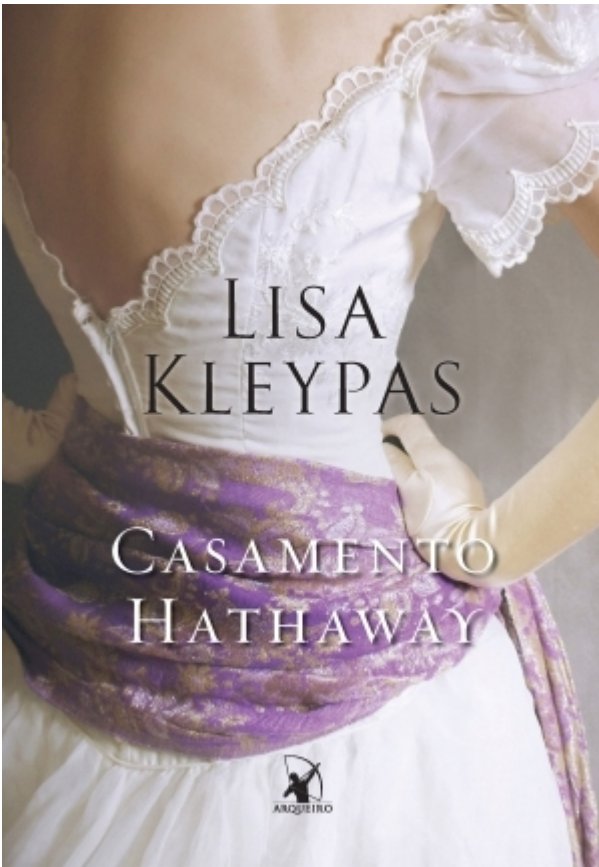
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inverno de 1945, Segunda Guerra Mundial. Quatro refugiados, quatro histórias. Joana, Emilia, Florian, Alfred. Cada um de um país diferente. Cada um caçado e assombrado pela tragédia, pelas mentiras e pela guerra. Enquanto milhares fogem do avanço do exército soviético na costa da Prússia, os caminhos desses quatro jovens se cruzam pouco antes de embarcarem em um navio que promete segurança e liberdade. Mas nem sempre as promessas podem ser cumpridas... Profundamente comovente, *O sal das lágrimas* se baseia em um acontecimento real. O navio alemão Wilhelm Gustloff foi afundado pelos russos no início de 1945, tirando a vida de mais de 9 mil refugiados civis, entre eles milhares de crianças. É o pior desastre marítimo da história, com seis vezes mais mortos que o Titanic. Ruta Sepetys, a premiada autora de *A vida em tons de cinza*, reconta brilhantemente essa passagem por meio de personagens complexos e inesquecíveis. "Um romance superlativo, escrito com maestria. Um poderoso trabalho de ficção histórica." – The Wall Street Journal "Brutal. Lindo. Genuíno." – Sabaa Tahir, autora de *Uma tocha na escuridão* "Um romance arrebatador. A autora mescla a história mundial com a história de

seus antepassados, estabelecendo personagens cheios de nuances. Detalhes vívidos pontuam a prosa enxuta." – The Washington Post"Ruta age como uma defensora do povo refugiado tão frequentemente ignorado – populações inteiras perdidas nas fendas da história." – The New York Times

[Compre agora e leia](#)



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
Você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

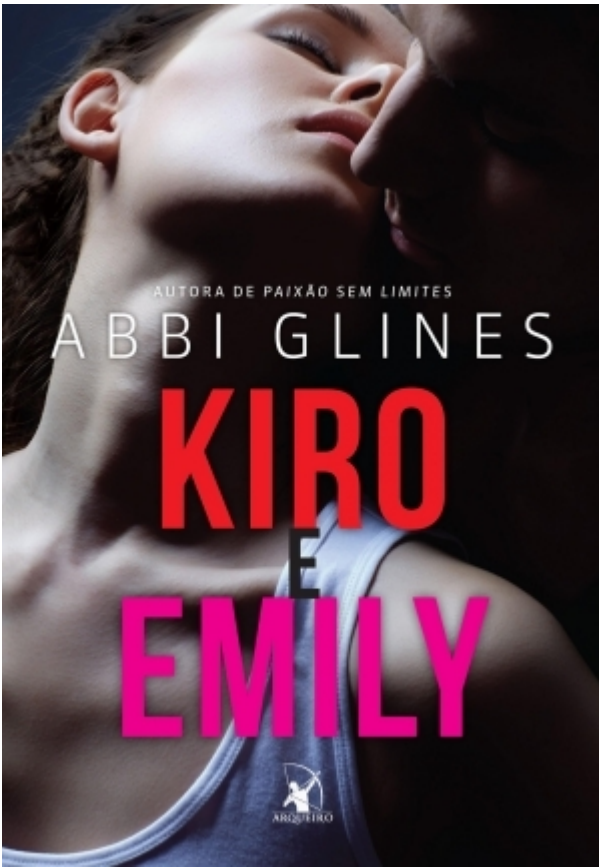
9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)



Kiro e Emily

Glines, Abbi

9788580416107

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock. Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show. Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado. Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

[Compre agora e leia](#)



Um marido de faz de conta

Quinn, Julia

9788580419238

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enquanto você dormia...Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade...Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um

para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com

[Compre agora e leia](#)